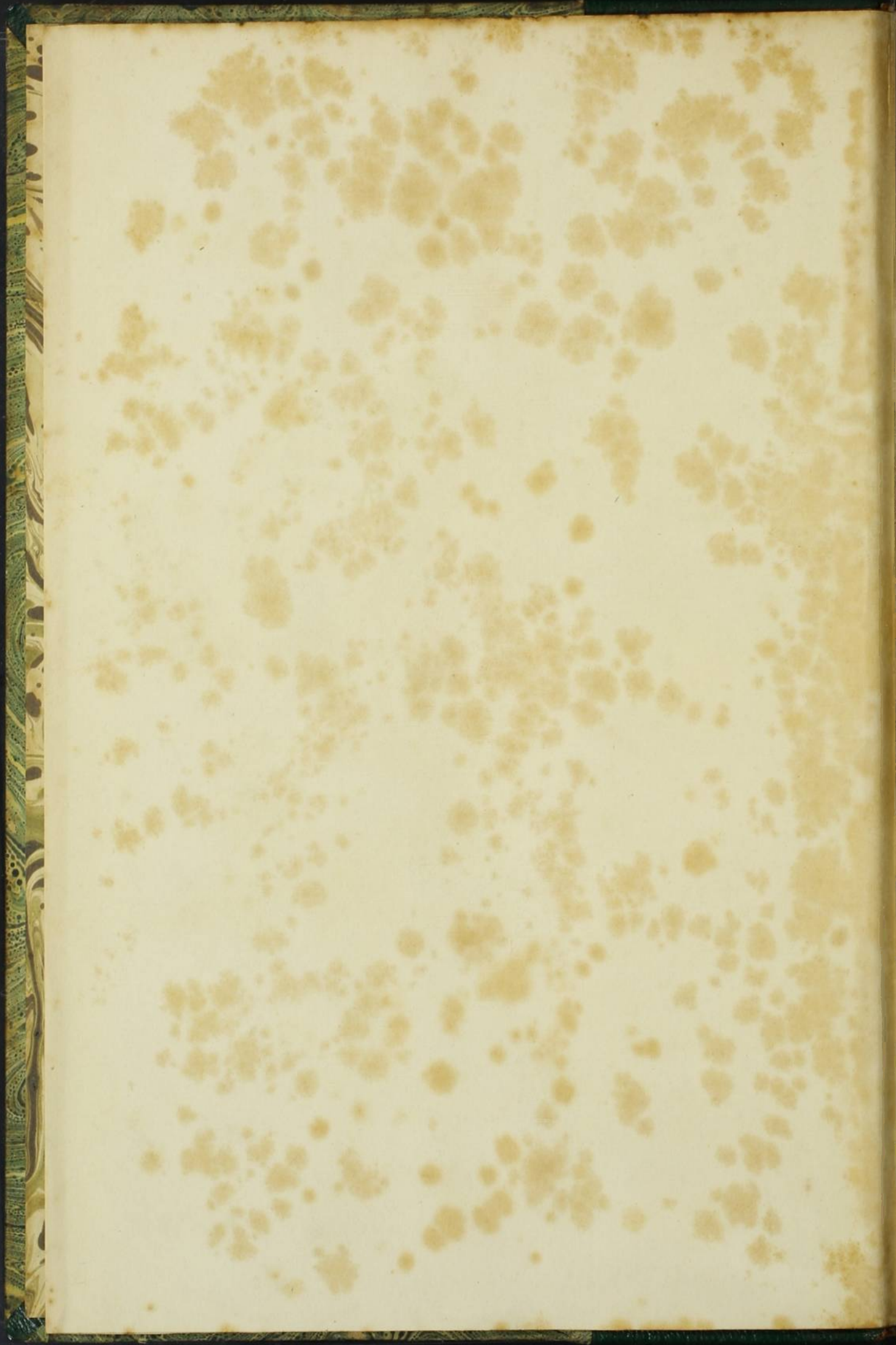


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

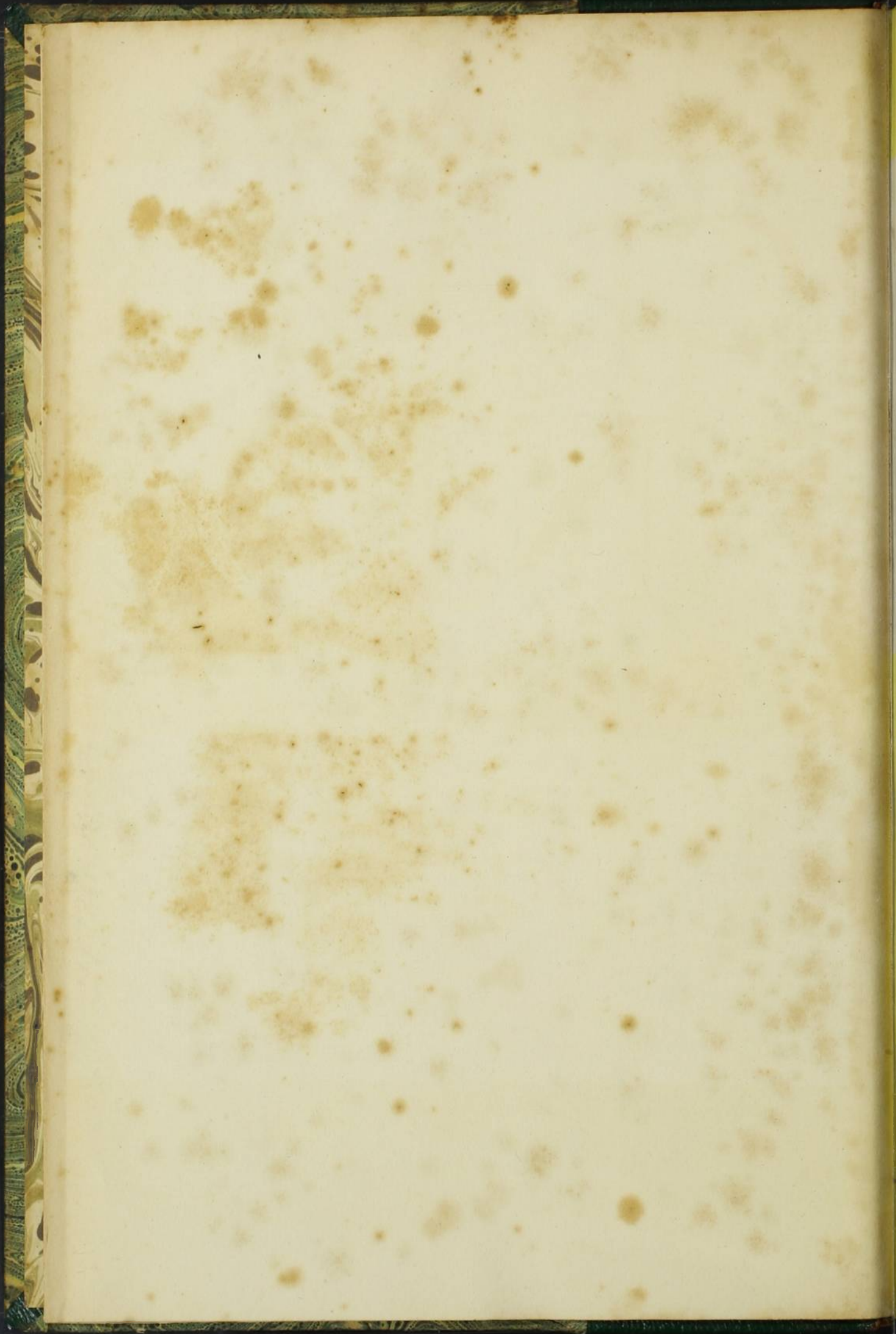
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





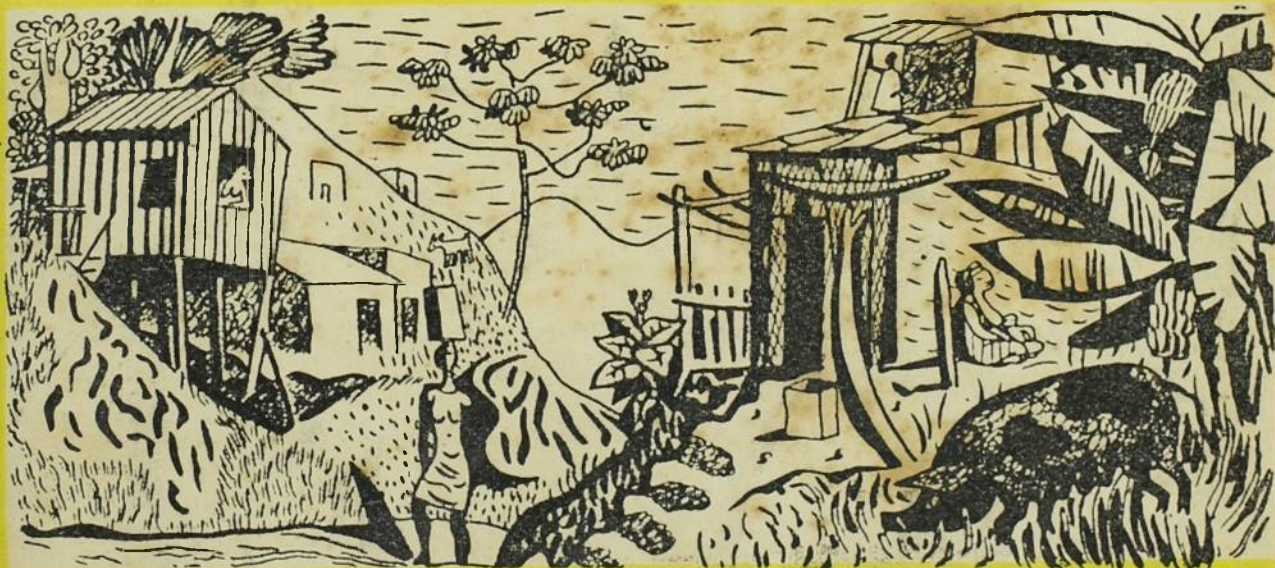




LIMA BARRETO

# CLARA DOS ANJOS

*Romance*



EDITORA MÉRITO S. A

## LIMA BARRETO

### *através da crítica*

“*Clara dos Anjos*, por lhe vir tão de dentro da alma, significa muito para os que o admiram e querem compreender. É um desabafo onde se sente o timbre da verdade.”

LÚCIA MIGUEL PEREIRA

“As figuras de Lima Barreto, as dos contos, que são, sem dúvida, as mais consideráveis como criações de ficção — vivem de uma realidade poderosa. Foram arrancadas da vida que o escritor conheceu por dentro, na convivência de uma pobre humanidade esmagada pela tirania das pequenas desgraças cotidianas.”

OSÓRIO BORBA

“Este é, de fato, um escritor de imaginação, que pode ficar ao lado dos Srs. Afranio Peixoto e Monteiro Lobato, como um dos três melhores cultores do romance e do conto das duas últimas gerações literárias do Brasil.”

JOSÉ MARIA BELO

“O Sr. Lima Barreto é, no romance brasileiro, o que Hogarth foi na pintura inglesa. Ambos pintam os ridículos e as faltas da sociedade em que se movem. Ninguém hoje, no Brasil, cultiva o gênero literário do romance com tanto talento e tanta felicidade quanto esse ironista sem reбуços nem artifícios.”

OLIVEIRA LIMA

“Lima Barreto é um humorista da estirpe intelectual de Machado de Assis. Pode-se dizer que, depois deste, é o nosso maior humorista.”

TRISTÃO DE ATAÍDE

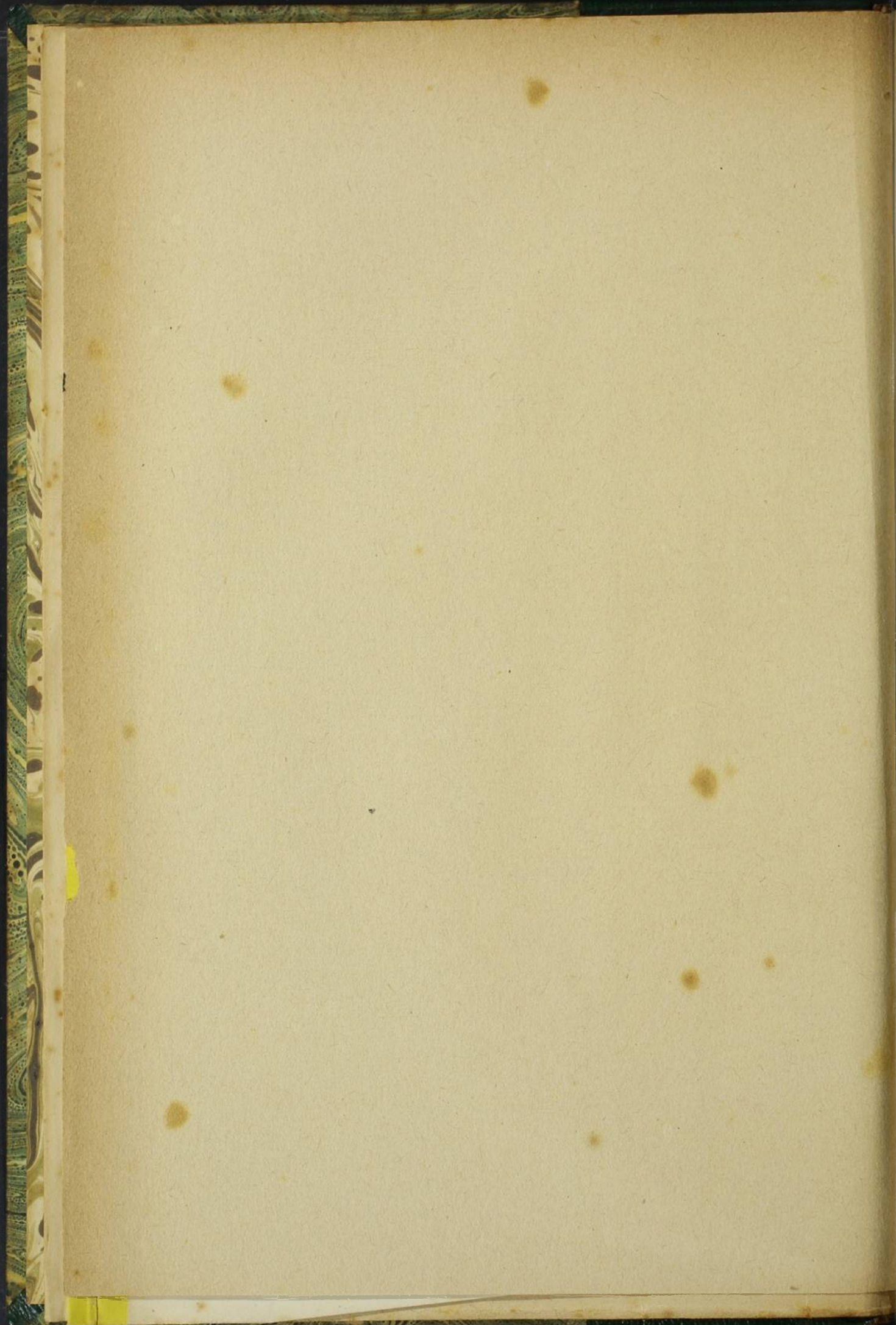
“A reedição dos livros de Lima Barreto, agora em curso, põe afinal ao alcance do grande público a obra de um dos maiores, sob muitos aspectos, do maior romancista brasileiro.”

CAIO PRADO JÚNIOR



*Usado  
cortado a  
cabeça*

CLARA DOS ANJOS



L I M A   B A R R E T O

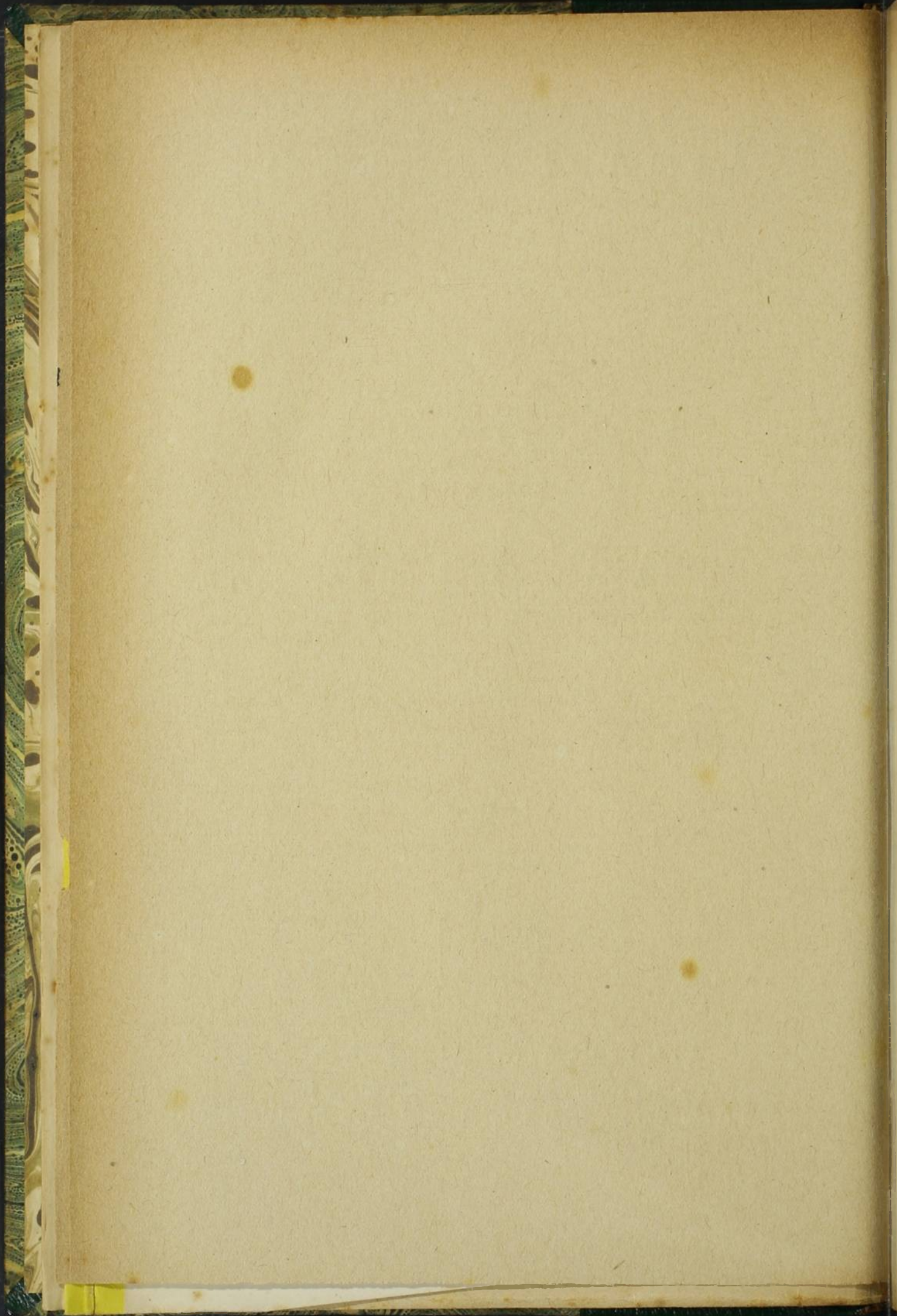
C L A R A  
D O S  
A N J O S



EDITORA MÉRITO S.A.

MATRIZ: Rua Miguel Couto, 35 - 6.º andar - Rio de Janeiro

FILIAL: Rua Sete de Abril, 34 - 4.º andar - São Paulo



## OBRAS DO AUTOR

### ROMANCES :

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA. 1.<sup>a</sup> edição. Lisboa, Livraria Clássica Editôra, 1909. 2.<sup>a</sup> edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1917. 2.<sup>a</sup> edição (nova tiragem). Rio de Janeiro, A. de Azevedo & Costa, 1917. 3.<sup>a</sup> edição. São Paulo, O Livro do Bólso, s. d.

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA. Publicado em folhetins do *Jornal do Comércio* (edição da tarde), Rio de Janeiro, 1911. 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1915. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo, O Livro do Bólso, s. d. 3.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Gráfica Editôra Brasileira, 1948. (Impresso especialmente para o "Livro do Mês".)

NUMA E A NINFA (*Romance da vida contemporânea*). Publicado em folhetins de *A Noite*, Rio de Janeiro, 1915. 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Oficinas de *A Noite*, 1915.

VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ. 1.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Revista do Brasil, 1919. 1.<sup>a</sup> edição (nova tiragem). São Paulo, Revista do Brasil, s. d. (1921). 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo, O Livro do Bólso, s. d.

CLARA DOS ANJOS. Publicado em folhetins da *Revista Sousa Cruz*, Rio de Janeiro, 1923-24. 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Editôra Mérito S. A., 1948.

### HUMORISMO :

AVENTURAS DO DR. BOGOLOFF (*Episódios da vida de um pseudo-revolucionário russo. Narrativas humorísticas*). Fascículo I. Rio de Janeiro, A. Reis & Cia., s. d. (1912).

AVENTURAS DO DR. BOGOLOFF. Fascículo II. Rio de Janeiro, A. Reis & Cia., s. d. (1912).

CONTOS :

HISTÓRIAS E SONHOS. 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Gianlorenzo Schettino, s. d. (1920).

SÁTIRA :

OS BRUZUNDANGAS. 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1922. 2.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1930.

CRÔNICAS :

BAGATELAS. 1.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro, Empresa de Romances Populares, 1923.

## NOTA DO EDITOR

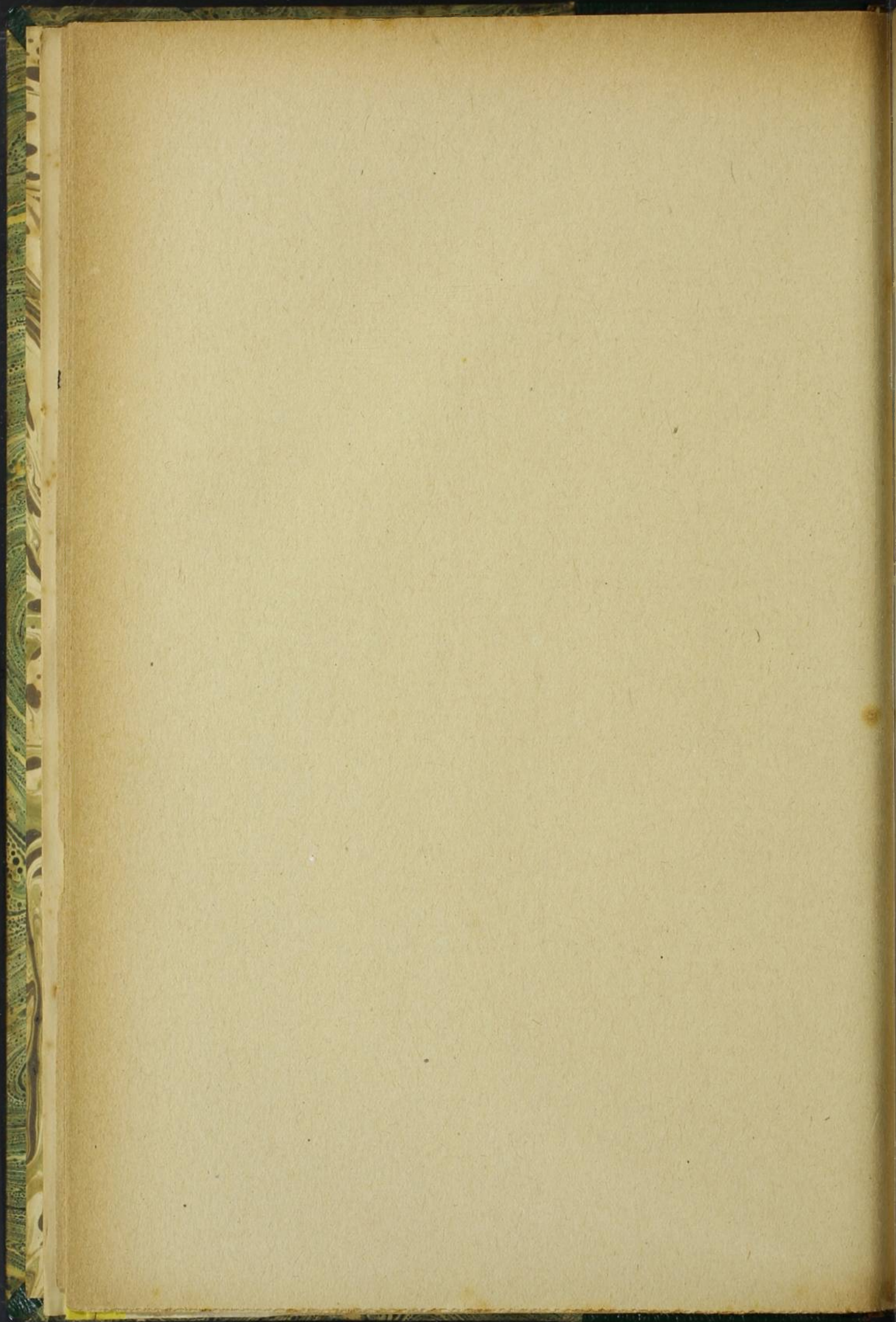
**É** ESTA a primeira edição de Clara dos Anjos, novela que saiu publicada, após a morte de Lima Barreto, em dezesseis números da Revista Sousa Cruz, de janeiro de 1923 a maio de 1924, precisamente.

O tema fôra tentado antes por Lima Barreto, em 1904, em forma mais completa e sentido mais amplo. Mas o autor não levou adiante o seu plano, que seria talvez o de escrever o romance da escravidão negra no Brasil, ficando nos capítulos iniciais, apenas esboçados, cujos originais se encontram hoje na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Clara dos Anjos representa muito possivelmente a primeira tentativa de Lima Barreto nos domínios da ficção. De 1904 a 1922, a idéia o perseguiu. Já na segunda edição das Recordações do Escrivão Isaias Caminha (1917), romance onde há muito da autobiografia do autor, lê-se o seguinte na página 221: "Cinco capítulos da minha Clara estão na gaveta; o livro há de sair..." Mais tarde, o escritor retoma o tema, resumindo-o no conto Clara dos Anjos, que apareceu na revista América Latina (número de dezembro de 1919) e foi depois incorporado ao volume Histórias e Sonhos (1920).

O texto de Clara dos Anjos na presente edição é o mesmo que foi publicado na Revista Sousa Cruz. Não nos foi possível cotejá-lo com o manuscrito, que se extraviou.

Para completar o volume, acrescentou-se a esta edição a admirável coleção de contos, que figura na primeira edição do Triste Fim de Policarpo Quaresma (1915).





## LIMA BARRETO

(Dados Biográficos)

**D**E ascendência humilde, Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, numa casa que hoje já não mais existe, à rua Ipiranga n.º 18, aos 13 de maio de 1881. Era filho de d. Amalia Augusta Barreto, professora pública, e de João Henriques de Lima Barreto, tipógrafo, mestre das oficinas de composição da Imprensa Nacional e depois administrador da Colônia de Alienados da Ilha do Governador. Aprendeu a ler com a mãe, que mantinha um pequeno colégio para meninas, o Santa Rosa, no bairro das Laranjeiras. Perdendo-a, aos 7 anos, o pequeno Afonso entrou para a escola pública, regida por d. Teresa Pimentel do Amaral, à rua do Rezende, de que sempre guardou boa lembrança. Coursou, a seguir, o Liceu Popular Niteroiense, um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino da época, dirigido pelo emérito educador inglês, Mr. William Cunditt. Os seus estudos de humanidades eram, então, custeados pelo Visconde de Ouro Preto, padrinho de batismo do romancista. Depois de prestar os exames de preparatórios no Ginásio Nacional, nome com que a República tentou em vão crismar o velho Colégio Pedro II, Lima Barreto ingressou por fim na Escola Politécnica, onde cursou até o terceiro ano, embora ficasse dependendo da cadeira de Mecânica Racional, do segundo ano, na qual foi por diversas vezes reprovado.

Em 1903, tendo enlouquecido o pai, interrompeu os estudos, para assumir os encargos de numerosa família. Tratou Lima Barreto de ganhar a vida, para o sustento dos seus, primeiro como professor particular e depois como funcionário público. Entrou num concurso para o preenchimento de uma vaga de amanuense na Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra, classificando-se em segundo lugar, com uma diferença mínima de pontos do primeiro colocado. Conseguiu, contudo, a nomeação. Espírito inquieto, voltado unicamente para a criação literária, o escritor jamais se adaptaria ao ambiente da repartição. A princípio, é bem verdade, não faltava ao serviço, procurando dar o

melhor de si mesmo à rotina burocrática. Preterido mais de uma vez nas promoções, deu entretanto para negligenciar até que deixou de ir à Secretaria. Passou a ser um péssimo funcionário. Já então se entregara descontroladamente à vida boêmia. Às rodas de café e de bar, que conhecera na primeira mocidade, onde brilharam Olavo Bilac e Emilio de Menezes, sucedera-se o convívio dos botequins, que o romancista acabou freqüentando diàriamente, para tomar a sua "talagada" de parati, o "calisto", que lhe arruinou por completo a saúde e sacrificou em parte a sua carreira literária. Vencido, esmagado pela tragédia doméstica, que ensombrou a sua existência, — à doença do pai, louco, morando em sua própria casa, juntava-se o complexo da côr, — com que pretendia afogar a sua tristeza no álcool, a ponto de padecer alucinações, que o levaram ao hospício mais de uma vez. Aos 40 anos, pouco antes de morrer, a sua aparência era de um velho, cansado e desiludido de tudo. Assim o descreve um dos seus melhores amigos: "A sua cabeça embranquecera e, na face, raramente havia um sorriso. Como o grande torturado de Jerusalém, êle trazia na máscara essa expressão suprema da alma humana: eu estou triste até a morte..."

Lima Barreto iniciou-se na vida literária, colaborando em jornais e revistas estudantis, como *A Lanterna* e *A Quinzena Alegre*, de efêmera duração. Mais tarde, quando se cogitou de fundar o *Fon-Fon*, Mario Pederneiras chamou-o para a redação. Pouco tempo permaneceu ali. Saiu para lançar com um grupo de amigos uma pequena revista, *Floreal*, que viveu quatro números apenas, merecendo de José Verissimo, crítico exigente, simpática acolhida. Suas leituras prediletas eram, segundo confessou, por essa época, Dostoiiewski, Tolstoi, Stendhal, Flaubert, Balzac, Renan e Eça de Queiroz. A êstes, porém, deve-se acrescentar os nomes de Mirbeau, Maupassant, Guyau, Bouglé, Kropotkine. Além da literatura, interessavam-no os estudos sociais. Um dos seus primeiros projetos, como escritor, era o de fazer uma história da escravidão negra no Brasil. Seus companheiros do grupo da *Floreal* chamavam-se Domingos Ribeiro Filho, Antonio Noronha Santos, Manoel Ribeiro de Almeida, Mario Tiburcio Gomes Carneiro. Todos estão vivos ainda, com exceção de Domingos Ribeiro Filho. Frequentava também as rodas de Alcides Maya, Goulart de Andrade, Gregorio da Fonseca, Gonzaga Duque, Bastos Tigre.

O seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, começou a ser publicado na *Floreal*, em 1907, mas só veio aparecer em livro dois anos mais tarde, editado em Portugal. Era qualquer coisa de novo, que vinha sacudir os meios literários. É que Lima Barreto, tal como reconhece Monteiro Lobato, introduzia em nossa literatura um novo tipo de romance

— “o da crítica social, sem doutrinário dogmático”. Quer dizer, sem o verbalismo inconseqüente de Fabio Luz e Curvelo de Mendonça, nem o requintado filosofismo de Graça Aranha. Depois de *Isaias Caminha*, vieram outros romances: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Numa e a Ninfa* (1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e mais uma coletânea de contos: *Histórias e Sonhos* (1922). A par disso, Lima Barreto colaborou intensamente na imprensa carioca, escrevendo na *Gazeta da Tarde* (1911), *Correio da Noite* (1914), *Careta* (1915, 1919-22), *ABC* (a partir de 1916), em revistas de menor porte, como *Braz Cubas*, *Hoje*, *Atualidade*, *Tudo*, ou ainda, em grandes jornais do tempo, como *O País*, *A Notícia*, *Rio-Jornal*, *Gazeta de Notícias*. Preferia aos grandes jornais as pequenas revistas, nas quais podia divulgar as suas idéias revolucionárias com inteira liberdade, crítico implacável que foi da política e da sociedade nas primeiras décadas do regime republicano. Sempre de uma irrepreensível honestidade intelectual, tinha orgulho da sua condição de escritor. Não transigia, no que dizia respeito à sua atividade como homem de letras. Em *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, livros de publicação póstuma, encontra-se boa parte da sua produção jornalística, mas o que ficou esparso nos jornais e revistas da época dá ainda para mais dois ou três volumes de crônicas da vida urbana e de crítica social, de artigos sobre livros e autores, de estudos sobre o folclore, como a interessante série de interpretações dos nossos contos populares, publicada na revista *Hoje*, sob o título: *Mágoas e sonhos do povo*. O escritor deixou inédito grande número de originais, incluindo-se nesse rol a novela *Clara dos Anjos*; um romance inacabado, *Cemitério dos vivos*; os cadernos do seu *Diário íntimo* e um volume de artigos de jornal, já colecionados, *Feiras e Mafuás*.

Vivendo modestamente, numa pequena casa de subúrbio, Lima Barreto pouco viajou fora do Rio de Janeiro e Niterói. Ao que se sabe, foi uma vez a Barbacena, no tempo de estudante da Escola Politécnica, em exercícios práticos da cadeira de Topografia. Após a publicação das *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, com uma certa nomeada portanto, esteve em Juiz de Fora, como bilheteiro da Companhia Dramática, dirigida pelo maestro Carlos de Carvalho, seu tio, que então percorria o interior de Minas. Passou uma temporada em Ouro Fino, na casa do jornalista Emilio Alvim, seu amigo e funcionário, àquele tempo, do Núcleo Colonial Inconfidentes. Foi ainda a São Paulo e depois a Mirassol, a convite do romancista Ranulfo Prata. Gostava de andar a pé, em longas caminhadas, pelo Rio de Janeiro, a terra natal, que amava estremecidamente, conhecendo ponto por ponto todos os recantos da cidade. De quando em vez, desaparecia como por encanto das livrarias e das rodas

boêmias, refugiando-se em sua casa, para escrever. Fazia como o bicho da sêda. Metia-se no casulo e produzia.

Morreu a 1 de novembro de 1922, às 17 horas, na rua Major Mascarenhas n.º 26, em Todos os Santos, subúrbio em que morou mais de vinte anos. A obra que deixou é das mais importantes, no terreno da ficção. Mais de um crítico, coloca-o no mesmo plano de Machado de Assis. Um Machado de Assis todavia mais humano, com capacidade para amar e compreender os seus personagens. Como tão bem acentuou Tristão de Ataíde, Lima Barreto "criou tipos imperecíveis e perpetuou os nossos meios urbanos de mais caráter — a imprensa, a política, a repartição, — fixando a paisagem familiar do Rio". Dentre os nossos escritores, ninguém foi, em verdade, mais carioca, ninguém mais brasileiro do que êsse desventurado mestiço, criador admirável de Isaias, Policarpo, Gonzaga de Sá e Clara dos Anjos.

F. A. B.

## PREFACIO

ESTA novela talvez não represente a versão definitiva do tema que aborda, e que preocupou Lima Barreto durante longos anos; é possível também que seja apenas um trecho de romance de maior envergadura, embora tenha sentido completo. Com efeito, arrolando, em 1917, os seus manuscritos, o escritor mencionava em primeiro lugar *Clara dos Anjos*, com a indicação “inédito e incompleto”, e a data, 1904. Assim, antes de publicar as *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, seu primeiro livro, já cuidara desta história, ou, melhor, de uma história muito semelhante a esta, com o mesmo nome. A heroína é a mesma, uma mulatinha de quem abusa um rapaz de família superior, mas as circunstâncias variam, são outras nos esboços encontrados entre os seus papéis. A julgar pelos capítulos iniciais, e sobretudo por uma espécie de roteiro existente entre as notas do romancista, a obra, no seu plano primitivo, seria muito mais vasta, não terminando, como aqui acontece, com o abandono de Clara pelo sedutor; novos amantes se seguiriam a êste, entre outros um português, futuro visconde, que, enriquecendo, parte para a Europa, deixando à amiga, de quem tivera uma filha, cinquenta contos; a rapariga consegue então o marido com que sonhara na mocidade, mas é um indivíduo sem ofício, jogador, bêbedo, que lhe dá cabo do dinheiro, e vive pouco; viúva, Clara tem novo companheiro, a filha lhe foge com um cabo de polícia, prostitui-se, morre na Santa Casa; os apontamentos terminam mostrando a mulata, que lavava e engomava para sustentar o amante inválido, a “cantar uma trova qualquer em um belo dia de sol”. Isso tudo se deveria passar em fins do século dezenove e princípios do nosso, e daria

seguramente não só um romance grande, como um grande romance.

Infelizmente, não se sabe por que, abandonou Lima Barreto êsse plano, sem contudo lhe desprezar o assunto, que aproveitou, transposto para época mais moderna, e reduzido aos elementos essenciais, para um conto constante do volume *Histórias e sonhos*, e em seguida para esta novela, escrita meses antes de sua morte, e publicada depois dela na *Revista Sousa Cruz*. O quadro muda, passa da cidade para os subúrbios, as circunstâncias variam, as personagens secundárias são outras; Clara, porém, não se modifica. É sempre a mesma criatura passiva, que a vida tritura incansavelmente.

Um fato trivial — não pelos sofrimentos que acarreta, mas pela sua constante repetição, — a história de uma moça pobre e mulata seduzida por um valdevinos de boa família, impressionou o escritor a ponto de ser por êle várias vezes narrado, sem nunca o satisfazerem inteiramente as interpretações. Só o conto, onde, resumindo o caso, talvez julgasse ter sido menos infiel à emoção profunda que o guiava, teve ânimo de entregar à publicidade; mas não bastou para libertar o criador dessa criatura sem mistério e até, aparentemente, sem maior interêsse. Durante pelo menos dezessete anos — de 1904, data da primeira tentativa, até janeiro de 1922, quando terminou a versão que ora se edita — estêve êste tema entre as suas cogitações. É que a desgraça, tão comum, de Clara, se lhe apegara à sensibilidade precisamente por ser comum, por significar menos um destino individual do que uma fatalidade pesando sôbre todo um grupo humano.

Lima Barreto trabalhava com muito mais profundidade as personagens masculinas do que as femininas; as figuras centrais dos seus romances são tôdas de homens, à exceção desta Clara que, como personalidade, não se compara nem a Policarpo Quaresma, nem a Isaias Caminha, nem a Gonzaga de Sá ou ao seu suposto biógrafo. Por que qualidades o terá ela atraído? Vejamos o seu último retrato, o desta novela. Parda clara, de cabelo

liso, essa menina de dezessete anos, educada com o maior recato, sempre prêsa às saias da mãe, era entretanto, como tôdas as meninas de dezessete anos, curiosa da vida e do amor. "Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapôres de modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre e de côr com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantos e cantarolas populares." Inocente embora, "os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar". "O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela mesma, ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada."

Essa "natureza amorfa, pastosa", dotada apenas "de um poder reduzido de pensar", não podia interessar o romancista senão como um espécime típico das mocinhas de sua condição. Aliás, a epígrafe que escolheu para o livro deixa patente a intenção com que o escreveu. E a dedicatória à sua mãe, que poderia ter sido na mocidade exposta aos mesmos riscos, mostra como o problema da sorte das donzelas mestiças lhe penetrara fundamente na imaginação. No final, quando Clara, grávida, vai procurar a mãe do amante e é por ela insultada, Lima Barreto, esquecido da inércia mental de sua heroína, usa-a como porta-voz das suas próprias reflexões: "Agora, é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fôra preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe de seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos, no conceito de todos... A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da bôca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre tôda aquela gente de ambos os sexos, que não fôsse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas

iguais, era educar o caráter, era revestir-se de vontade e bater-se contra todos os que se opusessem, por êste ou aquêlo modo, contra a elevação delas, social e moralmente. Nada as fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam.”

Propositadamente escolheu Lima Barreto uma jovem sem caráter marcado, propositadamente fêz sedições as circunstâncias de sua sedução. O que tinha em mira não era o pequeno drama pessoal de Clara, mas o drama de muitas gerações de mulheres de seu meio e côr — o possessivo aplicando-se aqui tanto à personagem como ao romancista. Não era só nos seus anseios de justiça social, mas na sua carne, no seu sangue, que semelhante estado de coisas o feria. É sintomático que tivesse abordado êste tema no início de sua vida literária e só no ano de sua morte o terminasse, estando assim *Clara dos Anjos* entre os seus primeiros e os seus últimos trabalhos, entre os que lhe despertaram o ânimo criador e os que lhe transmitiram a experiência da maturidade, entre os que mais de perto o tocavam, mais ao vivo lhe traduziam os motivos de revolta. Literariamente inferior ao *Policarpo Quaresma*, ao *Gonzaga de Sá*, ao *Isaias Caminha* e à sua admirável coleção de contos, já porque composto com maior desleixo — convém não esquecer de que, possivelmente, na fôrma com que aqui aparece, ainda não se destinasse à publicação, — já porque pondo em cena gente de menor complexidade, êste é, entretanto, um livro sem o qual ficaria incompleta a obra de Lima Barreto, e quiçá menos nítida a sua posição em face da sociedade. De certa maneira, é a versão feminina do *Isaias Caminha*, mais incisiva e triste, porque, lá, o mulato sempre acaba vencendo, ainda comprando a elevação social pelo preço do abandono dos ideais de mocidade, e aqui o destino não parece oferecer à mulata nenhuma compensação. Talvez a diferença se explique pela mudança de sexo, a vida sendo em regra mais propícia aos homens do que às mulheres.

Outra razão existe para tornar Clara dos Anjos particularmente característica das tendências do seu autor: é



o mais suburbano, o único rigorosamente suburbano dos romances dêsse grande escritor que quis ser — e foi — o cronista de seus muito amados subúrbios. Não era todavia um amor gratuito e cego o de Lima Barreto pela zona onde por tanto tempo habitou: entrava nêle o reverso do seu ódio aos bairros ricos, notadamente a Botafogo, e também porventura o seu gôsto pela caricatura, que encontrava mais onde expandir-se entre gente menos freada pela educação ou pelo traquejo mundano. Mas, de mistura com êsses fatôres negativos ou críticos, havia indiscutivelmente no seu sentimento muito do verdadeiro amor — ternura, compreensão, piedade, indulgência. Amava “aquelas tôrvas ruas”, aquêles “chalets” humildes, regorgitantes de crianças e animais domésticos, justamente por serem tôrvas e humildes; amava aquêles hábitos ronceiros — o ajantarado dominical, o solo jogado com parceiros certos, as conversas na venda, o fraco pelo violão e pelas modinhas — justamente por serem ronceiros, por se ajustarem ao feitio da população que mora nos arredores da cidade como se estivesse em plena província; amava aquela gente prisioneira do seu meio, justamente por ser prisioneira, por viver abafada num cotidianismo miúdo e baço.

Era tôda uma sociedade que ali via agitar-se, composta de elementos disparatados: “São operários, pequenos empregados, militares de tôdas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganha penosamente alguns mil réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprêgo, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os âmparem, que lhes dêem alguma coisa para o sustento seu e dos filhos.” Essas criaturas de origens tão diversas acabavam por se ajuntarem umas às outras, por formarem um grupo social, com hierarquias, convenções e preconceitos cujo artificialismo não poderia escapar ao romancista, e lhe tem-

perava a ternura com uma nota sarcástica. Como deixaria de notar que certas estações eram consideradas elegantes e outras não? Como não registraria o mau gosto da indumentária, a melancolia das acanhadas reuniões festivas?

Há o reflexo de tudo isso neste livro. Partindo do carteiro Joaquim dos Anjos e sua família, vai Lima Barreto introduzindo personagens tipicamente suburbanas: Marramaque que, embora simples contínuo de um Ministério, freqüentara na mocidade a boêmia literária, conhecera Paula Ney e, "tendo sonhado com outro destino", tornara-se "naturalmente azêdo e oposicionista"; Lafões, português de nascimento, guarda de Obras Públicas, "muito contente com a sua posição, a sua portaria de nomeação, a sua carta de naturalização". Estes dois eram os parceiros do "postal" nas partidas de solo, jogadas todos os domingos, à sombra do "grande tamarineiro, aos fundos do quintal, debaixo do qual estava armada a mesa, com seus tentos vermelhos de pupilas negras, de grão de aroeira, o seu baralho, os seus pires, um cálice e um litro de parati, ao centro, muito pimpão e arrogante, impondo um cínico desafio às conveniências protocolares".

Muito diferente desses pacatos cidadãos era a roda de Cassi, o cantador de modinhas que, além do violão, só tinha duas preocupações: desfrutar o maior número possível de mulheres e criar galos de briga. Era, não obstante, de família decente, moradora de boa rua, tinha por pai um funcionário respeitável, por mãe uma senhora com prosápias de grandeza, neta de inglês e irmã de um capitão médico do Exército, por irmãs uma normalista e uma aluna do Instituto de Música. Seus amigos pertenciam à escória do subúrbio, um mulato jogador de "football", um bêbedo valentão, um falso advogado, um especialista em furtos nos trens.

Uma russa enérgica e bondosa, uma cartomante, um rábula pedante, um velho que já tivera melhor situação, mas que, perdido pela bebida, depois de correr terras, encalhara no subúrbio, onde exercia vagamente a profis-

são de dentista, e outras figuras do mesmo teor completam a galeria das personagens de *Clara dos Anjos*, tôdas vistas talvez um pouco em superfície, mas vivas e nítidas. Uma há entretanto que confrange, que se eleva acima dêsses fracassados sem consciência da própria degradação, talvez porque Lima Barreto tenha pôsto nela alguns traços seus, porque seja como que uma caricatura do seu criador — “Leonardo Flores, poeta, um verdadeiro poeta, que tivera o seu momento de celebridade no Brasil inteiro e cuja influênciã havia sido grande na geração de poetas que se lhe seguiram. Naquela época, porém, devido ao álcool e desgostos íntimos, nos quais predominava a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa. Havia publicado cêrca de dez volumes, dez sucessos, com os quais todos ganharam dinheiro, menos êle, tanto assim que, muito pobremente, êle, mulher e filhos agora viviam com o produto de uma mesquinha aposentadoria sua, do govêrno federal.” Era também mulato, “pardo claro, cabelos negros e lisos, com abundantes fios brancos; tinha malares salientes e a bôca bem feita”; havia por isso quem atribuísse a “coisa feita” a sua desgraça, “gente de côr” não podendo sobressair sem despertar inveja. Há neste retrato semelhanças com o romancista que lhe conferem feição trágica e dolorosíssima, que abrem perspectivas para a luta interior em que se debateu êsse homem superiormente dotado, reconhecendo lúcidamente em si mesmo fôrças destruidoras.

O estigma da côr — cuja existênciã entre nós é tão evidente como lastimável — acorrentava porém menos Lima Barreto a um destino infeliz do que o vício ao qual não se entregaria sem tremendos conflitos íntimos. Também êle poderia ser um dia, como Leonardo Flores, “uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado”. Ariel condenado a se ir pouco a pouco transformando em Caliban, aceitava como inelutável a degradação, mas seguia-lhe com espírito vigilante e observador a marcha

ameaçadora. Também êle seria mais tarde um dos párias que buscavam abrigo no subúrbio, que ali se escondiam, doloridos e exaustos. Mas enquanto não se cumpria a sorte terrível, enquanto não se lhe embotava a sensibilidade nem amortecia a límpida inteligência, protestaria contra a miséria daquela gente, denunciaria as injustiças que a oprimiam.

Outros cuidassem dos poderosos, dos requintados; êle ficaria com os que, num ímpeto paradoxal de orgulho, proclamava da sua igualha. Não os veria melhores do que eram, nem lhes disfarçaria as fraquezas. Ainda o desejando, não o poderia fazer, possuído como era pela vocação de romancista, que obriga a devassar o coração dos homens, a desvendar-lhe os móveis das ações, a distinguir a verdade da aparência. Por isso, muito ao contrário de idealizar as suas personagens, tratava-as com uma sinceridade que, se não excluía a simpatia, também não impedia o sarcasmo. Ironia, em Lima Barreto, só parece haver no *Gonzaga de Sá* que, sob certos aspectos, é o menos barretiano dos seus livros. Em geral não queria saber de meias palavras e de subentendidos; dizia sem reboços, algumas vêzes violentamente, o que tinha a dizer. E não hesitava em carregar a mão nas suas criaturas, que em muitos casos lucrariam com mais discrição. Era um romancista que tomava partido, que tinha preferências e antipatias.

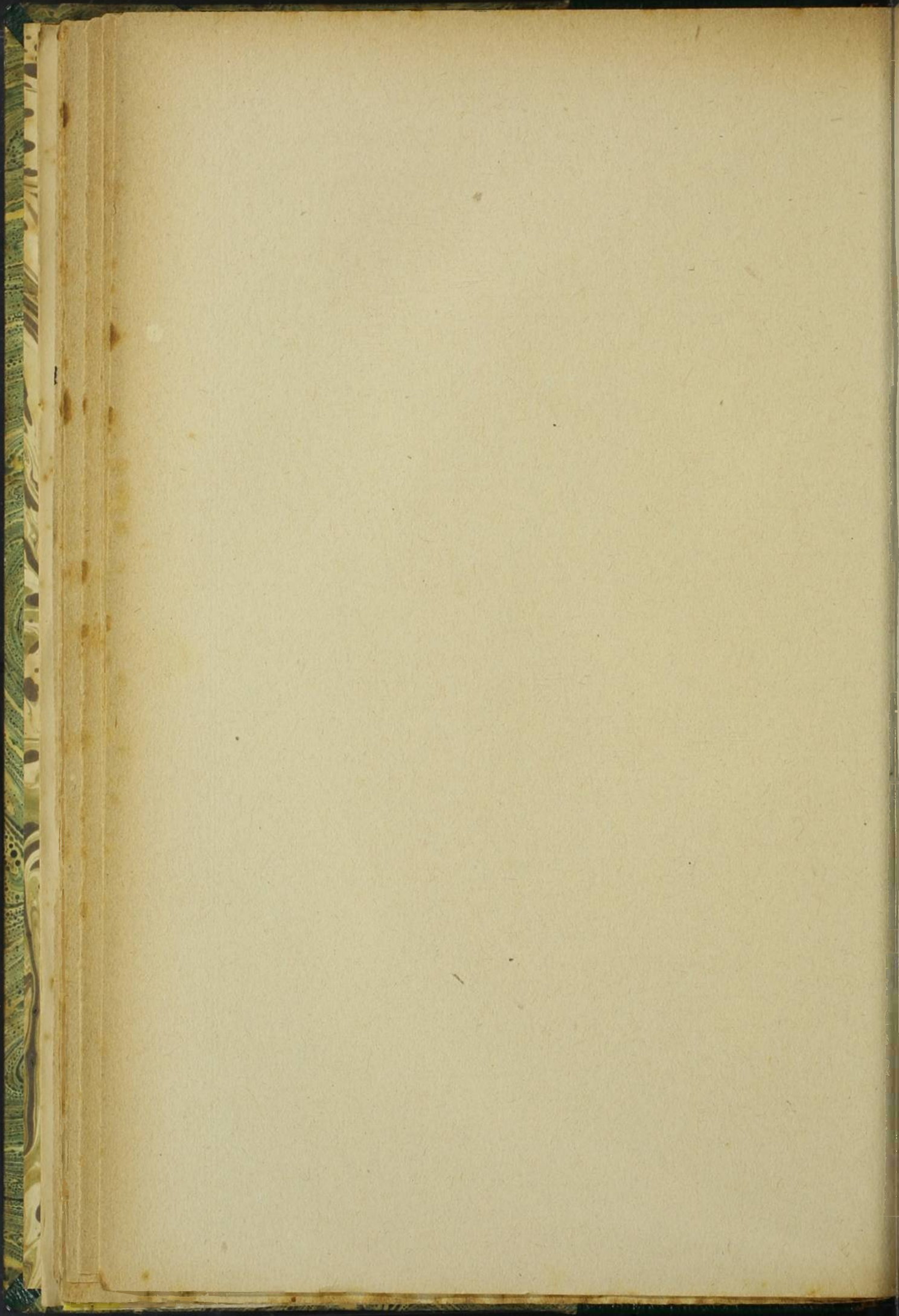
O sedutor de Clara, por exemplo, é mais convincente no conto, onde não surge tão asqueroso, do que na novela, onde a sua ignomínia se estatela com um acúmulo possivelmente desnecessário de vícios. Por mais ingênua que fôsse a menina, causa espanto vê-la entregar-se a um tipo cujo único atrativo era o violão, cujos vícios e crimes não constituíam mistério para ninguém. Ela própria o suspeita de haver assassinado o padrinho, o aleijado Marramaque, e nem assim recua. Até os animais da predileção de Cassi, os galos de briga, são apresentados com visível má vontade: "horripilantes galináceos" de "ferocidade repugnante", eis como os qualifica.

Esse modo de ser, embora em alguns momentos preju-

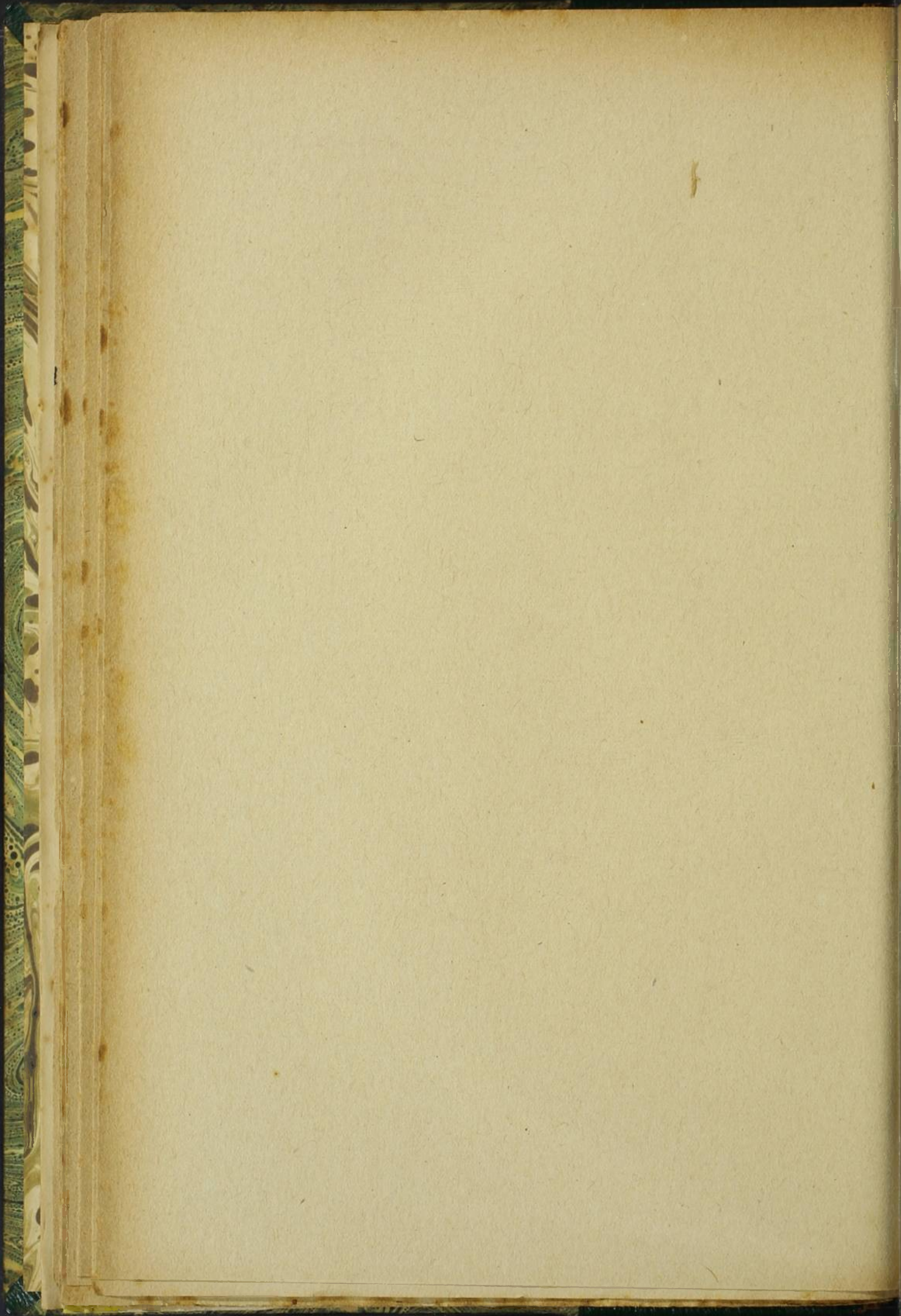
dique o romancista, revela a paixão com que Lima Barreto se deu à sua obra, pondo nela, francamente, todos os seus ressentimentos — e êle os tinha com justa razão — mas também a sua generosidade, o seu desejo de lutar pela boa causa. Não se guardava, não se reservava, não se defendia. O seu alto espírito, a sua sensibilidade tão machucada, as suas experiências, as suas fraquezas, os seus entusiasmos e as suas dores — tudo isso êle o punha a serviço da sua vocação, com tudo isso escrevia.

*Clara dos Anjos*, por lhe vir tão de dentro da alma, significa muito para os que o admiram e querem compreender. É um desabafo onde se sente o timbre da verdade.

LÚCIA MIGUEL PEREIRA



CLARA DOS ANJOS

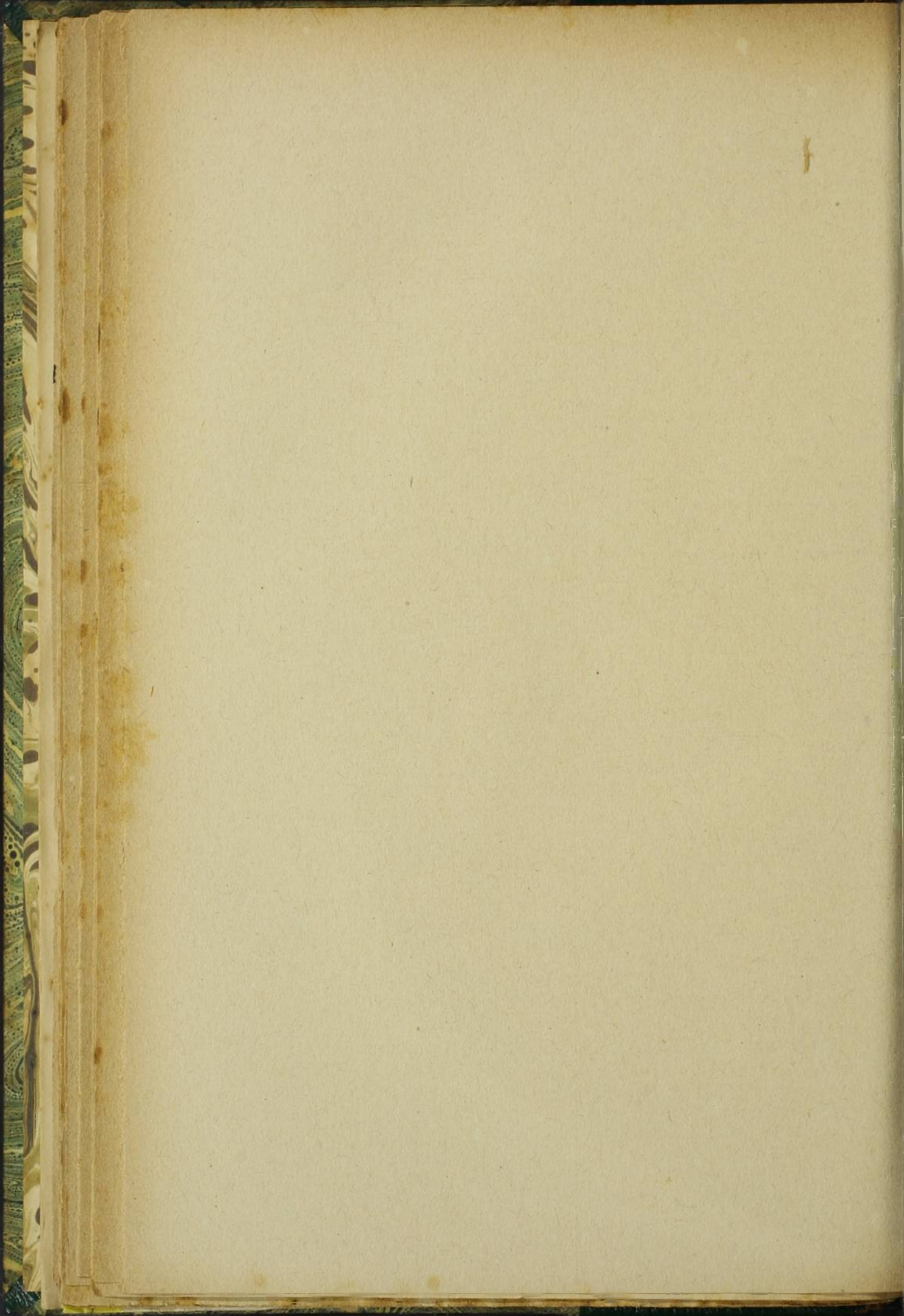




À MEMÓRIA DE MINHA MÃE

Alguns as desposavam (as índias);  
outros, quase todos, abusavam da ino-  
cência delas, como ainda hoje das  
mestiças, reduzindo-as por igual a  
concubinas e escravas.

JOÃO RIBEIRO, *História do Brasil*,  
(pág. 103, 7.<sup>a</sup> edição).



O  
 res  
 já foi m  
 ativamente  
 aindá loq  
 oas, ma  
 lembram  
 par pelo  
 finta m  
 ocesso d  
 rito i  
 aris, q  
 e finta v  
 trimento  
 excento  
 importan  
 Apes  
 gem e m  
 de cer  
 valas  
 Uma  
 "M  
 de vande  
 mil rís,  
 rido.  
 O seu  
 empreg  
 Apes  
 zanto, m

## I

O CARTEIRO Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas; mas gostava de violão e de modinhas. Ele mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado em outras épocas, não o sendo atualmente como outrora. Os velhos do Rio de Janeiro, ainda hoje, se lembram do famoso Calado e das suas polcas, uma das quais — “Cruzes, minha prima!” — é uma lembrança emocionante para os cariocas que estão a roçar pelos setenta. De uns tempos a esta parte, porém, a flauta caiu de importância e só um único flautista dos nossos dias conseguiu, por instantes, reabilitar o mavioso instrumento — delícia que foi, dos nossos pais e avós. Quero falar do Patápio Silva. Com a morte dêle a flauta voltou a ocupar um lugar secundário como instrumento musical, a que os doutôres em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância. Voltou a ser novamente plebeu.

Apesar disso, na sua simplicidade de nascimento, origem e condição, Joaquim dos Anjos acreditava-se músico de certa ordem, pois, além de tocar flauta, compunha valsas, tangos e acompanhamentos de modinhas.

Uma polca sua — “Siri sem unha” — e uma valsa — “Mágoas do coração” — tiveram algum sucesso, a ponto de vender êle a propriedade de cada uma, por cinqüenta mil réis, a uma casa de músicas e pianos da rua do Ouvidor.

O seu saber musical era fraco; adivinhava mais do que empregava noções teóricas que tivesse estudado.

Aprendeu a “artinha” musical, na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de

igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. Embora gozando desta fama animadora, nunca quis ampliar os seus conhecimentos musicais. Ficara na "artinha" de Francisco Manoel que sabia de cor; mas não saíra dela, para ir além.

Pouco ambicioso em música, êle o era também nas demais manifestações de sua vida. Desgostoso com a existência medíocre na sua pequena cidade natal, um belo dia, aí pelos seus vinte e dois anos, aceitara o convite de um engenheiro inglês que, por aquelas bandas andava, a explorar terras e terrenos diamantíferos. Todos julgavam que o "seu mister" andasse fazendo isso; a verdade, porém, é que o sábio inglês fazia estudos desinteressados. Fazia puras e platônicas pesquisas geológicas e mineralógicas. O diamante não era o fim dos seus trabalhos; mas, o povo que teimava em ver, pelos arredores da cidade, o ventre da terra cheio de diamantes, não podia supor que um inglês que levava a catar pedras, pela manhã e até a noite tomando notas e com uns instrumentos rebarbativos, não estivesse com tais gatimônias a caçar diamantes. Não havia meio do "mister" convencer à simplória gente do lugar que êle não queria saber de diamantes; e dia não havia em que o súdito de Sua Graciosa Majestade não recebesse uma proposta de venda de terrenos, em que forçosamente havia de existir a preciosa pedra abundantemente, por tais ou quais indícios seguros aos olhos de "garimpeiro" experimentado.

Logo ao chegar o geólogo, Joaquim empregou-se como seu pajem, guia, encaixotador, servente, etc., e, tanto foi obediente e serviu a contento o sábio, que êste, ao dar por terminadas as suas pesquisas, convidou-o a vir ao Rio de Janeiro, encarregando-se de movimentar a sua pedregulhente ou pedregosa bagagem, até que ela fôsse posta a bordo. O sábio comprometeu-se a pagar-lhe a estadia no Rio, o que fêz, até embarcar-se para a Europa.

Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo "Navy Cut"; Joaquim já se havia habituado ao Rio de Janeiro,

no mês e pouco em que estivera aqui, a serviço do Sr. John Herbert Brown, da Real Sociedade de Londres; e resolveu não voltar para Diamantina. Vendeu as perneiras num belchior e o chapéu de cortiça também; e pôs-se a fumar o saboroso fumo inglês no cachimbo que lhe fôra ofertado, passeando pelo Rio, enquanto teve dinheiro. Quando acabou, procurou conhecidos que já tinha; e, em breve, entrou para o serviço de empregado de escritório de um grande advogado, seu patrício, isto é, minciro.

— Não te darei coisa que valha a pena, disse-lhe logo o doutor, mas aqui irás travando conhecimentos, e podes arranjar coisa melhor mais tarde.

Viu bem que o “doutor” lhe falava a verdade e tôda sua ambição se cifrou em obter um pequeno emprêgo público que lhe desse direito a aposentadoria e a montepio, para a família que ia fundar. Conseguira, ao fim de dois anos de trabalho, aquêle de carteiro, havia bem quatro lustros, com o qual estava muito contente e satisfeito da vida, tanto mais que merecera sucessivas promoções.

Casara meses depois de nomeado; e, tendo morrido sua mãe, em Diamantina, como filho único, herdara-lhe a casa e umas poucas terras em Imbaí, uma freguesia daquela cidade mineira. Vendeu a modesta herança e tratou de adquirir aquela casita nos subúrbios em que ainda morava e era dêle. O seu preço fôra módico, mas, mesmo assim, o dinheiro da herança não chegara, e pagou o resto em prestações. Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu “buraco”, como êle chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquêle ficava à direita e êste à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um têtço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma dispensa minúscula. Comunicava-se êsse puxadito com a sala de jantar por uma porta; e a dispensa, à esquer-

da, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até a cozinha que se alargava em tôda a largura dêle. A porta que o ligava à sala de jantar, ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal. Era assim o plano da propriedade de Joaquim dos Anjos.

Fora do corpo da casa, existia um barracão para banheiro, tanque, etc., e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras, dois pés ou três de laranjeiras, um de limão galego, mamoeiros e um grande tamarineiro copado, bem aos fundos.

A rua em que estava situada a sua casa, desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, autocaminhões que, quase diàriamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do comêço ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade.

Era uma rua sossegada e tôda ela, ou quase tôda, edificada ao gôsto antigo do subúrbio, ao gôsto do "chalet". Estava povoada e edificada quase inteiramente de um lado e de outro. Dela, descortinava-se um lindo panorama de montanhas de côres cambiantes, conforme fôsse a hora do dia e o estado da atmosfera. Ficavam-lhe muito distantes, mas pareciam cercá-la e ela, a rua, ser o eixo daquele redondel de montes em que pelo dia em fora, pareciam ser iluminados por projeções luminosas, revestindo-se de tôda a gama do verde, de tons azuis; e, pelo crepúsculo, ficavam cobertos de ouro e púrpura.

Além dos clássicos "chalets" suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas. Algumas relativamente recentes, uns certos requififes e galanteios modernos, para lhes encobrir a estreiteza dos cômodos e justificar o exagero dos aluguéis. Havia, porém, uma casa digna de ser vista. Erguia-se quase ao centro de uma grande chácara e era a característica das casas das velhas chácaras dos outros tempos; longa fachada, pouco fundo, teto açaça-

pado, forrado de azulejos até a metade do pé direito. Um tanto feia é verdade que ela era, sem garridice; mas, casando-se perfeitamente com as mangueiras, com as robustas jaqueiras e os coqueiros petulantes e com tôdas aquelas grandes e pequenas árvores avelhantadas que, talvez, os que as plantaram não as tivessem visto frutificar. Por entre elas, onde se podiam ver vestígios do antigo jardim, havia estatuetas de louça portuguesa, com letreiros azuis. Uma era a Primavera; outra era a Aurora; quase tôdas, porém, estavam mutiladas; umas, num braço; outras não tinham cabeça e ainda outras jaziam no chão, derrubadas dos seus toscos suportes.

Os muros que cercavam a casa, a razoável distância, e mesmo aquêle em que se apoiava o gradil de ferro da frente do imóvel, estavam cobertos de hera que os envolvia em todo ou em parte, não como um sudário, mas como um severo cerimonioso e vivo manto de outras épocas e de outras gentes, a provocar saudades e evocações, animando a ruína. Hoje, é raro ver-se, no Rio de Janeiro, um muro coberto de hera; entretanto, há trinta anos, nas Laranjeiras, na rua Conde de Bonfim, no Rio Comprido, no Andaraí, no Engenho Novo, enfim, em todos os bairros que foram antigamente estações de repouso e prazer, encontravam-se, a cada passo, longos muros cobertos de hera, exalando melancolia e sugerindo recordações.

Joaquim dos Anjos ainda conhecera a "chácara" habitada pelos proprietários respectivos; mas, últimamente, êles se tinham retirado para fora e alugado aos "bíblias". Os seus cânticos, aos sábados (era o seu dia de semana de descanso sagrado), entoados quase de hora em hora, enchiam a redondeza e punham na sua audiência uma soturna sombra de misticismo. O povo não os via com hostilidade, mesmo alguns humildes homens e pobres raparigas dos arredores freqüentavam-nos, já por encontrar nisso um sinal de superioridade intelectual sôbre os seus iguais, já por procurarem em outra casa religiosa que não a tradicional, lenitivo para

suas pobres almas alanceadas além das dores que seguem tôda e qualquer existência humana.

Alguns, entre os quais o João Pintor, justificavam freqüentar os "bíblias", porque êstes — dizia êle — não eram como os padres, que para tudo, querem dinheiro.

Êsse João Pintor trabalhava nas oficinas do Engenho de Dentro, no ofício de que proviera o seu apelido. Era um prêto retinto, grossos lábios, malares proeminentes, testa curta, dentes muito bons e muito claros, longos braços, manoplas enormes, longas pernas e uns tais pés, que não havia calçado, nas sapatarias, em que êles coubessem. Mandava-os fazer de encomenda; mas assim mesmo, mal os punha hoje, no dia seguinte tinha que os retalhar a navalha, se queria dar alguns passos e manquejar menos até o "Mafuá".

Dizia o "Turuna", adepto do padre Sodré, capelão do Santuário de N. S. de Lourdes, que João Pintor se metera com os "bíblias" porque êstes lhe haviam dado um quarto, na chácara, para êle morar de graça, com certas obrigações pequenas a cumprir. João Pintor contestava com veemência; o certo, porém, é que êle morava na "chácara".

Chefiava os protestantes um americano, Mr. Quick Shays, homem tenaz e cheio de uma eloquência bíblica que devia ser magnífica em inglês; mas que, no seu duvidoso português, se tornava simplesmente pitoresca. Era Shays Quick ou Quick Shays daquela raça curiosa de *yankees* fundadores de novas seitas cristãs. De quando em quando, um cidadão protestante dessa raça que deseja a felicidade de nós outros, na terra e no céu, à luz de uma interpretação de um ou mais versículos da Bíblia, funda uma novíssima seita, põe-se a propagá-la e logo encontra dedicados adeptos, os quais não sabem muito bem por que foram para tal novíssima religiõzinha e qual a diferença que há entre esta e a de que vieram.

Lá, na sua terra, como aqui, êsses pequenos luteros fazem prosélitos; lá, mais do que aqui. Mr. Shays obtinha, nas vizinhanças do carteiro Joaquim dos Anjos, não prosélitos, mas muitos ouvintes, dos quais uma



quinta parte afinal se convertia. Quando se tratava de iniciar uma turma, os noviços dormiam, em barracas de campanha, erguidas ao redor da casa, nos vãos existentes entre as velhas árvores da chácara, maltratada e desprezada.

As cerimônias preparatórias à iniciação, na religião de Mr. Quick Shays, duravam uma semana, farta de jejuns e cânticos religiosos, cheios de unção e apelos contritos a Deus, Nosso Pai; e a velha propriedade de recreio, com as barracas militares e salmodias contínuas, adquiria um aspecto esquisito e imprevisto: o de convento ao ar livre mascarado por uma rebarbativa caranca de acampamento guerreiro. Dir-se-ia um destacamento de uma orden de cavalaria monástico-guerreira que se preparava para combater o turco ou o mouro infiel, na Palestina ou em Marrocos.

Da redondeza, não eram muitos os adeptos ortodoxos à doutrinação religiosa de Mr. Shays; entretanto, além das espécies que já foram aludidas, havia as daqueles que assistiam às suas prédicas, por mera curiosidade ou para deliciar-se com a oratória do pastor americano. O templo estava sempre cheio, nos seus dias solenes.

Os freqüentadores dessa ou daquela natureza lá iam sem nenhuma repugnância, pois é próprio do nosso pequeno povo fazer uma extravagante amálgama de religiões e crenças de tôda a sorte, e socorrer-se desta ou daquela, conforme os transes e momentâneas agruras de sua existência. Se se trata de afastar atrasos de vida, apela para a feitiçaria; se se trata de curar uma moléstia tenaz e renitente, procura o espírita; mas não falem à nossa gente humilde em deixar de batizar o filho pelo sacerdote católico, porque não há, dentre ela, quem não se zangue: "Está doido! Meu filho ficar pagão! Deus me defenda!"

Joaquim dos Anjos não freqüentava Mr. Shays nem o reverendo padre Sodré, do Santuário de N. S. de Lourdes, pois, apesar de ter nascido numa cidade embalsamada de incenso e plena de ecos sonoros de litânicas e o contínuo repicar de sinos festivos, não era animado de

grande fervor religioso. Sua mulher, D. Engrácia, porém, o era em extremo, embora fôsse pouco à igreja, devido às suas obrigações caseiras. Ambos, porém, estavam de acôrdo num ponto religioso católico-romano: batizar quanto antes os filhos, na Igreja Católica Apostólica Romana. Foi assim que procederam, não só com a Clara, o único filho sobrevivente, como com os demais que haviam morrido.

Eram casados há quase vinte anos e esta Clara, sua filha, sendo o segundo filho do casal, orçava pelos seus dezessete anos.

Era tratada pelos pais com muito desvêlo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com D. Margarida, uma viúva muito séria que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras.

No mais, isto era raro e só acontecia aos domingos, Clara deixava, às vêzes, a casa paterna, para ir ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, quando a sua professôra de costuras se prestava a acompanhá-la, porque Joaquim não se prestava, pois não gostava de sair aos domingos, dia escolhido a fim de se entregar ao seu prazer predileto de jogar o solo com os companheiros habituais; e sua mulher, não só não gostava de sair aos domingos, como em outro dia da semana qualquer. Era sedentária e caseira.

Os companheiros habituais do solo com Joaquim eram quase sempre êstes dois: o Sr. Antônio da Silva Marraque, seu compadre, pois era padrinho de sua filha única; e o Sr. Eduardo Lafões. Não variavam. Todos os domingos, aí pelas nove horas, lá batiam à porteira da casa do "postal"; não entravam no corpo da habitação, e, pelo corredor que medeava entre ela e a vizinha, dirigiam-se ao grande tamarineiro, aos fundos do quintal, debaixo do qual estava armada a mesa, com os seus tentos vermelhos de pupilas negras, de grão de aroeira, o seu baralho, os seus pires, um cálice e um litro de parati, ao centro, muito pimpão e arrogante, impondo um cínico desafio às conveniências protocolares.

Joaquim dos Anjos já esperava, lendo o jornal de sua predileção. Mal chegavam, trocavam algumas palavras, sentavam-se, “molhavam a palavra”, no litro de cachaça, e punham-se a jogar. Ficha a vintém.

Horas e horas, esperando o “ajantarado”, que quase sempre ia para a mesa à hora do jantar habitual, deixavam-se ficar jogando, bebericando aguardente, sem dar uma vista d’olhos sobre as montanhas circundantes, nuas e predroucentas, que recortavam o alto horizonte.

De quando em quando, mas sem grandes espaços, Joaquim gritava para a eozinha:

— Clara! Engrácia! Café!

De lá, respondiam, com algum amuo na voz:

— Já vai!

É que as duas mulheres, para preparar o café, tinham que retirar de um dos dois fogareiros de carvão vegetal, uma panela do “ajantarado” que aprontavam, a fim de aquecer o café reclamado; e isto lhes atrasava o jantar.

Enquanto esperavam o café, os três suspendiam o jôgo e conversavam um pouco. Marramaque era e sempre havia sido mais ou menos político, a seu modo.

Embora atualmente fôsse um simples contínuo de Ministério, em que não fazia o serviço respectivo, nem outro qualquer, devido a seu estado de invalidez, de semi-aleijado e semiparalítico do lado esquerdo, tinha, entretanto, pertencido a uma modesta roda de boêmios literatos e poetas, na qual, a par da poesia e de coisas de literatura, se discutia muita política, hábito que lhe ficou. Quando veio a revolta de 93, a roda se dissolveu. Uns foram acompanhar o almirante Custódio; e outros, o Marechal Floriano. Marramaque foi um dêstes e até obteve as honras de alferes do Exército. Por aí é que teve a primeira congestão, isto é, nos fins do govêrno do Marechal, em 94.

A sua roda não tinha ninguém de destaque, mas alguns eram estimáveis. Mesmo alguns de rodas mais cotadas procuravam a dêle.

Quando narrava episódios dessa parte de sua vida,

tinha grande garbo e orgulho em dizer que havia conhecido Paula Ney e se dava com Luiz Murat. Não mentia, conquanto não confessasse a todos em que qualidade fizera parte do grupo literário. Os que o conheciam daquela época, não ocultavam o título com que partilhava a honra de ser membro de um cenáculo poético. Tendo tentado versejar, o seu bom senso e a integridade de seu caráter fizeram-lhe ver logo que não dava para a coisa. Abandonou e cultivou as charadas, os logogrifos, etc. Ficou sendo um hábil charadista e, como tal, figurava quase sempre como redator ou colaborador dos jornais que os seus companheiros e amigos de boêmia literária, poetas e literatos, improvisavam do pé para a mão, quase sempre sem dinheiro para um terno novo. Envelhecendo e ficando semi-inutilizado, depois de dois ataques de apoplexia, foi obrigado a aceitar aquêlê humilde lugar de contínuo, para ter com que viver. Os seus méritos e saber, porém, não estavam muito acima do cargo. Aprendera muita coisa de ouvido e, de ouvido, falava de muitas delas. Tivera, em moço, uma boa convivência. Estava aí o segrêdo de sua ilustração. Marramaque, apesar de tudo, do seu estado de saúde, da sua dificuldade de locomover-se, não deixava a mania inócua da política e ia votar, com risco de se ver envolvido num barulho de sufrágio universal, puxado a navalha, rabo de arraia, cabeçadas, tiros de revólver e outras eloqüentes manifestações eleitorais, das quais, em razão do seu precário estado de pernas, não poderia fugir com segurança e a necessária rapidez.

Tendo vivido em rodas de gente fina, como já vimos, não pela fortuna, mas pela educação e instrução; tendo sonhado outro destino que não o que tivera; crescendo a tudo isto o seu aleijamento — Marramaque era naturalmente azêdo e oposicionista. Naquele domingo, êle o tirara para falar mal do Dr. Saulo de Clapin.

— Vocês vão ver: o Clapin está aí, está morto na política. Teve o topete de ir contra a corrente popular, espetou-se. Quem ganhou foi o barbudo Melo Brandão,

êsse judeu mestiçado. É um safadão, mas é mestre na política.

Joaquim se interessava mediocrementemente por essa história de política: mas Lafões tinha as suas paixões no negócio e acudiu:

— Qual o quê! Então você pensa, Marramaque, que um homem inteligente, tão superior, como o Dr. Clapin, vai se deixar embrulhar por um trapaceiro de atas e coisas piores como o Melo Brandão! Qual o quê! Demais, o operariado...

— O que é que êle tem feito pelo operariado? pergunta Marramaque.

— Muito.

Lafões não era operário, como se poderia pensar. Era guarda das Obras Públicas. Português de nascimento, viera menino para o Brasil, isto há mais de quarenta anos; entrara muito cedo para a repartição de águas da cidade, chamara a atenção dos seus superiores pelo rigor de sua conduta; e, aos poucos, fizeram-no chegar a seu generalato de guarda de encanamentos e de torneiras que vazassem nos tanques de lavagem das casas particulares. Vivia muito contente com a sua posição, a sua portaria de nomeação, a sua carta de naturalização, e, talvez, não estivesse tanto se tivesse enriquecido de centenas de contos de réis. Assim tudo fazia crer, pois era de ver a importância ingênua do campônio que se faz qualquer coisa do Estado, e a solenidade de maneiras com que êle atravessava aquelas virtuais ruas dos subúrbios.

Trazia sempre a farda de cáqui e o boné com as iniciais da repartição; um chapéu de sol de cabo, que, quando não o trazia aberto, a protegê-lo contra os raios do sol, manejava como a bengala de um vigário de aldeia portuguesa, furando o chão e levantando-o, para pousá-lo de novo, à medida que executava as suas longas passadas.

Lafões respondeu assim a Marramaque:

— Muito. Em tôdas as comissões por que o Dr. Cla-

pin tem passado, sempre procura dar trabalho ao maior número de operários.

— Grande serviço! Arrebenta as verbas; no fim de dois ou três meses, despede mais da metade... Isto não se chama proteger; chama-se engazopar.

— Seja, mas êle ainda faz isso e os outros? Não fazem nada. De resto, é um homem democrata. Desde muito que se bate pela igualdade entre os servidores da nação. Não quer distinção entre funcionários públicos e jornaleiros. Quem serve à Nação, seja em que serviço fôr, é funcionário público.

— Honrarias! Isto não enche barriga! Por que êle não trabalha para diminuir a carestia da vida e dos aluguéis de casa?

— Homessa, Marramaque! Você não leu o projeto dêle sôbre construção de casas para famílias pobres e modestas? Você não leu, Joaquim?

O carteiro que vinha ouvindo a conversa sem dar opinião, à interpelação de Lafões, interveio:

— Li, de fato; mas li também que êle havia aumentado os aluguéis de suas casas, que são inúmeras, de quarenta por cento.

— É isto! acudiu com pressa Marramaque. Clapin é muito generoso com o dinheiro dos outros, do Estado. Com o dêle, é de uma sovynice de judeu e de uma ganância de agiota. Jesuíta!

Felizmente Clara chegava com o café. A conversa apaixonada cessava e os dois convivas de Joaquim recebiam os cumprimentos da menina:

— A bênção, meu padrinho; bom-dia, seu Lafões.

Eles respondiam e punham-se a pilheriar com Clara: Dizia Marramaque:

—Então, minha afilhada, quando se casa?

— Nem penso nisso, respondia ela, fazendo um trejeito faceiro.

— Qual! observava Lafões. A menina já tem algum de olho. Olhe, no dia dos seus anos... É verdade, Joaquim: uma coisa.

O carteiro descansou a xícara e perguntou:

— O que é?

— Queria pedir a você autorização para cá trazer, no dia dos anos, aqui da menina, um mestre do violão e da modinha.

Clara não se conteve e perguntou apressada:

— Quem é?

Lafões respondeu:

— É o Cassi. A menina...

O guarda das Obras Públicas não pôde acabar a frase. Marramaque interrompeu-o furioso:

— Você dá-se com semelhante pústula? É um sujeito que não pode entrar em casa de família. Na minha, pelo menos...

— Por quê? — indagou o dono da casa.

— Eu direi, daqui a pouco; eu direi por que, fêz Marramaque transtornado.

Acabaram de tomar café. Clara afastou-se com a bandeja e as xícaras cheia de uma forte, tenaz e malsã curiosidade:

— Quem seria êsse Cassi?

\* \* \*





## II

QUEM seria êsse Cassi? Quem era Cassi?

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manoel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde êle o fôra buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês. O certo, porém, não era isso. A mãe, nas suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lorde Jones, que fôra cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gôsto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô.

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fôsse conhecido como consumado “modinhoso”, além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do “virtuoso” do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se sèriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o “degagé” suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros que teimavam em descobrir aquêle aperfeiçoadíssimo “Brandão” das margens da Central, que lhe talhava as roupas. A única pelintragem adequada ao seu mister que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio — a famosa “pastinha”. Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão.

Era bem misterioso êsse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor. Fôsse êle ou fôsse o violão, fôssem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Sr. Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas.

Tôdas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas êle, pela bôca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios da prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado ou de alguns anos na Correção.

Quando a polícia ou os responsáveis pelas vítimas, pais, irmãos, tutores, punham-se em campo para processá-lo convenientemente, êle corria à mãe, D. Salustiana, chorando e jurando a sua inocência, asseverando que a tal fulana — qualquer das vítimas, já estava perdida, por êsse ou por aquêle; que fôra uma cilada que lhe armaram, para encobrir um mal feito por outrem e por o saberem de boa família, etc., etc.

Em geral, as moças que êle desonrava, eram de humilde condição e de tôdas as côres. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternas.

A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha as suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.

Graças a êsses seus preconceitos de fidalguia e alta estirpe, não trepidava em ir empenhar-se com o marido, a fim de livrar o filho da cadeia ou do casamento pela polícia.

— Mas é a sexta moça, Salustiana!

— Qual o quê! Calunia-se muito...

— Qual calúnia, qual nada! Êste rapaz é um perverso, é sem vergonha. Eu sei o nome das outras. Olhe: a Inês, aquela crioulinha que foi nossa copeira e criada por nós;

a Luíza, que era empregada do dr. Camacho; a Santinha, que ajudava a mãe a costurar para fora e morava na rua Valentim; a Bernarda que trabalhava no "Joie de Vivre"...

— Mas tudo isto já passou, Maneco. Você quer que o seu filho vá para a cadeia? Porque casar com essas biraias, êle não se casa. Eu não quero.

— Era preferível que êle fôsse para a cadeia, ao menos não estava desmoralizando todo o dia a casa.

— Pois você faça o que quiser. Se você não der os passos, eu dou. Vou procurar o meu irmão, o doutor Baeta Picanço, rematava a mulher com orgulho.

O pai dêsse Cassi era verdadeiramente um homem sério. Estreito de idéias, familiarizado no emprêgo público que, há cêrca de trinta anos, exercia, êle tinha profundos sentimentos morais que lhe guiavam a conduta no seu comércio com os filhos. Nunca fôra afetuoso: evitava até tôdas as exhibições e exageros sentimentais era, porém, capaz de estimá-los profundamente, amá-los, sem abdicar, entretanto, do dever paterno de julgá-los lûcidamente e puni-los, consoante a natureza das suas respectivas faltas.

Era homem de pouca altura, trazia a cabeça sempre erguida, testa reta e alta, queixo forte e largo, olhar firme debaixo do seu *pince-nez* de aros de ouro. Conquanto alguma coisa obeso, era deveras um velho simpático e respeitável; e, apesar da sua imponência de antigo burocrata, dos seus modos um tanto ríspidos e secos, todos o estimavam na proporção em que seu filho era desprezado e odiado. Tinham até pena dêle, confrontando a severidade de sua vida com a crapulice de Cassi.

Sua mulher não era lá muito querida, nem prezada. Tinha fumaças de grande dama, de ser muito superior às pessoas de sua vizinhança e mesmo às dos seus conhecimentos. O seu orgulho provinha de duas fontes: a primeira, por ter um irmão médico do Exército, com o pôsto de capitão; e a segunda, por ter andado no Colégio das Irmãs de Caridade.

Quando se lhe perguntava, seu pai, o que era? D. Sa-

lustiana respondia: era do Exército; e torcia a conversa. Não era seu pai exatamente do Exército. Fôra simplesmente escriturário do Arsenal de Guerra. Com muito sacrifício e, graças a uma pequena fortuna que lhe viera ter por acaso às mãos, pudera educar melhorzinho os dois únicos filhos que tivera.

A vaidade de D. Salustiana não deixava que ela confessasse isso; e, tanto era contagioso êsse seu sentimento no que tocava a seu pai, que as suas duas filhas, Catarina e Irene, sempre se referiam ao avô, como se fôsse de verdade um general do Paraguai. Eram menos vaidosas do que a mãe; mas muito mais ambiciosas em matéria de casamento. D. Salustiana casara-se com o Manoel, quando êste ainda era praticante e revia provas, à noite, nos jornais, para acudir às despesas da casa. Catarina e Irene sonhavam casar com doutôres, bem empregados ou ricos, porque elas se julgavam prestes a se "formar", a primeira em música e piano, pelo trampolim Instituto Nacional de Música; e a segunda, pela indigesta Escola Normal desta capital.

Escusado é dizer que ambas tinham um grande desprezo pelo irmão, não só pela baixeza de sua conduta moral — o que era merecido; mas, também, pela sua ignorância cavalgar e absoluta falta de maneiras e modos educados.

Em comêço, o pai consentia, apesar de tudo, que Cassi, o ínelito Cassi, tomasse parte na mesa familiar. Ninguém lhe dirigia a palavra, a não ser a mãe. As moças conversavam com o pai ou com a mãe, ou entre si; e se êle se animava a dizer qualquer coisa, o velho Manoel olhava-o severamente e as filhas calavam-se.

Houve um acontecimento doloroso, provocado pela perversidade de Cassi, que fêz o pai tomar a deliberação extrema de expulsá-lo de casa e da mesa doméstica. Não foi expulso de todo, devido à intervenção de D. Salustiana; mas o foi em meio.

Entre as relações de suas irmãs, havia uma moça muito pobre que morava na redondeza. Sua mãe era viúva de um capitão do Exército e ela, a Nair, era filha única.

Com auxílio de alguns parentes, a viúva ia encaminhando a filha, nos estudos próprios de seu sexo. Ela tinha tendência para música e procurou aproximar-se de Catarina, para explicar-lhe a matéria. Contava dezoito anos, muito risonha, de um amorenado sombrio, cabelos muito negros, pequenina e viva com os seus olhinhos irrequietos e luminosos.

Cassi a viu e logo a teve como boa prêsa, apesar de não ser totalmente sem apoio. Quis entabolar namôro, na própria casa do pai, quando Nair vinha receber lições da irmã dêle. Esta, porém, percebendo a manobra, proibiu-lhe, sob ameaça de contar ao pai, que êle viesse à sala quando estivesse dando lição a Nair. O nome do pai apavorava Cassi, não que o estimasse e, por isso, o respeitasse deveras, mas porque "o velho", severo como era, bem podia pô-lo de vez na rua. Se isso viesse a acontecer, não teria para onde ir e o pouco que ganhava, no jôgo, em brigas de galos e em comissões de agente de empréstimos, etc., seria absorvido para a casa e comida, pouco ou quase nada sobrando para roupas, sapatos e gravatas. Êle, sem isto tudo, estava perdido. Adeus amor! Se o quisesse, tinha que pagar...

Considerando tal hipótese, não relutou em obedecer à irmã; mas começou a cercar Nair, "por fora". Quando ela ia sair, precedia-a, ficava na porta da padaria, cumprimentava. Afinal, pôde conversar e declarar-se com a fatídica carta que era a reprodução de um modelo que lhe dera um companheiro de malandragem, o Ataliba do Timbó, o qual, por sua vez, tinha obtido de um poeta "porrista" que morava na Piedade. Êsse poeta, a quem o "intruso" Ataliba qualificava tão superiormente e de tal maneira, era o célebre Bernardo Flores, que o Brasil todo conhece e viveu uma vida pura, inteiramente de sonhos.

Enfim, a pequena Nair, inexperiente, em plena crise de confusos sentimentos, sem ninguém que lhe pudesse orientar, acreditou nas lábias de Cassi e deu o passo errado. A mãe veio a descobrir-lhe a falta que se denunciava pelo estado do seu ventre. Correu ao Sr. Ma-

*Bernardo*

noel, que não estava. Falou a D. Salustiana e esta, empertigando-se tôda, disse sêcamente:

— Minha senhora, eu não posso fazer nada. Meu filho é maior.

— Mas, se a senhora o aconselhasse como mãe que é, e de filhas, talvez obtivesse alguma coisa. Tenha piedade de mim e da minha filha, minha senhora.

E pôs-se a chorar e a soluçar.

D. Salustiana respondeu amuada, sem demonstrar o mínimo enternecimento por aquela dor inqualificável.

— Não posso fazer nada, no caso, minha senhora. Já lhe disse. A senhora recorra à justiça, à polícia, se quiser. É o único remédio.

A mãe de Nair acalmou-se um pouco e observou:

— Era o que eu queria evitar. Será uma vergonha para mim e para a senhora e família.

— Nós nada temos com o que Cassi faz. Se fôsse nossa filha...

Não acabou a indireta injuriosa; levantou-se e estendeu a mão à desolada mãe, como que a despedindo.

A viúva saiu cabisbaixa; e, dali, foi à audiência do delegado distrital e expôs tudo. O delegado disse-lhe:

— Apesar de estar, ainda não há seis meses neste distrito, sei bem quem é êsse patife de Cassi. O meu maior desejo era embrulhá-lo num bom e sólido processo; mas não posso, no seu caso. A senhora não é miserável, possui as suas pensões de montepio e meio sôlido; e eu só posso tomar a iniciativa do processo quando a vítima é filha de pais miseráveis, sem recursos.

— Mas, não há remédio, doutor?

— Só a senhora constituindo advogado.

— Ah! Meu Deus! Onde vou buscar dinheiro para isso? Minha filha, desgraçada, meu Deus!

E pôs-se a chorar copiosamente. Quando serenou, o delegado mandou que um empregado da delegacia acompanhasse a senhora até em casa e ficou a pensar nas baixezas, nas dores, nas misérias que as casas encobrem e que, todo o dia, descobria, por dever de ofício.

No dia seguinte, a mãe de Nair suicidava-se com lisol.

Os jornais esgravataram o acontecimento e contaram as causas do suicídio com todos os pormenores. Manoel de Azevedo, o pai de Cassi, quando leu no trem o jornal, saltou na primeira estação, voltou e entrou pela casa adentro que nem um furacão, transtornado de fisionomia, com rictos de ódio que o fazia outro homem muito diferente daquele reservado, bondoso e simpático burocrata que era.

— Quedê êle?

— Quem? perguntou-lhe a mulher.

— Êle, êsse Cassi, fêz êle com os punhos cerrados, a errar o olhar desvairado, pelos quatro cantos da sala.

— Mas que há homem? fêz a mulher assustada.

— Lê isto.

Deu-lhe o jornal, apontando o local do suicídio.

— Mas que culpa tem...

Não acabou a frase, D. Salustiana; o marido logo a interrompeu:

— Culpa! Êsse biltre sem senso moral algum; êsse assassino, êsse desgraçado que leva a corromper tôdas as moças e senhoras que lhe passam debaixo dos olhos, não o quero mais aqui, não o quero mais na minha mesa. Diga-lhe isto, Salustiana; diga-lhe isto, enquanto não o mato.

As filhas tinham chegado e adivinharam a causa daquela explosão de ódio e raiva, coisa rara no pai. Procuraram acalmá-lo.

— Sossegue, papai; sossegue.

Catarina, que passara os olhos pelo jornal, muito sofreu com a desonra de Nair. Lamentou sinceramente o trágico desfecho da mãe da sua discípula gratuita; e assim falou ao pai:

— Olhe, papai; eu me sinto em alguma coisa culpada porque trouxe Nair para aqui, a fim de estudar música comigo.

Depois de uma pausa acrescentou:

— Que se há de fazer? É a fatalidade.

— Não o quero mais aqui, repetiu o chefe da família.

Os jornais não se deixaram ficar na simples notícia do suicídio. Revolveram a vida de Cassi; contaram-lhe as proezas; e êle, a conselho de sua mãe, foi passar uns tempos na casa do tio, o doutor, que tinha uma fazenda em Guaratiba. Pela narração dos cotidianos, pôde-se organizar tôda a rêde de insídias, de cavilosas mentiras, de falsas promessas, com que êle tinha cercado a pobre e ingênua vítima, cuja desonra determinou o suicídio da mãe. Êle, como de hábito, não falava de seus namoros a ninguém, muito menos a seu pai e a sua mãe; entretanto, para ganhar a confiança da pobre menina, dizia na carta que dissera à mãe que muito a amava ou textualmente: "*confessei a mamãe que lhe amava loucamente*" e avisava-lhe: "*privino-lhe que não ligue ao que lhe disserem, por isso pesso-te que preze bem o meu sofrimento*"; e, assim nessa ortografia e nessa sintaxe, acabava: "*Pense bem e veja se estás resolvida a fazer o que dissestes na tua cartinha, etc.*" Confessava-se um infeliz "*que tanto lhe adora*" e lamentava não ser correspondido.

Em outra, mostrava-se interessado pela saúde de Nair; e, depois de dar instruções como devia deixar a janela, para que êle a pulasse, contava: "*tão depressa soube que estavas de cama fui ao dr. R. S. saber o que você tinha, êle disse-me que você tinha feito a loucura de molhar os pés na água fria, etc. etc.*" Nessa altura, entrava em detalhes secretos da vida feminina e aduzia: "*foi uma grande tristeza em saber que o dr. R. S. sabe de teus particulares moral (sic).*"

No fim da missiva, ou quase, dizia: "*enfim que eu devo fazer se você não quer ser inteiramente minha como eu sou teu.*"

Não se demorou muito na casa do tio. O doutor, orgulho de sua irmã Salustiana e protetor sempre por ela pôsto em foco para as despudoradas aventuras do sobrinho, desconfiando que êste tramava uma das suas, nos arredores do seu sítio, sem mais detença, embarcou-o para a casa da irmã, mãe de Cassi, dizendo-lhe que fi-



casasse com o filho, porque sobrinho como aquêlê, êle, dr. Baeta Picanço, desejava nunca tê-lo em casa.

Não foi logo diretamente para a casa paterna, que era numa das primeiras estações de quem vêm da Central. Ficou pelo Engenho de Dentro, de onde mandou, por Ataliba do Timbó, um bilhete à mãe, pedindo instruções. A mãe respondeu-lhe que viesse para casa; mas evitasse, por todos os meios, encontrar-se com o pai. Tinha ela arranjado as coisas e êle teria sempre onde comer e dormir.

Foi-lhe reservado o porão, na parte dos fundos e a chácara, como recreio, onde raramente o pai ia. Jantava, almoçava e tomava café, no compartimento do porão onde morava. Logo na primeira manhã que despertou, no seu humilhante aposento familiar, pensou logo em ir ver as suas gaiolas de galos de briga — o bicho mais hediondo, mais antipático, mais repugnantemente feroz que é dado a olhos humanos ver. Estavam em ordem; sua mãe cuidara dêles, como lhe pedira.

Galos de briga eram a fôrça de suas indústrias e do seu comércio equívocos. Às vêzes, ganhava bom dinheiro nas apostas de rinhadeiras, o que vinha ressarcir os prejuízos que, porventura, anteriormente houvesse tido nos dados; e, assim, conseguia meios para saldar o alfaiate ou comprar sapatos catitas e gravatas vistosas. Com os galos, fazia tôdas as operações possíveis, a fim de ganhar dinheiro; barganhava-os, com "volta", vendia-os, chocava as galinhas, para venda dos frangos a criar e educar, presenteava pessoas importantes, das quais supusesse, algum dia, precisar do auxílio e préstimos delas contra a polícia e a justiça.

Incapaz de um trabalho continuado, causava pasmo vê-lo cuidar tôdas as manhãs daqueles horripilantes galináceos, das ninhadas, às quais dava milho moído, trigo, examinando os pintainhos, um por um, a ver se tinham bouba ou gosma.

Fôsse se deitar a que hora fôsse, pela manhã, lá estava êle atrapalhado com os galos malaios e a sua descendência de frangos e pintos.

Nunca suportara um emprêgo e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acôrdo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação sôlta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe por êle, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro.

Se já era egoísta, triplicou de egoísmo. Na vida, êle só via o seu prazer, se êsse prazer era o mais imediato possível. Nenhuma consideração de amizade, de respeito pela dor dos outros, pela desgraça dos semelhantes, de ditame moral o detinha quando procurava uma satisfação qualquer. Só se detinha diante da fôrça, da decisão de um revólver empunhado com decisão. Então sim...

Algumas boas lhe aconteceram. Tinha êle notado que uma moçoila com livros e *attirail* de normalista, na viagem de trem, o olhava muito.

Marcou-lhe a fisionomia e, ao dia seguinte, à mesma hora, pôs-se, na estação, à espera dela; não veio. Esperou outro trem, não veio. Assim esperou diversos. No outro dia, após êsse foi mais feliz; ela veio. Procurou lugar conveniente e pôs-se a fazer trejeitos. A moça não lhe deu importância. Durante dias, insistiu. Um belo dia, êle vai muito calmo, à cata da ingrata, quando ela apareceu acompanhada de um rapaz que, pela intimidade com que a tratava e pela idade que revelava à primeira vista, parecia ser irmão ou marido da moça. Habitado a lidar com parentes dessa natureza, mas fracos, não se intimidou. Os dois no banco, ao lado dêle, seguem viagem, palestrando calmamente. Cassi os olha insistentemente. Chegam à Central e o rapaz despede-se da moça que segue para a sua escola. Volta-se o cavalheiro e procura com o olhar o Sr. Cassi.

— É o senhor?

Cassi Jones responde:

— Sou eu.

— Desejava muito falar-lhe. Vamos à confeitaria; é coisa particular e nós lá estaremos à vontade tomando um *vermouth*.

Cassi fica com a pulga atrás da orelha e acompanha o desconhecido que, com ar risonho, e caminhando vai dizendo:

— O senhor talvez não me conheça. Porém eu, meu caro senhor, o conheço muito bem. Nos subúrbios, todos conhecem as suas habilidades, senhor Cassi Jones; e, embora esteja lá morando há pouco, já tive notícias do seu valimento.

Cassi assustava-se com a calma do rapaz e pôs-se a medir-lhe os músculos. Não trouxera a navalha, porque tinha medo de ser prêso, por causa do negócio da Nair e do suicídio da mãe dela; e armado... Mediu a musculatura do desconhecido. Era antes fraco que forte, mas parecia disposto. Chegaram à confeitaria e sentaram-se. O caixeiro serviu *vermouth*; e, quando iam em meio, o outro disse "ex-abrupto" para Cassi:

— O senhor sabe quem é aquela moça que vinha a meu lado?

Colhido de surpresa, não pôde tergiversar e disse prontamente:

— Não sei absolutamente.

— É minha irmã, afirmou o desconhecido.

— Também não sabia, respondeu dõcilmente o terrível Cassi.

— Não podia saber naturalmente, justificou o rapaz. Saio cedo de casa para o escritório e volto tarde, pois janto e almoço na cidade. Agora, eu chamei o senhor para lhe dizer uma coisa: se o senhor continua a perseguir minha irmã, meto-lhe cinco tiros na cabeça.

Ao dizer isto, foi tirando dos bolsos de dentro do paletó um magnífico *Smith & Wesson*, muito reluzente e com um luxuoso cabo de madrepérola.

Cassi redobrou o esforço para não denunciar o susto e, simulando calma, disse:

— Mas, meu caro senhor, creio que nunca faltei com o respeito devido à senhora sua irmã.

— É verdade; mas é preciso deixar de persegui-la, confirmou o outro e logo acrescentou, como que dando por acabada a entrevista:

— Quer tomar alguma coisa mais?

— Não; muito obrigado.

Despediram-se, sem se apertarem as mãos; e Cassi foi para a sua roda de Ataliba do Timbó, Zézé Mateus, Franco Sousa e Arnaldo.

Um dêles perguntou-lhe:

— O que queria aquêlê sujeito contigo?

— Nada. É meu vizinho e, sabendo que sou morador antigo, pediu-me que lhe arranjasse um cavalo para vender, que êle me dava uma comissão.

Cassi era assim e assim mantinha a sua fama de valente. Não julguem que tinha estima e amizade por êsses rapazes que andavam sempre com êle. Êle não os amava, como não amava ninguém e com ninguém simpatizava. Era uma coorte digna dêle que o iludia do vácuo feito em tôrno dêle, por todos os rapazes daquelas bandas.

Ataliba do Timbó era um mulato claro, faceiro, bem apessoado, mas antipático pela sua falsa arrogância e fatuidade. Havia sido operário em uma oficina do Estado. Meteu-se com Cassi e, aos poucos, abandonou o emprêgo, abandonou a mãe de quem era único arrimo e quis imitar o mestre até o fim. Foi infeliz. Arranjou uma complicação policial e matrimonial de donzelas, nas quais Cassi era useiro e vezeiro e saiu-se mal. Obrigaram-no a casar; mas teve a hombridade de ficar com a mulher, embora, resignadamente, ela sofresse tôda a espécie de privações, no horrível subúrbio de D. Clara, enquanto êle andava sempre muito suburbanamente elegante e tivesse vários uniformes de *foot-ball*.

Tirava proventos do jôgo de dados ou campista e também do *foot-ball*, em que era considerado bom jogador — *pleiel*, como dizem lá.

De vários clubes, havia sido expulso ou se havia demitido voluntariamente, porque os companheiros suspei-

tavam-no ser peitado pelos adversários, para facilitar êstes fazer pontos. Últimamente, era agente de jôgo de bicho e sua mulher viera gozar de mais algum confôrto.

Pobre Ernestina! Era tão alegre, tão tagarela, era moça e bonitinha, na sua fisionomia miúda e na sua tez pardo-clara, um tanto baça, é verdade, mas não a ponto de enfeiá-la, quando conheceu Ataliba; e hoje? Estava escanzelada, cheia de filhos, a trair sofrimentos de tôda espécie, sempre mal calçada, quando, nos tempos de solteira, o seu luxo eram os sapatos! Quem te viu e quem te vê!

Zézé Mateus era um verdadeiro imbecil. Não ligava duas idéias; não guardava coisa alguma dos acontecimentos que assistia. A sua única mania era beber e dizer-se valente. Topava todos os ofícios: capinava, vendia peixe e verdura, com cêsto à cabeça; era servente de pedreiro, apanhava e vendia passarinhos, como criança; e tinha outras habilidades dêsse jaez.

Era branco, com uma fisionomia empastada, cheia de rugas precoces, sem dentes, todo êle mole, bambo. A sua testa era deprimida e era longo e estreito o seu crânio, do feitio daqueles a que o povo chama "cabeça de mamão macho".

Totalmente inofensivo, quase inválido pela sua imbecilidade nativa e pela bebida, uma família a quem êle prestava pequenos serviços: ir às compras, ao açougue, lavar a casa — dava-lhe um barracão na chácara, onde dormia, e comida, se estivesse presente às refeições. Encontrava-se nessa ruína humana, o melhor da turma e o único que não tinha maldade no coração. Era um ex-homem e mais nada.

O Franco Sousa, êste era um malandro mais apurado que, uma vez ou outra, aderia ao grupo de Cassi. Intitulava-se advogado e vivia de embrulhar os crédulos clientes que lhe caíam nas mãos. Todos sabiam que êle não tratava de coisa alguma, pois não podia absolutamente tratar, já por não saber coisa alguma das tricas forenses, já por não ser, de verdade, advogado. Assim mesmo, sempre apareciam ingênuos roceiros, simplórias viúvas

que, no pressuposto de que os seus serviços, na justiça, sôbre a demarcação de terras litigiosas ou despejos de inquilinos relapsos, fôsem mais baratos, procuravam-no. Êle recebia os adiantamentos e, em seguida, mais algum dinheiro, conforme a ingenuidade e a falta de experiência do cliente, e não fazia nada. Entretanto, vivia muito decentemente com a mulher, filhos e filhas. Cassi não lhe pisava em casa e, aos poucos, foi se afastando do violeiro, a conselho da mulher que zelava extremamente pela reputação das filhas que se faziam moças.

O último dos asseclas do modinheiro era um tal Arnaldo, Arnaldo *tout court*. Nêle, talvez houvesse tipo mais nojento do que mesmo em Cassi. A sua profissão consistia em furtar no trem, chapéus de sol, bengalas, embrulhos dos passageiros que estivessem a dormir ou distraídos. De tarde, êle fazia a especialidade dos embrulhos; e, à noite, às vêzes, a altas horas, postava-se na beira da plataforma de estação pouco freqüentada e, quando o trem tomava movimento e impulso, arrebatava rapidamente os chapéus dos passageiros, através da portinhola, principalmente se de palha e novos. Vendia-os, no dia seguinte, como vendia os chapéus de sol, as bengalas e o conteúdo dos embrulhos se fôsse de coisa vendável; roupas de lã ou branca, livros, louça, talheres, etc.

Se fôsem, porém, doces, frutas, queijos, biscoitos, grãos, êle levava para a casa e contava à mulher que só arranjara dinheiro para comprar aquelas guloseimas para as crianças. Usava dos mais imprevisos estratagemas, para não pagar a casa de sua moradia. Numa, tendo ficado a dever oito meses, apresentando-se-lhe o cobrador com os recibos, pediu-os para examiná-los e ficou com êles, alegando que ia consultar pessoa competente em matéria de sêlo, porquanto as estampilhas não lhe pareciam legais. Nunca mais os devolveu; e, apesar de tôdas as ameaças, ainda ficou morando na casa quatro meses. Os seus vizinhos contavam que êle tinha o hábito de arrebatrar as notas do Tesouro das mãos das crianças, quando as encontrava sós, a caminho

das vendas, onde iam fazer compras para as casas paternas, levando-as à mostra, na imprevidência natural de crianças.

Inútil é repetir que Cassi não tinha nenhuma espécie de amizade por êsses rapazes, não pela baixeza de caráter e de moral dêles, no que êle sobrelevava a todos; mas, pela razão muito simples de que a sua natureza moral e sentimental era safara e estéril. A seus pais e às suas irmãs, não o prendia nenhuma dose de afeição, por mais pequena que fôsse. Mesmo com sua mãe, que o tinha retirado muitas vêzes dos xadrezes policiais, em vésperas de seguir para a Detenção, êle só tinha manifestações de ternura, quando estava às voltas com a polícia ou com os juizes. O seu fundo e os seus princípios explicavam de algum modo essa sua aridez moral e sentimental.

A sua educação e instrução foram deveras descuradas. Primeiro nascido do casal, quando as exigências da manutenção da família obrigavam seu pai a trabalhar dia e noite, não pôde êste, pois poucas horas passava em casa, vigiá-lo convenientemente. Rebelde, desde tenra idade, a doçura para com êle, por parte de sua mãe e os prejuizos dela impediram-na que o corrigisse convenientemente, assiduamente, no tempo próprio. Não ia ao colégio; fazia "gazeta", correndo pelas matas das cercanias da residência dos pais, então em Itapiru, com outros garotos. O que faziam, pode-se bem adivinhar; mas a mãe fingia não perceber, passava a mão pela cabeça do filho querido, nada dizia ao pai que quase mourejava durante as vinte e quatro horas do dia. Cresceu assim, sem nenhuma fôrça moral que o comprimisse; e o pai seria a única.

Ao melhorarem as suas condições financeiras, com uma promoção a propósito e a compra daquela casa, na estação do Rocha, com o produto de uma herança que tocara à mulher, Manoel de Azevedo veio encontrar, aos treze anos, o filho completamente viciado, fumando às escâncaras, mal lendo, aos gaguejos, e escrevendo ainda muito pior. Pô-lo nos "Salesianos" de Niterói. As infor-

mações semanais eram péssimas; e, ao fim de três ou quatro meses de colégio, não sabemos que torpeza cometeu que, uma bela tarde, acompanhado de um padre magro, com uma cortante figura angulosa de asceta, veio a ser entregue Cassi ao pai, em casa. Falou-lhe o reverendo em particular, e Manoel de Azevedo quase chorando, despediu-se do reverendo, que insistia nas desculpas, e respondendo dêste único feitio ao eclesiástico:

— Os senhores têm razão. Eu é que me sinto infeliz por ter um filho bastante mau e vicioso com tão pouca idade. Que castigo, meu Deus!

A mulher quis saber o motivo da expulsão, mas a dignidade e a vergonha de pai fizeram que nem mesmo à sua mulher êle o dissesse.

Propôs, dias depois, à sua esposa que pusesse o rapazola a aprender um ofício, a fim de discipliná-lo. D. Salustiana revoltou-se e esbravejou:

— Meu filho aprender um ofício, ser operário! Qual! Êle é sobrinho de um doutor e neto de um homem que prestou muitos serviços ao país.

Sempre lembrado dos seus duros começos em que ela muito o ajudara e o animara, Manoel tinha, pela mulher, uma grande e sincera afeição, evitando o quanto possível contrariá-la e, por isso, não teimou dessa feita. Meses depois, porém, logo que chegou em casa, a mulher e as filhas, chorando, pedem que vá soltar Cassi que estava prêso em uma Delegacia. O menino já roçava pelos dezesseis anos e mostrava-se assim precoce na carreira de falcatruas. Havia sido prêso, pelo respectivo vigia, no interior de uma casa vazia, quando procurava arrancar encanamentos de chumbo para vender.

O pai, então, voltou à idéia de pô-lo em uma oficina, a ver se o trabalho manual, já pelo cansaço, já pela convivência com pessoas honestas e de trabalho, desviava-o do mau caminho que êle estava iniciando. A mãe acedeu com grande repugnância e êle foi ser aprendiz de tipógrafo.

No fim de um mês, porém, era despedido, porque, tendo ido receber uma conta de cartões de visitas, uns



cinco mil réis ou pouco mais do que isso, voltara sem dinheiro, dizendo que o tinha perdido. Revistado convenientemente, foi-lhe o dinheiro encontrado quase intacto entre a botina e a meia.

A fascinação pelo dinheiro e sua absorção nêle eram o seu fraco. Queria-os, mas, sem trabalho e para êle só. As menores dívidas que fazia, não pagava; não oferecia nada a ninguém. Houve quem o conhecendo e sabendo dessa sua sovínice doctia, explicasse os seus desvirgamentos seguidos e as suas constantes seduções a raparigas casadas, como sendo a resultante da aridez de dinheiro, que o encaminhava a amôres gratuitos; e de uma atividade sexual levada ao extremo, que a sua estupidez explicava.

Seja devido a esta ou àquela causa, a êste ou àquele motivo, o certo é que nêle não havia nevrose ou qualquer psicopatia que fôsse. Não cedia a impulsos de doença; fazia tudo muito calculadamente e com todo o vagar. Muito estúpido para tudo o mais, entretanto êle traçava os planos de sedução e desonra com a habilidade consumada dos *scrocs* de outras naturezas. Tudo êle delineava lúcidamente, e prèviamente removia os obstáculos que antevia.

Escolhia bem a vítima, simulava amor, escrevia detestavelmente cartas langorosas, fingia sofrer, empregava, enfim, todo o arsenal do amor antigo que impressiona tanto a fraqueza de coração das pobres moças daquelas paragens, nas quais a pobreza, a estreiteza de inteligência e a reduzida instrução concentram a esperança de felicidade num Amor, num grande e eterno Amor, na Paixão Correspondida.

Sem ser psicólogo nem coisa parecida, inconscientemente, Cassi Jones, sabia aproveitar o terreno propício dêsse mórbido estado dalma de suas vítimas, para consumir os seus horripilantes e covardes crimes; e, quase sempre, o violão e a modinha eram seus cúmplices...

\* \* \*

M  
de  
em tód  
tado de  
então. F  
gama  
ecorru  
cia de B  
rmon  
vora e  
No ar  
ria de  
calça, e  
longos, e  
da Cór  
dido m  
da Cui  
Arpele  
Mar  
debru  
e peie  
valent  
zas de  
No ge  
trabalh  
de Bras  
em que  
vora",  
laranja

### III

MARRAMAQUE, apesar de sua instrução defeituosa, se não rudimentar, tinha vivido em roda de pessoas de instrução desenvolvida e educação e convívio em tôdas as camadas. Era de uma cidadezinha do Estado do Rio, nas proximidades da Côrte, como se dizia então. Feito os seus estudos primários, os pais empregaram-no num armazém da cidade. Estávamos em plena escravatura, se bem que nos fins, mas a antiga Província do Rio de Janeiro era próspera e rica, com as suas rumorosas fazendas de café que a escravaria negra povoava e penava sob os açoites e no suplício do tronco.

No armazém em que Marramaque era empregado havia de tudo: ferragens, roupas feitas, isto é, camisas, calças, ceroulas grosseiras, para trabalhadores; armas, louças, etc., etc. Comprava diretamente nos atacadistas da Côrte; além disso, o seu proprietário era intermediário entre os pequenos lavradores e as grandes casas da Capital do Império, isto é, comprava as mercadorias àqueles, por conta destas, com o que ganhava comissão.

Marramaque era contemplativo e melancólico, e vivia, debruçado ao balcão do armazém, ouvindo os tropeiros e peões contar histórias de todo o gênero: façanhas de valentia, maus encontros pelos caminhos desertos, proezas de desafio à viola e de amor roceiro.

No gênio, não saía ao pai que era um minhoto ativo, trabalhador, reservado e econômico. Em poucos anos de Brasil, conseguiu juntar dinheiro, comprar um sítio em que cultivava os chamados "gêneros de pequena lavoura", aipim, batata doce, abóboras, tomates, quiabos, laranja, caju e melancia, dando-lhe esta última cultura,

pelos fins do ano e comêço do seguinte, lucros razoáveis. Com o correr do tempo, comprara um bote; e, duas vêzes por semana, acompanhado de um companheiro a quem pagava, trazia êle mesmo os produtos de sua lavoura, navegando por um pequeno rio, mais ou menos canalizado, atravessando a Guanabara até o Mercado. Vinha com o "terral" e voltava com a "viração".

O filho não seria capaz dessas proezas; mas, como sua mãe que, embora quase branca, tinha ainda evidentes traços de índio, seria capaz de cantar o dia inteiro modinhas lânguidas e melancólicas.

Havia, quando rapazola, muitas névoas na sua alma, um diluído desejo de vazar suas máguas e os sonhos, no papel, em verso ou fôsse como fôsse; e um forte sentimento de justiça. O espectro da escravidão, com todo o seu cortejo de infâmias, causava-lhe secretas revoltas.

Certo dia, um viajante, que pousara no armazém, deixara, por esquecimento, na mesa do quarto em que fôra hospedado, um volume das *Primaveras* de Casimiro de Abreu.

Êle nunca havia lido versos seguidamente. Nos jornais que lhe caíam à mão, mesmo nos retalhos dêles e em páginas sôltas de revistas que vinham parar ao armazém para embrulho, é que lera alguns. Dessa forma, encontrando no seu natural melancólico, cheio de uma doce tristeza e de um obscuro sentimento de mesquinhez do seu destino, terreno propício, o livro de Casimiro de Abreu caiu-lhe nalma como uma revelação de novas terras e novos céus. Chorou e sonhou com os doridos queixumes do sabiá de S. João da Barra e não deixou de notar que, entre êle e o poeta das *Primaveras*, havia a semelhança de começarem ambos sendo caixeiros de uma casa de negócio da roça. Cristalizada a emoção profunda que lhe causara à leitura dos versos do gaturamo fluminense, Marramaque resolveu agir, isto é, instruir-se, educar-se e... fazer versos também. Para isso, precisava sair dali, ir para a Côrte.

De quando em quando, pousavam no armazém, onde dormia também, caixeiros viajantes de grandes casas da

Côrte que tinham negócios com o Sr. Vicente Aires, patrão de Marramaque. O seu natural bom, prestativo, a sua irradiação simpática, provinda dos seus sonhos vagos e amontoados, faziam-no estimado dêles todos. Havia um, entretanto, que êle estimava mais. Era um rapaz portuguez, o Sr. Mendonça, Henrique de Mendonça Souto. Em tudo, êle era o contrário do pobre Marramaque. Era alegre, folgazão, palrador, bebia o seu bocado; mas sempre honesto, leal e franco.

Certa noite, estando êle hospedado nos fundos do armazém do Sr. Vicente Aires, de volta de uma partida de "manilha", na casa do sacristão da Matriz, o alegre "cometa" veio a encontrar o caixeiro Marramaque lendo o volume de Casimiro de Abreu. Era alta noite, passava da meia; e, como o caixeiro tinha que se erguer às cinco da manhã, para abrir o armazém e atender a tropeiros e viajantes em preparativos de partida, tal fato causou pasmo a "seu" Mendonça:

— Ainda lês, menino! E não te lembras que daqui a pouco, deves estar de pé, filho de Deus!

— Esperava o senhor.

— E mais esta! Então tu pensas que eu mesmo não sabia despir-me e meter-me à cama? Que lês?

— *Primaveras*, de Casimiro de Abreu.

O caixeiro viajante acabou de despir-se e deitou-se. Depois de cobrir-se, perguntou a Marramaque:

— Tu gostas de versos, rapaz?

Hesitou em responder, mas Mendonça fêz rispida-mente:

— Dize lá, rapaz; porque nisto não vai crime algum. Está a ver-se, rapaz! Dize!

— Gosto, sim senhor, fêz o caixeiro tímidamente.

— Pois deves ir para o Rio, acudiu Mendonça com pressa, estudar e... quem sabe lá?

— Se eu arranjasse um emprêgo na Côrte...

Mendonça pensou um pouco e disse:

— Na casa, não te serve. Há muito serviço e tu não te acostumas... És aprendiz de poeta, tens inclinação para essas coisas de versos e te aborrecias. O que te

serve, era trabalhar numa farmácia. Fala a teu pai que eu te arranjo a coisa. Escrevo-te logo que chegar ao Rio.

Mendonça cumpriu a palavra e o pai consentiu que êle viesse para o Rio. Marramaque foi trabalhar numa farmácia; e à noite, ia completando a sua instrução conforme podia, nas instituições filantrópicas de instrução que existiam no tempo.

Logo tratou de fazer versos; e, certa vez, foi surpreendido por um dos *habitués* da farmácia compondo uma poesia. As farmácias, naquele tempo, eram o lugar de encontro de pessoas graves e sizudas da vizinhança, que, à tarde, após o jantar, iam a elas espairar e conversar. Quem surpreendeu o jovem Marramaque fazendo versos foi o Sr. José Brito Condeixa, segundo oficial da Secretaria de Estrangeiros, poeta também, mas, de uns tempos para cá, somente festivo e comemorativo. Além de publicar, nos dias de gala, sonetos e outras espécies de poesias alusivas à festa, não se esquecia nunca de comemorar as datas domésticas da família imperial, em versos de um lavor chinês. Esperava o hábito da Rosa; mas, só veio a ter no fim do Império quando retirou da Imprensa Nacional, o terceiro volume da *Sinopsis da Legislação Nacional, na parte que se refere ao Ministério de Estrangeiros*.

Lendo os versos do adolescente, Brito Condeixa gostou e jurou que havia de proteger o caixeirozinho. Falou ao patrão e êle foi se empregar, numa papelaria-livraria, na rua da Quitanda. Frequentada por poetas e literatos que ensaiavam os primeiros passos, nos últimos quinze anos do Império, com êles se relacionou e sempre era escolhido para secretário, gerente, tesoureiro de suas efêmeras publicações. Deixou o emprêgo da papelaria, sem zanga; e atirou-se às refregas e às decepções da pequena imprensa, com ardor e entusiasmo, sangue republicano e abolicionista, sobretudo abolicionista.

Esse jornalismo contrário e efêmero pouco ou quase nada lhe dava para a sua manutenção. Vivia uma vida de privações e necessidades prementes. Sem deixar os

companheiros poetas, escritores, parodistas, artistas, êle se improvisou guarda-livros ambulante, fazendo escritas aqui e ali, com o que ganhava para ter casa, comida, roupa e até às vêzes, socorrer os camaradas. Manteve-se sempre absolutamente solteiro.

Guardava da sua vida de acólito da boêmia literária, recordações muito vivas que gostava de contar, ensoquando-as de comovida saudade. Anedotas dêste, casos com aquêle, expedientes daquele outro, êle narrava com chiste e firmeza de lembrança; mas, ao que parece, a figura de seu tempo que mais o impressionou foi a de um pequeno poeta que nunca teve seu quarto de hora de celebridade e hoje está totalmente esquecido. A respeito dêle, Marramaque se referia com o sentimento profundo de quem se lembra de um irmão muito amado:

— Ah! o Aquiles! Que alma! Que poeta! O senhor — dirigindo ao interlocutor ocasional — não o conheceu?

— Não; não me recordo.

— Nem de nome? Êle deixou obras.

O outro com quem conversava, por delicadeza, respondia:

— De nome, pois não, pois não!

— Que alma era êsse Aquiles Varejão! Morreu há pouco tempo, em 94 ou 95; e, se não me falha a memória, na Santa Casa.

Morreu na maior miséria; entretanto, tudo o que ganhava — êle era tipógrafo — estava sempre disposto a distribuir com os amigos. Não pude ir vê-lo... Tinha tido o primeiro ataque e estava em tratamento. Lembro-me, porém, do seu último sonêto que a *Gazeta* publicou. Que lindeza! Aquilo era um poeta que não forçava, nem tinha compasso e régua. Ouça só!

E, com uma voz difícil, devido à semiparalisia da parte esquerda da bôca, esbugalhando os olhos, devido ao esforço para pronunciar bem as palavras, recitava:

*Prostrado nesta enxerga, sinto a vida  
Ir pouco a pouco, procurando o nada;*

*Pra mim não há mais sol de madrugada,  
Mas sim tremor da luz amortecida.*

*Prazeres, onde estais? Longa avenida  
De amôres que trilhei nesta jornada?  
Tudo acabou. É justa esta pousada,  
Antes que dobre o sino da partida.*

*Feliz quem tem família! Tem carinho  
De mãe, de espôsa e, em derredor do leito,  
Não sofre o horror de achar-se tão sòzinho.*

*Porém ao meu destino estou sujeito;  
Devo, batendo as asas, sem ter ninho,  
Buscar, quem sabe? um mundo mais perfeito?*

O Marramaque, quase sempre, acabava de recitar os versos do amigo com os olhos úmidos; e o ouvinte, não só pela dor demonstrada pelo declamador, mas também pelo tom elegíaco do soneto, comovia-se também e antes de qualquer pergunta comentava:

— É bonito! É mesmo lindo.

Marramaque poeta *raté* tinha uma grande virtude, como tal: não denegrir os companheiros que subiram nem os que ganharam celebridade. A todos gabava, sem que, por isso, não lhes notasse as falhas de caráter.

Tendo vivido assim, em vários e diferentes meios, ganhando experiência e conhecimento dos homens e das coisas da vida, estava apto para julgar bem quem era Cassi Jones. Demais, devido à sua convivência com literatos, poetas e escritores, adquirira o hábito tirânico de ler diariamente todos os jornais que apanhava na repartição e não fazia lá outra coisa, devido a seu estado de saúde.

De quando em quando, êle encontrava notícias mais que escabrosas, às vêzes sangrentas mesmo, em que estava envolvido o nome do famigerado violeiro. De umas delas, êle se lembrava perfeitamente, porque lhe havia



causado, na sua alma retardada de idealista e sonhador, de poeta que quis ser amoroso e cavalheiresco, a maior revolta e um movimento de nojo irreprimível. Joaquim dos Anjos não estava a par dela, pois não tinha hábito de ler jornais e pouco tagarelava com as pessoas de suas bandas suburbanas. Marramaque apoiou-se em contador e por alto.

Num dos subúrbios, na proximidade da casa de Cassi, veio a residir um casal. A mulher era moça, fruída de carnes, alta, louçã, grandes olhos negros, um tipo do Sul, ao que parece do Rio Grande. O marido, que era oficial de Marinha, maquinista, era amorenado, tirando a mulato, baixo, sempre triste, curvado e pensativo. Apesar da diferença de gênios que se percebia e de idade que estava à mostra, pareciam viver bem. Quase sempre saíam à tarde, iam a festas, a teatros; aos domingos, procuravam visitar os arrabaldes pitorescos e voltavam à noite. Tomavam comida fora e só tinham uma rapariguita preta, de uns dezesseis anos, para os serviços leves da casa. Não se sabe como, Cassi conseguiu conhecer a gaúcha e seduzi-la. Mal o marido saía, êle se metia em casa da moça com violão e tudo. A vizinhança murmurava contra aquela pouca vergonha. Fôsse de que fonte fôsse, o marido veio a saber e um dia, de revólver em punho, furioso, fora de si, louco, totalmente louco, penetrava na casa e alvejou a mulher com dois tiros de revólver, de cujos ferimentos veio a morrer horas depois. Após ter alvejado mortalmente a mulher, correu em perseguição de Cassi que, descalço, de calças e em mangas de camisa, saltava cêrcas e muros, para se pôr fora do alcance do marido indignado.

Entregando-se à prisão, o oficial maquinista contou tôda a sua desdita e o causador dela. O delegado mandou procurar Cassi e conseguiu pilhá-lo à noite. Os agentes deram uma batida nos matos e o galã fugitivo foi prêso e recolhido à enxovia.

Por ocasião dessa prisão foi que êle veio a conhecer Lafões. Tinha êste sido detido e recolhido ao xadrez,

por ter feito um distúrbio, num botequim, onde tomara uma carraspana, em comemoração ao ter acertado uma centena no bicho. Quando Cassi foi recolhido, já Lafões estava no xadrez havia quatro horas.

Cassi que fugira do revólver do oficial, sem paletó e sem colête, em cujas algibeiras, estava o seu dinheiro, não pudera comprar cigarros; mas Lafões os tinha. O profissional da sedução pediu-lhe um que lhe foi dado. Disse então, para Lafões:

— Vou te soltar, meu velho. Tu és uma bela alma.

— Por que vosmecê está prêso, meu caro senhor?

Cassi respondeu com muita calma e indiferença, como se tratasse de um acontecimento vulgar:

— Por nada. Coisas de mulheres, meu velho. É o meu fraco.

Pela grade do xadrez, dirigiu-se a um soldado a quem conhecia e falou-lhe baixo qualquer coisa. Em breve, foi a praça substituída por outra. Vendo isso Cassi, disse para o velho Lafões:

— Estás aqui, estás na rua. Mande o soldado falar ao meu chefe político: e êle vai interessar-se para seres sôlto.

— E vosmecê?

— Não te importes comigo. Tenho que depor...

Na verdade, Lafões foi sôlto; não houve, porém, qualquer intervenção do chefe político de Cassi. Libertou-o o próprio comissário que o prendera, e o conhecia como homem morigerado e qualificado.

Entretanto, o guarda das Obras Públicas sempre supôs que a sua libertação tivesse sido obra de Cassi, por isso lhe era grato e o defendia com todo o ardor.

Lafões era um homem simplório que só tinha agudeza de sentidos para o dinheiro que venciam. Vivendo sempre em círculos limitados, habituado a ver o valor dos homens nas roupas e no parentesco, êle não podia conceber que tôrvo indivíduo era o tal Cassi; que alma suja e má era a dêle, para se interessar generosamente por alguém.

Muito diferente do guarda era Marramaque, cujo âmbito de vida sempre fôra mais amplo e mais variado. Abraçava um maior horizonte de existência humana...

Quando aquêlê lembrou que se convidasse o celebrizado violeiro, o contínuo viu logo os perigos que a presença do profissional da desonra das famílias, podia trazer à paz e ao sossêgo que reinavam na casa de Joaquim dos Anjos.

Além de compadre, Marramaque era profundamente amigo do carteiro que o auxiliava nos seus transe de tôda a ordem: um pouco, originados pelos hábitos boêmios que, de todo, não perdera; um pouco, pela exigüidade de seus vencimentos, com os quais sustentava uma irmã viúva e dois filhos dela, ainda menores, com os quais morava, nas proximidades de Joaquim.

Na sua vida, tão agitada e tão variada, êle sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da côr de sua afilhada; e também o mau conceito em que se tem as suas virtudes de mulher. *A priori*, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social.

Se assim acontecia com as honestas, como não pensaria sôbre o mesmo tema um malandro, um valdevinos, um inconsciente, um vagabundo cínico como êle sabia ser o tal Cassi?

Durante o jantar, ainda se falou muito a respeito, mas com as reservas que a assistência de uma moça pedia fôssem tomadas.

— Vamos experimentar, meu caro Marramaque. “Êle” sabe com quem se mete...

— Eu cá, por mim, nada tenho a dizer dêle. Sempre me tratou muito bem e sou-lhe grato.

— É que você, Lafões, não lê os jornais.

— Qual jornais! Qual nada! Tudo que lá vem nêles é mentira.

Clara ouvia êsse diálogo com muita atenção e forte curiosidade. Num dado momento, não se conteve e perguntou:

— O que é que êsse Cassi faz, padrinho?

A mãe acudiu ríspida, dizendo:

— Não é de tua conta, bisbilhoteira!

A única filha do carteiro, Clara, fôra criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fôssem prejudiciais.

Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso.

Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe.

Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados e rija musculatura; a mãe, não sendo muito baixa, escapava à média da altura de nossas mulheres em geral. Tinha ela, uma fisionomia medida, de traços breves, mas regular; o que não acontecia com o marido que era possuidor de um grosso nariz, quase chato, e malares salientes. A filha, a Clara, havia ficado em tudo entre os dois; média dêles, dos seus pais, era bem exatamente a filha de ambos.

Habituada às musicatas do pai e dos amigos, crescera cheia de vapôres de modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre e de côr com os dengues e o simplório sentimentalismo amoroso dos descantes e cantarolas populares.

Raramente saía, a não ser para ir bem perto, à casa de D. Margarida, aprender a bordar e a costurar, ou com esta ir ao cinema e a compras de fazendas e calçado. A casa dessa senhora ficava a quatro passos de distância da do carteiro. Apesar de ser uso, nos subúrbios, irem as senhoras e moças às vendas fazer compras, D. Engrácia, sua mãe, nunca consentiu que ela o fizesse, embora de sua casa se avistasse tudo o que se passava, no armazém do “seu” Nascimento, fornecedor da família.

Essa clausura mais alanceava sua alma para sonhos vagos, cuja expansão ela encontrava nas modinhas e em certas poesias populares.

Com êsse estado de espírito, o seu anseio era que o pai consentisse na visita do famoso violeiro, cuja má fama

ela não conhecia nem suspeitava, devido ao cêrco desvelado que a mãe lhe punha à vida; entretanto, supunha, que êle tirava do violão sons mágicos e cantava coisas celestiais.

Joaquim dos Anjos, afinal, tendo o assentimento da mulher também curioso de conhecer as habilidades de Cassi, no violão e na trova popular, consentiu que Lafões o trouxesse em sua casa, no dia do aniversário de Clara. Viria aquela vez e não viria mais...

Lafões acolheu a resposta com viva alegria e tratou de entender-se com o tocador mal afamado. Fêz. Quando os seus companheiros de vagabundagem souberam, comentaram cìnicamente o convite:

— Conheço bem êsse carteiro. Êle não trabalha aqui; mas na cidade, na zona dos Bancos. Deve ter dinheiro. Tem um pancadão de filha, meu Deus! Que torrão de açúcar!

— Então estás feito, hein, Cassi? fêz alvarmente Zézé Mateus àquela tendenciosa observação de Ataliba do Timbó.

Cassi, o mestre suburbano do violão, o dedo da modinha, fingiu-se aborrecido e retrucou com fingido desgosto:

— Vocês mesmo é que me desacreditam. Dizem coisas que não fiz e não faço, e todo o mundo me enche de desprezo, senão de ódio. Não sou essas coisas que dizem de mim.

Timbó teve vontade de rir à vontade, mas, embora mais forte do que Cassi, tinha êste sôbre êle um ascendente moral que não se explicava. Zézé Mateus, porém, com o seu peculiar meio-riso de imbecil, fêz:

— Estou brincando, meu "nêgo". Sou teu amigo — tu sabes.

Êles conversavam sempre de pé, parados pelas esquinas. Raramente sentavam-se a uma mesa de café. Aquela intempestiva observação do Ataliba, seguida do comentário de Zézé Mateus, arrefecera a palestra da sociedade. Despediram-se e cada um foi para o seu lado.

Cassi, que fingira aborrecer-se com a tendenciosa notícia de Timbó e o comentário de Zézé, ficou, ao contrário, muito contente com ela. Tinha resolvido não ir à tal festa; mas, pelo que informara Ataliba, talvez não tivesse nada a perder. Experimentaria.

Mordeu os lábios e seguiu para o clube, com a consciência leve e o coração alegre...

\* \* \*

#### IV

VIEIO o dia da festa; a pequena casa regorgitava; e — coisa curiosa — havia mais convidados de idade meã que moças e rapazes. Isto se explicava pela estreiteza de relações de Clara e dos seus pais, devido à vida que levavam. Entre as moças, havia duas ou três colegas de Clara, a filha de Lafões, uma sobrinha solteirona, Hermengarda, de D. Engrácia, e poucas mais. Entre os rapazes, havia dois jovens colegas de Joaquim, Sabino e Honório; um irmão de Hermengarda e um afilhado de Lafões que era vigia do cais do Pôrto. Em compensação, as senhoras, mães de família, eram inúmeras. Destacava-se muito D. Margarida Weber Pestana, pelo seu ar varonil, tendo sempre ao lado o filho único, de quatorze anos, fardado com uma fardeta de colegial. Tinha, essa senhora, um temperamento de heroína doméstica. Viera muito cedo para o Brasil, com o pai que era alemão; ela, porém, havia nascido em Riga, russa portanto, como sua mãe o era. Antes dos dezesseis anos ficara órfã de mãe. Seu pai emigrara para o Brasil, contratado a trabalhar no acabamento das obras da Candelária. Era estucador, marmorista, um pouco escultor; enfim, um operário fino para essas obras especiais de revestimento e decoração interna de edifícios suntuosos.

Bem cedo, mostrou ela inclinação por um tipógrafo que comia na “pensão” que havia montado, na rua da Alfândega, e dirigia ativamente. Casaram-se e êle morreu dois anos depois, após o casamento, de tuberculose pulmonar, deixando-lhe o filho, o Ezequiel, que não a largava. Ano e meio depois, morreu-lhe o pai de febre

amarela. Continuou com a “pensão”; mas bem cedo vendeu-a e comprou uma casita nos subúrbios, aquela em que morava, quase junto de Joaquim. Costurava para fora, bordava, criava galinhas, patos e perus e mantinha-se serenamente honesta. O Sr. Ataliba do Timbó deu em certa ocasião em persegui-la com ditinhos de amor chulo. Certo dia, ela não teve dúvidas: meteu-lhe o guarda-chuva com vigor. À noite, no intuito de defender suas galinhas da sanha dos ladrões, de quando em quando, abria um postigo, que abria na janela da cozinha, e fazia fogo de revólver. Era respeitada pela sua coragem, pela sua bondade e pelo rigor de sua viuvez. O Ezequiel, seu filho, puxara muito ao pai Florêncio Pestana, que era mulato, mas tinha os olhos glaucos, translúcidos, de sua mãe meio eslava, meio alemã, olhos tão estranhos — olhos tão estranhos a nós, e, sobretudo, ao sangue dominante no pequeno.

Afora D. Margarida Pestana, notava-se D. Laurentina Jacome, uma velha, sempre metida com rezas e padres, pensionista do ex-Imperador e empregada numa capelinha da vizinhança, de cuja limpeza era encarregada, inclusive da lavagem das toalhas dos altares. Não podia conversar outra coisa que não fôsem acontecimentos eclesiásticos e, quase sempre, os de sua igreja:

— A senhora não sabe, D. Engrácia, de uma coisa?

— O que é?

— O padre Santos, este mês, disse mais de vinte missas e só recebeu cinco. Pobre padre Santos! É mesmo um santo!

E contraía a fisionomia enrugada, e, erguendo-a um pouco, apertava as mãos ao jeito de quem reza.

Além desta, havia uma digna de nota: era D. Vicência. Morava na vizinhança também e vivia de deitar cartas e cortar “coisas feitas”. O seu procedimento era inatacável e exercia a sua profissão de cartomante com tôda a seriedade e convicção.

Havia outras sem nada de notável, como entre os cavalheiros só havia um que se destacava. Convém não esquecer que Lafões e Marramaque lá estavam a postos. O



cavalheiro digno de nota era um prêto baixo, um tanto corcunda, com o ombro direito levantado, uma enorme cabeça, uma testa proeminente e abaulada, a face estreitante até acabar num queixo, formando queixo e face um V monstruoso, na parte anterior da cabeça; e, na posterior, no occipital desmedido acaba o seu perfil monstruoso. Chamava-se Praxedes Maria dos Santos; mas gostava de ser tratado por Dr. Praxedes.

A monstruosidade de sua cabeça o pusera a perder. Por tê-la assim, julgou-se uma inteligência, um grande advogado e pôs a freqüentar cartórios, servindo de testemunha, quando era preciso, indo comprar estampilhas, etc., etc.

Com o tempo, tomou algumas luzes e atirou-se a tratar de papéis de casamento e organizou uma biblioteca particular de manuais jurídicos, de índices de legislação, etc., etc. Vestia-se sempre de fraque, botinas de verniz ou gaspeadas, e não dispensava a pasta indicadora de homens de leis. Quando foi moda ser de rôlo, êle a usou assim; quando veio a moda de ser em saco, como a trazem agora os advogados, êle comprou uma luxuosa de marroquim com fechos de prata.

Não falava senão em leis e decretos: "porque, dizia êle, a lei 1.857, de 14 de outubro de 1879, diz que a mulher casada, no regime do casamento, não pode dispor dos seus bens, ter dinheiro em Bancos, na Caixa Econômica; entretanto, o Decreto 4.572, de 24 de julho de 1899, determina..."

Afora o seu amor a êsse embrulho legislativo, gostava de versos; mas não de modinha.

Era êste o cavalheiro mais notável que havia vindo ao baile de anos de Clara. É que até aquêle momento, com grande desgosto para as moças, o trovador Cassi não havia ainda aparecido.

Clara não ocultava o seu desapontamento; e uma de suas colegas lhe dizia em confidência:

— Clara, toma cuidado. Êste homem não presta.

A moça não respondia, encaminhava-se para a sala de

jantar, a fim de disfarçar a emoção, simulando ir beber água.

Clara estava bem vestidinha. Era inteiramente de crepom o seu vestido; com guarnição de renda de indústria caseira, mas bonita e bem trabalhada; o pescoço saía-lhe nu e a gola do casaco terminava numa pala debruada de rendas. Calçava sapatos de verniz e meias. Nas orelhas tinha grandes africanas e penteara-se de bandós, rematando o penteado para trás, na altura do pescoço, um coque, fixado por um grande pente de tartaruga ou coisa parecida.

Quando ela foi beber água, seguiu-lhe a sua amiga Etelvina, uma crioulinha espevitada, sua antiga colega do colégio. Vestia-se esta com um mau gosto de aborrecer. Todo o vestido era azul celeste, com rendas pretas; os sapatos amarelos e as meias côr de abóbora. Ao redor da cabeça, dividindo a testa ao meio, uma fita vermelha, de um vermelho muito berrante. Os gregos chamavam este adorno feminino de *Stephané*; e, ao que parece, as portadoras não eram lá tidas como virtuosas.

Essa Etelvina era a primeira dançarina do baile, não tinha até ali perdido uma contradança.

A orquestra era composta de flauta, cavaquinho e violão — um “terno”, como denominam os seresteiros.

O baile ia adiantado, quando a filha de Lafões veio correndo do portão do mimoseado jardim que enfrentava a casa, anunciando alegre:

— E vem aí, “seu” Cassi.

Entrou. Houve um estremecimento que percorreu os convivas, como um choque elétrico. Tôdas as moças, das mais diferentes côres, que, ali, a pobreza e a humildade de condição esbatiam e harmonizavam, logo o admiraram na sua insignificância geral, tão poderosa é a fascinação da perversidade nas cabeças femininas. Nem César Bórgia, entrando mascarado, num baile à fantasia, dado por seu pai, Alexandre VI, no Vaticano, causaria tanta emoção. Se não disseram: “é César! é César!” — codilharam: “é êle! é êle!”

Os rapazes, porém, não ficaram contentes, pressen-

tindo essa satisfação das damas; e, entre êles, puseram-se a contar a biografia escabrosa do modinheiro.

Apresentado, por Lafões, aos donos da casa e à filha, ninguém lhe notou o olhar guloso de grosseiro sibarita sexual que deitou para os seios empinados de Clara.

O baile continuou animado; Cassi, porém, não dançava e foi reforçar o terno de cavaquinho, flauta e violão, com o seu instrumento.

D. Margarida, com o seu porte severo, olhava as damas, sentada ao sofá austríaco, tendo ao lado o filho. A polca era a dança preferida e todos quase a dançavam com requebros próprios de samba. Os convidados que não dançavam, se haviam espalhado por várias partes da casa. Joaquim, Lafões e Marramaque ouviam o Dr. Praxedes explicar o que era um *habeas corpus* preventivo.

— Exemplifico, dizia o Dr. Praxedes, erguendo a mão direita catedraticamente, com o indicador apontado para o teto. É uma medida perfeitamente jurídica e profilática, porque...

Nisto acode o Dr. Menezes, um velho hidrópico com a mania de saber tôdas as ciências, vivendo na maior miséria, apesar de exercer clandestinamente a profissão de dentista.

— Dr. Praxedes, acudia o Dr. Menezes, não julgo a comparação própria. Cada ciência tem seu campo próprio...

A discussão tomava vulto e Joaquim se levantou. Sempre que êle fazia isto, Menezes seguia com os olhos o carteiro, a ver se êle ia até a cozinha mandar pôr a ceia. O sábio dentista viera à última hora, na esperança que a houvesse. Não lograra dinheiro para tomar um caldo. Joaquim, porém, aborrecido com a discussão, fôra simplesmente até a sala de visitas convidar:

— Quem quiser tomar alguma coisa, comer biscoitos, é só vir cá dentro. Não façam cerimônia.

Tôda a vez que o anfitrião dizia isso, Menezes comia duas empadas e quatro *sandwiches* e bebia uma boa "tagada" de parati.

O dono da casa convidava Cassi especialmente; mas êste não bebia, não gostava. Não era êsse o seu prazer...

De uma feita, indo à sala, Joaquim convidou-o:

— Por que não canta, “seu” Cassi?

Até ali, não se falara nisso e, repinicando as cordas do violão, não deixava o famoso mestre violeiro de devorar sorrateiramente com o olhar lascivo os bamboleios de quadris de Clara, quando dançava.

Ninguém se atrevia a convidá-lo; todos esperavam que o dono da casa o fizesse. Feito o convite, êle respondeu cheio de uma cerimônia afetada:

— Estou sem voz: esfalfei-me muito ontem, no baile do Dr. Raposo e...

Vendo que seu pai o havia convidado, Clara animou-se:

— Por que não canta, “seu” Cassi? Dizem que o senhor canta tão bem...

Êsse — *tão bem* — foi alongado maciamente. Cassi concertou, com apurada pelintragem e com ambas as mãos, a pastinha oleosa; limpou, em seguida, os dedos no lenço e respondeu dengoso:

— Qual, minha senhora! São bondades dos camaradas...

Clara insistiu:

— Cante, “seu” Cassi! Vá!

Êle, então, torcendo a cabeça para o lado esquerdo, cuja mão espalmada abria para o alto e fingindo constrangimento, respondeu:

— Já que a senhora manda, vou cantar.

Marramaque que tinha ouvido tudo, ficou espantado com o desembaraço da afilhada. Diabo! fêz êle de si para si.

O violeiro, com todo o dengue, agarrou o violão, fêz estalar as cordas e avisou:

— Vou cantar uma modinha velha, mas muito gentil e literária — “Na Roça”.

Muitos circunstantes ficaram desapontados porque já

a conheciam; mas outros gostavam muito da modinha e aprovaram a escolha.

Cassi começou:

*Mostraram-me um dia  
Na roça dançando  
Mestiça formosa  
De olhar azougado...*

Isto tudo era dito quase aos poucos sem modulação alguma, enquanto o violão repinicava as mesmas notas, numa indigência musical, numa monotonia de sons que dava sono. Quando chegava ao estribilho:

*Sorria a mulata  
Por quem o feitor  
Diziam que andava  
Perdido de amor.*

Por aí êle empregava o seu *tic* invencível de tocador de violão e cantor de modinha. Cantando, revirava os olhos e como que os deixava morrer. O cardeal de Retz diz, nas suas famosas *Memórias*, que Mme. de Montayon ou uma outra qualquer duqueza ficava mais bela quando os seus olhos morriam. Cassi talvez ficasse mais, se êle tivesse alguma beleza; entretanto, êsse seu *tic* impressionava as damas.

Clara, que sempre a modinha transfigurava, levando-a a regiões de perpétua felicidade, de amor, de satisfação, de alegria, a ponto de quase ela suspender, quando as ouvia, a vida de relação, ficar num êxtase místico, absorvida totalmente nas palavras sonoras da trova, impressionou-se profundamente com aquêle jôgo de olhar com que Cassi comentava os versos da modinha. Êle sofria, por fôrça, senão não punha tanta expressão de mágoa, quando cantava — pensava ela.

Tão embevecida estava, tão longe pairava o seu pensamento que, quando Cassi acabou, esqueceu-se de aplaudir o troveiro que, para o seu rudimentar gôsto, lhe tinha proporcionado tão forte prazer artístico.

Comentava-se ainda a execução do maestro Cassi; e êle ao lado percebia os gabos e críticas. Por êsse tempo, como uma aparição em alçapão de mágica, surgiu repentinamente, no centro da sala, o Dr. Praxedes, célebre advogado nos auditórios suburbanos. Iniciou:

— Minhas senhoras e meus senhores. Peço-lhes a devida vênia, para recitar uma mimosa poesia de um nosso patricio. É uma obra prima de chiquismo e de moralidade. O seu autor é o major Urbano Duarte que morreu, se não me falha a memória, general de brigada. Vou recitá-la, se me permitem. Chama-se "A Lágrima".

Dizendo isto, o seu todo grotesco ainda mais grotesco ficava, com a gesticulação desordenada dos braços, que rodavam, duros e hirtos, em tórno dos ombros, de cima para baixo. Pareciam asas de um antigo moinho de vento. Começou gritando a primeira estrofe e já se babando pelos cantos dos seus lábios violáceos:

*Cismava à beira-mar a linda Marieta  
Seguindo tristemente o sulco do vapor,  
O qual, fugindo além, sumiu-se no horizonte  
Levando a longe terra o seu primeiro amor.*

O seu gritar, o seu babujar, o seu gesticular foram crescendo. Quando chegou ao primeiro terceto do soneto, quase não tinha mais voz. Da assistência, aposara-se uma louca vontade de rir; muitos se contiveram; outros, porém, se retiraram para gargalhar longe. O Dr. Praxedes nada via e continuava impertérrito; afinal acabou:

*Depois, quando o luar banhando a natureza*

*Em pálidos clarões de luz misteriosa,  
Eu vi no arrebear do mar embravecido  
A lágrima a boiar na pétala de rosa.*

Ao terminar recebeu palmas e, sentando-se, cansado de tão estúrdio esforço muscular, ainda disse:

— Essa lágrima é a da Marieta de que “o verso” fala no comêço. É preciso que os senhores e as senhoras não se esqueçam dêsse pormenor.

Marramaque, que até ali, sem ser notado, seguira a insistência com que o trovador Cassi olhava Clara, resolveu pregar-lhe uma peça. Apoiado na sua bengala amiga, com a perna esquerda encolhida, devido aos ataques, e o respectivo braço fixado em ângulo reto, consequência também dos ataques — encaminhou-se para o centro da sala, capengando, a fim de recitar, por sua vez. A parte esquerda da bôca era defeituosa também, e isso provocava-lhe muito esforço para pronunciar bem as palavras.

Não atendeu a nenhuma consideração e pôs-se em pé para recitar.

Assim é que ia fazer; deu o título da poesia — “Persistência” — e começou naturalmente como quem já soubera recitar com relativa perfeição, quando estava são. Recitando, olhava sempre para Cassi que, calado, ficara de pé encostado ao vão da janela de frente.

Marramaque atacou os versos, saltitando na sala:

*Se às vêzes contigo esbarro  
e grito, esperneio e berro  
que me traz de há muito zarro  
a paixão que aqui encerro.*

*Tu foges. E a ti me agarro  
cismando: (e nisto não erro)  
Se eu tenho uma alma de barro,  
tu mostras que a tens de ferro.*

*E se nada mais espirro  
é porque então, se não corro,  
a coisa já cheira a esturro*

*Que queres? Eu próprio embirro  
com êste amor por que morro,  
mas é que sou muito burro.*

O final causou uma franca hilaridade na assistência e até Clara riu-se a perder; mas, ninguém perguntou quem era o autor; e, se lhe perguntassem, Marramaque não lhe sabia o nome. Lera a poesia sem assinatura, num jornal antigo, gostara dela e a decorara.

O povo é avêssô a guardar os nomes dos autores, mesmo os dos romances, folhetins que custam dias e dias de leitura. A obra é tudo, para o pequeno povo; o autor, nada.

Cassi, que, logo, antipatizara com Marramaque, percebeu que a coisa era com êle. Perceberia outro mais burro do que o gabado artista da modinha, tanto era a teimosia com que o velho aleijado o olhava. Cassi pensou, de si para si: "êste pobre diabo me paga."

O que espantava na ação de Marramaque, era a sua coragem. Êle, semi-aleijado, velho, pobre, lançava um solene desafio àquele valdevinos forte, são, habituado a rolos e rixas.

Cassi não se demorou mais por muito tempo. Pediu o chapéu, despediu-se dos donos da casa e da filha dêstes, fêz um cumprimento em roda, e, quando deu com o rosto de Marramaque, com os olhos estranhamente fixos nêle, a bôca semi-aberta, o braço esquerdo fixado em ângulo reto, pela moléstia, arrastou-se. Parecia uma aparição... Deixara de ser o contínuo aleijado que êle antes tinha visto; era outra coisa mais do que o simples Marramaque que o espantava e o fazia tremer.

Com a atitude desassombrada daquele velho aleijado em face dêle e que havia adivinhado, não sabia êle como, os seus maus propósitos em relação a Clara, Cassi sentiu, apesar do seu quase congênito embotamento moral, que havia na vida ou, por outra, nas relações entre os homens, um guia silencioso e secreto, que pesava os nossos atos e pedia, para dar-lhes apoio e encaminhar-nos para uma paz interior e um contentamento conosco mesmos, o emprêgo, em tôdas as nossas ações, do Justo, do Leal, do Verdadeiro e do Generoso; e êsse guia — êle via agora com o caso de Marramaque — dava fôrças aos fracos, coragem aos tímidos e uma seráfica e in-



tima satisfação, quando cumpríamos o nosso dever com honra e dignidade. Esse guia era a Consciência.

Confusamente, êle pensou isso; mas, ao passar o terror, o pavor que lhe causara o olhar fixo, vitrificado, sobrenatural do velho Marramaque; olhar que o fizera um instante voltar-se para dentro de si mesmo e examinar-se — tornou com pressa ao que era e, fazendo um desdenhoso — Ora! — repetiu de si para si a ameaça que já fizera: “aquêlê boneco de engonço me paga.”

Depois da saída de Cassi, ainda se bailou até os primeiros albores da aurora. Menezes, que tinha cochilado bastante, pôde, afinal, pela madrugada, comer um pouco de galinha assada e porco, que havia sobrado do jantar; mas não encetou discussão mais alguma com o Dr. Praxedes; mesmo porque êste já se havia despedido, por ter de comparecer muito cedo à audiência de um pretor, a fim de inquirir testemunhas num feito importante em que funcionava como advogado.

Quando todos se foram e Clara recolheu-se a seu quarto, que dava para a sala de jantar, Joaquim e a mulher ficaram nela, comendo ainda alguma coisa que sobrara. Foi então que Engrácia disse para o marido:

— Tudo foi muito bem. Todos se portaram decentemente, com respeito; mas uma coisa não quero mais.

— O que é?

— É que êsse Cassi venha mais aqui. D. Margarida me disse que êle é, é um devasso. Você não vê como êle canta indecentemente, revirando os olhos... Não o quero mais aqui; se êle vier...

— Não é preciso você se zangar, Engrácia; não gostei também dêle e não porá mais os pés na minha casa.

Clara que, deitada, no quarto, havia ouvido tôda a conversa, pôs-se, em silêncio, a chorar.



## V

QUEM conhecesse intimamente Engrácia, havia de ficar espantada com a atitude decisiva que tomou em relação à visita de Cassi. O seu temperamento era completamente inerte, passivo. Muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa de qualquer emergência. Entregava tudo ao marido que, a bem dizer, era quem dirigia a casa. Rol de compras, a fazer na venda do "seu" Nascimento, diàriamente, e também o de legumes e verduras, quem os organizava, era o marido, especificando tudo por escrito e deixando o dinheiro para o quitandeiro, tôdas as manhãs, quando ia para o trabalho. De caminho deixava a lista de gêneros no "seu" Nascimento, onde pagava tudo por mês.

Qualquer acontecimento inesperado que lhe surgisse no lar, punha-a tonta e desvairada. Quando ainda tinham a velha preta Babá que a criara na casa dos seus protetores e antigos senhores de sua avó, talvez um dêles, pais dela, ficou Engrácia quase doida, ao ser a velha Babá acometida de um ataque súbito. Não sabia o que fazer. Foi preciso que D. Margarida interviesse, mandasse chamar o médico, fizesse aviar a receita, tomasse, enfim, as providencias que o caso exigia. A velha morreu daí a pouco, de embolia cerebral. Muito Engrácia sofreu com essa morte, pois, não tendo conhecido sua mãe que lhe morrera aos sete anos, fôra Babá que a criara. Os seus protetores tinham sido abastados; eram descendentes de um alferes de milícias que tinha terras, para as bandas de S. Gonçalo, em Cubandê. Pouco depois da maioridade, com a morte do chefe da casa, filhos e

filhas se transportaram para a Côrte, procurando aquêles empregaram-se nas repartições do govêrno. Um dos irmãos já habitava a capital do Império e era cirurgião do Exército, tendo chegado a cirurgião-mor, gozando de grande fama. Para a cidade não trouxeram nenhum escravo. Venderam a maioria e os de estimação libertaram. Com êles só vieram os libertos que eram como da família. Pelo tempo do nascimento de Engrácia, havia poucos dêles e delas em casa. Só a Babá, sua mãe e um prêto estavam sob o teto patriarcal dos Teles de Carvalho.

Engrácia foi criada com mimo de filha, como os outros rapazes e raparigas, filhos de antigos escravos, nascidos em casa dos Teles.

Por isso, corria, de bôca em bôca, serem filhos dos varões da casa. O cochicho não era destituído de fundamento, naquela família, composta de irmãs e irmãos que, ainda bastardos, se compraziam, tanto uns como as outras, em tratar filialmente aquela espécie de ingênuas que viam a luz do dia pela primeira vez, em sua casa. As senhoras então eram de uma meiguice de verdadeiras mães.

Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou — como em geral acontece com as nossas moças — tratou de esquecer o que tinha estudado. O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuara na idade de dezoito anos.

Fôsse a educação mimosa que recebera, fôsse uma fatalidade de sua compleição individual, o certo é que, a não ser para os serviços domésticos, Engrácia evitava todo o esforço de qualquer natureza.

Não saía quase. Era regra que só o fizesse duas vêzes por ano: no dia 15 de agôsto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar uma espórtula a Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de N. S. da Conceição, em que se confessava. Levava sempre a filha e não a largava de a vigiar. Tinha um enorme temor que sua filha errasse, se perdesse... A não ser com ela, Clara, muito a contragosto da mãe, saía de casa para ir ao cinema, no Méier e Engenho de Dentro, e outras vêzes —

poucas — para fazer compras nas lojas de fazendas, de sapatos e outras congêneres, acreditadas nos subúrbios.

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua côr, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe.

Clara via tôdas as moças saírem com seus pais, com suas mães, com suas amigas, passearem e divertirem-se, por que seria então que ela não o podia fazer?

A pergunta ficava sempre sem resposta, porque não havia meio, naquele isolamento em que vivia de tudo e de todos de encontrar a que cabia.

Engrácia, cujos cuidados maternos eram louváveis e meritórios, era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria.

A mulher de Joaquim dos Anjos tinha a superstição dos processos mecânicos, daí o seu proceder monástico em relação a Clara.

Enganava-se com a eficiência dela; porque reclusa, sem convivência, sem relações, a filha não podia adquirir uma pequena experiência da vida e notícia das abjeções de que está cheia, como também a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor, de um amor extra-real, com estranhas reações físicas e psíquicas.

Acresce ainda que era geral em sua casa o gôsto de modinhas. Sua mãe gostava, seu pai e seu padrinho também. Quase sempre havia sessões de modinhas e violão na sua residência. Esse gôsto é contagioso e encontrava, no estado sentimental e moral de Clara, terreno propício para propagar-se. As modinhas falam muito de amor, algumas delas são lúbricas até; e ela, aos poucos, foi organizando uma teoria do amor com os descantes do pai e de seus amigos. O amor tudo pode, para

êle não há obstáculos de raça, de fortuna, de condição; êle vence, com ou sem pretor, zomba da Igreja e da Fortuna, e o estado amoroso é a maior delícia da nossa existência que se deve procurar gozá-lo e sofrê-lo, seja como fôr. O martírio até dá-lhe mais requinte...

As emolientes modinhas e as suas adequadas reações mentais ao áspero proceder da mãe, tiravam-lhe muito da firmeza de caráter e de vontade que podia ter, tornando-a uma alma amolecida, capaz de render-se às lábias de um qualquer perverso, mais ou menos ousado, farsante e ignorante, que tivesse a animá-lo o conceito que os bordeleios fazem das raparigas de sua côr.

Cassi era dessa laia: entretanto Clara, na sua justificável ignorância do maquinismo da nossa vida social, julgava que seus pais eram com êle injustos e grosseiros.

Depois do baile de seu aniversário, quinze ou vinte dias depois, num domingo, Cassi bateu à porta da casa de seus pais. Engrácia estava justamente arrumando a sala de visitas; recebeu-o com visível desgosto e gritou para a cozinha, onde estava Clara:

— Chama teu pai que está aí "seu" Cassi.

A moça ia se aproximar para falar ao modinheiro, quando a mãe lhe disse rapidamente:

— Vá chamar seu pai! Ande!

Joaquim não custou a vir; e, após os cumprimentos, dirigiu-se ao rapaz:

— Que é que manda nesta casa, meu caro senhor?

— Nada. Fui visitar um amigo e, passando pela sua porta, resolvi cumprimentá-lo.

— Muito obrigado. A partida de solo está fervendo e eu não me posso demorar.

Cassi olhou um instante com seu olhar mau, o velho mulato; mas a nada se atreveu. Estiveram calados dois ou três minutos um diante do outro, até que o famoso violeiro tomou o alvitre de despedir-se. Clara veio saber da cena pela narração que seu pai fêz à sua mãe e ficou aborrecida, cheia de desgostos com êles e com a situação em que estava, imposta por êles, para o seu sofrimento.

Avaliou em algum ressaibo de revolta o procedimento

dos pais. O que queriam fazer dela? Deixá-la para "tia" ou fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente; sua mãe e seu pai tinham, pela fôrça das coisas, que morrer antes dela; e, então, ela ficaria pelo mundo desamparada? Cochichavam que Cassi era isto e era aquilo. D. Margarida e o padrinho eram os que mais mal falavam dêle: que era um devasso, um malvado, um desencaminhador de donzelas e senhoras casadas. Como êle poderia ser tanta coisa ruim, se freqüentava casas de doutôres, de coronéis, de políticos? Naturalmente havia nisso muita inveja dos méritos do rapaz em que ela não via senão delicadeza e modéstia e, também, os suspiros e os dengues de violeiro consumado.

Uma dúvida lhe veio; êle era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... Lembra-se de alguns... E ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos que, ao fazer êsse inquérito, já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar.

De resto, era preciso libertar-se, passear, conhecer a cidade, teatros, cinemas... Ela não conhecia nada disso. Até ir de um pulo à venda do "seu" Nascimento, não tinha licença. Um dia, por inadvertência, faltou sal para preparar o jantar; pois nem mesmo assim teve licença de ir à venda e sua mãe não foi, para não deixá-la só. Tiveram que esperar uma hora, até que o caixeiro passasse. Entretanto, o armazém do "seu" Nascimento não era mal freqüentado e todos que lá paravam, eram pessoas de certa consideração e sem pecha alguma. Esta última observação de Clara era inteiramente verdadeira.

Mesmo a Rosalina, mais conhecida pelo apelido pejorativo de Mme. Bacamarte, apesar da vida má e desgraçada que levava, no armazém se portava com todo o rigor. Era verdadeiramente infeliz, essa rapariga. Seduzida em tenra idade, a polícia obrigou o sedutor a casar-se com ela. Nos três primeiros anos, as coisas correram mais ou menos naturalmente. Ao fim dêles, devido a reveses, o marido começou a embirrar com ela,

a atribuir-lhe tôda a sua desgraça, e espancá-la, mas dando alguma coisa com que ela se sustentasse e aos filhos. Já bebia, o marido dela; e, por êsse tempo, fazia-o sem método nem medida. Bebia a mais não poder, em casa, nos botequins, em tôda a parte. Faltava à oficina para beber. Rosalina “pegou” o vício do marido e, do pouco dinheiro que êle lhe dava ou com o seu trabalho obtinha, comprava parati. O marido devia seis meses de casa — um modesto barracão de madeira, com uma sala, um quarto e um pequeno adendo para a cozinha. O senhorio perseguia-o; êle fugia e deixava com a mulher o encargo de explicar os atrasos. Um belo dia, ela vê entrar o proprietário com dois homens. Nada dizem. Encostam sua escada no telhado e destelham a choupana. Deixou tudo que tinha na mão dos desalmados. Pede a uma vizinha que fique com um filho; e uma outra, que fique com o mais moço e correu a atirar-se debaixo do primeiro trem que passou. Sofreu escoriações e fraturas em um braço e uma perna; mas os médicos da Santa Casa conseguiram salvá-la. Saiu renovada e o seu rostinho de mulatinha sapeca tinha recuperado um pouco o viço e a petulância que devia ter pela puberdade.

Os filhos, a mãe — uma pobre lavadeira — os tinha recolhido; e o marido nunca mais os vira. Em comêço, portou-se bem; mas bem depressa foi correndo de mão em mão, até que as moléstias venéreas a tomaram de todo, obrigando-a a visitas constantes à Santa Casa, para levar injeções e sofrer operações. Proíbida de beber, não obedecia à prescrição médica. Quando não tinha dinheiro obtido de que maneira fôsse, esperava pacientemente que as suas galinhas ou as de sua mãe, com quem morava, “pussem” e logo corria à venda a trocá-los, por duzentos ou trezentos réis de parati.

Ela, porém, não fazia “ponto” no armazém do “seu” Nascimento. Educado e criado na roça, tendo negociado no interior do Estado do Rio, onde ainda tinha fazenda, êle gostava que pessoas de certa ordem fôsem ao seu negócio ler os jornais e conversar — hábito do interior, como todos sabemos. A sua venda tinha até aquêles



tradicionalis tamboretas de abrir e fechar das antigas vendas e ainda são conservados nos armazéns roceiros. Demais, a sua casa de negócio ficava num lugar pitoresco, calmo, pouco transitado, diante das velhas árvores da chácara de Mr. Quick Shays e olhando para uns cumes caprichosos de montanhas distantes. Compravam muitas pessoas para as quais tinha freguesia certa.

Um dêles era o Alípio, um tipo curioso de rapaz que, conquanto pobre e ter amor à cachaça, não deixava de ser delicado e conveniente de maneiras, gestos e palavras. Tinha um aspecto de galo de briga; entretanto, estava longe de possuir a ferocidade repugnante dêsses galos malaios de rinhadeiro, não possuindo, — convém saber-se — nenhuma. Sem ser instruído, não era ignorante; mas era inteligente e curioso de invenções e aperfeiçoamentos mecânicos.

O velho Valentim era um outro freqüentador da venda muito curioso e pitoresco. Português, com muito mais de sessenta anos, não deixava de trabalhar, chovesse ou fizesse sol. Era chacareiro e devido talvez ao ofício, que êle o devia exercer há bem perto de quarenta anos, tinha o corpo curvado de modo interessante. Não se sabia se era para trás ou para diante; fazia uma espécie de S, em que faltassem as extremidades.

Contava longos “casos” que não se acabam mais, especialmente o João de Calaes — como êle pronunciava — pontilhando a sua longa e enfadonha narração, com rifões portugueses de uma graça saborosa e uma filosofia saloia. Era o que se aproveitava da sua conversa.

Aparecia, também, em certas ocasiões, o Leonardo Flores, poeta, um verdadeiro poeta, que tivera o seu momento de celebridade no Brasil inteiro e cuja influência havia sido grande na geração de poetas que se lhes seguiram. Naquela época, porém, devido ao álcool e desgostos íntimos, nos quais predominavam a loucura irremediável de um irmão, não era mais que uma triste ruína de homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não poder seguir o fio da mais simples conversa. Havia publicado cêrca de dez volumes, dez sucessos, com

os quais todos ganharam dinheiro, menos êle, tanto assim que, muito pobremente, êle, mulher e filhos agora viviam com o produto de uma mesquinha aposentadoria sua, do govêrno federal.

Raro era sair, porque a mulher punha todo o esfôrço em que êle o não fizesse. Mandava buscar parati, comprava-lhe os jornais de sua estimação, a fim de que êle permanecesse em casa. As mais das vêzes, êle obedecia; mas, em algumas raras, recalcitrava, saía, com quinhentos réis em cobre, na algibeira, bebia aqui, ali, dormia debaixo das árvores das estradas e ruas pouco frequentadas e, mesmo, quando o delírio alcoólico o tornava forte, despia-se todo e gritava heròicamente numa doentia e vaidosa manifestação de personalidade:

— Eu sou Leonardo Flores.

O povo sabia vagamente que êle tinha celebridade. Chamava-o — o poeta. No comêço, caçoava com êle, mas ao saber de sua reputação, deu em cercá-lo de uma piedosa curiosidade.

— Um homem dêsses acabar assim, que castigo! dizia um.

— É “cosa” feita! Foi inveja da “inteligença” dêle! dizia uma preta velha. Gentes da nossa “cô” não pode “tê inteligência”! Chega logo os “marvado” e lá vai reza e “fêtiço”, “pá perdê” o homem, rematava a preta velha.

Aparecia um circunstante mais prático na sua piedade, vestia novamente o poeta e levava-o para a casa.

Era justamente a êle, Leonardo Flores, que o Dr. Menezes procurava, quando naquela manhã de dia santo e não feriado, entrou na venda de “seu” Nascimento, mancando, devido à inchação das pernas e com as suas barbas brancas, abundantes, mas não cerradas, aparadas e tratadas à imitação do nosso último Imperador.

O Dr. Menezes galgou a soleira da porta com esfôrço; parou um instante, logo que se viu no interior da venda, pôs as mãos nas cadeiras e respirou com fôrça.

Após os cumprimentos, perguntou:

— O Flores não tem aparecido?

— Há muito tempo que não vem aqui; fêz o “seu” Nascimento do interior do balcão.

— Fui à casa dêle e disse-me a mulher que havia saído... Preciso tanto dêle...

Ao dizer isto, sentava-se no tamborete que o caixeiro lhe abrira e o pusera onde êle estava, o dentista.

Descansou mais um pouco, sorveu mais uma forte dose de ar e, dirigindo-se ao Alípio, perguntou:

— Como vai você, Alípio?

Só estavam na venda Alípio e o velho Valentim, êste em pé, encostado ao umbral de uma porta lateral; e aquêle, sentado, lendo um jornal.

Alípio responde:

— Vou bem; não tão bem como o senhor que anda agora em companhia de “almofadinhas” artistas.

— Como? fêz espantado o dentista particular.

— É o que dizem. Corre aqui que o senhor está tôda a noite com o mestre-violeiro Cassi e vários companheiros, num botequim do Engenho Novo.

— É verdade. São todos rapazes decentes que...

— Então, o Cassi, êste é de colête?

— Dizem, interveio “seu” Nascimento, que êsse rapaz...

— É um bandido, acudiu Alípio. Êle merecia mais do que cadeia; merecia ser queimado vivo. Tem desgraçado mais de dez moças e não sei quantas senhoras casadas.

— Isto é calúnia! Protestou Menezes. F'ala-se muito por aí...

— Que o quê! Os processos têm corrido, os jornais têm publicado e êle arranja meios e modos, para livrar-se das penalidades e lançar na desgraça moças e senhoras, confirmou Alípio.

— Como êle consegue isso? indagou “seu” Nascimento.

— No comêço, com a proteção do pai. Ao fim do segundo ou terceiro caso que veio a público, o pai não lhe falou mais e nunca mais se interessou pela sua liberdade. Sucederam-se outros e, graças à intervenção da mãe junto a um irmão, médico do Exército, êle pôde arranjar

rábulas sem escrúpulos que, pelos meios mais nojentos, conseguiram retirá-lo das grades da Detenção. Caluniava as vítimas com justificações em que eram testemunhas Timbó, Arnaldo e outros tais. Contou-me a Vicência — o Sr. não a conhece, “seu” Nascimento? perguntou Alípio.

— Quem é? perguntou por sua vez o taberneiro.

— É aquela crioula velha que vem aqui, às vêzes, fazer compras, para a casa do major Carvalho. Ela foi empregada na casa do pai de Cassi muito tempo. Um dia — ela não sabe bem por que — o pai expulsou-o de casa. A mãe mandou-o para a casa do irmão em Guaratiba. Lá, êle fêz ou pretendeu fazer uma das suas, mas o tio não teve pelos autos; despachou-o para a irmã. A muito custo, a mãe conseguiu que ficasse num porão dos fundos, que mal tem a altura dêle. Nesse “socavão” é que êle mora e come. Nunca sobe às dependências superiores da casa, com mêdo do pai. Se, por acaso, êste tiver notícia dessa sua ousadia, põe-no definitivamente na rua.

— Que diz a isso Dr. Menezes? chasqueou Nascimento.

— Não sei, porque pouco me preocupo com a vida dos outros, tergiversou Menezes.

— Não é da vida dos outros, fêz impetuosamente Alípio; é com a vida de um pirata como Cassi que não respeita família, nem amizades, nem a miséria, nem a pobreza, para fazer das suas porcarias. É por isso que eu...

“Seu” Nascimento, interveio suasòriamente e pediu calma. Era um homem alto, claro, um tanto obeso, tipo do antigo agricultor patriarcal, das nossas velhas fazendas. Êle assim disse:

— Não é necessário indignar-se, Alípio, fique calmo. O monstro não tem mais protetores, como você já disse.

— Tem, “seu” Nascimento, afirmou Alípio. Êle é esperto, “é manata escovado”.

— Quem é, Alípio? perguntou Menezes indo servir de açúcar a um pequeno.

Os fregueses continuavam a chegar; em geral, eram crianças e mulheres. As suas compras eram pobres: dois tostões disso, quatrocentos réis daquilo — compras de gente pobre em que raramente se via nelas incluído meio quilo de carne sêca ou um de feijão. Tudo não excedia a tostões. Mesmo atendendo aos fregueses, sòzinho, pois os caixeiros tinham ido correr a clientela fixa do armazém, “seu” Nascimento não perdia o fio da conversa e ela continuava naturalmente.

Alípio, habituado a isso, não suspendeu a narração e deu a resposta pedida.

— O protetor dêle, agora, é um tal capitão Barcelos, chefe político na estação de XXX. Tem influência e foi por saber disso que Cassi aderiu a êle. Já nessa última eleição para uma vaga de intendente, êle funcionou com o seu rancho ao lado de Barcelos. Não houve desordens, porque não apareceu outro candidato; mas êle queria fazer uma para ganhar prestígio. Assim e aos poucos, vai ganhando a confiança de Barcelos, a ponto do Freitas, que é o subcabo dêste, sentir-se magoado e preterido.

— Quem é êsse Barcelos? fêz Nascimento.

— É um português, já com os seus cinqüenta anos, bom, bom mesmo; mas, tendo ido para a Detenção, pronunciado que estava devido a uns tiros que dera em um sujeito, por lhe ter insultado a mulher, produzindo no meliante ferimentos graves, isto há vinte anos, ganhou lá o gôsto pela política e lá aprendeu as primeiras noções dessa difícil ciência. Foi na Detenção que...

— Ué! exclamou Nascimento.

— Também você, Alípio... fêz duvidoso Menezes.

Alípio continuou:

— Lá, êle encontrou um político daqui da Capital, que estava na chácara, a responder processo, como mandante de um assassinio. O homem aproximou-se de Barcelos e puseram-se a conversar. Não estavam no cubículo; estavam na enfermaria ou na sala livre ou em outro compartimento especial. Barcelos narrou sua vida que, apesar daquele transtôrno, não corria mal. Tinha uma venda em XXX; vendia a dinheiro e a crédito, para o

operariado das fábricas lá existentes; mas, era feliz, pois, apesar de fazer muitos fiados, quase não os perdia. Era até estimado, pelo seu gênio folgazão e prestativo. O político que tinha um chefe adversário, naquela estação, viu bem como, para desbancá-lo, podia aproveitar os serviços de Barcelos. “Você por que não se mete na política”, disse êle um dia. O vendeiro de XXX respondeu: “Mas, não sou brasileiro, doutor.” O seu alto companheiro de cárcere retrucou-lhe: “Eu faço você brasileiro naturalizado, capitão da Guarda Nacional e você, nas eleições, trabalha para mim, e os meus. Trate logo de alistar o maior número de fregueses que você puder.” Barcelos assentiu, trabalhou sempre para o tal político, por intermédio do qual arranjou melhoramentos para o lugarejo, valorizando as suas terras e prédios.

— Valeu a pena ir para a Detenção!

— É verdade, “seu” Nascimento. Daí, data a pouca prosperidade de Barcelos, que possui perto de duzentos contos, em casas, terrenos e apólices, afora o giro do negócio.

— Você, Alípio, se diz anarquista; mas o que você é, é romancista. Isto é um romance, comentou Menezes.

— Qual, doutor! O senhor é que não sabe como as coisas se fazem. Eu sei. O senhor, por exemplo, não sabe que Timbó levou uma surra de uma senhora que mora aqui perto?

— Não sei, respondeu Menezes.

Quase ao mesmo tempo, Nascimento perguntava:

— Quem é Timbó?

— É um mulatinho faceiro, jogador de *foot-ball*, e companheiro de Cassi, testemunha sempre escolhida para depor em seu favor, caluniando as vítimas, nos seus imundos processos.

— Foi êle quem levou a surra? indagou Nascimento.

— Sim; êle, na estação de Todos os Santos, após uma perseguição ignóbil a D. Margarida...

— Que D. Margarida? A do 74? falou com surpresa Nascimento.

— Essa mesma. Deu-lhe de rijo com o guarda-chuva;

e, quando êle quis desarmar, appareceu um cabra morrudo que o pôs, pelas orelhas, para fora da plataforma, donde saiu debaixo de vaia. Dos companheiros de Cassi, o único perdoável é o Zézé Mateus. Êste não mexe com moça alguma, com família de ninguém, não joga, não faz desordem. Quer beber e bebe à sua custa, porque quando quer trabalhar, abandona a tudo e salda as suas dívidas: Os mais são uns piratas!

Alípio calou-se e os seus interlocutores não aventaram nenhuma observação, a não ser o velho Valentim que havia ouvido tôda a conversa, encostado ao portal de pedra, fumando displicentemente o seu cigarro São Lourenço. Êle perguntou cheio da ingenuidade do campônio que fica sempre na primeira aventura das preferidas por Cassi:

— Mas, “seu” Alípio, o senhor acredita que haja gente tão malvada, como êsse Cassi?

— Há, e não pouca. Sei de tudo que contei de fonte limpa. Ê a pura verdade.

O Dr. Menezes tinha ficado aborrecido com o tom da conversa. Tinha ido à venda procurar Leonardo Flores, para um negócio particular; e encontrara o Alípio a par das suas relações com Cassi e inteirado da vida dêste. Diabo! Estaria se comprometendo? Havia já tomado quatro copitos de parati; mas, quando se despediu, tomou um grande. Caminhando pôs-se a pensar:

— Que devia fazer?

Pegou diversas hipóteses e concluiu:

— Ir até o fim. A coisa não oferecia nenhum perigo para êle...

Isso não o contentou de todo. Procurou distrair-se.

\* \* \*





## VI

A RECEPÇÃO que tivera Cassi, na sua segunda visita, sêca, hostil, quase sendo despedido à soleira da porta, ao contrário da primeira vez que fôra à casa de Joaquim dos Anjos, fizera-o meditar e açulara-lhe o desejo de remover todos os obstáculos que se opunham à sua aproximação de Clara. Por exclusão, êle só viu duas pessoas capazes de lhe estarem atrasando seu "trabalho", começado com tanta rapidez e sem esforço. Quem eram? Só podiam ser Dona Margarida, por causa do "negócio" do Timbó; e o tal aleijado que lhe lançara a indireta, em verso, de chamá-lo de burro.

Se na sedução pròpriamente, êle não empregava absolutamente fôrça, no que era o contrário dos conquistadores suburbanos, a ponto dos jornais noticiarem, de quando em quando, o desespero das vítimas que se fazem assassinas, para se defenderem de tão torpes sujeitos; Cassi, entretanto, quando no decorrer de suas conquistas, encontrava obstáculos, fôsse mesmo da parte do próprio irmão da vítima em alvo, logo procurava empregar violência para arredá-lo.

É bem de ver que êle sabia com quem se metia; mas, no caso, tratando-se de um quase inválido, a fôrça a empregar seria a mínima; e, no que toca a D. Margarida, êle saberia enganá-la e embaí-la.

A sua fôrça de valente e navalhista era mais fama do que realidade; mas tinha fama e muitos se intimidavam. Dava-lhe isso um ascendente sôbre os que, de boa fé, e honestamente, podiam prevenir as moças que êle cobçava, não as prevenindo, não as avisando, não o desmascarando totalmente. Cheios de temor, deixavam o caminho franco ao modinheiro.

A tal respeito, com o seu cinismo de sedutor de quinta ordem, tinha uma oportuna teoria, condensada numa sentença: “não se pode contrariar dois corações que se amam com sincera paixão.”

Colocando ao lado essa teoria, bem sua, a consideração de que não empregava violência nem ato de força de qualquer natureza, êle, na sua singular moral de amoroso-modinheiro, não se sentia absolutamente criminoso por ter até ali seduzido cêrca de dez donzelas e muito maior número de senhoras casadas. Os suicídios, os assassínios, o povoamento de bordéis de todo o gênero que os seus torpes atos provocaram, no seu parecer, eram acontecimentos estranhos à sua ação e se haviam de dar de qualquer forma. Disso, êle não tinha culpa.

Para certificar-se quem era que, na casa do “Carteiro”, fermentava o seu descrédito, Cassi resolveu ir sondar Lafões, em sua casa.

Lafões morava bem próximo do reservatório do Engenho de Dentro. Uma tarde, Cassi tomou o bonde de Piedade que, para ir a essa estação, logo após o Méier, interna-se para os lados da serra, toma ruas despovoadas e, por fim, a do Engenho de Dentro. O caminho era então pitoresco, não só pelos restos da capoeira grossa que ainda havia, mas também pelas casas roceiras de varanda e pequenas janelas de outros tempos. Caminho de “tropa”, talvez, os engenheiros da Light só se deram ao trabalho de fazer sumários nivelamentos. Os altos e baixos, os atoleiros e atascadeiros, consolidados com gravetos e varreduras de capinas, transformaram o caminho do bonde, naquele trecho, numa montanha russa, com a lembrança de um lado e outro, do espetáculo do que seriam ou do que são os caminhos do nosso interior, pelos quais nos chegam os cereais e a carne que comemos.

As vêzes, o bonde cruzava com uma tropa de carvoeiros de Jacarepaguá, da Serra do Mateus e outras localidades ainda com florestas aproveitáveis; e tínhamos uma imagem mais viva. Os tropeiros eram gente de sangue muito mesclado, ossudos, jarretes nervosos e

finos, pés espalmados, às vêzes de feições regulares, mas sempre cobertos de barbas maltratadas e de uma insondável tristeza. Não eram só homens feitos; havia crianças também, a guiar os burros em fila.

Quando o bonde apontava a sacolejar as suas ferragens, estourando que nem um besouro, avisando-os da sua presença próxima com o zunido contínuo do tímpano ou se não com um apito, ao grito de locomotiva, aquêles homens, vivendo tão perto da terra e da natureza espontânea, não deixavam de se assustar e tomar precauções para sua segurança e dos seus pacientes animalejos. Encostavam bem a tropa, a uma ribanceira lateral da rua, quando na encosta; ou afastavam-se para o lado, se havia terreno baldio e sem cêrca, quando ela era planície; e ficavam pasmos diante daquele monstro zunidor que se movia por intermédio de um grosso fio de arame. Os burros, quer num quer noutro caso, permaneciam indiferentes e punham-se a roer a erva escassa do campo ou a pastar a folhagem que lhes dava sombra e crescia no alto da chanfradura do corte.

Chegou Cassi Jones à casa de Lafões quase à noite. Era uma pequena casa, mas bem tratada e limpa. O pequeno jardim na frente merecia cuidados e, no quintal, aos fundos, cresciam couves e repolhos a dar saudades de um bom caldo à portuguesa.

Lafões, por aquelas horas, após o jantar, tinha por hábito, pôr-se em camisa de meia, tamancos e calça e completar a leitura do jornal, que iniciara pela manhã. Sentava-se a uma cadeira de balanço, austríaca, que a punha bem junto à janela, tendo, à esquerda, uma cadeira, em que repousavam o isqueiro (não usava fósforos) e os cigarros "Fuzileiros".

Estava assim, naquela postura e enrolava melhor um cigarro pacientemente, quando lhe bateram no portão de ripas de madeira. Ergueu um tanto o busto e, pondo um pouco de cabeça à mostra, quase rente ao peitoril da janela, perguntou:

— Quem é?

Reconheceu logo:

— É o Sr. Cassi.

Ergueu-se e foi ao encontro dêle, abrindo a porta de entrada. Tomou-lhe o chapéu pelintra, a bengala ultra-aperfeiçoada e foi dizendo prazenteiramente:

— Por aqui? Sente-se, ora esta! Seja benvindo!

O rapaz sentou-se, respondendo:

— Muito obrigado, meu caro “seu” Lafões.

— Por que não aparece mais vêzes, Sr. Cassi? continuou Lafões com amizade.

— Não tenho tido tempo. Nos dias da semana, são os negócios; nos domingos, não dou para os convites. Eu vinha aqui...

— Para que, Sr. Cassi?

— Pedir-lhe uma informação.

— Qual é, Sr. Cassi?

— Disseram-me que, no seu escritório, o inspetor está admitindo escreventes, para não sei que serviço extraordinário. O senhor não podia saber se isto é verdade?

— Pois não. Indago ao Braga que é contínuo, vivo que nem azougue, e sabe de tudo que lá se passa, explicou Lafões.

— Quando posso vir buscar a resposta?

— Olhe, Sr. Cassi: amanhã, à tarde, não, porque tenho que ir à sessão da minha sociedade; mas, se tem pressa, pode vir depois de amanhã, logo pelas sete ou oito horas.

— Bem, fêz Cassi, simulando contentamento. Desde já agradecido. Como vão sua senhora e seus filhos?

— Bem. A mulher saiu mais o mais moço; foram a não sei que ladainha por aí. É um inferno! Êstes padres têm invadido êstes subúrbios com mais rapidez que os “turcos” de prestações. É dinheiro para êsse santo, é dinheiro para as obras da igreja... Não posso mais! Edméia, porém, está lá no fundo do quintal. Quer tomar café, Sr. Cassi?

— É incômodo... Se a sua senhora estivesse, sim; mas...

— Não há incômodo algum. Edméia o aquece no espírito... Só se o Sr. Cassi não gosta aquecido?

— Gosto.

— Pois bem, vamos a êle; e gritou pela filha, com possante voz de homem são: Edméia! Edméia!

Não tardou em aparecer a filha. Era uma gentil menina de doze anos, risonha, com uma fisionomia redonda de traços firmes e finos, cabelos tirando para o louro, cortados à inglêsa. Entrando, exclamou logo:

— Oh! estava aqui “seu” Cassi. Que surprêsa! Não sabia...

Falou ao rapaz e êste lhe disse a êsmo:

— Há muito que não a via.

— É verdade, desde o dia de anos de Clarinha... Tem ido lá?

— Não tenho podido.

— Por quê? Parece que lá não gostam do senhor... Principalmente aquêle “pé-pé”...

— Menina, ralhou-lhe o pai. Não te metas a intrigar os outros... Vá aquecer o café e traze-nos duas xícaras. Vá.

Saindo a menina, Cassi julgou de bom alvitre, para preencher o fim verdadeiro de sua visita, dizer:

— Podem não gostar de mim. Mas a implicância é sem motivo. Nunca...

— Ora, Sr. Cassi, o senhor vai dar ouvido a crianças. Elas não sabem o que dizem.

— Agora, meu caro “seu” Lafões, eu notei no dia da festa que o compadre do Sr. Joaquim dos Anjos não me tragava, disse Cassi.

— Isto se explica. Êle foi ou é poeta e tem em conta de coisa nenhuma os cantadores de modinhas. Lá, na minha terra, os poetas dos fidalgos e das fidalgas não tragam os fadistas do campo, aos quais chamam de rústicos e outras coisas piores. Em cada ofício, há sempre disso. O senhor não vê como os cocheiros desprezam os barbeiros? Cocheiro que não presta, é barbeiro. Maramaque, velho, doente, não sabe disfarçar o seu mau juízo pelos que apreciam o violão e o tocam, cantando modinhas.

— Mas... o “seu” Joaquim?

— É que êles são compadres e amigos, meu caro Sr. Cassi. Está explicado.

Vieram as xícaras de café e a conversa tomou outro rumo. Falaram sôbre as festas próximas do centenário da Independência, sôbre a crise financeira, mas Cassi, em nada disso pensava. Pensava em Marramaque, o audacioso aleijado que queria se intrometer no seu amor por Clara. Pagaria bem caro. Despediu-se em breve e, lentamente, deixou-se ir a pé subúrbios abaixo. Eram estranhos aquêlo ódio e aquela obstinação. Cassi não era absolutamente, nem mesmo de forma elementar, um amoroso. A atração por uma qualquer mulher, não lhe desdobrava em sentimentos outros às vêzes contraditórios, em sonhos, em anseios e depressões desta ou daquela natureza. O seu sentimento ficava reduzido ao mais simples elemento do Amor — a posse. Obtida esta, bem cedo se enfarava, desprezava a vítima com a qual não sentia ter mais nenhuma ligação especial; e procurava outra.

A sua instrução era mais que rudimentar; mas, assim mesmo, talvez devido a uma necessidade íntima de desculpar-se, gostava de ler versos líricos, principalmente os de amor. Não lia jornais, nem coisa alguma; mas, num retalho apanhado aqui, num almanaque acolá, num livro que lhe ia ter às mãos, sem saber como, conseguia ler alguns e os entender pela metade. Dêles, dêsses sonetos e mais poesias que, por acaso, iam parar em seu poder, êle concluía com a sua estupidez congênita, com a sua perversidade inata, que tinha o direito de fazer o que fazia, porque os poetas proclamam o dever de amar e dão ao Amor todos os direitos e estava acima de tudo a Paixão. Vê-se bem que êle não sentia nada do que, poetas mediócrs que o guiavam nas suas torpezas, falavam; e sem querer apelar para grandes ou pequenos poetas, percebia-se perfeitamente que nêle não havia Amor de nenhuma natureza e em nenhum grau. Era concupiscência aliada à sórdida economia, com uma falta de senso moral digna de um criminoso nato — o que havia nêle.

O verdadeiro estado amoroso supõe um estado de semiloucura correspondente, de obsessão, determinando uma desordem emocional que vai da mais intensa alegria até a mais cruciante dor, que dá entusiasmo e abatimento, que encoraja e entibia; que faz esperar e desesperar, isto tudo, quase a um tempo, sem que a causa mude de qualquer forma.

Em Cassi, nunca se dava disso. Escolhida a vítima de sua concupiscência, se de antemão, já não as sabia, procurava inteirar-se da situação dos pais, das suas posses e das suas relações. Em seguida, tratava de encontrar-se com ela num baile ou uma sala de festas e impressioná-la com os seus dengues no violão. Se percebia que tinha obtido algum sucesso, esforçava-se em reiterar os encontros nos cinemas, nos bondes, nas estações e, na ocasião propícia pespegava-lhe a carta fatal. Isto tudo era feito com muita calma e discernimento, pacientemente, sem ser perturbado em nenhum movimento de impaciência ou arrebatamento. Se a moça ou a senhora aceitava-lhe os galanteios e as cartas, êle tinha o final como certo; se não, êle não perdia tempo, abandonava os esforços preliminares e esperava que outra mais sua-sória aparecesse.

No caso de Clara, êle não estava disposto a acreditar que se houvesse dado a primeira hipótese, porquanto lhe davam certeza disso o embevecimento com que o ouvira cantar, na noite da festa dos anos dela, e a insistência que mostrara em vir falar com êle, quando lhe foi à casa do pai pela segunda e última. O que lhe parecia por indícios aqui e ali, é que alguém se havia interposto entre êle e ela, "entre dois corações que se amam", denunciando aos pais dela os seus maus precedentes de conquistador contumaz, de forma a trancarem-lhe aquêles as portas de sua casa, a êle, Cassi.

Agora mesmo, tivera a confirmação dessa suspeita com a ingênua denúncia de Edméia, a filha de Lafões, de que Marramaque, padrinho de Clara, não gostava dêle. Era, portanto, prevenir-se contra as "intrigas" do aleijado e arredá-lo de vez. Cassi sabia que, quase sem-

pre, Marramaque parava na venda do "seu" Nascimento quando vinha do trabalho. Lá ficava bebericando com outros, até que o negócio se fechasse. A êle, Cassi, não convinha ir por todos os motivos; Timbó não podia também, por ser muito conhecido na localidade, devido à surra que levara; Zézé Mateus era um idiota. Quem iria, então, sondar aquêlo terreno? O Arnaldo, que não era conhecido no local, nem sabidas eram as suas relações com êle. Muito a contragosto, dirigiu-se para a casa dos pais. Não tinha dinheiro que prestasse para "escorvar" o jôgo.

O seu "socavão" doméstico ficava bem debaixo da sala de jantar da casa que aí acabava o seu corpo principal. As dependências restantes ocupavam um puxado longo. Quando êle entrou, percebeu que na sala de jantar, além do pai, mãe e irmãs, havia alguém que não era de hábito e dissera, ouvindo-lhe os passos:

— Há alguém aí?

— É Cassi, dissera a mãe.

— Êle não sobe aqui? perguntou a visita.

Todos se calaram e se entreolharam, enquanto o velho Manoel Azevedo explicava o fato em quatro palavras:

— Você queria, Augusto, que eu, chefe de família que prezo a honra das filhas dos outros como a das minhas, deixasse semelhante miserável sentar-se ao meu lado? Se não o pus de todo para a rua, foi devido à mãe.

— Você tem razão, mano; mas tudo isto que se diz dêle, pode ser calúnia.

— É também o meu pensamento, Augusto, falou D. Salustiana.

As moças se haviam calado por pudor, mas o velho Azevedo cortou de vez o argumento da mulher e do irmão.

— Você não leu êsses papéis escritos a máquina que mandaram a você dois dias após você chegar, para o hotel?

— Li.

— Leu as datas, a narração dos fatos, as cartas?

— Li, também, mas o tempo...



— Pois tudo é verdade; e ninguém mais do que eu, infelizmente, pode assegurar isso. Em menos de dez anos, êsse meu indigno filho fêz tudo isso. Não o posso negar em sã consciência. Se não posso...

Ao entrar, Cassi, tendo percebido que a conversa ia versar sôbre êle, colocou-se de ouvido atento, embaixo da janela, nada perdendo e conseguindo ouvir êsse trecho em que tomava parte o seu tio Augusto, irmão de seu pai, que, havia muito tempo, andava destacado numa Alfândega do Norte. Quando o velho Manoel de Azevedo falou em papéis escritos a máquina, trazendo indicações de datas e a narração dos fatos de suas complicações com a polícia e a justiça, Cassi assustou-se. Quem estaria fazendo aquêle trabalho surdo? Não era a primeira vez que tivera notícia da existência dêsse caderno misterioso e misteriosamente distribuído pelo "Correio". Dissera-lhe um investigador de uma delegacia suburbana que, logo que havia mudança de delegado ou de comissário, numa delas, o novo delegado ou o novo comissário recebia o tal caderno. Apavorava-lhe essa perseguição nas trevas, talvez, segura, que aos poucos, o ia minando. Tão indiferente era êle pela morte de suas vítimas e tão estúpido se mostrara sempre em não compreendê-las, que não podia encadear raciocínios seguros para dar a providência, mais ou menos favorável da remessa de tais cadernos.

Precisava fugir — era o que concluía; e êle se sentia ameaçado, não por duendes, mas por alçapões, homens mascarados, cárceres privados, suplícios, etc. — todo o arsenal do maravilhoso das fitas de cinema.

Entretanto, queria antes resolver o caso de Clara que, apesar de tudo, considerava em meio.

Deitou-se e dormiu regaladamente, até o alvorecer do dia. Logo que a luz do sol ganhou uma relativa nitidez, êle foi passar revista nas suas gaiolas de galos de briga. Estava tudo a postos e foi lhes dando milho tirado de uma lata que tinha em uma das mãos, e olhando todos aquêles bichos hediondos com a ternura de um honesto criador que revê o seu trabalho nas travêssas pesquisas

ou na doçura de olhar de seus cordeiros. Aos pintos, deu milho moído, trigoilho e só não deu ôvo picado porque não era dia. O seu embevecimento por aquelas horrendas aves era sincero: elas lhe faziam ganhar dinheiro. Olhou-as e perguntou de si para si:

— Quanto valeriam ao todo?

Alguns já lhe haviam oferecido quinhentos mil réis e êle estava disposto a vendê-las, por êsse preço, depois que a “coisa” estivesse acabada...

Veio tomar café no “socavão”, onde a velha Romualda lho trazia tôdas as manhãs. Era velha e a sua velhice a defendia perfeitamente contra qualquer assalto de Cassi. Perguntou-lhe êste:

— Meu tio ainda está aí?

— Quem é seu tio, nhonhô?

— Aquêlo moço que estêve ontem, à noite.

— Ah! Foi embora logo depois do chá.

Não trocaram mais palavras. Depois de servido o café e comido o pão com manteiga, a velha Romualda levou a bandeja com a xícara e Cassi tratou de vestir-se e sair.

Quase nunca parava em casa. Temia encontrar-se com o pai que, por isto ou por aquilo, houvesse resolvido ficar no lar e também por não poder suportar o desdém de suas irmãs. A casa era-lhe mais penosa do que os xadrezes, por onde passara dezenas de vêzes.

Ia à procura de Arnaldo que, morando na Estrada Real, vinha no bonde de Cascadura, para tomar o trem no Méier. Arnaldo não deixava de um só dia ir “lá embaixo”. Esperava sempre fazer um biscate e, quando não o fizesse, arranjar algum “malote” no trem.

Não se enganara. Às nove e pouco, Arnaldo com o seu nariz de tromba de tapir, os seus olhos arredios e cata-dores, chegara; Cassi disse-lhe que dêle precisava, às cinco horas ali; e pagou-lhe o café.

— Pois não, Cassi; nas ocasiões é que se vêem os amigos. Cá estarei.

Fazendo o sacrifício de perder uma tarde de colheita, Arnaldo chegou na hora marcada, ao ponto ajustado.

Cassi explicou-lhe então que devia ir, naquela tarde, à

venda do Nascimento, cuja rua e cujo número lhe deu. Chegando lá, simularia ter ido procurar por “seu” Menezes, que êle conhecia.

— Se êle não estiver? indagou Arnaldo.

— Você diz que fica à espera e ouve o que se conversa lá. Nela, devem estar, entre outros, o aleijadinho que anda sempre fardado. Êle não conhece você, como os outros, conforme espero. O que você ouvir, guarda e me conta. Se Menezes aparecer, você diz que quero falar com êle, negócio de interêsse dêle.

Cassi deu-lhe dois mil réis e êle se pôs a caminho, mas a pé, para poupar o tostão do bonde. Chegou à venda de “seu” Nascimento, teve duas decepções. Encontrara dois sujeitos, que o conheciam perfeitamente: um era um engenheiro inglês, Mr. Persons, de quem “abafara” uma capa de borracha, e o outro era o Alípio, que até o sabia da roda de Cassi.

Não se deu por vencido, e, atravessando por entre Alípio e o velho Marramaque que conversavam, foi direito ao balcão e perguntou naturalmente:

— O senhor não conhece um velho dentista, por nome Menezes?

E acrescentou:

— Êle tem vindo aqui?

O taberneiro respondeu:

— Há dias que não; e, dirigindo-se aos circunstantes, por sua vez indagou: vocês têm visto o Dr. Menezes? Todos, porém, responderam: não.

Arnaldo ia dizer obrigado, para retirar-se, quando Mister Persons perguntou-lhe:

— Sinhôr, vem cá!

Arnaldo fêz-se jovial.

— Oh! seu “mister” como vai?

— Não diga seu “mister” é “error”. Bem... Onde está mia capa?

— Trago por êsses dias, tenho me esquecido.

— Já é duas vêzes que “sinhôr” diz isso. Eu precisa da capa.

— Não me esquecerei.

E saiu apressado. O negócio da capa fôra simples. Persons não viera da cidade são de seu juízo e deixara a capa descansando no banco, ao lado, recostando-se na parede do carro. Pouco antes de certa estação, Arnaldo sentou-se a seu lado, no intento de carregar-lhe a capa. Ao pôr em prática o seu propósito, Persons despertou, mas só pôde dar com o furto, quando Arnaldo ia saindo do carro. Gritou: "minha capa". Um condutor ainda agarrou Arnaldo com a carga, mas, quando o Persons deu com o lugar em que estavam ambos, já o auxiliar o tinha largado e o trem se pusera em movimento. Guardara, porém a fisionomia do gatuno; e, vindo a encontrar-se com êle, perguntara-lhe por essa sua peça de vestuário e Arnaldo lhe dissera que a havia levado por engano.

Êle saiu corrido de vergonha; mas vendo que ninguém vinha até às portas da venda, êle voltou e se pôs a ouvir o que diziam.

O "mister" já acabara de contar a história da capa, quando Alípio, em tom de comentário, dissera:

— Isto que saiu daí é uma peste. Não sabia dessa história de furtos nos trens; mas basta êle ser do bando do tal Cassi, para não prestar.

Marramaque acudiu:

— Eu ainda não conhecia êste. Vou indicá-lo ao compadre. O tal Trembó ou Tipó, como é?

— Timbó, fêz Alípio.

— O tal de Timbó já conheço e já o aponteí ao compadre. Por falar nisto, o senhor sabe "seu" Nascimento e meus senhores, o que recebi há dias, pelo correio, na Secretaria?

— Não, responderam todos, por sinais ou por palavras.

— A vida dêsse Cassi.

— Impressa?

— Não. Copiada a máquina de escrever, com fotografias dêle, cópias de notícias dos jornais do tempo, indicação das datas dos processos e dos juízes e delegados — tudo!

— Quem lhe mandou? perguntou Alípio.

— Não sei. Recebi a coisa na Secretaria, lá a li e dei-a ao compadre, para se prevenir.

— Com uma boa garrucha, observou Nascimento.

— Ou revólver, obtemperou Marramaque.

Ouvindo tudo isto e percebendo que alguém se dirigia à venda, cuja hora de fechar não tardaria, Arnaldo deixou o lugar em que estava e correu ao encontro de Cassi que devia estar no Engenho Novo.

Encontraram-se e êle, no que não tinha o menor hábito, contou-lhe tôda a verdade vista e ouvida.

Nem Cassi nem Arnaldo não eram dados à bebida; mas o momento a pedia. Aquêlê convidou o seu dedicado companheiro a tomar uma garrafa de cerveja, o que fizeram quase sem conversar.

Acabada, pagaram e levantaram-se. Arnaldo procurou o seu rumo e Cassi meteu-se pela sombria rua do Barão de Bom Retiro.

Embora não fôsse tarde já se ouviam os tiros que os suburbanos dão, de quando em quando, para afugentar os ladrões dos seus galinheiros.

Um estourou bem perto dêle e Cassi, fingindo-se calmo e sem apreensões, disse à meia-voz:

— Ainda não foi desta vez.

\* \* \*

O  
terra  
Xaria  
Ferra da C  
Para se  
quando me  
expansão:  
dindo, em  
rotas. Pa  
ollamas, p  
inda arro  
bisco que  
uma lã  
nos o m  
cimo de u  
quize m  
de coem.  
Hã m  
toda a par  
e mil-las p  
esses m  
didos, tal  
das pare  
Hã v  
ros de m  
nos o lã  
lã para  
gita. Tal  
constante  
das é un

## VII

O SUBÚRBIO pròpriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou S. Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central.

Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio, continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passamos por um lugar que supomos deserto e olhamos, por acaso, o fundo de uma grotta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tôsko que, para ser alcançado, torna-se preciso descer uma ladeirota quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por tôda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, fôlhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato.

Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas co-roas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de es-gôto. Tôda essa população pobríssima vive sob a ameaça constante da varíola e quando ela dá para aquelas bandas é um verdadeiro flagelo.

Afastando-nos do eixo da zona suburbana logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vêzes, "correrres" de pequenas casas de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos "avenida".

As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até a noite, ficam povoados de tôda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães que, com todos aquêles, fraternizam.

Quando chega a tardinha, de cada portão, se ouve o "toque de reunir": "Mimoso"! É um bode que a dona chama. "Sereia"! É uma leitoa que uma criança faz entrar em casa; e assim por diante.

Carneiros, cabritos, marrecos, galinhas, perus — tudo entra pela porta principal, atravessa a casa tôda e vai se recolher ao quintalejo aos fundos.

Se acontece faltar um dos seus "bichos", a dona da casa faz um barulho de todos os diabos, descompõe os filhos e filhas, atribui o furto à vizinha tal. Esta vem a saber e eis um bate-bôca formado que às vêzes desanda em pugilato entre os maridos.

A gente pobre é difícil de se suportar mütuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigam, especialmente as mulheres.

O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam, a incapacidade de encontrar fora do seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. Tôdas elas se têm na mais alta conta, provindas da mais alta prosápia; mas são pobríssimas e necessitadas. Uma diferença accidental de côr é causa para que possa se julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar



omais do que o daquela, é outro. Um "belchior" de mesquinhas açula-lhes a vaidade e alimenta-lhes o despeito.

Em geral, essas brigas duram pouco. Lá vem uma moeléstia num dos pequenos desta e logo aquela a socorre com os seus vidros de homeopatia.

Por êsse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre matrozes impostos, empregados em obra inúteis e suntuárias, noutros pontos do Rio de Janeiro.

Nem lhes facilita a morte, isto é, o acesso aos cemitérios locais.

Para o de Inhaúma, procurado por uma vasta zona suburbana, os caminhos são maus e pior do que isto: dão voltas inúteis que poderiam ser evitadas sem grandes despesas. Os enterros da gente mais pobre são feitos a pé e é fácil imaginar como chegam os que carregam o morto, no campo santo municipal. Quem passa por aquêles caminhos, quase sempre topa com um. Os de "anjos" são carregados por moças e os destas também pelas da sua idade. Não há para elas, nenhuma *toilette* especial. Levam a mesma que para os bailes e mafuás; e lá vão de prosa, de azul celeste, de branco, carregando a pobre amiga, debaixo de um sol inclemente e respirando uma poeira de sufocar; quando chove ou choveu, recentemente, scarregam o caixão, aos saltos, para evitar atoleiros e poças d'água.

Os de adultos são carregados por adultos. Nestes, porém, há sempre uma modificação do indumento dos que acompanham. Os cavalheiros procuram roupas escuras, senão pretas; mas, às vêzes, surge o escândalo da sua calça branca. Vão muito pouco tristes e, em cada venda que passam, "quebram o corpo", isto é, bebem uma boa dose de parati. Ao chegarem ao cemitério, aquelas cabeças não regulam bem, mas o defunto é enterrado.

Houve, porém, uma ocasião que o corpo não chegou a seu destino. Beberam tanto que o esqueceram no caminho. Cada qual que saía da venda, olhava o caixão e

dizia: êles, que estão lá dentro, que o carreguem. Chegaram ao cemitério e deram por falta do defunto. "Mas não era você que o vinha carregando?" perguntava um. "Era você", respondia o outro; e assim cada um empurrava a culpa para o outro. Estavam cansadíssimos e semi-embriagados. Resolveram alugar uma carroça e ir buscar o camarada falecido, que já tinha duas velas piedosas a arder-lhe à cabeceira. E o pobre homem devia receber dos amigos aquela tocante homenagem dos camaradas de o levarem a pé ao cemitério, só os recebeu a meio, pois o resto do caminho para a última morada êle a fêz graças aos esforços de dois burros que estavam habituados a puxar carga bem diferente e muito menos respeitável.

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de tôdas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Cachambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Êsse movimento dura até as dez horas da manhã e há tôda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nêle tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de tôdas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprêgo, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes dêem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.

Nessas horas, as estações se enchem e os trens descem cheios. Mais cheios, porém, descem os que vêm do limite do Distrito com o Estado do Rio. Êsses são os expressos. Há gente por tôda a parte. O interior dos carros está

apinhado e os vãos entre êles como que trazem quase a metade da lotação de um dêles. Muitos viajam com um pé num carro e o outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas. Outros descem para a cidade sentados na escada de acesso para o interior do vagão; e alguns mais ousados, dependurados no corrimão de ferro, com um único pé no estribo do veículo.

Tôda essa gente que vai morar para as bandas de Maxambomba e adjacências, só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem. Tudo é tão caro como no subúrbio, pròpriamente. Não há água, ou, onde há, é ainda nos lugarejos do Distrito Federal que o govêrno federal caridosamente supre em algumas bicas públicas; não há esgotos; não há médicos, não há farmácias. Ainda dentro do Rio de Janeiro, há algumas estradas construídas pela Prefeitura que se podem considerar como tal; mas, logo que se chega ao Estado, tudo falta, nem nada há embrionário.

O viajante que se detém um pouco a olhar aquêles campos de vegetação rala e amarelada; aquêles morros escalavrados, cobertos de intrincados carrascais, onde pasta um gado magro e ossudo, fica confrangido e triste. Não há nenhuma cultura; as árvores de porte são raras; nas casas, é raro uma laranjeira virente, nem um mamoeiro semi-espontâneo desce-lhes à entrada.

Os córregos são em geral vales de lama pútrida que, quando chegam as grandes chuvas, se transformam em torrentes a carregar os mais nauseabundos detritos. A tabatinga impermeável, o barro compacto e a falta d'água não permitem a existência de hortas; e um repólho é lá mais raro que na Avenida Central.

O Rio de Janeiro que tem, na frente, na parte anterior, um tão lindo diadema de montanhas e árvores, não consegue fazê-lo coroa a cingi-lo tôda em roda. A parte posterior, como se vê, não chega a ser um neobarbante que prenda dignamente o diadema que lhe cinge a testa olímpica...

Cassi Jones, em pé, na estação do Méier, via passar

aquêles trens cheios de homens de trabalho, sem considerar que, quase com trinta anos até ali, na verdade, não havia nunca trabalhado. O seu pensamento ia para outra parte.

Desde que Arnaldo lhe trouxera notícias do que ouvira na venda, êle se sentia um pouco desanimado nos seus propósitos, em relação à filha do carteiro. Ao mesmo tempo, porém, êle percebia que tôdas aquelas precauções, contra êle, eram tomadas porque a rapariga não lhe era indiferente. De modo que — concluía êle — precisava saber ao certo os sentimentos de Clara, para então agir. Era necessário ouvir-lhe a palavra; mas como? A êle, não convinha rondar a casa da filha do carteiro. Era conhecido, seria denunciado ao pai, que, naturalmente, lhe tomaria satisfações. Qualquer que fôsse o desfecho do pugilato, êle só teria a perder. A sua fama, a sua má fama, se tinha corporificado naquele fantástico caderno que ia ter a tôdas as mãos. Não era mais formada de boquejos daqui e dali, em geral anônimos; agora, vinha documentada, com tôdas as indicações e referências precisas.

Havia nêle com o que se pudesse condenar um santo: e, se êle agredisse o carteiro Joaquim, tôda a simpatia iria para o pai que defendia, até a última extremidade, a honra de sua filha e não para êle, um contumaz e cínico sedutor. Até ali, êle contara com a benevolência secreta de juizes e delegados que, no íntimo, julgavam absurdo o casamento dêle com as suas vítimas, devido à diferença de educação, de nascimento, de côr, de instrução. Quanto à segunda e terceira causa, embora nem sempre se verificasse a segunda, podia-se admitir; mas, quanto, às duas outras considerações eram errôneas, porque êle era tão ignorante e tão mal educado, como eram em geral as humildes raparigas que êle desgraçava irremediavelmente.

De resto, êle já não contava com proteção alguma.

No comêço, foi seu pai; depois, seu tio, o capitão médico — ambos solicitados tenazmente por sua mãe; mas, agora? Agora, êle estava certo de que nenhum dêles se

abalaria e gastaria um ceutil por causa dêle. Restava o capitão Barcelos. Neste, porém, êle não depositava grande confiança. Fôsse coisa pequena em que nada se gastasse, o capitão mover-se-ia; no caso contrário, porém, fugiria com o corpo. Era preciso cautela, senão...

Cassi continuou a pesar os meios que podia encontrar para entender-se com Clara. Com Lafões, êle já não contava. Vira, na última visita que lhe fizera, que o velho português era matreiro. Com êle, não levaria vantagem alguma. Como havia de ser?

Dos bondes continuava a descer gente aos magotes que se encaminhava apressadamente para a plataforma da estrada de ferro. Alguns iam tomar um café, antes de se encaminharem definitivamente, para os "varais" da repartição; outros iam até as casas de "bicho" e deixavam lá o jôgo; mas todos iam afinal trabalhar, fazer alguma coisa, para ganhar dinheiro. Só o Sr. Cassi Jones de Azevedo ficava...

— Oh! "seu" Cassi, como vai essa fôrça?

O menestrel suburbano da modinha lânguida e acompanhamento luxurioso de olhares revirados, voltou-se e reconheceu quem falava:

— Como vai você, Praxedes?

— Eu, "seu" Cassi, vou bem. Mas êsse negócio de fôro... Ontem, apresentei uma exceção de incompetência; pensei que fôsse julgada logo, mas o juiz transformou o julgamento em diligência... Borrou-me a pintura... Hoje vou ver se uns embargos meus são recebidos. Tenho que ir lá embaixo... Às vêzes, dá-se uma penada e lá vem vinte, trinta e mesmo cinquenta...

Vendo que a conversa não interessava Cassi, mudou-a de sentido e perguntou:

— Tem ido à casa do carteiro, lá na rua Terezina?

— Há muito tempo que não; e você?

— Eu só fui lá a convite de um dos músicos. Não tenho relações particulares com a família. Por falar nisso: sabe quem saiu agora mesmo daqui?

— Não.

— O Dr. Menezes, aquêlo velho barbado, que sabe muito — não conhece?

Correu alguma coisa na cabeça de Cassi que o fêz perguntar com pressa, antes de responder:

— Para onde êle foi?

— Foi para a casa do carteiro. Está tratando dos dentes da filha e almoça quase sempre lá. Êle precisava, coitado do Dr. Menezes! — um homem ilustrado, velho, doente — quase não comia; era só beber. Isso lhe fazia mal, estava requeimando *êle* por dentro... Pode-se beber; mas é preciso comer — não acha?

Praxedes não deixava, durante tôda a conversa de mover com os braços, sem medida, nem compasso, e esticar a medonha cabeça que teimava cada vez mais em se enterrar pelos ombros adentro.

— Ê um achado para êle, fêz Cassi, reprimindo a alegria. Tenho também um trabalho para o Menezes... Se você o encontrar, diga-lhe que eu quero falar com êle.

— Não me esquecerei; mas, caso o senhor tenha pressa, pode procura-lo à noite, ali, no botequim do Fa-gundes, perto do pôsto de bombeiros. Até logo, que tenho que chegar cedo à cidade!

Cassi despediu-se também e encaminhou tôda a sua esperança de entender-se diretamente com Clara, por intermédio de Menezes. Êle sabia-o velho, alquebrado, necessitado, viciado na bebida, sem dinheiro — seria fácil vencer as suas repugnâncias. Pela primeira vez, pensou o modinheiro, tinha que gastar algum...

Em parte, êle se enganava, porquanto, embora Menezes estivesse nas últimas extremidades, até agora não fizera ato menos liso na sua vida. Podia-se classificá-lo de puro. Menezes, José Castanho de Menezes, nascera de pais portugêses, numa cidade do litoral — sul do Estado do Rio de Janeiro. Naqueles tempos, essas cidades eram prósperas; mas atualmente têm, para demonstrar a sua irremediável decadência, o fato de não se ter notícia de haver sido construído em qualquer delas, de quarenta anos a esta parte, uma única casa.

O pai tinha uma loja, um bazar, que ia próspero; mas,

com a decadência da localidade, de que foi um dos fatores a construção da Central, o estabelecimento comercial foi decaindo. O pai viu-se obrigado a suprimir despesas, uma das quais era a da educação e instrução dos filhos. O José, que já tinha dezessete anos, veio para a loja e os outros foram colocados aqui e ali, nas pescarias de "currais", que o pai tinha e na salga de peixe, levada a efeito muito rudimentarmente, também do velho Menezes.

Aos vinte e dois anos, José, que se aborrecia com aquela vida, pôs o pé no mundo e correu, durante uns trinta, o interior das antigas províncias do Rio, Minas e São Paulo. Tudo êle foi; tudo sofreu, mas sempre inquebrantavelmente honesto. Aqui, foi guarda-livros de um armazém; numa fazenda, administrador; num vilarejo, professor das primeiras letras; em certa idade, encontrou um boticário simpático que se fêz seu amigo, ensinou-lhe a manipular drogas, também a obturar e limpar dentes e a passar pequenas receitas. Foi onde se demorou mais; mas isto se veio a dar já no fim da sua carreira vagabunda, quando já não podia mudar de rumo. Na vizinhança da cidade, construía-se um depósito e modestas oficinas de pequenos reparos, para as máquinas de um ramal férreo que lá ia ter. José, que seguia as obras e via as máquinas, ficou assombrado com aquelas maravilhas de caldeiras, fornalhas, bielas, manivelas, alavancas que se coordenavam para mover e parar aquêles hediondos monstros de ferro — as locomotivas. Quis entrar no segredo de tudo aquilo e fazia perguntas sôbre perguntas. No comêço, os operários explicavam; mas as perguntas eram tais e tantas que êles acabaram por se aborrecer com elas e com o velho perguntador. Menezes não se aborreceu, pois se sentia com a vocação de engenharia e de engenheiro. Ali, porém, não tinha onde estudar. Convinha descer para o Rio de Janeiro, freqüentar aulas teóricas e aperfeiçoar-se em oficinas adequadas. O dinheiro que tinha era pouco, mas o boticão sempre dava alguma coisa e a renda tinha aumentado, graças à afluência de operários, para acaba-

mento da estradinha local. Demais, também receitava. Fazia alguma coisa: a questão era economizar. Assim fez e, durante um ano, poupou o dinheiro necessário, para ir estabelecer-se no Rio e esperar uma colocação qualquer.

O seu amigo farmacêutico não o quis dissuadir, mas disse-lhe:

— Se você fôsse mais moço, aconselharia até, porque se projetam grandes obras, no Rio; mas, já tendo você passado dos cinqüenta, é fazer o que parecer melhor a você. Em todo o caso, vou pedir ao Coronel Carvalho uma recomendação.

Durante êsse longo lapso de tempo, que vivera fora da família, recebera vagas notícias de seus pais e irmãos. Sabia que os pais tinham morrido e quase todos os irmãos; e que o único que lhe restava era remador da Capitania do Pôrto e mantinha a irmã solteira, a única que tivera. Moravam lá para a Saúde.

Menezes embarcou contente; ia afinal realizar a sua vocação. Até agora, não a tinha encontrado; mas, desde que vira aquelas máquinas e maquinismos, sentira outra coisa dentro de si. Não deixou, entretanto, de levar a mala dos ferros de dentista e a carta de recomendação.

No dia seguinte, depois de uma noite insípida no hotel, foi, indagando daqui, informando-se dali, até a Capitania do Pôrto.

Perguntou pelo remador seu irmão e, sem dificuldades, lhe informaram que, em breve, êle viria. Não esperou muito. Um homenzarrão forte, tostado, com um vestuário de marinheiro, chegou-se ao porteiro e perguntou:

— Quem é que me procura?

O porteiro apontou Menezes, sentado a um banco e disse:

— É aquêle senhor ali.

O irmão não deu muitos passos em sua direção; Menezes ergueu-se logo, correu-lhe ao encontro, perguntando:

— Você não me conhece mais?

— Não, senhor.



— Sou o seu irmão Juca.

Abraçaram-se muito e o irmão Leopoldo foi dizer ao porteiro quem era e o que havia.

— Há trinta anos! exclamou o porteiro. Você devia ser muito criança — hein, Leopoldo?

O marinheiro respondeu:

— Devia ter cinco anos.

— É verdade, informou Menezes.

Leopoldo foi arranjar licença para acompanhar o irmão, que não via há trinta anos: e Menezes ficou a conversar com o porteiro sobre coisas da roça.

— Ah! Então o senhor é engenheiro?

— Sim, mas mecânico. Trabalho, porém com o nível e com o trânsito.

— Agora, deve haver muito trabalho para engenheiro; vão-se fazer grandes obras... Aproveite, doutor!

A conversa foi interrompida pela chegada de Leopoldo que obtivera a licença. Pelo caminho, porém, contou a Menezes como todos morreram; e como êle se empregara na Capitania e casara a irmã com um colega, o Pedro Rocha, rapaz bom, bem comportado, do qual tinha um sobrinho, Edmundo, com seis anos, e com o qual morava, na rua do Livramento.

Chegando à casa do cunhado e do irmão, a sua irmã Etelevina, que êle deixara com sete ou oito anos, não o reconheceu; e, em breve, tendo-lhe chegado o marido, foi uma festa de que só não participou o sobrinho de seis anos, sempre de nariz sujo e vestes rôtas, arredio e agarrado às saias da mãe, mas sem querer tomar a bênção ao tio.

A irmã logo convidou o irmão mais velho a ficar com êles. Havia um barracão no quintal que bem reparado podia servir para Leopoldo e o quarto dêste ficaria para o Juca. Enquanto não estivesse em estado, êle teria a paciência de dormir com Leopoldo. Menezes aceitou o alvitre, dizendo:

— Se eu tenho que gastar em outra parte...

Logo foi interrompido por todos:

— Oh! não, não, Juca!

— Não é êsse motivo! fêz o cunhado.

— Não seja essa a dúvida, mano Juca.

Menezes ficou muito agradecido e acrescentou:

— Mesmo porque quero que um de vocês consiga meios e modos de falar ao Dr. Sarmiento Sepúlveda, na Câmara. Tenho uma carta para êle.

O cunhado logo exclamou:

— O quê! É um bicho.

Combinado tudo isto, Menezes instalou-se na casa dos parentes, com a sua mala e os seus ferros de dentista. Levou a carta do Coronel Carvalho ao deputado, que o atendeu muito bem, perguntou-lhe pelas pessoas gradas do lugar onde estivera e deu-lhe outra para o chefe da construção da Avenida. No dia seguinte, estava admitido. Ganhou dinheiro, não o guardou, mas se assim foi, motivo não houve em desperdício de sua parte. O irmão em breve adoecia e morria; o cunhado seguia-se-lhe logo. Custeou o tratamento de ambos; e, quando foi dispensado da comissão da Avenida, pouco após a morte de ambos, pouco ou nada tinha. A irmã ficara com uma pequena pensão mensal da "Caixa dos Remadores", cêrca de trinta mil réis, e um filho; e êle, com os seus ferros de dentista. É verdade que fizera uma pequena biblioteca de engenharia mecânica: *As Grandes Invenções*, de Luiz Figuiier; *As Maravilhas da Ciência*, de Tirrandier; manuais de tôda a sorte de ofícios e recortes de jornais que tratavam de coisas científicas ou parecidas, colados em cadernos encadernados. Dessa biblioteca, nunca se separou; e, conquanto já bebesse, com o tempo, os desgostos e a miséria atraíram-no mais para o álcool e o furor de beber o tomou inteiramente. A tôda a hora, naquele casebre dos subúrbios, onde morava com a irmã e o palerma do sobrinho, êle esperava, adivinhava, construía uma catástrofe que lhe devia cair sôbre os ombros; e essa visão de uma próxima catástrofe na sua vida entibiava-lhe o ânimo, descorçoava-o e pedia-lhe para afastar — a bebida. Na rua, se só, era a mesma coisa. Só a tinha longe dos olhos, quando de súcia com outros.

Contudo, apesar das duras necessidades que curtia,

com a irmã e o filho desta, jamais ato algum de sua vida incidira na censura de sua consciência. O pouco dinheiro que os ferros lhe davam ou os amigos, era empregado no sustento dêles, pois a casa era paga com a pensão de Etelvina, a irmã.

Cassi, para vencê-lo, para ladeá-lo, tinha imaginado o plano de, aos poucos, pô-lo a seu dispor, prendê-lo de pés e mãos, como se diz, sem êle perceber.

Sabendo onde encontrá-lo à noite, nessa mesma do dia em que soube, procurou-o. Menezes estava triste a um canto, lendo um jornal, com um cálice vazio ao lado.

O homem das modinhas chegou-se e, sem dizer palavra foi se abancando:

— Boa-noite, doutor!

— Boa-noite, “seu” Cassi, fêz Menezes, erguendo a cabeça do periódico.

— Que há de novo, por aí? Trabalha-se muito?

— Alguma coisa. Agora, as coisas me correm melhor. O Joaquim dos Anjos deu-me os dentes da filha a tratar e êle, embora pouco, sempre me paga pontualmente. É um alívio!

— O doutor é um sonhador. Tem sido explorado...

— Nem tanto. Quando fiz aquêle trabalho para uma de suas irmãs, fui muito bem pago. A minha dificuldade é não ser formado; demais, não tenho roupas... Às vêzes, “seu” Cassi, para arranjar êsses sapatos de duraque que uso, por não poder usar outros, suo sangue e faço das tripas coração...

— Paciência, doutor. Tome alguma coisa, fêz Cassi amável.

Menezes aceitou e disse amargamente:

— Estou com setenta anos e não sei o que fiz na vida.

Cassi regozijava-se, intimamente pensando: o homem está cheio de dificuldades.

— Não desanime. O Capitão Sebastião, aquêle da Prefeitura, há dias me disse que ia precisar de um dentista modesto para consertar os dentes de um filho que, na “muda”, deixou acavalar. É pouca coisa, mas talvez daí...

— Aceito tudo...

— Outra coisa, Dr. Menezes.

— Que há?

— O senhor se dá muito com o Leonardo Flores, o poeta?

— Muito. Por quê?

— É que eu queria uns versos...

Menezes não escondeu o espanto que Cassi percebeu e, sem dissimular, procurou explicar-se melhor:

— É coisa séria. Não há compromisso nenhum para os senhores... Eu daria alguma coisa até!...

— É que o senhor não sabe como o Flores é orgulhoso. Dentro daquela sujeira tôda, esfarrapado, alagado de cachaça, êle é um deus; e não lhe toque em coisas de poesia, porque senão...

— Sei bem; mas sei também que o senhor tem grande influência sôbre êle. Veja se me arranja? Olhe, doutor, não é para afrontar; tem aqui dez mil réis para as primeiras despesas. Cinco são para o senhor e cinco para êle.

— Não é preciso, disse Menezes, já um tanto convertido.

A sua miséria lhe falava. Não havia quebra de honestidade, tanto mais que não se tratava de injúrias e insultos a ninguém.

— Não, doutor; leve, leve! Tudo deve ser pago. Não é preciso grande coisa; bastam uns versos amorosos, mas delicados e finos, morais — está ouvindo, doutor?

Cassi foi-se, depois que Menezes prometeu arranjar a versalhada. Já passavam das sete horas e logo que o violeiro desapareceu, o dentista levantou, foi a um ângulo do balcão e disse para o caixeiro, dando-lhe a nota de dez mil réis, que havia recebido das mãos de Cassi:

— Paga aquêles seiscentos réis, que estou devendo e me dá mais outra "lambada".

Tomou-a e voltou a sentar-se à mesa. Comprou num jornaleiro os jornais da noite e foi se deixando ficar, levantando-se, de quando em quando, para sorver às escondidas um "calisto". Aí, pelas proximidades das dez

horas, sobraçando um maço de jornais, encaminhou-se para casa, no firme intuito de dar cumprimento à promessa que fizera a Cassi. A casa era um tanto longe, pelos bons caminhos; mas, cortando-se caminhos desertos, subindo e descendo morros, chegava-se a ela com mais presteza.

Não hesitou e tomou os atalhos que conhecia bem; e, quase por instinto, os seguia até a sua residência. Ficava esta numa campina nua; e só era cercada na frente, tôscamente, e, do lado direito, graças ao vizinho. Tinha um cajueiro mofino que disfarçava a casinha e dava uma escassa sombra à torneira d'água, onde a irmã lavava roupa, de casa e de fora. De onde em onde, Menezes cismava em plantar algumas árvores de rápido crescimento, para sombra; mas lá vinham os cabritos da vizinhança e matavam-lhe os brotos. A muito custo, conseguiu fazer um caramanchão tôsco com que ensombrasse a sala de jantar, onde dormia e que se prestasse a cozinha nos dias normais. A casa só tinha dois aposentos iguais que se comunicavam por uma porta. Não fôra a rua, não teria frente nem fundos, tão semelhantes eram essas extremidades dela. A irmã habitava o aposento da frente, dividido por uma cortina que corria do portal da porta interior até ao da que dava para a rua. Era de telha vã e de chão.

Chegou em casa e comeu o feijão e arroz com pirão de fubá de milho, que a irmã lhe guardava sempre. Fêz isto à luz de um "vagabundo", espécie de lanterna de que-rosene, reduzida aos seus últimos elementos. Bebeu dois ou três cálices de parati, pois sempre o tinha em casa; e estirou-se num velho canapé, com um fundo de tábuas de caixões, acolchoado com jornais. A roupa, êle a tinha tirado com todo o cuidado e com todo o cuidado depositado na guarda de uma cadeira de pau, a única existente na casa. A mesa de pinho, uma carcomida velha mesa de cozinha, tomava o resto do aposento; e, nela, roncava o palerma do sobrinho. Cobriu-se com uma manta, feita de metades de duas outras, e dormiu serenamente.

Logo pela manhã, no dia seguinte, a irmã despertou-o assustada:

— Juca! Juca!

— Que é, mulher? Não se pode dormir mais nesta casa...

Depois, mudando de tom:

— Que há Etelvina?

— Precisamos de açúcar, café, e já devemos ao pai deiro seiscentos réis.

— Você vai ao bôlso do colête e tira de lá tôdas as pratas e níqueis que encontrares. Deixa só quatrocentos réis. Julgo que deve haver uns três mil e tantos a quatro mil réis. Fica com tudo. Dá-me um cálice, aí!

A irmã não parecia mais moça do que êle, quinze anos. Era velha, encarquilhada, magra, quase desdentada, cabelos completamente brancos, tôda ela respirando cansaço e desânimo.

Ela chamou o filho — Edmundo! — que logo apareceu. Mole, bambo, a muito custo aprendera a ler e a rabis-car, a esforços do tio; mas não ficava em lugar nenhum. Tal era a sua inércia e moleza que logo era despedido. O seu ofício era caçar preás, rãs, para vender aos estrangeiros da “Fábrica”, apanhar passarinhos e, de onde em onde, ajudar a fazer pescarias, no pôrto de Inhaúma.

A mãe, com o produto de suas pobres lavagens para fora, era afinal quem o vestia, porque êle bebia tudo o que ganhava, mas raramente tocava na garrafa que o tio tinha em casa, e não trazia bebida para casa, absolutamente.

Tendo Etelvina servido o irmão de parati, êste verificou que a garrafa continha pouco e, à nota das compras a fazer, mandou que juntasse mais meia garrafa de aguardente. A que restava, passou-a para um vidro de farmácia.

A irmã não se conteve que não exclamasse:

— Ah! Santo Deus! Êsse parati é uma desgraça...

— Não há dúvida, mana; mas, agora, não posso mais parar, senão morro... Olha o jornal! gritou êle para Edmundo...

— Sim, titio, respondeu-lhe o sobrinho, do meio da rua.

Como também tivesse pressa em tomar café, Edmundo fêz prestamente as compras. A fogo de gravetos, em breve o café estava pronto. Menezes, a irmã e o sobrinho tomaram-no em redor da mesa; ela, sentada na cadeira e êles, no velho canapé.

Bebericando e lendo o jornal, o velho dentista deixou-se ficar deitado. Era dia santo, quase feriado, dia de ponto facultativo — que iria fazer? Lembrou-se de procurar Leonardo Flores. Era a sua obrigação. Almoçaria e iria até a casa dêle. Assim fêz. Encaminhou-se imediatamente para a casa de Leonardo Flores, que não ficava muito longe, pela Estrada Real, em cujas margens residiam êle e sua irmã Etelvina com o filho.

Em lá chegando, foi recebido pela mulher, D. Castorina, que o fêz entrar. Estava avelhantada, gasta, já não pela idade que não podia ser ainda de cinqüenta anos, mas pelos trabalhos por que tinha passado com o marido, mais do que com os próprios filhos. Nunca se lhe ouviu um queixume, nunca articulou uma acusação contra Flores. Sofria todos os desmandos do marido com resignação e longanimidade. Êsse seu gênio, êsse seu temperamento de doçura e perdão em face da exaltação, da exacerbação, até quase delírio, do marido, fizera que êste produzisse o que produziu. Não fôra ela, aquela pequena mulata, magra, de olhos negros e tristes, rindo-se sempre com uma profunda expressão de melancolia; não fôra aquela humilde mulatinha, que estava ali defronte de Menezes, talvez Flores não fizesse nada. Êste sabia disso e a amava, apesar de tudo o que pudesse depor contra êles e ela tinha, no fundo dalma, apesar dos desregramentos do seu marido, um grande orgulho de sua glória.

D. Castorina informou-o que Leonardo havia saído, para visitar um amigo, em companhia de um filho; e, talvez passasse o dia em casa dêle. Menezes ainda conversou um pouco, tomou dois cálices de parati de Man-

garatiba, que um filho seu, auxiliar de trem, trouxera para o pai.

Na hipótese — e muito plausível, consoante o gênio de Leonardo — de que êle houvesse parado na venda do “seu” Nascimento, foi até lá. Não o encontrou e saiu com a consciência dolorida, pelo que ouvira da boca de Marramaque, de Alípio e demais.

Teve remorso e vergonha do que estava fazendo? Para que iria êle, arranjando aquêles versos, contribuir? Dirigiu-se para o Engenho de Dentro, a ver se encontrava alguém com quem conversar e disfarçar aquêles comêço de acusação que, à sua fraqueza, se debuxava na sua consciência. Encontrou um grupo de rapazes da Estrada de Ferro, que eram sempre generosos com êle. Estavam ruidosos e contentes. Menezes sentou-se na roda, mas não houve meio de despregar a língua.

— Que é isto, Menezes? Bebe! fêz um.

Êle bebia, mas o espinho não saía. Conversava afinal um pouco. Num dado momento, vendo que era demais na conversa com a sua tristeza e o seu arrependimento reprimido, despediu-se. Um lhe perguntou:

— Vais para casa? Tens dinheiro?

Êle respondeu:

— Vou já para casa; mas dinheiro não tenho.

Os rapazes fizeram-lhe um rateio que per fez dois mil réis; e, quando saía, um outro, levantando os braços de um dos quais pendia uma antiquada bengala de cerejeira, gritou para o caixeiro:

— Antunes, dá uma garrafa de “cachaça” — “cachaça”, estás ouvindo? “Cachaça”! — dá uma garrafa de “cachaça” para o nosso querido Menezes espantar as suas mágoas.

Quando Menezes apareceu em casa, a irmã foi-lhe logo dizendo:

— Juca, foi bom você aparecer. Estou sem dinheiro para carvão, farinha e querosene. O que você deu não chegou... Fui comprar carne sêca — lá se foi todo o dinheiro.

O velho Menezes, semi-embriagado, já sem decidir per-



atamente, tirou os cinco mil réis que estavam escondidos na algibeira, e destinados a Flores, juntou mais dez tostões e disse para a irmã:

— Tens aí seis mil réis até segunda-feira. Mana, você lá não tem direito de me pedir mais dinheiro. Hoje sexta-feira, temos sabado e domingo garantidos.

Bebeu um cálice do parati que trouxera, deitou-se e começou ler os jornais que os rapazes lhe deram; mas não pôde. O sono o tomou até a hora do jantar. Quando abriu os olhos e se lembrou de ter dado os cinco mil réis, destinados a Flores, em troca dos versos, aborreceu-se um pouco; mas pensou e fez de si para si; eu me arranjo. Comeu bem e enquanto houve luz do sol leu e viu os jornais que tinha; quando veio a noite, continuou a lê-los, sempre bebericando aguardente.

No dia seguinte, logo que amanheceu, ainda não se havia feito o dia totalmente, foi até a bica, lavou-se quase silenciosamente, aproveitando a escuridão, preparou o café, tomou uma xícara, seguida de alguns cálices de parati, saiu-se na rua antes das sete horas. Era ainda cedo, para ir à casa de Leonardo Flores. Foi à estação, comprou um jornal, leu-o e seguiu à residência do amigo. Flores estava encontrava de pé e quase todos de casa. Recebeu-o vestido com uma calça velha e de camisa de meia. Estava escrevendo. Ao se lhe deparar o amigo, olhou-o muito demoradamente; e, em seguida, fazendo com os braços um gesto perfeitamente teatral, inclinando para trás a cabeça e estufando o peito, conforme o consagrado ritual para encontros sensacionais, falou com voz grave e solene:

— Tu, Menezes! Es tu, Pítias da minha alma! Noções há muitos sóis que não hei recebido de ti. Entra neste solar amigo e repousa a fadiga da jornada na bela credência de Córdova que o Abd-el-Malk, caído do trono das Alas, me mandou de Marrocos e foi do último rei de Granada, Boabdill, que chorou...

— Flores, estás discursivo demais...

Disse Menezes, sentado na tal credência de Córdova,

que não era nada mais do que uma vulgar cadeira austríaca de palhinha.

— Bebe tu agora o licor de boa amizade. É produto genuíno das minhas terras solarengas e avoengas de Mangaratiba.

Tomaram o “licor de boa amizade”; e, após, o poeta, falando em tom natural, perguntou ao amigo:

— Como vais, Menezes?

— Assim; e tu?

— As vezes, bem; às vezes, mal — conforme a lua. Já tomaste café?

Embora dissesse que sim, Flores teimou em servir-lhe outra xícara, que foi buscar à cozinha. A sala de visitas era a mesma de há vinte anos. Tinha resistido a tôdas as mudanças e tôdas as despesas. Um sofá austríaco, velho, esburacado; duas cadeiras de braço da mesma marca, um trio de cadeiras de todos os feitios. Pela parede, além de outros, um magnífico retrato a óleo de pintor, feito por uma celebridade, quando nos seus começos. Uma velha estante de ferro com brochuras espandongadas e uma mesa furada com toalha de aniagem, bordada a lã de várias côres. Tinteiro, canetas e o mais para escrever.

Flores voltou com as xícaras cheias, pão e manteiga. Depositou tudo na mesa e sentou-se. Menezes notava com admiração que o amigo não dava nenhum sinal de desequilíbrio, nem de embriaguez. Isso fêz-lhe prazer e, pondo-se a tomar café, perguntou-lhe:

— Flores, tu ainda fazes versos?

— Bárbaro que tu és! Pois então tu podes imaginar que eu, Leonardo Flores, deixe de fazer versos? Eu vivo de versos e no verso. Minha cabeça é um poema, interminável, que minha alma ritma soberbamente. Não sei outra língua, senão a divina das Musas... Contraria-me falar como estou falando...

Calou-se um pouco e ambos sorveram o café a grandes goles, mastigando grandes pedaços de pão com manteiga. Flores cessou de mastigar e perguntou:

— Por que tu me perguntaste se eu ainda fazia versos?

Ingênuamente, Menezes respondeu:

— Tinha uma encomenda dêles a fazer-te.

— O quê? fêz indignado Flores, erguendo-se, num só e rápido movimento, da cadeira, e deixando a xícara sobre a mesa. Pois tu não sabes quem sou eu, quem é Leonardo Flores? Pois tu não sabes que a poesia para mim é a minha dor e é a minha alegria, é a minha própria vida? Pois tu não sabes que tenho sofrido tudo, dores, humilhações, vexames, para atingir o meu ideal? Pois tu não sabes que abandonei tôdas as honrarias da vida, não dei o conforto que minha mulher merecia, não eduquei convenientemente meus filhos, unicamente para não desviar dos meus propósitos artísticos? Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude; dia e noite lia e relia versos e autores; dia e noite procurava na rudeza aparente das coisas achar a ordem oculta que as ligava, o pensamento que as unia; o perfume à côr, o som aos anseios de mudez de minha alma; a luz à alegoria dos pássaros pela manhã; o crepúsculo ao ciclo melancólico das cigarras, tudo isto eu fiz com sacrifício de coisas mais proveitosas, não pensando em fortuna, em posição, nem respeitabilidade. Humilharam-me, ridicularizaram-me e eu, que sou homem de combate, tudo sofri resignadamente. Meu nome afinal soou, correu todo êste Brasil ingrato e mesquinho; e eu fiquei cada vez mais pobre, a viver de uma aposentadoria miserável, com a cabeça cheia de imagens de ouro e a alma iluminada pela luz imaterial dos espaços celestes. O fulgor do meu ideal me cegou; a vida, quando não me fôsse traduzida em gloseria, aborrecia-me. Parei sempre no ideal; e esse êste me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreender certos atos desarticulados da minha existência, entretanto, elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão, fui poeta! Para isto, fiz todo o sacrifício. A Arte só ama a quem a ama inteiramente, só e

unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava, não só a minha redenção, mas tôda a dos meus irmãos, na mesma dor. Louco? Haverá cabeça cujo maquinismo impunemente possa resistir a tão inesperados embates, a tão fortes conflitos, a colisões com o meio tão bruscas e imprevistas? Haverá?

Flores havia falado até agora de pé, no meio da sala, sublinhando tudo com voz conforme a paixão lhe tocava. Fatigou-se, calou-se um pouco, cruzou os braços adiante do corpo, enterrou o queixo ponteagudo e barbado no peito, e, assim, sempre calado, ficou instantes a sacudir levemente a cabeça, um tanto virada para a esquerda, olhando o amigo desoladamente. Era êle pardo claro e cabelos negros e lisos, com abundantes fios brancos; tinha malares salientes e a bôca bem feita. Altura média. Diante da explosão do amigo, Menezes não encontrou nada que dizer. Calou-se prudentemente e evitou o olhar de Flores onde êste lhe censurava, e, ao mesmo tempo, se apiedava pela incompreensão que não podia existir num velho amigo, tal como Menezes, pela verdadeira natureza e poder do seu estro e pelo seu ardor artístico.

Leonardo, com menos paixão e entusiasmo, continuou:

— Sim, meu velho Menezes, fui poeta, só poeta! Por isso, nada tenho e nada me deram. Se tivesse feito alambicados jeitosos, colchas de retalhos de sêdas da China ou do Japão, talvez fôsse embaixador ou ministro; mas fiz o que a dor me imaginou e a mágoa me ditou. A saudade escreveu e eu translado, disse Camões; e eu transladei, nos meus versos, a dor, a mágoa, o sonho que as muitas gerações que resumo escreveram com sangue e lágrimas no sangue que me corre nas veias. Quem sente isto, meu caro Menezes, pode vender versos? Dize, Menezes!

— Não. Deve sempre assiná-los.

— Pois eu não vendo, passe por que passar. Sofram, sonhem e bebam cachaça, se o quiserem fazer. Isto não será bastante — disse êle com melancolia — é preciso ter nascido como eu, ter perdido todos os seus irmãos na pobreza e ter um, há vinte anos, atacado da mais estú-

vida forma de loucura, para os poder fazer. Isto, porém, ninguém pode obter por sua própria vontade. Bendito seja Deus!

Sentou-se com os olhos úmidos, tomou uma "talagada" do "Mangaratiba" e dispôs-se a escrever, recomendando ao amigo:

— Deita-te no sofá e lê os jornais, enquanto escrevo alguma coisa, até o "ajantarado".

Menezes assim fêz. Veio a dormir e, quando despertou, ficou admirado da amplitude da sala e ter as pernas livres. Sonhara que estava prêso e acorrentado...

• • •

U m do  
do  
tr  
ralia  
cio era  
entrem  
sso de  
reias, m  
e curru  
pí prove  
quem f  
No som  
e d  
do dif  
toparim  
estudo  
A ma  
fi e, m  
os seu  
de paz  
das m  
Jama  
tanta  
que m  
de in  
carina  
Para q  
e arad  
Mim  
tado,

## VIII

U M dos traços mais simpáticos do caráter de Joaquim dos Anjos era a confiança que depositava nos outros, e a boa-fé. Ele não tinha, como diz o povo, malícia no coração. Não era inteligente, mas também não era pécco; não era sagaz, mas também não era tolo; entretanto, não podia desconfiar de ninguém porque isso lhe fazia mal à consciência. Não se diga que, às vezes, não recebesse certos conhecimentos com reservas e cautelas; tal coisa, porém, era rara e devida a estar já prevenido de antemão com o sujeito. Em geral, fôsse quem fôsse, êle acolhia com simpatia, de braços abertos. Na sua simplicidade, a maldade, a má fé, a perversidade, a duplicidade dos homens lhe pareciam coisas tão raras, tão difíceis de medrar numa criatura de Deus, que só topariam com elas os que lhes andassem à procura, para estudos e coleções.

A sua vida se havia desenvolvido até ali na maior boa fé e, como houvesse sido feliz, no seu ponto de vista, os seus cinqüenta anos julgavam o mundo como um reino de paz, de concórdia, de honestidade e lealdade, apesar das notícias de jornais.

Jamais lera jornais habitualmente. Se tomava um e tentava ler qualquer coisa, logo lhe vinha o sono. Tudo que não viesse ferir-lhe o ouvido, não suportava, e não lhe ia à intelligência. Não compreendia um desenho, uma caricatura, por mais grosseira e elementar que fôsse. Para que pudesse receber qualquer sensação duradoura e agradável, era-lhe preciso o "som", o "ouvido".

Música, desde que fôsse aquela a que estava habituado, encantava-lhe; canto, mesmo acima da trivial mo-

dinha, arrebatava-o; versos, quando recitados, apreciava muito; e um grande discurso, cujos primeiros períodos ele não seria capaz de lê-los até o fim, entusiasmava-fôsse qual fôsse o assunto, desde que o dissesse um grande orador. Era pobre de visão e o funcionamento de seu aparelho visual era limitado às necessidades rudimentares da vida.

Conquanto razoavelmente empregado, nunca deixou a música. Não tocava em bandas nem em orquestras, mas tirava partes, instrumentava, compunha de quando em quando, ganhando algum dinheiro com isso.

Tôdas as tardes, após o serviço, reunia-se com outros músicos militantes, bebericavam, conversavam, falavam sobre a "Arte", as orquestras de cinemas, a música de tal peça ou daquela outra, lembravam colegas mortos e, as seis horas, por aí assim, encaminhava-se para casa, sempre com um rôlo de papel de música.

Trabalhava nas encomendas, após o jantar. Punha-se de calças e camisa de meia, nos dias quentes, ou com um paletó velho, nos frios, e enfronhava-se nos compassos, nos sustentidos, nos acordes, até alta noite. Tinha ensinado à filha os rudimentos da arte musical e a caligrafia respectiva. Não lhe ensinara um instrumento porque só queria piano. Flauta não era próprio, para uma moça; violino era agourento e o violão era desmoralizado e desmoralizava. Os outros que o tocassem, sem música ou com ela; sua filha, não. Só piano, mas não tinha posses para comprar um. Podia alugar, mas tinha que pagar professôra para a filha. Era duas despesas com que não poderia arcar. O rendimento da música não era coisa certa; e os seus vencimentos tinham emprêgo obrigado no vestuário seu, da mulher e da filha, no armariz, etc., etc.

Por isso, não levou avante os estudos musicais da filha, os quais, por falta de convivência e tempo, não passaram de pouca coisa que ele podia ensinar. Mesmo ela não tinha nenhum ardor musical, nem de repetir, nem de reproduzir, nem de criar; aprazia-lhe ouvir e era bastante para a sua natureza elementar. Nem a rela-



tiva independência que o ensino da música e piano lhe poderia fornecer, animava-a a aperfeiçoar os seus estudos. O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. Não imaginava as catástrofes imprevistas da vida que nos empurram, às vêzes para onde nunca sonhamos ter de parar. Não via que, adquirida uma pequena profissão honesta e digna do seu sexo, auxiliaria seus pais e seu marido, quando casada fôsse. Ela tinha bem perto o exemplo de D. Margarida Pestana que, enviuvando, sem ceítel, adquirira casa, fizera-se respeitada e ia criando e educando o filho, de progresso em progresso, fazendo tudo prever que chegaria à formatura ou a coisa parecida.

A muito custo, devido à insistência de D. Margarida, consentira em ajudá-la nos bordados, trabalhados para fora, com o que ia ganhando algum dinheiro. Não que ela fôsse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher.

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia tôda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a sua vida, sôbre o angustioso mistério da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sôbre o emprêgo que demos à nossa existência. Não havia em Clara, a representação, já não exata, mas apro-

ximada de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar que não lhe permitia meditar um instante sobre o seu destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinham muita culpa nisso tudo; mas, a sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida. Para ela, a oposição que, em casa, se fazia a Cassi, era sem base. Êle tinha feito isto e aquilo; mas — interrogava ela — quem diria que êle fizesse o mesmo em casa de seu pai?

Seu pai, pensava ela, estava bem empregado, relacionado, respeitado; êle, portanto, não seria tão tolo que fôsse desrespeitar uma família honesta que tinha por chefe tal homem. De resto, êsses rapazes não são culpados do que fazem; as moças são muito oferecidas...

Com raciocínios dêsse jaez e semelhantes, Clara, na ingenuidade de sua idade e com as pretensões que a sua falta de contacto com o mundo e capacidade mental de observar e comparar justificavam, concluía que Cassi era um rapaz digno e podia bem amá-la sinceramente.

O padrinho Marramaque parecia-lhe seu inimigo. Sempre que podia, contava mais uma proeza, mais uma falcatura de Cassi. Não lhe cansava o assunto.

Clara até tinha, às vêzes, vontade de dizer a seu padrinho: "Padrinho, êsse Cassi deve ser muito rico, porque compra a polícia, a justiça, para não ser prêso. Olhe: se êle fôsse condenado pela metade dos crimes que o senhor lhe atribui, estaria já na cadeia, por mais de trinta anos."

Ela se enganava, porque não conhecia a vida. Para se escapar aos crimes de Cassi, basta um pouco de proteção e que o acusado seja bastante cínico e ousado.

Vivia assim ansiosa e ofegante, querendo e não querendo ver o modinheiro; ora, convencendo-se de tudo que diziam dêle; ora, não acreditando e apresentando ao seu próprio espírito dúvidas e objeções, quando Menezes

veio tratar dos seus dentes, após umas fortes dores, que a prostraram de cama.

Um certo dia, o pai lhe havia dado, ao sair, pela manhã, um trabalho de música, para copiar, de forma que, à tarde, estivesse pronto. Não era longo, mas exigia atenção. Depois do almoço, aí pelas onze horas, pôs-se a copiar, mas, súbitamente, deu-lhe uma dor de dentes, que a fez gemer e até chorar.

Engrácia, sua mãe, correu a acudi-la. Como sempre, porém, ficou estonteada, sem saber o que fazer, que paliativo dar; Clara, mal falando, disse-lhe que mandasse chamar D. Margarida.

Em vindo esta, applicou remédios caseiros, mandou buscar malva, pela criada que tinha em sua casa; fez Clara bocejar e foi-se para a casa tratar dos seus bordados e costuras.

Engrácia, porém, não se acomodava, andava de um lado para outro, impaciente que o marido chegasse. Todas as moléstias existentes que a natureza cria e os médicos, por desfastio, inventam, ela supunha poder ter sua filha.

Não havia nenhuma lucidez nos seus raciocínios quando um acontecimento de aparência grave lhe tocava, e pior ficava quando se tratava da filha.

O seu amor a Clara era um sentimento doentio, absorvente e mudo. Queria a filha sempre junto a si, mas quase não conversava com ela, não a elucidava sobre as coisas da vida, sobre os seus deveres de mulher e de moça. A não ser no caso de Cassi, o seu instinto de mãe falara mais alto do que a sua inércia natural, nunca punha em prática uma medida eficaz que traduzisse amparo e direção de mãe na conduta da filha. Pensava, mas não chegava ao ato.

O dia inteiro quase passavam as duas mulheres metidas cada uma consigo mesmo.

A mãe lavava a roupa no tanque, ao lado da casa; e a filha se encarregava dos arranjos domésticos. A cozinha era feita por ambas ou só por Clara, quando não tinha

músicas do pai a copiar ou sua mãe tinha muita roupa na lavagem.

Joaquim, o Quincas, como o chamava a mulher, saía, nas primeiras horas da manhã, passava pela venda, fazia as encomendas, tomava um "calisto" e conversava um pouco com o "seu" Nascimento.

— Não acredito que "êle" venha, nem também que o outro se repimpe no Catete.

— Seria bom para o senhor... dizia Nascimento.

— O quê? Nem o conheço... Qual! Nada tenho com um nem com outro...

— Mas, é seu patrício...

— Como o senhor é, como o outro é também. Somos todos brasileiros... Eu, "seu" Nascimento, só cuido da mulher e da filha e, um pouco, da música.

— Por falar em música: que tal aquêlê Cassi?

— Quer que lhe diga uma coisa: como músico, não vale nada. Dá cada cincada...

— Mas tem fama...

— A fama dêle vem do dengoso, do meloso que êle põe no cantar, chegando a ser até uma indecência. Êle canta que parece estar num café-concêrto, no meio de mulheres de vida airada...

— Por aí, apreciam-no muito.

— São essas meninas bôbas que não têm quem lhes abra os olhos... Olhe "seu" Nascimento, na minha casa, êle não me põe mais os pés.

— Marramaque, seu compadre, já me tinha dito isto e...

— O compadre exagera muito. O compadre tem o seu ponto de honra de poeta... O senhor sabe; êle já figurou, escreveu em jornais e revistas, teve roda e convivência de certa ordem, não pode admitir que um quase analfabeto, como Cassi, tenha fama de artista... A culpa não é dêste; é do nosso meio, que não tem instrução nem preparo.

— "Seu" Joaquim, o senhor já viu o caderno que mandaram a seu compadre sôbre o tal Cassi?

— Já.

— Que pensa daquilo tudo?

— Se é verdade, êle merece a fôrça.

— Pois dizem que é. O senhor não sabe quem é a tia Vicência que mora por aqui, na rua da Redenção?

— Não.

— Conheço-a eu. Ela é pessoa da casa de Cassi e diz que tudo aquilo é verdade. Conta até mais detalhes.

— E quem é que espalha o tal caderno?

— É um oficial do Exército, homem preparado, parece um engenheiro, cuja mulher atual é aquela moça que Cassi desonrou e a mãe matou-se por isso, há cinco anos.

— Quem lhe disse isso?

— Vicência. Ela conhece não só a família do violeiro, como muitas das vítimas. Diz que o marido dessa moça, lhe não dá cabo do canastro, para não fazer escândalo; mas, na primeira em que se meter, toma a peito a causa da vítima, seja quem fôr.

Joaquim dos Anjos ouviu isso, calou-se um pouco e, sem nada responder, recomendou:

— Não se esqueça de mandar, principalmente a lenha que é precisa para o almoço. Estou na hora... Até logo!

Saiu, pensando nesse tal Cassi que, por mais que quisesse esquecê-lo, sempre estava presente à sua memória, sempre estavam a lembrá-lo, como se fôsse uma grande coisa, um homem notável e de posição. Que é que poderiam dizer com isso? Preveni-lo? O carteiro sorriu intimamente: "êle não ousará"! E pensou na sua garfacha de dois canos, com as quais se viaja em Minas, presente ainda do inglês, seu primeiro patrão.

Homem forte, leal, direito, Joaquim, tanto tinha nos outros, como em si uma confiança ilimitada. Não desconfiava, nem admitia que se desconfiasse; mas êsse tal Cassi...

Estendia essa sua confiança à sua mulher, no que tinha razão; mas não à filha, como fazia, porque, no tocante a esta, precisava contar com a crise da idade, a imbecilidade de sua educação doméstica e a atmosfera de corrupção com que o meio a envolvia, admitindo tácita-

mente que ela estava fadada ao destino das "outras". Joaquim dos Anjos não tinha capacidade intelectual para tanto...

Cessou de pensar em Cassi e pôs-se a cogitar no trabalho, nas gratificações e nos aumentos. Chegou à repartição, assinou o ponto, cumprimentou os colegas e chefes; e, à hora certa, tomou a correspondência a distribuir e lá correu para escritórios, casas de comércio, entregando cartas e pacotes.

Vinha tudo isto com nomes arrevezados; franceses, ingleses, alemães, italianos, etc.; mas, como eram sempre os mesmos, acabara decorando-os e pronunciando-os mais ou menos corretamente. Gostava de lidar com aqueles homens louros, rubicundos, robustos, de olhos côr do mar, entre os quais êle não distinguia os chefes e os subalternos. Quando havia brasileiros, no meio dêles, logo adivinhava que não eram chefes. Almoçava frugalmente e até as cinco executava o serviço, isto é, as várias distribuições de correspondência.

Terminado o trabalho, procurava os seus colegas de arte e, aí pelas cinco, cinco e meia, metia-se no trem para a casa.

Naquele dia, conforme o seu costume, preencheu-o todo assim, sem nenhuma discrepância ou variante, como se obedecesse a um programa. Quando chegou em casa, já se fazia escuro e os lampeões da iluminação pública estavam acesos e prontos a suceder, consoante o seu poder, à soberba luz do sol que ia morrendo, num crepúsculo cambiante e lento, por detrás das montanhas que se destacavam num fundo de prata, de ouro e de púrpura, na parte do horizonte em que êle se escondia.

Veio-lhe abrir a porta a mulher que, antes de mais nada, lhe foi dizendo:

— Ah! Quincas! Você não sabe como me vi atrapalhada, hoje, aqui... Se não fôsse D. Margarida...

— Mas o que houve, Engrácia?

— Clara ficou doente de repente, pôs-se a gemer e eu, sem ninguém, não sabia o que fazer. Felizmente, gritei por D. Margarida que acudiu.

— Que é que ela teve, mulher?

— Dentes, Quincas; mas uma dor muito forte.

— Ora, você mesmo! Você é uma pamonha. Então dor de dentes é moléstia que assuste ninguém?

— É que você não viu.

— Vamos ver o que há?

Dirigiu-se para o quarto da filha, que tinha o queixo amarrado num lenço dobrado e perguntou:

— Que houve, Clarinha?

— Nada. Tenho aqui um dente furado que me dói de quando em quando. Hoje doeu-me mais fortemente, gemi e tive que me deitar. Felizmente o remédio, que D. Margarida me deu, fez passar a dor, mas tenho o queixo inchado...

— Não é nada?

— Penso que sim, disse Clara, e acrescentou: olhe, papai, não pude passar a limpo a música.

— Não faz mal, eu mesmo passo.

Depois ajuntou, voltando-se para a mulher:

— É preciso levar essa menina ao dentista, Engrácia, enquanto está no comêço.

— Dentistas! Deus me livre!

— Por que, mulher de Deus?

— Porque é casa de perdição, Quincas.

— Qual perdição, qual nada. Perde-se quem quer ou quem já está perdido.

— Você que a leve, Quincas. Não posso sair todo o dia... Você sabe que não posso andar muito...

— Eu não posso, pois tenho de ir para o serviço.

Pôs-se a pensar, olhando a filha deitada, com os doces olhos negros, a interrogar o pai, quando lhe surgiu um pensamento:

— Vou chamar o Menezes. Ele não é formado, mas tem prática e pode certamente fazer o que se trata. Que acha, Engrácia?

— Acho bom, se êle vier em casa.

— Ele virá, pela manhã. Almoçará com vocês e dar-lhe-ei alguma coisa.

— Você quer, Clara? perguntou o pai.

— Aceito e acho bom. Não é preciso sair e mamãe não se incomoda.

Foi assim que Menezes entrou a tratar dos dentes de Clara, fato de que tão oportunamente Cassi tivera notícias pelo Dr. Praxedes, no Méier. Para o velho Dr. Menezes foi uma salvação, porquanto, embora trabalhasse, não era pago ou o era mal e irregularmente. Com o carteiro, as coisas se passavam de outra forma; e, além disso, almoçaria todo o dia — vantagem que não era de desprezar.

Sabendo que Menezes estava todos os dias com Clara, Cassi que havia resolvido pôr arco à rapariga, tratou de aproveitar o estado de miséria, de abatimento moral em que estava o velho dentista, para realizar os seus confessáveis fins. Encomendou-lhe aquêles versos que deviam ser feitos por Flores e deu-lhe dinheiro, já prevendo que Menezes gasta-lo-ia e não obteria os versos. Tudo isto aconteceu; mas Menezes, quando, no dia seguinte, se lembrou da recusa de Flores e de ter gasto o dinheiro, não achou outro alvitre senão êle mesmo fazer os versos. Ficou o dia inteiro a martelar, a riscar, a emendar e, ao fim do domingo, tinha feito algumas quadras com mais ou menos sentido. Nunca, a bem dizer, fizera versos; mas, tendo corrido montes e vales, lidara com poetas e tinha o ouvido educado. De resto, escolhera o metro popular, a quadra de sete sílabas; e tanto fêz que, pela tardinha, a poesia estava pronta e o pobre velho ficou muito contente consigo mesmo, como se tivesse feito obra de vulto. Bebeu bastante e dormiu satisfeito. Havia cumprido a sua palavra de qualquer forma. Se os versos não eram de Leonardo Flores, eram dêle. Não seriam tão bons; mas, pelo menos, desculpariam o gasto dos cinco mil réis, que lhe remordia a consciência.

Na segunda feira, à noite, depois de ter andado por tôda a parte, com a sua velha mala de ferros de cirurgia-dentista, Menezes foi se postar no botequim do Fagundes. Sentou-se, como de hábito, na última mesa, aos fundos, encostada à parede, com um jornal debaixo dos



olhos e um cálice de parati na frente. Êle bebia aos goles, à vista de todos, sem vexame algum. Fazia-lhe mal, como mal faz a todo mundo; mas era solicitado a beber para se atordoar, para não se recordar, para não estar só com o seu passado, para afugentar o terror que a vida lhe inspirava, na miséria, quase indigência em que se achava, naquela idade avançada de mais de setenta anos, alquebrado, doente, sem uma amizade forte, sem um parente que o amparasse, sem uma pensão qualquer.

Cassi foi encontrá-lo engolfado na leitura do jornal:

— Pensei, disse ao sentar-se, que o doutor se havia esquecido.

Menezes, descansando o modesto *pince-nez* em cima da mesa, onde já havia pôsto o jornal, respondeu:

— Qual o quê! Sou homem de palavra... Demais, o senhor me havia dado o dinheiro e, assim, o trato ficava mais sagrado.

Cassi tinha uma grande dificuldade em ser amável, tomar a entonação de voz conveniente, adaptar o olhar a ela, ajeitar adrede os músculos da face...

Não era capaz disso quando sincero, que fará quando falso! Todo êle era rude, metálico, grosseiro e áspero. Enfim, fêz o que pôde e disse:

— Por isso, não, doutor! Eu não me lembrava de tal fato! Aquilo foi para uns beberiques... Arranjou?

— Arranjei; mas não com o Leonardo.

— Êle não quis ou...

— Não; estava bom. Como já lhe disse em certa ocasião, Flores é por demais orgulhoso, quando se trata de versos dêle; e, ao falar-lhe no "negócio", deitou-me um discurso enorme, dizendo que era isto e aquilo, tinha feito tais e quais coisas e, por fim, que não vendia versos.

— Nem dados?

— Não lhe propus; mas estou certo que não daria.

Pelo que disse, os versos que lhe saíam da cachola, eram dêle e só dêle.

— E com quem arranjou?

— Fi-los, eu mesmo. Não serão...

— Vamos ver, doutor.

Menezes puxou de dentro da algibeira do interior do fraque cinzento, um volumoso embrulho de papéis sebosos, procurou o que continha os versos, pôs o *pince-nez* e disse:

— Vou lê-los, para o senhor compreender melhor. A minha letra é muito ruim.

— Leia, doutor.

Menezes concertou os óculos, experimentou uma melhor posição para receber a luz e começou:

*A minha Querida pena  
Nas grades de uma prisão,  
Mas o Amor lhe ordena  
Sossêgo no coração.*

.....

O velho dentista ambulante, afinal, acabou e olhou interrogativamente o menestrel. Tinha êste tomado um ar grotesco de entendido e olhava vago, simulando que ajustava pensamentos. Após ter Menezes perguntado o que achava dos versos, o manhoso violeiro disse:

— Não era bem isto que eu queria. Os versos, porém, não estão maus, antes são bons. Serve até para modinha... O doutor não sabe quem faça música para modinhas?

— Conheço o Joaquim dos Anjos.

— Ah! É verdade! Como há de ser? perguntou Cassi, simulando embaraço.

— O senhor não se dá com êle?

— Dou-me; mas não tenho muita intimidade. Se fôsse, por intermédio da filha? Por que o doutor não pede?

— Posso pedir a ela; mas o padrinho — não sei por que — não gosta do senhor. Se êle sabe...

Menezes arrependeu-se de ter avançado tanto, mas a sua vontade já era tão fraca que não soube, nem procurou meios e modos de fugir às conseqüências de sua confidência. Cassi aproveitou-se das aberturas do velho e disse:

— Sei; mas escrevo uma carta a D. Clara a fim de que ela evite a má vontade do padrinho e que se saiba a modinha...

Menezes não pôde reprimir um movimento de espanto.

— Não tenha susto, doutor; absolutamente não maliciie no que vou fazer. A carta será lida pelo senhor.

Menezes ficou mais seguro de si e continuou a beber com vontade, enquanto Cassi contava-lhe os seus ganhos extraordinários no cangueiro, jôgo suburbano.

— Olhe, doutor, rematou êle, quando precisar de algum, é só pedir.

O dentista já estava muito adiantado na embriaguez; e, ao ouvir aquilo, olhou desejoso e mendicante, para o violeiro, que se apressou em ir ao seu encontro:

— Quanto precisa, doutor?

— Dois mil réis, só.

— Não, disse Cassi, tirando um maço de notas da carteira; leve cinco; e não se esqueça de estar aqui, amanhã, às sete horas. Preciso da música para breve.

Menezes foi para a casa, sem pensar no que havia prometido; e, como guiado por instinto, subiu e desceu os morros, tomou atalhos e acabou se deitando muito naturalmente no seu miserável canapé. Não quis comer; a embriaguez lhe havia tomado inteiramente. Despertou, no dia seguinte, sem saber o que tinha feito, nas últimas horas em que estivera fora. Lembrava-se vagamente que parara no botequim habitual. Tendo saído para fora de casa, a fim de lavar o rosto e satisfazer as exigências do organismo, quando voltou, já encontrou sua irmã de pé a lhe dizer, como quase tôdas as manhãs:

— Não temos nada em casa, Juca.

Menezes não sabia se tinha ou deixava de ter dinheiro. Por desencargo de consciência, foi esgravatar as algibeiras. Encontrou um níquel de cruzado e pensou: “Bem! Para o café e o açúcar, já temos.” Continuou a procurar, achou, dobradinha, no fundo de um bôlso, uma nota de cinco mil réis. Espantou-se. Quem lha teria roubado? Cogitou, forçou a memória, enquanto a irmã resmungava:

— Juca, você não ouviu o que eu disse?

— Ouvi; espera que estou procurando o “cobre”.

Tanto forçou a memória, tanto combinou as vagas recordações que tôda a sua entrevista com Cassi foi recordada. Teve vontade de rasgar a nota, de dizer que não faria o prometido; mas já estava sem fôrça moral, temia tudo, temia o menor sôpro, o mais inocente farfalhar de uma árvore. Tôda a criação estava contra êle, conjugava-se para perdê-lo — que podia fazer contra tudo e contra todos? E a miséria? E a fome? Se se revoltasse que seria dêle, sem futuro, sem emprêgo, sem amigos, sem parentes, doutor? Era bem triste o seu destino... Onde estava a sua mecânica? Onde estava a sua engenharia? Amontoara livros e notas pueris e nada fizera. Levava bem cinqüenta anos, isto é, desde que saíra da casa dos pais, a viver uma vida vagabunda de cigano, sem nunca se entregar sèriamente a uma única profissão, experimentando hoje esta, amanhã aquela. De que lhe valera isto? De nada. Estava ali, no fim da vida, obrigado a prestar-se a papéis que, aos dezesseis anos, talvez não se sujeitasse, para disfarçadamente esmolhar o que comer com os seus parentes. Teve vontade de chorar, mas a irmã gritou-lhe do quintal:

— Achaste o dinheiro?

— Achei.

Respondeu assim, numa palavra, e deitou bem meio copo da aguardente, que sorveu tôda quase de um só trago.

Menezes pensou ainda nos seus setenta anos desamparados, estéreis, e teve infinita dor de si mesmo, da miséria do seu fim. Que resolver sôbre o caso de Cassi e da carta? Sacudiu os ombros e pensou de si para si: que hei de fazer? As coisas me levaram a isso e...

Cassi veio ao botequim, munido da carta, que leu, conforme prometera a Menezes. Desgostoso, com aquêlê mau travo na consciência, o pobre dentista ambulante procurava, durante o dia, beber a mais não poder. Tinha chegado cedo em casa de Joaquim e, tendo-o ainda encontrado, pedira-lhe dinheiro. Almoçou, saiu e foi be-

obendo daí em diante em todo o botequim por que passava. Ao chegar à casa do Fagundes, tinha lá uma carta de um cliente. Abriu-a; mandava-lhe dez mil réis; por conta de cinqüenta que lhe devia. Deu cinco mil réis ao caixeiro para guardar e foi para a cidade. Aí, não teve medida. Todos lhe pagavam, de forma que, ao se encontrar com o Cassi, não dava mostras, mas estava completamente sem discernimento.

O violeiro leu o que quis, fechou a carta e deu-a ao pobre velho. A sua resolução já estava tomada. Havia forçosamente de se entregar à sorte, aos caprichos da corrente da miséria, de dor, de humilhação que o arrastava. Ela o havia levado até ali; era inútil resistir. Entregou a carta a Clara. No dia seguinte, recebeu a resposta. Entregou-a a Cassi. Assim, durante um mês e tanto, êle foi o intermediário da correspondência dos dois. Já não tinha um movimento de revolta; resignara-se àquele ignóbil papel como a uma fatalidade que o destino lhe impusesse. Contra a fôrça não há resistência, pensou êle; o mais sábio era submeter-se. Não esperava mais que Cassi lhe oferecesse dinheiro, pedia-o. No comêço, o violeiro foi satisfazendo inteiramente os pedidos; depois, fazia-o pela metade; por fim, dizia que não tinha dinheiro e não lhe dava nada.

Menezes, porém, continuava passivamente a desempenhar o seu indigno papel. Se não o achava decente, conformava-se diante da sua atroz e irremediável miséria. Não se julgava mais um homem...

Clara recebia aquelas cartas com uma emoção de quem recebe mensagens divinas. Entretanto, eram pèssimamente escritas, a ponto de não serem, às vèzes entendidas, tão caprichosa era a ortografia delas. A filha do carteiro não via nada disso; esquecera-se até das más ausências que faziam do namorado. Para ela, êle era o modelo do cavalheirismo e da lealdade. Estava sempre a sonhar com êle, com aquêle Cassi da viola. Passava da alegria para o chôro. A mãe notava-lhe essas alternativas de humor e fazia-lhe perguntas. Ela as respondia, malcriadamente, desabridamente. Relaxava o serviço ou

não o fazia. Quase sempre, esquecia-se disso ou daquilo. Engrácia comunicou isto tudo ao marido. Joaquim disse então:

— É verdade, Engrácia. Essa menina tem alguma coisa... Antigamente as suas cópias de música eram limpas e certas; agora, não. Vêm cheia de raspagens, erradas, borradas... Que terá ela? Vou levá-la a um médico — que achas?

— Talvez faça bem.

Daí há dias, Joaquim faltou à repartição e levou a filha ao doutor. Êste a examinou e disse ao pai:

— Sua filha nada tem. São coisas da idade e do sexo... De distrações, passeios, convivência — é o que ela precisa... Em todo o caso, vou receitar...

Joaquim fêz a necessária comunicação à mulher, que ficou de se entender com D. Margarida, para fazer-se acompanhar da filha, sempre que tivesse de sair, ir a lojas, etc. Êle mesmo, Joaquim, levou-a no próximo domingo, a passear em Niterói.

O mar não fêz bem à menina. Se a sua alma estava cheia de vago e de impalpável, com a vista do mar ficou absorta no infinito, no ilimitado do Universo.

De volta, chorou tôda a noite sem saber por quê. Amanheceu de olheiras roxas, corpo mole, aborrecida de tudo e de todos.

A vida lhe sabia a amargo. Ela não via como se a podia adoçar. Ao mesmo tempo, lembrava-se de Cassi e enchia-se de esperanças. Saiu com D. Margarida. A alemã muito mais sagaz que seus pais, adivinhou o seu mal e pô-la em confissão com habilidade. Tanto fêz que Clara lhe disse francamente a origem dos seus males.

— Mas êste sujeito é um tipo indigno.

— Não, para mim. Estou crente que...

— Dizem tão mal dêle...

— É porque êle se deixou apanhar, enquanto outros há por aí que... Êle confessa que está arrependido do que fêz, e agora quer se empregar e casar-se comigo.

D. Margarida olhou firmemente para a moça, cravou

bem os seus olhos perquiridores nos da rapariga; e fêz de si para si:

— Será possível?

Apressou-se em contar a confissão de Clara à mãe. Engrácia odiava Cassi. Se, algum dia, tinha tido um sentimento forte, era êsse de ódio ao violeiro. Não sabia bem como justificá-lo; mas tinha-lhe uma raiva, uma gana de morte. Quando D. Margarida lhe narrou a confidência da filha, ela teve uma crise surda de rancor. Já não era só contra êle, mas contra a filha, que ela criara com tantos carinhos, tantos cuidados, para, afinal, vir a se “embeçar” por aquêle borra-botas, amaldiçoado por todos, até pelo próprio pai. Serenou e tomou a resolução de contar o fato, por sua vez, a Joaquim antes que aquêle perverso de modinheiro não lhes pespegasse alguma das dêle.

Joaquim recebeu a notícia sem demonstrar espanto. Não gostava também de Cassi. Era, para êle, homem morigerado e trabalhador, um capadócio, um desclassificado, réu de polícia, muitas vêzes, de quem tanto mal se dizia; mas, se êle quisesse casar com a filha, apesar de todos os seus maus precedentes, não se oporia. Iria falar-lhe? Ou chama-lo-ia em casa? Não seria melhor esperar?

Pensou e tomou o alvitre de pedir a opinião do compadre Marramaque. O antigo contínuo tinha um grande ascendente moral e intelectual sôbre o ânimo do carateiro, que o obedecia cegamente. Tratou, portanto, de pedir-lhe conselho.

Naquele domingo, a partida de solo tinha se adiado estado pela noite afóra. Deviam ser onze horas quando resolveram a “dar com o basta”. Jogavam na sala de jantar, onde se encontravam, além dêle, Joaquim, Marramaque, Lafões e D. Engrácia também. Clara já se recolhera ao quarto. Parecendo-lhe que a filha dormia, Joaquim resolveu decidir a coisa. Expôs primeiramente o estado nervoso da filha, os passos que tinha dado para tratá-la e chegou ao ponto agudo da questão. Por aí, Marramaque ergueu-se furioso:

— Pois, então, você, compadre, quer meter semelhante pústula dentro de sua casa? Você não sabe quem é êste Cassi? Se o pai não quer saber dêle, é porque boa coisa êle não é. Êle não só desonra a família dos outros, como envergonha a própria. As irmãs, que são moças distintas, já podiam estar bem casadas; mas ninguém quer ser cunhado de Cassi. Êle se diz sempre correspondido, que se quer casar, etc., para dar o bote. Quando fica satisfeito, escorrega pelas malhas da justiça e da polícia e ri-se das pobrezinhas que atirou à desgraça. Você não vê que, se êle se quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro? Sou teu amigo, Joaquim...

— É o que eu penso também, fêz D. Engrácia. Êle pode achar muitas em melhores condições...

Clara, que ouvia tudo, chorando em silêncio, quis protestar e citar exemplos em contrário, que conhecia, mas se conteve.

Joaquim, que escutara calado a fala apaixonada do compadre, observou:

— Acho que você tem razão; mas, qual o remédio?

— É continuar... Como é que minha afilhada recebeu recados dêle, comadre? perguntou Marramaque a D. Engrácia.

— Ela diz que foi uma amiga que lhe trouxe, respondeu a mulher do carteiro.

— Fresca amiga! comentou rindo-se Marramaque. O que há a fazer, Joaquim, é continuar no que está e fazer com que êle saiba que você não vê com bons olhos a insistência dêle junto à filha.

— Se êle teimar? perguntou Engrácia.

— Publica-se nos jornais aquêle folheto que recebi, vai-se à polícia, desmoraliza-se o tipo de uma vez; e êle que faça o que quiser.

Todos calaram-se. Lafões não precisou fazer isto, porque se havia mantido até então calado. O carteiro voltou-se para êle e perguntou-lhe:

— Que diz a isto, Lafões?



— Isso... isso é matéria delicada. Não sou da família e, por isso, não me julgo com o direito...

— Eu também não sou, acudiu Marramaque. Estou só dando com franqueza uma opinião que me pediram; mas, certo de que, Joaquim, se você permitir que êsse tal sujeito entre aqui, eu, apesar do muito que devo a você, não ponho mais os meus pés na sua casa.

Levantou-se, tomou a bengala, e saiu mergulhado na treva da noite, que estava bem escura, quase sem estrelas, caminhando devagar, no seu passo de capenga, até a sua modesta casa, onde chegou sem temor e tranqüilo de consciência.

Clara não pôde conciliar o sono. As idéias mais absurdas lhe passavam pela cabeça. Pensou em fugir, em ir ter com Cassi, em matar-se... Enchia-se de raiva contra o padrinho. Por fim, resolveu relatar, por carta, tudo o que se passou ao namorado. Saiu do quarto, logo que percebeu que o pai já tinha ido à repartição; tomou naturalmente a bênção à mãe, lavou-se e serviu-se do café matinal. Como não tivessem vindo as "compras", disse à mãe, que ia copiar música, enquanto as esperava. Era um pretexto. O que ela escreveu, foi uma longa carta, narrando o que ouvira naquela noite a respeito dela e dêle. Antes de Menezes começar a cuidar dos dentes, ela lhe fizera entrega da missiva, que o pobre velho, cheio de amargura, logo meteu na algibeira. Para que viver tanto? pensou êle, limpando os ferros numa toalha de alvura imaculada.

Inteirado do que acontecera, vendo os seus planos fracassarem por causa daquele "João Minhoca" e, ainda mais, com a ameaça de ver tôda a sua escandalosa vida publicada nos jornais — Cassi encheu-se de fúria má e, na maior fúria, tomou a firme resolução de remover aquêle trambolho de "aleijado" que estava sempre estragando os seus planos, com os quais até já tinha gasto bastante dinheiro. Não subiam as despesas a mais de cinqüenta mil réis...

O seu furor foi grande; tanto que, ao ler, em voz baixa, a carta ao lado de Menezes no botequim, êste lhe notou

a profunda alteração de fisionomia, que, súbitamente, a leitura lhe havia produzido. Os seus olhos chamejavam, os dentes estavam rilhados e tôda a sua natureza baixa, feroz e grosseira se revelava, num rictos horrível.

Pagou alguma coisa que beber a Menezes e despediu-se, sem dizer mais nada.

Menezes continuou a sorver os seus consoladores "calistos" e a perguntar de si para si:

— Que há? Que haverá? Que haveria?

O que havia, era simples: Cassi premeditava simplesmente, friamente, cruelmente, o assassinato de Marramaque. Quando êle falou a respeito a Arnaldo, limitou-se a dizer: "vamos dar-lhe uma surra." "Por quê?" perguntou o outro. Êle respondeu: "Êsse velho está abusando de ser aleijado, para me insultar. Merece uma surra." Não iam sová-lo, sabiam os dois desalmados; iam matá-lo...

Era sabado, dia em que Marramaque se demorava mais na venda do "seu" Nascimento. Chovia e a noite viera logo fechada e escura. Grossas nuvens negras pairavam baixo. As luzernas de gás, tangidas pelo vento, mal iluminavam aquelas torvas ruas dos subúrbios, cheias de árvores aos lados e moitas intrincadas de arbustos. Marramaque, vindo da repartição, deixara-se ficar até as oito, na venda. Por essa hora, despediu-se e tomou o caminho de casa. Para se ir ter a ela, por ali, preconiza-se, entre outras, uma rua já quase completamente edificada que terminava numa ladeira deserta. De um lado, o esquerdo, havia um terreno baldio cheio de moitas altas; do direito, grandes árvores dos fundos de uma chácara, cuja frente era na rua paralela. Além de deserto, êsse trecho era por demais sombrio, sobretudo em noites como aquela.

Marramaque, debaixo de chuviscos teimosos, embrulhado numa capa de borracha, subiu a ladeira, para depois descer o barranco e, finalmente, chegar a casa. Quando estava no alto da pequena elevação, dois sujeitos tomaram-lhe a frente e disseram-lhe: "Capenga, você vai apanhar, para não se meter onde não é cha-

amado." Não teve tempo de dizer coisa alguma. Os dois  
eles carregaram-lhe os cacetes em cima, pela cabeça, por  
todo o corpo; e o pobre Marramaque, logo à primeira  
empulhada, caiu sobre um lado, arfando, mas já sem fala.  
Malharam-no ainda com tôda a fôrça e raiva, sem dó  
nem piedade; e fugiram quando lhes pareceu momento  
conveniente.

No dia seguinte, ao passarem os primeiros transeun-  
tes, êle estava morto. E, assim, morreu o pobre e cora-  
ajoso Antônio da Silva Marramaque, que, aos dezoito  
anos, no fundo de um "armazém" da roça, sonhara as  
glórias de Casimiro de Abreu e acabara contínuo de se-  
cretaria, assassinado devido à grandeza do seu caráter  
e à sua coragem moral. Não fêz versos ou os fêz maus;  
mas ao seu jeito foi um herói e um poeta... Que Deus o  
recompense!

\* \* \*

Um cristo  
da an  
Marr  
grações d  
comben a  
governam  
associaçõe  
os marm  
sinto de  
penaltes  
estorram  
nas leges  
de m  
Enão, m  
nigos que  
diverim  
Um m  
uma am  
do mais  
a pome  
Marr  
certo que  
zível de  
trato  
que fica  
aluna m  
— três m  
contra  
tudo im  
a faria

## IX

Um crime, revestido das circunstâncias misteriosas e da atrocidade de que se revestiu o assassinato de Marramaque, faz sempre trabalhar tôdas as imaginações de uma cidade. Um homicídio banal em que se conheceu a causa, o autor, capturado ou não, e outros pormenores, deixa de oferecer interêsse, para ser um acontecimento banal da vida urbana, fatal a ela, como os nascimentos, os desastres e os enterros; mas o assassinato de um pobre velho, aleijado, inofensivo, pobre, a pauladas, faz parecer a tôda a gente que há, soltos e esbarrando conosco nas ruas, nas praças, nos bondes, nas lojas, nos trens, matadores que só o são por prazer de matar, sem nenhum interêsse e sem nenhuma causa. Então, todos acrescentam aos inúmeros e insidiosos inimigos que tem a nossa vida, mais êste do assassinio por divertimento, por passatempo, por esporte.

Um ou muitos, seja em que número forem, é sempre uma ameaça que paira sôbre cada um de nós, zombando da mais ostensiva pobreza e não tendo em consideração a pacatez mais pussilânime.

Marramaque não era rico nem andava com jóias, sendo certo que não podia trazer consigo muito dinheiro. O móvel do crime, portanto, não seria o roubo. Ao contrário, o exame minucioso nos bolsos das vestes, com que fôra encontrado o seu cadáver, não denunciou nenhuma tentativa de saque. O pouco dinheiro que tinha — três mil e tanto — estava intacto; uma carteira, encontrada numa das algibeiras interiores do dólma, continha unicamente papéis. Quando foi assassinado, vestia a farda de contínuo; dólma azul-marinho e calças da

mesma côr. Tinha, por baixo do dólma, um comum colête prêto, onde trazia um relógio de prata, prêso numa antiga corrente de ouro, feita de diversos trancelins de ouro, reunidos por argolas também dêsse metal, com um remate, em forma de estribo, cujo pedal era uma pedra negra. Pois bem: nem mesmo esta peça de algum valor, foi-lhe roubada. Posta de lado a hipótese de roubo, qual poderia ter sido o móvel do crime? Amôres, conquistas? O estado de saúde, a sua semi-invalidéz logo afastavam tal hipótese. Política, questões de família — nada disso explicava o crime. Só na perversidade, na vontade de matar por parte de alguém extremamente mau e sedento de sangue, encontrar-se-ia a causa. Seria isso? perguntavam todos.

A notícia do crime logo se espalhou pelo subúrbio inteiro, apesar de ser domingo o dia em que foi descoberto. A deformidade de Marramaque fazia-o notado e conhecido, de forma que, por tôda a parte, se comentava o assassinio. A polícia tomou as providências de hábito; mas só iniciou as pesquisas no dia seguinte. Todos que estiveram na venda foram ouvidos; mas pouco, nada adiantaram. Nem o podiam fazer. Marramaque, em lá chegando, a chuva tinha cessado. Era sábadô e todos os *habitués* do armazém do “seu” Nascimento lá estavam, inclusive Menezes, que se mostrava palrador e prazenteiro. Discutia-se despreocupadamente e até Menezes causou grande hilaridade, quando explicou a sua teoria transcendente sôbre o “Ôvo de Colombo”. No correr da discussão, alguém dissera:

— Isto é ôvo de Colombo.

Parece que foi Marramaque, a dizer, e Alípio aproveitou o ensejo, para perguntar:

— Que diabo quer dizer esta história de “ôvo de Colombo”, na qual todo o mundo fala e não sei o que é?

Entre os circunstantes estava o Sr. Monção, caixeiro-vendedor da grande casa de cereais Belmiro, Bernardes & Cia., que tinha suas luzes e gostava de palestrar, para descansar da afanosa lida de estar a “tocar realejo” aos

varejistas, oferecendo-lhes feijão, arroz, milho e por bom preço.

Era um moço português, simpático, de bom porte e bem educado. Tinha grande liberdade na roda e não houve nenhum espanto quanto interveio:

— Pois não sabes, Alípio, o que é o “ôvo de Colombo”?

— Não, “seu” Mindela.

— É simples. No meio dos sábios espanhóis, depois da primeira viagem à América, Colombo, vendo o seu trabalho criticado e tido como fácil pelos sabichões de Castela, desafiou-os a pôr um ôvo em pé.

— Eles puseram? perguntou Alípio.

Menezes apressou-se:

— Não puseram; mas Colombo pôs.

— Como? indagou Alípio.

Menezes explicou, tomando a palavra de Mindela, com todo o seu aqodamento de sábio:

— Colombo, dando um movimento de rotação conveniente e um de translação adequado, dissolveu a gema do centro do ôvo, para a base, trazendo para a parte inferior do ôvo, o centro de gravidade, de forma que o ôvo pôde pôr em pé.

Todos se entreolharam e viram o absurdo da explicação de Menezes. Ninguém se animava a contestar, mas Marramaque, tomando a dianteira de Mindela, que ia falar, saltou logo, em tom de gracejo:

— Qual, “seu” Menezes! Esta história de translação, de rotação, de centro de gravidade é bobagem; o que...

— Bobagem, Marramaque? Isto é mecânica transcendente, como é a questão do gato cair sempre sôbre as patas, atirado que seja, do alto para baixo, em qualquer posição.

Marramaque foi-lhe ao encontro, sem pestanejar:

— Nós não temos nada com gato. Ôvo se parece tanto com gato como um espêto. Bolas, “seu” Menezes!

Todos os circunstantes riram-se, a mais não poder. Menezes pôs-se a cofiar a longa e abundante barba branca, lamentando-se da sua derrota em mecânica e tudo. De repente, cobrou coragem e desafiou o contínuo:

— Quero ver, Marramaque, como é que você explica ter Colombo pôsto o ôvo de pé?

— Muito simplesmente, Menezes. Vou contar a história como a li: “Num banquete, procuravam os nobres de Espanha, rebaixar o mérito da descoberta de Colombo, e dizia um: *As Índias já lá estavam, e se o Sr. não as descobrisse, qualquer um outro as descobriria.* Colombo, sem responder, pediu um ôvo; trouxeram-lhe, e êle desafiou a que alguém o pusesse de pé. *Impossível!* bradaram. Então, o navegador tomou o ôvo, bateu com êle, quebrando ligeiramente a mais rombuda das extremidades, e fê-lo ficar de pé. *Ora, isto também eu faria!*... replicaram. *Sim, depois que me viram fazer. É simples, mas é preciso pensar no caso, e achar o meio.*” Está aí como foi a coisa. Não tem nada de gravidade, nem de rotação, nem de translação, nem de constelação, nem de repulsão. Nada tem em ão, Menezes!

De novo a gargalhada foi geral e prolongada; e Menezes, muito encafifado, limitou-se a dizer:

— Isto não é científico; é uma explicação jocosa de anedota de almanaque. Podia demonstrar a minha interpretação com auxílio do cálculo, mas não é conveniente aqui... fica para outra ocasião.

Assim, sem outra preocupação, naquela tarde tempestuosa, conversaram na venda, enquanto Marramaque estivera e mesmo depois da sua saída. É óbvio que nenhuma das pessoas, que lá estavam, poderia adivinhar o que lhe ia acontecer pelo caminho. Chuviscava teimosamente, mas não havia o que se chama uma chuva torrencial, quando o pobre contínuo se despediu. É verdade que a noite estava pavorosa de escuridão e ameaçadoras nuvens pairavam baixo, ainda mais carregando de treva a atmosfera e ofuscando os lampiões, cuja luz oscilava sob o açoite de um vento constante e cortante. Não se via, como é costume dizer-se, um palmo diante do nariz. A polícia, pareceu que aquêle misterioso assassínio, sem causa presumível, nascera de um segrêdo que só êle, Marramaque, podia revelar e, talvez, os seus pa-



...péis íntimos o revelassem. Resolveram, então, as autoridades perquiri-los, à cata de uma pista.

Morava Marramaque com uma tia materna, pouco mais moça que êle, tendo dois filhos homens, de doze e treze anos. Após ter enviuvado, na roça, com alguma coisa, tomou o alvitre de comprar aquela casa e convidar o sobrinho, para lhe fazer companhia e encaminhar a educação e a instrução dos filhos e ajudá-la também.

A sua casa era inteiramente o contrário da de Mesanezes. Estava sempre limpa, móveis em ordem, completamente cercada, o jardimzinho da frente bem tratado.

Helena, a tia de Marramaque, era muito metódica e econômica, de forma que a vida doméstica do sobrinho era regular e plácida. Ela costurava para os arsenais do governo e com o que Marramaque lhe dava dos seus míseros vencimentos, a vida dêles corria sem contratempos. Não eram difíceis as suas comunicações com as estações da Central, quando feitas pelo bonde de Inhamúma, que passava na esquina; e, se o contínuo, na noite fatídica do assassinio, tomava aquêles atalhos e subidas, sempre que passava pela venda do Nascimento ou ia à casa do Joaquim, procurava aquêles caminhos mais curtos.

Helena vivia para os filhos; raras vêzes, a não ser para regularizar as suas costuras, saía, indo uma ou outra vez à casa do carteiro, onde se aborrecia com o gênio taciturno de Engrácia. Foi ela quem assistiu desenterrar do fundo de baús e gavetas, as recordações do seu pobre sobrinho.

As autoridades policiais pediram delicadamente autorização; e o delegado em pessoa foi examinar os papéis do infeliz contínuo. Não encontrou coisa de valia. Havia no seu arquivo cartas de família, bilhetes de amigos, rasquinhos de versos, entre os quais um de Raul Braga, de quem Marramaque fôra amigo, e o celebre caderno sobre Cassi, que o delegado tinha também um exemplar. Não ser êsses papéis sem importância, encontraram num caderno de versos, pronto a ir para o prelo, de autoria de Marramaque, intitulado — *Boninas e Sensitivas*

— versos ingênuos de um homem bom e honesto que não era poeta. Deram também com um retrato de mulher feita, uma pose popular, com o braço esquerdo descansando sobre uma coluna e tendo um leque enorme, pendente do direito, caindo ao longo do corpo. Era uma mulher bonita, de trinta anos, sadia e forte. Nas costas havia esta dedicatória: “*Ao meu Antônio, a Eponina. 25-12-92.*” Mais abaixo, com letra de Marramaque, existiam estas observações: “*Amor tudo vence; não pode vencer as obrigações de lealdade que devem sempre existir nas amizades perfeitas. Adeus!*”

Quem seria? Os policiais indagaram; mas D. Helena não lhes pôde explicar. Naquela data, ela nem casada era ainda; e seu sobrinho já tinha vindo para o Rio. Quem seria?

Enfim, nada encontraram e o crime foi sendo esquecido. Só duas pessoas podiam pôr as autoridades, na pista verdadeira; eram Clara e Menezes.

Clara, logo que soube do assassinio do padrinho, ficou fora de si. Lembrou-se das ameaças veladas que Cassi fazia ao padrinho, nas cartas que lhe escrevia; lembrou-se também da carta em que ela narrava ao namorado a atitude de Marramaque, quando o pai falou ao compadre na necessidade de ter um franco entendimento com o violeiro. Por aí e por outras pequenas circunstâncias, atribuía a Cassi o assassinato do padrinho e como que se julgava também sua cúmplice. Veio-lhe um medo daquele cantador meloso, dengoso, apesar de seu mau olhar de fôlhas de Flandres; e, num relâmpago, viu bem quanto de fingido e falso podiam conter as suas cartas ternas e cheias de protestos de boas intenções e de amor sincero e honesto.

Imediatamente, porém, explicou êsse seu ato de desvario criminoso como um esporádico ato de loucura, provocado pelo amor que tinha a ela. Era um obstáculo e... Agradava-lhe a interpretação. Não tardariam, entretanto, a se explicar de viva voz, porque ela havia consentido afinal em conversar com êle na grade de casa, depois que seus pais se recolhessem. Então, nessa oca-

sião, ela avaliaria o grau de certeza de suas suspeitas. Menezes tinha levado uma carta dela nesse sentido; mas, tendo ficado atrapalhada por sentir a aproximação da mãe, não pôde Clara fechar a missiva convenientemente. Aberta, a moça, para não ser pilhada, passou-a precipitadamente ao velho, que assim a guardou jubilosamente. Quando se lhe ofereceu o momento azado, leu-a.

Como tôda mulher sem instrução, Clara pegou na pena e não tinha vontade de a largar. Contava detalhes, repisava juras e pedia juramentos. Um dêstes era o de que êle a respeitaria sempre; e se não fizesse isso, romperia as relações com êle. Estava disposta a esperá-lo, às dez horas, na grade, daí a oito dias, e isso o fazia, porque "seu" Menezes tinha dado o serviço dos dentes por terminado.

De fato, Menezes, aborrecido com aquêle negócio de cartas e com o desdém com que Cassi o tratava, apesar da ignóbil fama que lhe prestava, resolveu dar por findo o trabalho. A leitura da carta não lhe causou nenhuma estranheza; êle já esperava por êste fim. Estava forrado de uma indiferença de vencido. Sentiu-se de mãos e pés atados, para ter qualquer movimento de censura ou de conselho. É que ainda não lhe tinha chegado aos ouvidos a notícia do bárbaro assassinio de Marramaque. Quando, porém, veio a saber, teve uma forte vergonha do seu procedimento, da sua covardia. Compreendeu que aquelas meias palavras de Cassi sôbre Marramaque, aquêle rictos horrendo que vira certa vez, ao se falar do contínuo, lhe desfigurar a face, eram os pródromos do assassinio do bondoso velho que o violeiro premeditava. O infeliz Menezes passou odia todo e a noite inteira voltado para dentro de si mesmo. Não sabia mais chorar, mas o seu remorso era intenso. Êle se julgava também cúmplice daquele desalmado. Por que calara o que sabia? Por que se acovardara a ponto de servir de armedianteiro? Oh! Êle não era mais homem, não tinha mais dignidade!

Cassi, entretanto, não demonstrou o menor abalo. Leu as notícias dos jornais, as objurgatórias contra os assas-

sinos, de que estavam cheios; ouviu as maldições de todos, nos cafés, nos bondes, em tôdas as conversas e por tôda a parte; mas nenhum arrependimento sentia. Só lhe faltava o orgulho íntimo de ter efetuado tão rara proeza, para ser completa a sua inumanidade e o seu abjeto sossêgo íntimo. Não tinha orgulho, mas havia nêle como que o alívio de se ver livre daquela espécie de duende, de fantasma, que vivia a persegui-lo.

Com Arnaldo, já não acontecia o mesmo. Passado o fato, com a leitura dos jornais, com as censuras amargas que via em tôdas as bôcas, até nas daqueles afeitos ao crime, o sócio de Cassi, se não viu remorsos, começou a ter susto. Não pôde reprimir o impulso que o levou a ver o cadáver. Estavam os restos de Marramaque, quase tal e qual como foram encontrados. Os médicos ainda não haviam praticado a autópsia. A cabeça partida, os olhos fora das orbitas, todo o rosto coberto de uma lama sangrenta, o braço semiparalítico partido, as roupas, ensopadas de lama e sangue... Era horrível! No necrotério, acotovelava-se uma multidão, e todos, em voz baixa, cobriam de baldões, de injúrias, de pragas, os malvados que tinham levado a efeito tão estranho e inconcebível crime... Um crioulo, muito negro, forte, com grandes "peitorais" salientes, dizia bem alto, do lado de fora:

— Eu não sou santo... Já fiz das minhas... Conheço a "Chac'ra"; mas Deus me castigue, me ponha um raio em cima e me faça apodrecer em vida, se eu fôsse capaz de fazer tão porco "trabalho"... Os que o fizeram, nem esfolados vivos pagariam... Para que mataram êsse pobre velho?

Arnaldo voltou do depósito fúnebre apreensivo. Não havia nêle, a bem dizer, arrependimento. O que êle sentia, era mêdo de ser descoberto, de pegar cadeia trinta anos a fio, porque não podia ser mais. Chegou aos subúrbios apavorado; e, quando topou com Cassi disse, com olhar desvairado:

— Chi, Cassi! O "homem" estava horrível...

O violeiro virou-se para êle, olhou-o firme com o seu olhar fôsko e falou-lhe com energia e fogo nos olhos:

— Cala-te, miserável! Queres pôr tudo a perder...

Conquanto temesse as fúrias do seu companheiro e cúmplice, não lhe passava o terror de ser descoberto pela polícia. Deu em beber; Cassi vigiava-o com medo que êle “desse com a língua nos dentes”. Não o deixava só, quando estava em “rodas”.

Nos botequins, não entrava freguês que Arnaldo não examinasse meticulosamente, cautelosamente, com o rabo dos olhos. Às vêzes, não se continha e apontava:

— Cassi, aquêle é agente do décimo oitavo...

O modinheiro, em voz baixa, mas com autoridade, repreendia-o:

— Estás doido! Queres nos pôr no X, pelo resto da vida.

No comêço, Cassi teve medo que a embriaguez o fizesse denunciá-los; mas, bem cedo, percebeu que a sua bebedeira tomava uma feição choramingas, efusiva, dava para abraçar todos e, com voz de mágoa íntima, repetia de onde em onde, sem nada entender do que se dizia ao redor: “*Eu não sou mau...*” “*Eu sou um bom rapaz...*” “*Nunca fiz mal a ninguém, etc.*”

Então, Zézé Mateus, também já muito bêbedo, derreado completamente na cadeira, com os olhos divergentes e vidrados, babando-se todo e gaguejando, retrucava: “*Meu querido Arn...ar...ar... Arnaldo, você é uma... pomba sem... sem fel.*” Em seguida, depois de limpar a baba com o lenço: “*Quem foi que... que disse que... você é... é mau?*” E acrescentava: “*Traga... Traga êste su...su... sujeito aqui que... que eu parto a cara dêle.*”

Arnaldo, por aí, levantava-se comovido e abraçava Zézé Mateus, que se mantinha na cadeira e, com dificuldade, erguia os braços a fim de cingir o camarada.

Repetiam daí a pouco a cena, com pequenas variantes, debaixo dos motejos forçados de Cassi, a quem tais espetáculos não deixavam de fazer mal. Os outros companheiros riam-se a bom rir, sem nada suspeitar.

Entretanto, o violeiro não se fiava muito que Arnaldo sempre procedesse assim. A embriaguez — êle sabia —

é caprichosa, ora dá para isto, ora dá para aquilo, podia aparecer qualquer coisa a respeito do crime e era preciso que êle, Cassi, tomasse as suas precauções. A entrevista com Clara estava marcada, para o fim da semana. Tinha de ir; tinha que dar fim “naquilo”, que tanto trabalho lhe dera e estava dando. Antes de tudo, porém, era preciso estar preparado para o que desse e viesse. Não contava mais com a proteção; Barcelos não valia nada e só prestava pequenos serviços em vésperas de eleição. Quando elas estavam distantes, fiava com má cara um cálice de cachaça... Era preciso ter tudo pronto para fugir do Rio de Janeiro, ao primeiro sinal de alarme, tanto mais que sabia, por indiscrições de Menezes, que as ouvira na venda do “seu” Nascimento, que o marido de Nair — aquela moça que êle desencaminhara e a mãe, por isso, se suicidara — estava disposto a persegui-lo, como já o perseguia, com os famosos cadernos, mas mais eficazmente, desde que se metesse em “alguma”. Considerou bem que as coisas agora seriam mais difíceis; e as pedras que semeara no caminho, começavam a erguer-se para lapidá-lo.

Tomou a extrema resolução de vender os galos de briga. O dinheiro que apurasse, depositaria na Caixa Econômica, para tê-lo sempre à mão, quando fôsse necessário fugir. A mãe, vendo carroças chegarem à porta e as gaiolas e capoeiras saírem, a fim de tomarem lugar nos transportes, foi indagar-lhe o que havia:

— Nada, mamãe. Vou para fora, trabalhar...

— Para onde, Cassi?

— Vou para Mato Grosso, empregar-me na construção de uma estrada de ferro.

— Como trabalhador de picareta, meu filho?

— Não, mamãe, vou ser chefe de turma e praticar nos instrumentos, até conseguir ser secionista.

D. Salustiana assim mesmo não ficou contente. Ela conhecia a ignorância do filho, a sua inferioridade mentora e a sua incapacidade para aplicar-se a alguma coisa que demandasse o menor esforço intelectual; viu bem, portanto, que, numa construção de estrada de ferro, êle

só podia ser simples trabalhador braçal, pegar na foice e roçar, no machado e derrubar, na picareta e cavar, mais nada! Voltou chorando para onde estavam as filhas:

— Você não sabe, Catarina? Você não sabe, Irene, de uma coisa? Aí! Meu Deus!

— Que é, mamãe? perguntou Catarina.

— Que há, mamãe? indagou Irene.

— Minhas filhas, vocês não sabem que desgraça para a família, Cassi...

— O que houve? assustou-se Catarina.

— Cassi está doido e quer nos envergonhar a todos nós, o meu avô que foi cônsul da Inglaterra... Ah! Se êle ressuscitasse — que vexame não passaria!

— Que é que Cassi vai fazer? fêz Irene com calma.

— Vai ser trabalhador de enxada, numa estrada de ferro em Mato Grosso.

Irene, que era severa, e nunca perdoaria ao irmão as maliciosas perguntas que as colegas da Escola lhe faziam, vexando-a bastante, quando acontecia aparecer o nome dêle, nos jornais, nas suas habituais cavalarias — observou:

— Que tem isso, mamãe! Êle tem saúde, ao invés de andar por aí a fazer das suas, a nos envergonhar por tôda a parte, é melhor que êle trabalhe para ver se toma caminho.

D. Salustiana olhou espantada para a filha e disse cheia de mágoa:

— Ê que você não é mãe; mas, em breve, você será, então...

Catarina obtemperou:

— Mamãe, eu não acho motivo para lástima. O que é de todo reprovável, é que êle leve tôda a vida a que está levando... O melhor é aventurar...

O pai veio a saber da resolução do filho, sôbre quem não punha os olhos, havia dois anos. Não conteve a sua alegria e exclamou:

— Que se vá! Que vá para o diabo! Já é tempo!

Depois acrescentou:

— Vocês vão ver que êle fêz uma das suas; vai fugir e deixar-nos vexados, senão atrapalhados. Seja tudo pelo amor de Deus! Que se vá e nos deixe em paz.

Vendidos os galos, galinhas, frangos e pintos, apurou quinhentos mil réis, que se dispôs a depositar na Caixa Econômica, logo no dia seguinte ao do recebimento.

Nesse dia, despertou cedo, banhou-se cuidadosamente, escolheu bem a roupa branca, viu bem se a meia não estava furada, escovou o terno cintado e, cuidadosamente, meteu mão à obra de vestir-se com apuro, para vir à "cidade". Raramente, vinha ao centro. Quando muito, descia até o Campo de Santana e daí não passava. Não gostava mesmo do centro. Implicava com aquêles elegantes, que se postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio. É verdade, pensava consigo, que êle usava tudo aquilo; mas era com modéstia, não se exhibia. Recordava que não tinha "posses", mas, mesmo que as tivesse, não se daria a tal ridículo... Essa sua filosofia sôbre a elegância, de elegante suburbano, êle applicava às moças. Quanto dengue? Para que aquêles passos estudados? Aquêles modos de dizer adeus?

Achava tudo ridículo, exagerado, copiado, mas não sabia bem de que modêlo. O que, de fato, sentia não era isso que expunha aos amigos ou às belezas suburbanas que, porventura, requestasse. O que êle sentia diante daquilo tudo, daquelas maneiras, daqueles ademanes, daquelas conversas que não entendia, era a sua ignorância, a sua grosseria nativa, a sua falta de educação e de gôsto. O seu ódio, então, ia forte para os poetas e jornalistas, sobretudo, para êstes. Não perdoava as descaldeiras, os deboches que lhes passavam, quando tinham de denunciar alguma das suas ignóbeis proezas. Uns sujos! dizia; uns malandros! continuava — que querem ditar moral. O seu primeiro ímpeto, quando lia notícias a seu respeito, era atirar-se contra um dêles, naturalmente o que lhe parecesse mais fraco; e desancá-lo de pancadas. Sustinha, porém, o ímpeto, porque sabia que se tal fizesse estaria perdido. A guerra seria sem tré-



guas e “novos e velhos” da sua interminável conta, saíam à luz. Secretamente, tinha um respeito pela cidade, respeito de suburbano genuíno que êle era, mal educado, bronco e analfabeto.

Mal tomou o café matinal, concertou ainda a gravata e pôs-se na rua. Era cedo, mas temia pelo dinheiro que tinha na algibeira. Não queria que ninguém soubesse da existência de avultada quantia em seu poder e, muito menos, que premeditava fugir. Embarcou no primeiro trem; e, esgueirando-se pela Central, conseguiu não encontrar conhecido que lhe fizesse perguntas indiscretas.

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Santana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amôres; no subúrbio, tinha os seus companheiros e a sua fama de violeiro percorria todo êle e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, êle tinha formalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Santana para baixo, o que era êle? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se e representava-se a si mesmo como esmagado por aquêles “caras” todos que nem o olhavam. Fôsse no Riachuelo, fôsse na Piedade, fôsse em Rio das Pedras, sempre encontrava um conhecido, pelo menos, simplesmente de vista; mas, no meio da cidade, se topava com uma cara já vista, num grupo da rua do Ouvidor ou da Avenida, era de um suburbano, que não lhe merecia nenhuma importância. Como é que ali naquelas ruas elegantes, tal tipo tão mal vestido, era festejado, enquanto êle, Cassi, passava despercebido? Atinava com a resposta mas não queria responder a si mesmo. Mal a formulava, apressava-se em pensar noutra coisa.

Na “cidade”, como se diz, êle percebia tôda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sôbre coisas

que êle não entendia, e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards* dos jornais, tratando de assuntos cuja importância êle não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura, comparando o desembaraço com que os freguezes pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se de que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquêles conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

Saltando na Central, não procurou bonde. Engolfou-se num filete de multidão que se alastrava em direitura à Prefeitura e marchou a pé até o "centro". Desde o largo do Rocio, foi parando diante das montras. Demorava-se a ver jóias através de fortes vidros que as protegiam contra a cobiça alheia. Mirava anéis e relógios, braceletes e brincos, mais àqueles do que a êstes, porquanto não lhe brotava no coração nenhuma necessidade de dar presentes às amadas. Tão caros, não valia a pena!... Uma bengala de junco, esquinada, com castão de ouro, tentou-o. Os quinhentos mil réis que tinha na algibeira murmuraram-lhe alguma coisa ao ouvido. Prontamente repudia a tentação; precisava estar seguro...

Entrou pela rua 7 de setembro e, daí em diante, foi admirando as roupas feitas — por tôda a longa fachada do Parc Royal, foi parando diante das vitrines, onde havia roupas e outras peças de vestuário, para homens. Viu *fracks*, viu suspensórios, viu ligas, viu colarinhos, viu camisas... Que coisas lindas!

Tomou a rua do Ouvidor e foi descendo, sempre parando em frente das casas que tinham artigos para homens. Por desfastio, desviou-se a olhar as "vitrines" de uma livraria. Olhou-lhe também o interior. Livros de alto a baixo. Para que tantos livros? Aquilo tudo só

miséria para fazer doidos. Ele tinha livros, na verdade; mas apenas eram alguns, livros de amor... Que livros, meu Deus! Teve vontade de tomar café; hesitou um pouco! Mas, afinal, animou-se. Estava quase na hora. A Caixa Econômica não tardaria em abrir-se. Lá chegando, teve que aguardar a abertura da porta. Já havia gente à espera. Olhou-a de relance. Fisionomias diferentes de escruto e de côr, velhas de mantilha, moças de peito deprimido, barbudos portugueses de duros trabalhos, rostos de caixeiros, de condutores de bonde, de "garçons" de hotéis e de botequim, mãos queimadas de cozinheiras e de tôdas as côres, dedos engelhados de humildes lavadeiras — todo um mundo de gente pobre ia ali depositar as economias que tanto lhes devia ter custado a realizar ou retirá-las, para ocorrer a qualquer drama das suas necessitadas vidas. Aborreceu-se com aquêlê contacto... Penetrando no saguão, pôs-se a ler os cartazes onde estavam as disposições legais que interessavam ao público. Diabo! A providência não lhe servia... Para confirmar, dirigiu-se a um empregado num *guichet* que lhe dizia ao alto êste letreiro: "Informações." Não lhe serviria absolutamente. Para retirar mais de duzentos mil réis, tinha que avisar previamente. Não; não depositaria. O dinheiro devia estar sempre ao alcance da mão... Saiu e, a fim de não ser visto por algum conhecido, procurou alcançar o largo de S. Francisco, atravessando aquêles velhos becos imundos que se originam da rua da Misericórdia e vão morrer na rua D. Manuel e largo do Moura. Penetrou naquela vetusta parte da cidade, hoje povoada de lôbregas hospedarias, mas que já passou por sua época de relativo realce e brilho. Os botequins e tascas estavam povoados do que há de mais sórdido na nossa população. Aquêles becos escuros, guarnecidos, de um e outro lado, por altos sobrados, de cujas janelas escondiam peças de roupa a enxugar, mal varridos, pouco transitados, formavam uma estranha cidade à parte, onde se iam refugiar homens e mulheres que haviam caído na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade. Escondiam na sombra daquelas be-

tesgas coloniais, nas alcovas sem luz daqueles sobrados, nos fundos caliginosos das sórdidas tavernas daquele tristonho quarteirão a sua miséria, o seu opróbrio, a sua infinita infelicidade de deserdados de tudo dêste mundo. Entre os homens, porém, ainda havia alguns sem ocupação definida; marítimos, carregadores, soldados; mas, as mulheres que ali se viam, haviam caído irremessivelmente na última degradação. Sujas, cabelos por pentear, descalças umas, de chinelos e tamancos outras. Tôdas metiam mais pena que desejo. Como em tôda e qualquer seção da nossa sociedade, aquêlê agrupamento de miseráveis era bem um índice dela. Havia negras, brancas, mulatas, caboclas, tôdas niveladas pelo mesmo relaxamento e pelo seu triste fado.

Cassi Jones ia atravessando aquêlê bairro singular e escuro, quando, do fundo de uma tasca, lhe gritaram: — Olá! Olá! “seu” Cassi! O’! “seu” Cassi!

Insensivelmente, êle parou para verificar quem o chamava. De dentro da taverna, com passo apressado, veio ao seu encontro uma negra suja, carapinha desgrenhada, com um caco de pente atravessado no alto da cabeça, calçando umas remendadas chinelas de tapête. Estava meio embriagada. Cassi espantou-se com aquêlê conhecimento, fazendo um ar de contrariedade perguntou amuado:

— Que é que você quer?

A negra, bamboleando, pôs as mãos nas cadeiras e fêz com olhar de desafio:

Então você não “si” lembra da Inês, aquela crioulinha que sua mãe criou e você...

Lembrou-se, então, Cassi, de quem se tratava. Era a sua primeira vítima, que sua mãe, sem nenhuma consideração, tinha expulsado de casa em adiantado estado de gravidez. Reconhecendo-a e se lembrando disso, Cassi quis fugir. A rapariga pegou-o pelo braço:

— Não fuja, não, “seu” patife! Você tem que “ouvi” uma “pouca” mas de “sustança”.

A êsse tempo, já os freqüentadores habituais do lugar

trinhavam ocorrido das tascas e hospedarias e formavam broda, em tórno dos dois. Havia homens e mulheres, que roerguntavam:

— O que há, Inês?

— O que te fêz êsse moço?

Cassi estava atarantado no meio daquelas caras anti-bióticas de sujeitos afeitos a brigas e assassinatos. Quis falar.

— Eu não conheço essa mulher. Juro...

— “Muié”, não! fêz a tal Inês, gingando. Quando você “mi” fazia “festa”, “mi” beijava e “mi” abraçava, eu não era “muié”, era outra coisa, seu “côsa” ruim!

Um negro esguio, de olhar afoito, com um ar decidido de capoeira, interveio:

— Mas, Inês, quem é afinal êsse moço?

— É o “home qui mi” fêz mal; que “mi” desonrou, “mi” cois” nesta “disgraça”.

— Eu! exclamou Cassi.

— Sim! Você “memo”, “seu” caradura! “Mi alem-pro” bem... Foi até no quarto de sua mãe... Estava burrumando a casa.

Uma outra mulher, mas esta branca, com uns lindos cabelos castanhos, em que se viam lêndeadas, comentou:

— É sempre assim. Êsses “nhônês gostosos” desgraçam a gente, deixam a gente com o filho e vão-se. A mulher que se fomenta... Malvados!

Cassi ouvia tudo isso sem saber que alvitre tomar. Estava amarelo e olhava, por baixo das pálpebras, tôdas as faces daquele ajuntamento. Esperava a polícia, um socorro qualquer. A preta continuava:

— Você sabe onde “tá” teu “fio”? “Tá” na Detenção, pifique você sabendo. “Si” meteu com ladrão, é “pivete” te foi “p’ra chaer’a”. Eis aí que você fêz, “seu marvado”, “home mardidoado”. “Pior” do que você só aquela garminha d’Angola de “tua” mãe, “seu” sem-vergonha!

Cassi fêz um movimento de repulsa e que a rapariga não perdeu.

— “Oie”, disse ela, para os circunstantes; êle diz que não é o tal. Agora “memo se acusou-se”, quando chamei a ratazana da mãe dêle de galinha d’Angola... É uma “marvada”, essa mãe dêle — uma “véia” cheia de “imposição” de inglês. Inglês, que inglês...

Soltou uma inconveniência, acompanhada de um gesto despudorado, provocando uma gargalhada geral. Cassi continuava mudo, transido de medo; e a pobre desclassificada emendava:

— “Tu” é “mao”, mas tua mãe é “pior”. Quando ela descobriu “qui” eu “tava” com “fio” na barriga, “mi pois” pela porta afora, sem pena, sem dó “di” eu não “tê” para onde “í”. E o “fio” era neto dela e ela “mi” tinha criado... Vim da roça... Ah! Meu Deus! Se não fôsse uma amiga, tinha pôsto o “fio” fora na rua, que era serviço... Deus perdoe a “tua” mãe o que “mi” fêz “í” a meu “fio” dêste “qui taí”, também, Deus lhe perdoe!

E a pobre negra abaixou-se para apanhar a barra da saia enlameada, a fim de enxugar as lágrimas com que chorava o seu triste destino, talvez mais que o dela, o do seu miserável filho, que, antes dos dez anos, já travara conhecimento com a Casa de Detenção...

Graças à intervenção do dono da tasca, que tinha com o guarda de ronda o compromisso de manter a ordem no “reduto”, o ajuntamento se desfez e Cassi pôde continuar o seu caminho. Por despedida, porém, ainda levou uma surriada das mulheres, que o descompunham em baixo calão, enquanto Inês imprecava:

— “Marvado”! Desgraçado! Cara-dura! Hás de “mi pagá”, “seu canaia”!

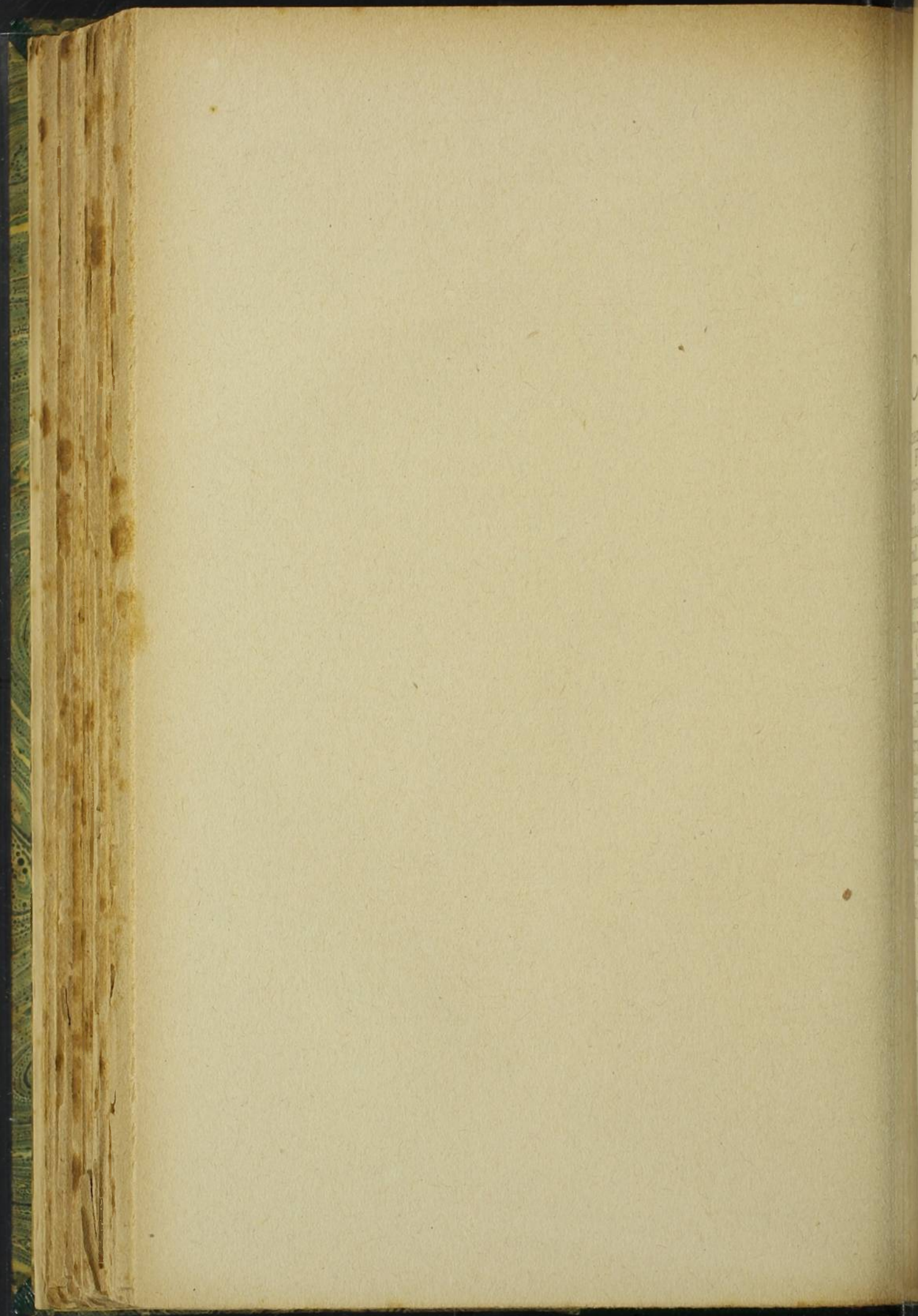
Logo que se viu livre de perigo, Cassi respirou, compôs a fisionomia, apalpou o dinheiro na algibeira e fêz de si para si:

— Acontece cada uma! Para que havia de dar esta negra... Felizmente, foi em lugar que ninguém me conhece; se fôsse em outro qualquer — que escândalo! Os jornais noticiariam e... Não passo mais por ali e ela

que fôsse para o diabo!... Fico com o dinheiro em casa.

Nenhum pensamento lhe atravessou a cabeça, considerando que um seu filho, o primeiro, já conhecia a De-  
fensão...

\* \* \*





X

CLARA dos Anjos, meio debruçada na janela do seu quarto, olhava as árvores imotas, mergulhadas na sombra da noite e contemplava o céu profundamente estrelado. Esperava.

Fazia uma linda noite sem luar; era silenciosa e augusta. As árvores erguiam-se hirtas e se recortavam na sombra como desenhadas. Nem uma aragem corria; mas estava fresco. Não se ouvia a mínima bulha natural. Nem o estridular de um grilo; nem o piar de uma coruja. A noite quieta e misteriosa parecia aguardar quem a interrogasse e fôsse buscar no seu sossêgo paz para o coração.

Clara contemplava o céu negro, picado de estrêlas, que palpitavam. A treva não era total por causa da poeira luminosa que peneirava das alturas. Ela, daquela janela, que dava para os fundos de sua casa, abrangia uma grande parte da abóbada celeste. Não conhecia, o nome daquelas jóias do céu, das quais só distinguia o "Cruzeiro do Sul". Correu com o pensamento errante tôda a extensão da parte do céu que avistava. Voltou ao "Cruzeiro", em cujas proximidades pela primeira vez, reparou que havia uma mancha negra, de um negro profundo e homogêneo de carvão vegetal. Perguntou de si para si:

— Então, no céu, também se encontram manchas?

Essa descoberta, ela a combinou com o transe por que passara. Não lhe tardaram a vir lágrimas; e, suspirando, pensou de si para si:

— Que será de mim, meu Deus?

Se "êle" a abandonasse, ela estava completamente des-

moralizada, sem esperança de remissão, de salvação, de resgate... Moça, na flor da idade, cheia de vida, seria como aquêlê céu belo, sedutoramente iluminado pelas estrêlas, que também tinha ao lado de tanta beleza, de tanta luz, de não sabia que sublime poesia, aquela mancha negra como carvão. Cassi a teria de fato abandonado? Ela não podia crer; embora há quase dez dias não a viesse ver. Se êle a abandonasse — o que seria dela? Veio-lhe então perguntar a si mesma como se entregou. Como foi que ela se deixou perder definitivamente?

Clara não podia bem apanhar tôdas as fases dessa queda; ela se lembrava de poucas e sem nitidez apreciável. Tudo foi num galope para a desgraça... Em começo; a primeira impressão simpática, os gemidos do violão, os seus repinçados, seguidos dos requebros dos olhares do tocador que os exagerava e punha nêles não sei que chama estranha, doce e ao mesmo tempo quente. Impressionara-se muito com isso, tão preparada já estava para os efeitos do instrumento. Depois aquela oposição de todos, aquêlê falar contínuo nêle, para dizer mal, tanto da parte do padrinho, como da parte da mãe e de D. Margarida. Essa insistência em denegri-lo fizeram que ela representasse, dentro de si mesma, Cassi, como um homem excepcional que causava inveja a todos, pelas suas qualidades de bravura, pela sua habilidade no canto e na viola. Não acreditava no que diziam dêle... Pareceu-lhe, na primeira vez que o viu, tão modesto, tão reservado de modos, tão delicado, que não podia ser o que diziam. Quando conversou com êle, meses depois, pela primeira vez, no gradil de sua casa, mais êsse retrato se firmou; as suas conversas eram tão inocentes e honestas, falando sempre em empregar-se e casar-se com ela; removendo as objeções e dúvidas que ela punha quanto à viabilidade do casamento dêles, com segurança e franqueza; contrapondo, para mostrar a sua possibilidade, à côr dela, além da grande paixão que nutria, a sua pobreza, a oposição dos pais, a sua falta de posição, de saber — o que não permitia a êle aspirar a grandes

casamentos vistosos com mulher mais bem educada do que êle, mais instruída...

O seu ideal era Clara, pobre, meiga, simples, modesta, boa dona de casa, econômica, que seria, para o pouco que êle poderia vir a ganhar...

De dia para dia, êle ganhava mais fortemente a confiança da rapariga. Ela se convencera e sonhava a tôda a hora com aquella "casa branca da serra", onde iria aninhar o seu amor por Cassi. Indagava, em tôdas as entrevistas, dos passos que êle dava para obter emprêgo, colocação; e êle, com blandícia, com afagos, dizia-lhe com açúcar nas palavras:

— Sossega, filhinha querida! Roma não se fêz num dia... É preciso esperar... Falei ao Dr. Brotero, que me deu uma recomendação para o senador Carvalhaes. Procurei êste e êle me disse que para o cais do Pôrto, não podia arranjar... Tinha pedido muito e muito; estava "queimado", como se diz.

Ouvindo tudo isto, Clara sentia-se desfazer ao calor, à meiguice, ao entono amoroso daquela voz. Era mesmo um bom, um sincero, um namorado, mais que isto, um noivo — êsse Cassi.

— Por que você não me "pede" a papai? perguntou-lhe um dia.

Cassi sem hesitação, com o mais convincente tom de franqueza, respondeu:

— Não posso ainda, meu bem. Seus pais... É verdade que seu padrinho não existe mais...

A estas palavras, Clara estremeceu e olhou-o medrosa; êle, porém, não percebeu o movimento da rapariga, como ainda não tinha notado as suspeitas que ela tinha, de quando em quando, da intervenção dêle no assassinato do padrinho. No comêço, Clara quase ficara certa de que êle estava metido no crime; mas, quando, daí a dias, conversou com êle, fôsse a emoção da primeira entrevista, fôsse a ternura com que a cobria e se expandia por êle todo, ela afastou a convicção e perdeu o terror que êle começara a lhe inspirar. A sua débil inteligência, a sua falta de experiência e conhecimento da vida,

aliado tudo isto à forte inclinação, que tinha e não sospitava pelo violeiro, agiram sôbre a sua consciência, de forma a inocentar, a seus olhos, o tocador de violão, no caso da morte misteriosa do padrinho. Entretanto, de quando em quando, lá lhe vinha uma suspeita, mas êle era tão bom...

Cassi, sem hesitação, respondeu-lhe à pergunta, no mais persuasivo tom de franqueza:

— Não posso ainda, meu bem. Seus pais... É verdade que seu padrinho não existe mais; mas D. Engrácia não me suporta. Além disso, essa D. Margarida também não me traga... Que estranho o que se passou com ela e Timbó...

— Você por que anda com êle, Cassi?

— Que hei de fazer? Êle não me faz e não me fêz mal; procura-me e não posso correr com êle. É por isso.

— Mas, é só por isso que você não me pede? Por causa da implicância que têm com você? Por isso só, não!

— Não é só por isso. É porque estou ainda desempregado. Se eu estivesse empregado, desarmava todos; e — fique você certa — logo que me empregue, peço-te em casamento.

Recordando-se disso, Clara, mais uma vez contemplou o céu profusamente estrelado; mas, logo, deu com a mancha de alcatrão e ficou triste.

Rememorando conversas e fatos, ela punha todo o esforço em analisar o sentimento, sem compreender o ato seu que permitiu Cassi penetrar no seu quarto, alta noite, sob o pretexto de que precisava se abrigar da chuva torrencial, prestes a cair. Ela não sabia descompô-lo, não sabia repreendê-lo. Lembrando-se, parecia-lhe que, no momento, lhe dera não sei que torpor de vontade, de ânimo, como que ela deixou de ser ela mesma, para ser uma coisa, uma boneca nas mãos dêle. Cerrou-se-lhe uma neblina nos olhos, veio-lhe um esquecimento de tudo, agruparam-se-lhe as lembranças e as recordações e tôda ela se sentiu sair fora de si, ficar mais leve, aligeirada não sabia de que; e, insensivelmente, sem brutalidade,

nem violência de espécie alguma, êle a tomou para si, tomou a sua única riqueza, perdendo-a para tôda a vida e vexando-a, daí em diante, perante todos, sem esperança de reabilitação.

Pôs-se a chorar silenciosamente. No seio da noite, um apito de locomotiva ecoou como um gemido; as árvores como que estremeceram; por sôbre um capinzal próximo, um pirilampo emitia a sua luz de prata azulada; por cima da casa, morcegos silenciosos esvoaçavam; ao longe, as montanhas tinham aspectos sinistros de gigantes negros, que montavam sentinela; tudo era silêncio e, em vão, ela apurava o ouvido e reforçava o seu poder de visão, para ver se daquele mistério todo saía qualquer resposta sôbre o seu destino — ou se via o caminho para a sua salvação...

Olhou ainda o céu, recamado de estrêlas que não se cansavam de brilhar. Procurou o "Cruzeiro", rogou um instante a Deus que a perdoasse e a salvasse. Andou com o olhar no céu, um pouco além; lá estava a indelével mancha de carvão...

"Êle" não vinha; os galos começavam a cantar. Fechou a janela chorando e chorando foi se deitar. Custou a conciliar o sono; e a visão ameaçadora da descoberta, por parte dos seus, da sua falta, passou-lhe pelos olhos e aterrou-a como um duende, um fantasma.

Em casa e fora, ainda ninguém suspeitava. Os sintomas da gravidez, por ora, não se faziam sentir. É verdade que tinha náuseas, enjôos sem causa nem motivo; mas ela dissimulava-os tão bem, que sua mãe não percebia.

D. Engrácia mesmo era de seu natural pouco sagaz e tinha grande confiança na vigilância que exercia sôbre a filha. Joaquim, nos dias úteis, mal via a filha, pela manhã, ao sair, e à noite, quando voltava do serviço.

A morte desgraçada do seu compadre Marramaque o fizera triste, verdadeiramente triste e acabrunhado. A sua amizade era velha e êle devia favores inolvidáveis ao pobre contínuo. Fôra êle quem aperfeiçoara o pouco que êle, Joaquim, sabia, para ser carteiro. Devia-lhe êsse

serviço espontâneo. Mais de uma vez, arranjava-lhe recomendações para promoções, de modo que o que era devia de alguma sorte a Marramaque. As partidas de solo, aos domingos, não se realizavam mais. Lafões tinha sido transferido para os mananciais. O sagaz minhoto farejava que aquêlê negócio de Cassi desandaria em desgraça. Êle não a podia impedir, mas não a queria assistir, tanto mais que se sentia arrependido de ter apresentado o modinheiro em casa do carteiro. Enganou-o, o malandro! Fizera-o de boa fé...

O único que aparecia ainda era Menezes. Estava, porém, amalucado, monomaniaco. Fugia de tôdas as conversas e teimava em expor o seu sistema de carro motor, sem rodas, absolutamente sem rodas. Uma grande descoberta! arrematava êle.

— A roda, meu caro Joaquim, é um atraso das nossas máquinas. No seu acionamento, devido ao atrito dos eixos nos mancais e outros meios de transmissão da fôrça, perde-se muito do efeito útil desta, proveniente das resistências passivas. Se nós, para nos movermos; se um cavalo, um elefante e todos os animais empregassem rodas para se deslocarem de um ponto para outro, a fôrça que despenderiam seria muitas vêzes maior do que a de que efetivamente dispõem. Suprimo as rodas da minha "Andotiva" (é assim que o meu aparelho se chama) e imito o meio de locomover-se dos animais terrestres. Tenho hesitado entre os réptis e os mamíferos; mas vou tomar por modelo êstes. Com juntas, jogos combinados de cadeias de distensão e contração, como as nossas cadeiras de molas, obterei uma máquina que, com o mesmo custo de fôrça e combustíveis que uma locomotiva comum, produzirá o dôbro de rendimento útil que esta produz.

Joaquim, ouvindo tudo isto, bocejava; Menezes, inteiramente engolfado no seu sonho mecânico, não percebia que estava enfadando o amigo. Falava, falava sôbre a sua sonhada — "Andotiva" — e bebia parati.

As vêzes, jantava com o carteiro e família; mas, na

mesa, pouco se dirigia a Clara. Tinha mêdo que, conversando, traísse o segrêdo que existia entre ambos.

O velho dentista, mesmo, havia deixado de ver Cassi e êste, por sua vez, evitava-o, temendo que Menezes percebesse os seus propósitos de fuga e contasse a todos, levantando suspeitas em Clara.

Outras vêzes, o velho dentista ia procurar Leonardo Flores, para conversar e mesmo jantar com êle. Flores não passava verdadeiramente necessidade. Com a sua aposentadoria e o auxílio que os filhos lhe prestavam, sempre tinha o que comer sem se queixar da fome.

A sua casa, graças à dedicação da mulher, vivia em ordem. Êle não se intrometia em nada da economia do lar. Os seus próprios vencimentos de aposentado, êle ia recebê-los ou ela, e os entregava intatos. Roupa, jornais, fumo, parati — tudo ela comprava e lhe dava. Em começo, a boa da D. Castorina quis ver se suprimia a cachaça; mas viu que era pior. Êle caía num abatimento, numa apatia de coisa morta. Resolveu fazer mais êste sacrifício ao seu triste casamento: dar cachaça ao marido. Quando êle queria sair, ela lhe dava níqueis para a sua predileta bebida.

As visitas de Menezes eram particularmente agradáveis à mulher de Flores porque não só distraía o marido, como lhe tirava a vontade de sair.

Flores tinha épocas em que não se movia de casa, senão a muito custo, para ir ao Tesouro, receber a sua pensão; mas tinha outra em que se lhe tomava inteiramente o delírio ambulatório. D. Castorina, embora compreendendo que o marido não podia ficar sempre retido em casa, procurava evitar que êle saísse, devido aos desatinos que praticava. Lá vinha, porém, um dia que...

Quando Menezes ia, aos domingos, procurá-lo, Flores recebia-o com um grandiloqüente palavreado heráldico e fidalgo; mas, êle dizia com grande melancolia, com uma mágoa que bem sabia não ter remédio:

— Só tu me procuras, Menezes! Os outros me abandonaram... Ah! A poesia! Ela me tem dado bons mo-

mentos, mas me fêz ir longe demais no meu grande serviço...

Punham-se a bebericar e, quando já estavam um tanto "esquentados", cada um dava para a sua mania. Menezes explicava a mecânica sutil da sua "Andotiva"; e Leonardo Flores recitava o seu último soneto que, embora desconexo, ainda tinha a música, uma imponderável nostalgia de coisas entrevistas em sonho, uma obsessão de perfume que constituíam os característicos de sua poética.

De repente, Menezes punha-se a roncar no sofá e Leonardo, saindo do seu mundo sonoro de versos e rimas, punha-se de pé e, contemplando o camarada, com os braços cruzados, limitava-se a dizer:

— Imbecil! Dorme imbecil! Filisteu! Burguês!

E voltava a fazer versos, a que era como que forçado até a hora do jantar. Por essa ocasião, despertava Menezes aos berros e debaixo de descomposturas e injúrias poéticas.

O jantar conforme o hábito das nossas pequenas famílias, nos domingos, era pôsto à mesa, mais cedo, constituindo o que se chama "o ajantarado". Assim se usava na casa de Flores; mas, em geral, era servido tarde, quase à hora do jantar habitual. A refeição não corria alegre. Menezes tinha a sua mania; Flores a dêle; e ambos, durante ela, entregavam-se às suas extravagâncias, falando de coisas que os outros não entendiam. Menezes era calmo; mas o seu amigo comia fazendo esgares, soltando rugidos, cofiando a barba, ainda negra, que terminava num cavanhaque ponteagudo.

D. Castorina, a mulher de Flores, de vez em vez, prendia-o como a um filho menor:

— Come com modos, Flores! Você parece uma criança.

Raramente acontecia estar presente um dos filhos. Andavam pelo *foot-ball* e a mãe lhes reservava o jantar. Se acontecia o contrário, o rebento do poeta olhava o pai sem nenhuma expressão, sem ânimo de aconselhar e sem insensibilidade para rir. A loucura de Flores era



curiosa. Não só ela se manifestava com intermitências de grandes intervalos, como também as havia num curto espaço de um dia. O álcool tinha contribuído para ela; mas, sem êle, a sua alienação mental ter-se-ia manifestado, cedo ou tarde, Todos os que o conheceram moço, sabiam-no de sobra possuidor de diátese da loucura. Os seus *tics*, os seus caprichos a sua exaltação e outros sintomas confusamente percebidos levavam os seus íntimos a temerem sempre pela sua integridade mental. A tudo isso, êle juntava, ainda por cima, álcoois fortes, que sempre tomou; *whisky*, genebra, gim, rum, parati; basta isso para se compreender a natureza da insânia de Flores.

Certa vez, após o jantar, tomando café no jardimzinho de sua casa, que êle mesmo cuidava com rara dedicação de surpreender no seu estado — Leonardo olhou o céu e gritou para Menezes, descansando a xícara sôbre uma cadeira ao lado:

— Menezes! Vê só tu como esta tarde está linda! Não é só o ouro e a púrpura do crepúsculo que vêm; não é só o azul ferrete dos morros que, com o aproximar-se a noite, se vai enegrecendo aos poucos... Há mais, caro Menezes; há verde no céu, um verde imaterial, que não é o do mar, que não é o das árvores, que não é o da esmeralda, que não é o dos olhos de Minerva — é um verde celestial, diferente de todos aquêles que nós habitualmente vemos... Vamos sair, vamos gozar a natureza!

— Deixa-te disso, Flores. Daqui mesmo, nós vemos...

— Idiota! Não és um artista... Se não me acompanhavas, saio só!...

D. Castorina interveio naturalmente:

— Para que vais sair, Leonardo? Estás tão bem aqui com o "seu" Menezes... Precisas de repouso, descanso...

— Mulher! Sabes quem eu sou? fêz Flores, com o seu modo habitual de cruzar os braços e enterrar o queixo no peito, quando falava com solenidade.

— Sei muito bem. És Leonardo Flores, meu marido, respondeu-lhe a mulher, sorrindo.

— Não sou só isso. Sou mais! insistiu Flores, carrancudo.

— O que és, então? perguntou-lhe D. Castorina.

— Sou um poeta!

Dizendo isto, entrou pela sala adentro e encaminhou-se para o quarto de dormir.

— Onde vais? indagou-lhe a mulher.

— Vou me vestir; quero ver êste crepúsculo de pedraria, de metais caros, de sonhos e de quimeras. Sou um poeta, mulher!

D. Castorina já sabia que, quando lhe dava essa fúria de sair, era pior contrariá-lo. Nada disse ao marido e foi pedir a Menezes que o acompanhasse. O velho dentista não se sentia bem; o seu desejo era descansar; mas, à vista do pedido de D. Castorina, não teve outro remédio senão acompanhar o camarada. Andaram a pé por tôda a parte, bebendo sempre onde encontravam lugar propício; Menezes, arrastando o passo; e Flores, dilatando as narinas, fazendo horríveis contrações com o rosto, alisando o cavanhaque e dizendo:

— Que beleza! Que beleza! Quero respirar, cheirar, absorver todo o perfume dêsse divino crepúsculo... Não fôra a natureza, os céus, os pássaros, as águas múrmuras, como poderíamos viver?

Depois de uma pausa, acrescentou desolado:

— A vida é tão banal, tão chata... Nós somos também natureza; mas do que nos vale isto? Há os burgueses e os regulamentos que nos abafam...

Já tinha anoitecido de todo. Leonardo Flores não dava mostras de querer voltar para casa; Menezes arrastava o passo, a muito custo. Iam atravessando um trecho deserto de rua, quando o velho dentista disse para o amigo:

— Leonardo, estou com as pernas que não posso. Vamos descansar um pouco.

— Onde?

— Sentados na relva, um pouco longe da estrada, ali, atrás daquela moita... Estou que não posso, meu caro.

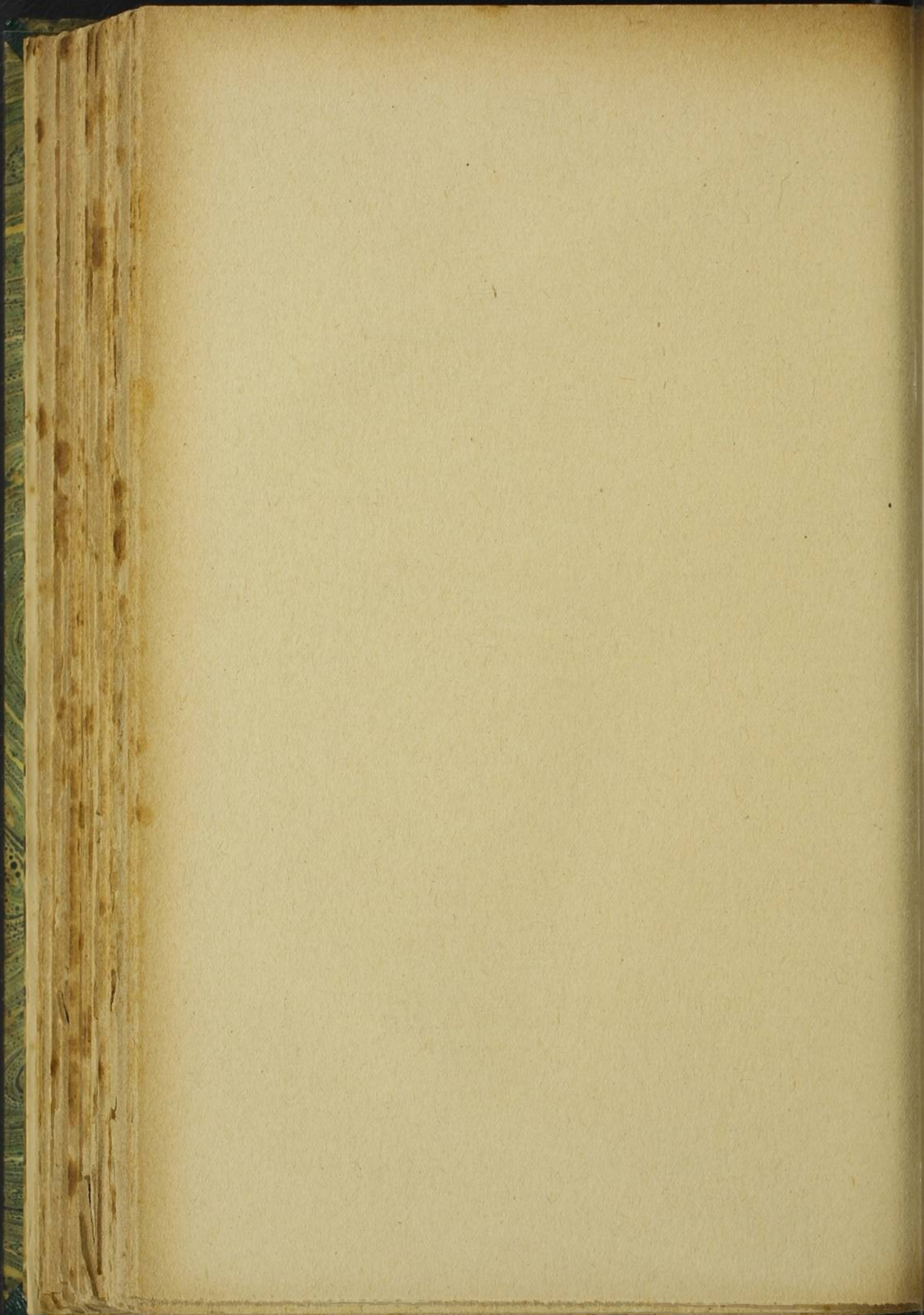
Os dois abandonaram o caminho público e procuraram

a tal moita. Menezes, com muita dificuldade, sentou-se; mas Leonardo foi logo se deitando. Tinham bebido muito e a embriaguez lhes chegava. Leonardo ainda pôde dizer, olhando as estrêlas que começavam a brilhar:

— Como é belo o céu! Lá não haverá por certo ministros, nem congresso, nem presidentes... Que bom será!

O dentista não se demorou muito tempo sentado; deitou-se logo; e Leonardo, mal dissera aquelas palavras, ferrou no sono. Dormiram afinal, na relva, com os olhos voltados para o céu estrelado...

\* \* \*



## XI

LEONARDO, já dia adiantado, veio a despertar naquele capinzal, atordoado, zozzo; e, ao dar com Menezes ao lado, procurou acordá-lo. Foi em vão; o velho estava morto. Um colapso cardíaco o tinha levado. Percebendo que o amigo tinha morrido, Leonardo ergueu-se, tirou-lhe o chapéu de perto da cabeça, pôs-lhe o rosto bem à mostra, com as suas brancas barbas veneráveis, e começou a exclamar:

— Sol! Sol glorioso das auroras e das ressurreições! Sol divino que conténs todos nós, homens e plantas, bêtas e gênios, insetos e vampiros, lesmas e belezas! Sol que tudo fecundas e transformas! Vem tu — ó Sol! — beijar esta angusta cabeça de imperador (apontava para Menezes hirto) que vai para sempre mergulhar na treva e só te verá de novo quando fôr árvore, quando fôr arbusto, quando fôr pássaro e quando de novo voltar a ser homem. Beija-o, ainda mais uma vez! Beija-o, porque êle te amou e muitas vêzes voou para os espaços sidéreos, desejoso de ver o teu fulgor e morrer por tê-lo visto.

Não dera fé, Leonardo, que alguns transeuntes haviam parado, para ouvir as suas palavras e ver os seus estranhos trejeitos. Os mais curiosos se aproximaram e deram com aquêle estranho e bizarro espetáculo de um homem, que parecia louco ou bêbedo, a pronunciar coisas incompreensíveis e a gesticular, diante de um pobre velho morto. Chamaram a polícia; e lá foi Leonardo, gesticulando e falando só, para a delegacia. Menezes tomou o caminho do necrotério, após fotografias e outras preocupações policiais.

O primeiro movimento do policial que recebeu Leonardo foi removê-lo incontinenti para o hospício ou lugar equivalente. Na verdade, o poeta não dizia coisa com coisa; nem mesmo quem era informava. Muitos o conheciam de vista, mas, para essas pessoas, era simplesmente — “o poeta”. Em chegando Praxedes, as coisas mudaram. Tinha êle o hábito de ir de manhã às delegacias, ver se pegava algum biscate, alguma coisa. Indo, naquele dia, topou com Leonardo lá e soube que um velho que bebia muito, e costumava estar com êle, havia sido encontrado morto junto a Flores e fôra removido para a “morgue”. Viu logo que se tratava de Menezes. Muito prestável, obsequioso de gênio, Praxedes, para quem a polícia não tinha segredos, informou ao comissário quem era Leonardo e quem era Menezes. A autoridade policial encarregou-o de prevenir os parentes e amigos de ambos do que havia acontecido. Praxedes correu à casa de Joaquim dos Anjos, para desobrigar-se da missão. Foi recebido pela mulher e a filha.

— Quincas não está aí, disse-lhe D. Engrácia. Êle saiu cedo...

— O senhor pode telefonar para a Repartição dos Correios, lembrou Clara.

— Lembrei-me disso, mas não sabia a seção.

A filha disse-lhe e o Dr. Praxedes, muito diplomáticamente, ergueu-se todo e, ao despedir-se das senhoras, desculpou-se:

— V. Ex<sup>as</sup>. hão de me perdoar. Não podia deixar de vir até aqui. Sabia de dois amigos íntimos do Dr. Menezes; um era o Sr. Cassi, mas êste está fora...

Clara espantou-se!

— Está fora!

— Ué, Clara! fêz D. Engrácia. Que espanto!

— Não, porque ainda há dias “seu” Menezes disse a papai que estivera com êle, fêz Clara disfarçando.

— Deve ser há algum tempo, minha senhora, aventou Praxedes, com tôda a delicadeza de voz; porque há bem quinze dias que embarcou para S. Paulo, em Cascadura. Eu até me despedi dêle...

Praxedes saía e Clara, logo que pôde, correu ao quarto para chorar. Estava irremediavelmente perdida; êle a abandonara de vez. Como havia de ser? Como havia de esconder a gravidez que se ia mostrando aos poucos? Que fariam dela os seus pais? Era atroz o seu destino!

Tôdas essas perguntas, ela formulava e não lhes dava resposta. Cassi partira, fugira... Agora, é que percebia bem quem era o tal Cassi. O que os outros diziam dêle era a pura verdade. A inocência dela, a sua simplicidade de vida, a sua boa fé, e o seu ardor juvenil tinham-na completamente cegado. Era mesmo o que diziam... Por que a escolhera? Porque era pobre e, além de pobre, mulata. Seu desgraçado padrinho tinha razão... Fôra Cassi quem o matara.

Ela contava, já não se dirá com o apoio, mas com a indiferença de todos pela sorte de uma pobre rapariga como ela. Devia ser assim, era a regra. Nessa indiferença, nessa frouxidão de persegui-lo, de castigá-lo convenientemente, é que êle adquirira coragem para fazer o que fazia. Além de tudo, era covarde. Não cedia ao impulso do seu desejo, de seu capricho, por uma moça qualquer. Catava com cuidado as vítimas entre as pobres raparigas que pouco ou nenhum mal lhe poderiam fazer, não só no que toca à ação das autoridades, como da dos pais e responsáveis.

Estava aí o seu porte; o mais eram acessórios de modinhas de tocatas de violão, de cartas, de suspiros — todo um arsenal de simulação amorosa que êle, sem caráter e por demais cínico sabia empregar, como ninguém.

Que havia de ser dela, agora, desonrada, vexada diante de todos, com aquela nódoa indelével na vida?

Sentia-se só, isolada, única na vida. Seus pais não a olhariam mais como a olhavam; seus conhecidos, quando soubessem, escarneceriam dela; e não haveria devasso por aí que a não perseguisse, na persuasão de que quem faz um cêsto, faz um cento. Exposta a tudo, desconsiderada por todos, a sua vontade era fugir, esconder-se. Mas, para onde? Com a sua inexperiência, com a sua

mocidade, com a sua pobreza, ela iria atirar-se à voracidade sexual de uma porção de Cassis ou piores que êle, para acabar como aquela pobre rapariga, a quem chamavam de Mme. Bacamarte, suja, bebendo parati e roída por tôda a sorte de moléstias vergonhosas.

Pensou em morrer; pensou em se matar; mas, por fim, chorou e rogou a Nossa Senhora que lhe desse coragem. Se pudesse esconder?... acudiu-lhe repentinamente êste pensamento. Se pudesse “desfazê-lo”? Seria um crime, havia perigo de sua vida; mas, era bom tentar. Quem lhe ensinaria o remédio? Correu o rol de suas poucas amigas; e só encontrou uma: D. Margarida.

Nisto, sua mãe gritou-lhe do fundo da casa:

— Clara, estás dormindo? Olha que estão batendo na porta.

— Já vou, mamãe.

Era o estafeta dos Telégrafos, que trazia um despacho do pai, comunicando que, devido a ter de fazer o entêrro de Menezes, chegaria mais tarde, mas viria jantar.

Ela e a mãe não esperaram; jantaram antes. Clara muito preocupada com o “remédio” que ia ver se D. Margarida lhe arranjava; e D. Engrácia aborrecida com a morte de Menezes.

— Pobre Menezes! dizia ela. Morrer assim, no mato! Por que êle não foi para casa? Era bem velho, não era, Clara?

— Devia ter mais de setenta anos.

— Isto não quer dizer nada. Há quem dure mais... Você tem reparado, Clara, que, de uns tempos para cá, está nos acontecendo uma porção de coisas más?

— Nem tantas! Duas só: a morte do padrinho e...

— Você acha pouco e, ainda por cima, da forma que elas nos chegam! Deus nos proteja! Tenho para mim que alguma está para nos acontecer...

— Qual, mamãe! Tudo isto é doloroso, mas são fatos que se dão...

— Felizmente, êsse azar de Cassi se foi. Que vá pro diabo que o carregue!



Clara teve vontade de chorar; mas conteve-se. Estava resolvida: amanhã, pediria um "abortivo" a D. Margarida.

Joaquim dos Anjos chegou e narrou tudo o que acontecera com Menezes e Leonardo. Aquêlê, por não ter ninguém que lhe fizesse o entêrro, êle o fizera; e Leonardo, logo que foi afastada a hipótese de crime, e ficou sabido o seu estado mental, entregaram-no à mulher. Ao chegar em casa, acompanhado de D. Castorina, foi que Flores caiu em si e teve consciêcia perfeita do fim do amigo. Estava lúcido, bom; estava o verdadeiro Leonardo que chorou o falecimento do camarada, sem mescla de delírio, pressentindo que, nêle, havia o aviso do seu próximo fim.

Engrácia ouviu a narração de Quincas e, ingênuamente, perguntou-lhe:

— Êsse Leonardo é mesmo homem de inteligêcia, Quincas?

— Ê, Engrácia. Por quê?

— Por que êle então bebe tanto?

— Quem sabe lá? Vício, hábito, capricho da sua natureza, desgostos, ninguém sabe! observou o marido.

— Eu vejo tanto doutor por aí que não bebe.

— Você pensa que todo doutor é inteligente, Engrácia?

— Pensei.

Clara ficou admirada de que a opinião da mãe não fôsse exata. Ela também, muito popular e estreita de idéia, admitia que tôda a espécie de doutor fôsse de sábios e inteligentes.

Joaquim dizendo-se cansado, fôra logo deitar-se; e, em seguida, a sua mulher e filha.

Em breve, tudo era silêncio na casa e na rua. Clara não esperava mais, com a janela semi-aberta, a visita do sedutor. Havia se fatigado de aguardá-lo muitas noites seguidas; e, agora então, depois da informação de Praxedes, tinha perdido tôda a esperança. Êle fugira e ela ficara com o filho a gerar-se no ventre, para a sua vergonha e para tortura de seus pais. Imediatamente,

o seu pensamento se encaminhou para o "remédio" que devia "desmanchá-lo", antes que lhe descobrissem a falta. Tinha medo e tinha remorsos. Tinha medo de morrer e tinha remorsos de "assassinar" assim, friamente, um inocente. Mas... era preciso. Pôs-se a examinar o que lhe podia responder D. Margarida. Pegou os prós e os contras; analisou bem o caráter da amiga russa-alemã; e, na calma do quarto, percebeu bem que não lhe daria nem indicaria o "remédio" criminoso. Margarida era uma mulher séria, rigorosa de vontade, visceralmente honesta, corajosa e não haveria rogos nem choro que a fizessem contribuir para um crime de qualquer natureza. Então, como havia de ser? Examinou a lista das conhecidas, a ver se encontrava uma que lhe prestasse êsse "serviço"... Não encontrou, e também eram tão poucas... Se tivesse dinheiro, com auxílio de Mme. Bacamarte... Acudiu-lhe então uma idéia. Ela ajudava D. Margarida nos bordados e nas costuras, com o que já ganhava algum dinheiro. Não tinha nada a haver da amiga; mas bem lhe podia pedir emprestado, sob qualquer pretexto, uns vinte ou trinta mil réis e pagá-los com trabalho. Qual seria o pretexto? Pensou, combinou mentiras; e, afinal, encontrou-o. Diria que era para comprar um presente destinado à mãe, cujo aniversário natalício estava a chegar. Sorriu de contentamento quando organizou tôda aquela mentiralhada. Julgava-se salva; mas, com o que ela não contava, era com a sagacidade da alemã.

D. Margarida era mulher alta, forte, carnuda, com uma grande cabeça de traços enérgicos, olhos azuis e cabelos castanhos tirando para louro. Tôda a sua vida era marcada pelo heroísmo e pela bondade. Embora nascida em outros climas e cercada de outra gente, o seu inconsciente misticismo humanitário, herança dos avós maternos, que andavam sempre às voltas com a polícia dos "Czares", fê-la logo se identificar com a estranha gente que aqui veio encontrar. Aprendeu-lhe a linguagem, com seus vícios e idiotismos, tomou-lhe os hábitos, apreciou-lhe as comidas, mas sem perder nada da tena-

cidade, do *esprit de suite*, da decidida coragem da sua origem. Gostava muito da família do carteiro; mas, no seu íntimo, julgava-os dóceis demais, como que passivos, mal armados para a luta entre os maus e contra as insídias da vida.

Quando Clara lhe falou no empréstimo ou adiantamento, ela se espantou. Nunca a filha do "correiro" lhe havia feito semelhante pedido — o que queria dizer aquilo? Não respondeu logo à solicitação e encarou firmemente, com o seu olhar translúcido e, no momento, duro, a filha do carteiro; e, por sua vez, indagou:

— Para que você quer êsse dinheiro, Clarinha?

A moça, não podendo suportar a mirada da alemã, abaixara os olhos; e, com voz sumida, explicou o suposto destino que ia dar à quantia pedida. D. Margarida não acreditou; e, continuando com o olhar a sondar inquisitorialmente Clara, observou com energia maternal:

— Clara, você não fala a verdade; você está escondendo alguma coisa.

A moça quis negar; mas D. Margarida, pressentindo que ela ocultava alguma coisa de grave, cercou-a de perguntas; e Clara não teve outro remédio senão confessar tudo. Ela chorou, mas D. Margarida, sem se deixar comover, durante tôda a confissão, mais arrancada aos poucos do que mesmo narrada espontaneamente, foi pensando como agir. Encheu-se, D. Margarida, de uma infinita pena daquela desgraçada rapariga, dos seus pais e mais profunda se tornava a pena, quando antevia o horrível destino da pobre Clara; entretanto, não deu qualquer demonstração do que lhe ia na alma.

Num dado momento, sem dar-lhe a mínima explicação, D. Margarida ergueu-se e, dirigindo-se a Clara, ordenou imperiosamente:

— Vamos falar à sua mãe.

A filha do carteiro, sem fazer a mínima objeção, obedeceu. Ao chegar à casa de Joaquim, D. Engrácia estava no interior, inocentemente entregue aos seus afazeres domésticos. Entretanto, D. Margarida chamou de parte a mãe de Clara e começou a narrar-lhe o que havia

acontecido com a filha. D. Engrácia não se pôde conter. Logo que compreendeu a gravidade do fato, pôs-se a chorar copiosamente, a lastimar-se, a soluçar, dizendo entre um acesso de choro e outro:

— Mas, Clara!... Clara, minha filha!... Meu Deus, meu Deus!

A filha aproximou-se chorando; ajoelhou-se, ajuntou as mãos, em postura de oração, aos pés da mãe e, soluçando, repetiu:

— “Me perdoe”, mamãe! “Me perdoe”, pelo amor de Deus!

D. Margarida, de pé, nada dizia e olhava com profunda e desmedida tristeza, que não se adivinhava na sua calma e na segurança do seu olhar, aquêlê quadro desolador do enxovalhamento de um pobre lar honesto.

Afinal, quando lhe pareceu que ambas estavam mais calmas, interveio:

— Você sabe, Clara, onde mora a família dêsse sujeito?

Clara, ainda soluçando, respondeu:

— Sei.

D. Engrácia indagou:

— Para quê?

D. Margarida explicou que, antes de qualquer procedimento e mesmo de comunicar o fato a “seu” Joaquim, era conveniente entender-se com a família de Cassi. Ela, D. Margarida, iria imediatamente à casa dêle, acompanhada de Clara. Mãe e filha concordaram; e Clara vestiu-se.

A residência dos pais de Cassi ficava num subúrbio tido como elegante, porque lá também há estas distinções. Certas estações são assim consideradas e certas partes de determinadas estações gozam, às vêzes, dessa consideração, embora em si não o sejam. O Méier, por exemplo, em si mesmo não é tido como chique; mas a Bôca do Mato é ou foi; Cascadura não goza de grande reputação de fidalguia, nem de outra qualquer prosápia distinta; mas Jacarepaguá, a que êle serve, desfruta da mais subida consideração.

A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiras à *gare* da Central; mas numa transversal, cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma casita de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade e os historiógrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano.

Tinha boa aparência a residência da família do Sr. Azevedo; mas, quem a observasse com cuidado concluiria que a parte imponente dela, a parte da cimalha, sacadas gradeadas, e compoteiras ao alto, era nova. De fato, quando o pai de Cassi a comprou, a casa era um simples e modesto *chalet* mas, com o tempo e com ser sua vagarosa mas segura prosperidade pôde ir, também devagar, aumentando o imóvel, dando um aspecto de boa burguesia remediada. Na frente, não era alto; o terreno, porém, inclinava-se rapidamente para os fundos, de forma que, nessa parte, havia um porão razoável, onde, ultimamente, habitava Cassi. O puxado, na traseira da casa, também tinha porão, porém, com maus quartos, que eram ocupados pelas galinhas do filho e por coisas velhas ou sem préstimo que a família refugava, sem querer pôr fora de todo.

D. Margarida tocou a campainha com decisão e subiu a pequena escada que dava acesso à casa. Disse à criada que desejava falar à dona da casa. D. Salustiana, que esperava tudo, menos aquela visita portadora de semelhante mensagem, não tardou em mandar entrar as duas mulheres. Ambas estavam bem vestidas e nada denunciava o que as trazia ali. Só Clara tinha os olhos vermelhos de chorar, mas passava despercebido. Chegou D. Salustiana e cumprimentou-as com grandes mostras de si mesma. D. Margarida, sem hesitação, contou o que havia. A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico:

— Que é que a senhora quer que eu faça?

Até ali, Clara não dissera palavra; e D. Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor pela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer.

Ao ouvir a pergunta de D. Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

— Que se case comigo.

D. Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

— Que é que você diz, sua negra?

D. Margarida, não dando tempo a que Clara repelisse o insulto, imediatamente, erguendo a voz, falou com energia sobranceira:

— Clara tem razão. O que ela pede é justo; e fique a senhora sabendo que nós estamos aqui para pedir justiça e não para ouvir desaforos.

D. Salustiana voltou-se para D. Margarida e perguntou, pronunciando devagar, as palavras, como para se dar importância:

— Quem é a senhora, para falar alto em minha casa?

D. Margarida não se intimidou:

— Sou eu mesma, minha senhora; que, quando me decido a fazer alguma coisa de justo, nada me atemoriza.

Foi calmamente que D. Margarida falou; e, à vista dessa atitude, D. Salustiana resolveu mudar de tática. Gritou para as filhas:

— Catarina! Irene! Venham cá que esta mulher está me insultando.

As moças acudiram e, contemplando o ar enérgico da teuto-eslava e a figura lastimosa de Clara, compreenderam que Cassi estava no meio. Acalmaram a mãe e indagaram do sucedido, D. Margarida explicou; mas, quando se falou em casamento de Cassi, D. Salustiana prorrompeu:

— Ora, vejam vocês só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta...

As filhas intervieram:

— Que é isto, mamãe?

A velha continuou:

— Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lorde Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina — que diria êle, se visse tal vergonha? Qual!

Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu:

— Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas...

D. Margarida ia perguntar: “que decide, então?” — quando se ouviram passos na escada. Era o dono da casa. Entrando e deparando-se-lhe aquêle quadro, suspendeu os passos no meio da sala.

Olhou tudo e todos e perguntou:

— Que há?

— “Papai”, ia dizendo uma das filhas; mas sabendo por aí, quem era aquêle homem, Clara correu para êle, ajoelhou-se e implorou:

— Tenha pena de mim, “seu” Azevedo! Tenha pena de uma infeliz! Seu filho me desgraçou!

O velho Azevedo descansou os embrulhos, levantou a moça, fê-la sentar-se; e êle, sentando-se por sua vez, pôs-se a olhar, cheio de pena, o dorido rosto da rapariga. Todos os olhos se fixaram nêle; ninguém respirava. Afinal, Azevedo falou:

— Minha filha, eu não te posso fazer nada. Não tenho nenhuma espécie de autoridade sôbre “êle”... Já o amaldiçoei... Demais, “êle” fugiu e eu já esperava que essa fuga fôsse para esconder mais alguma das suas ignóbeis perversidades... Tu, minha filha, te ajoelhaste diante de mim ainda agora. Era eu que devia ajoelhar-me diante de ti, para te pedir perdão por ter dado vida a êsse bandido — que é o meu filho... Eu, como pai, não o perdôo; mas peço que Deus me perdoe o crime de ser

pai de tão horrível homem... Minha filha, tem dó de mim, dêste pobre velho, dêste amargurado pai, que há dez anos sofre as ignomínias que meu filho espalha por aí, mais do que êle... Não te posso fazer nada... Perdoa-me, minha filha! Cria teu filho e me procura se...

Não acabou a frase. A voz sumiu-se; êle descaiu o corpo sôbre a cadeira e os olhos se foram tornando inchados.

As filhas acudiram, a mulher também; e uma daquelas, chorando, pediu a Clara e a D. Margarida:

— É favor, minhas senhoras; retirem-se, sim?

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fôra preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!...

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da bôca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... O bonde vinha cheio. Olhou todos aquêles homens e mulheres... Não haveria um talvez, entre tôda aquela gente de ambos os sexos, que não fôsse indiferente à sua desgraça... Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil D. Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por êste ou aquêle modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam...

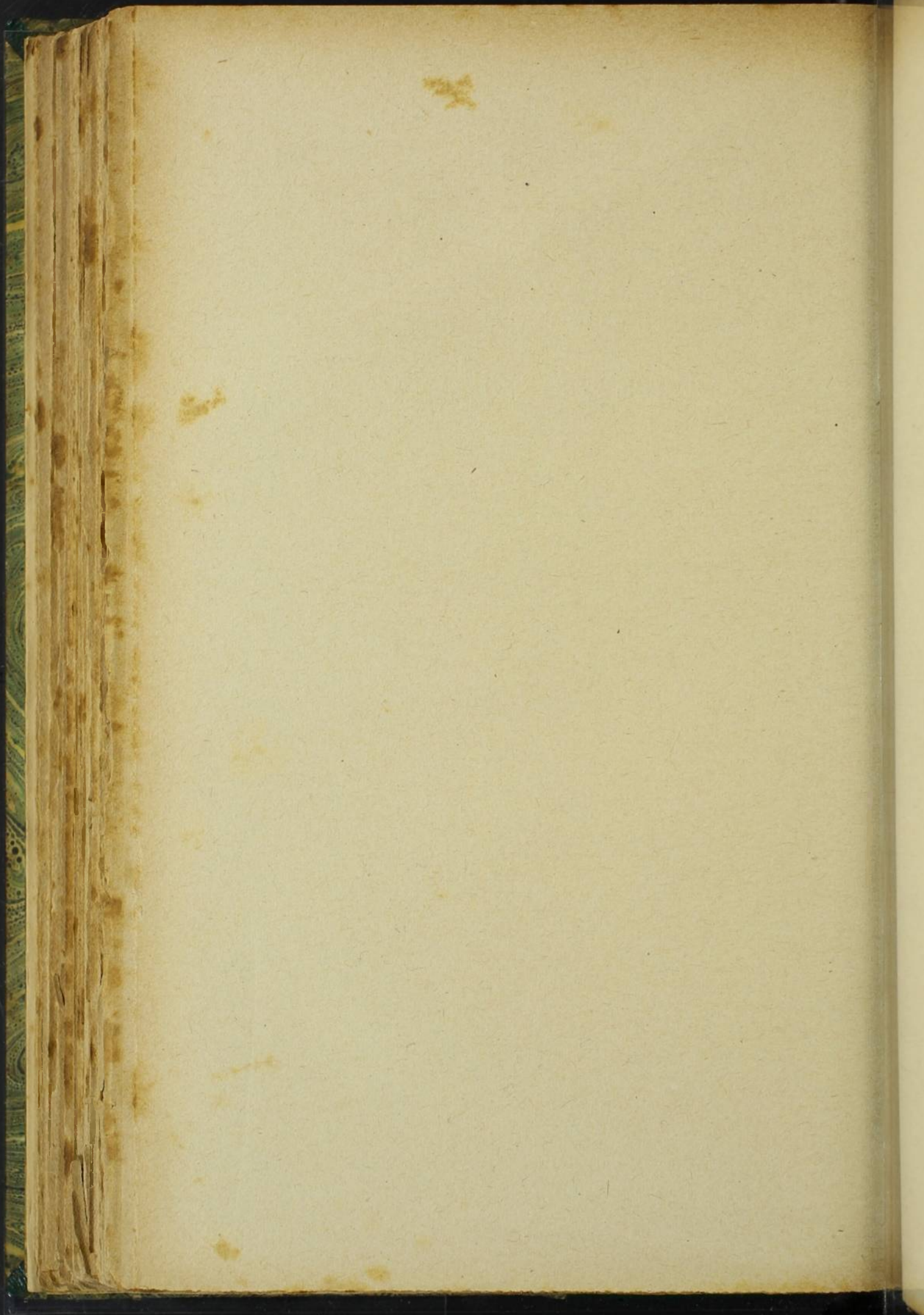
Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. D. Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e os soluços da filha e da mãe.



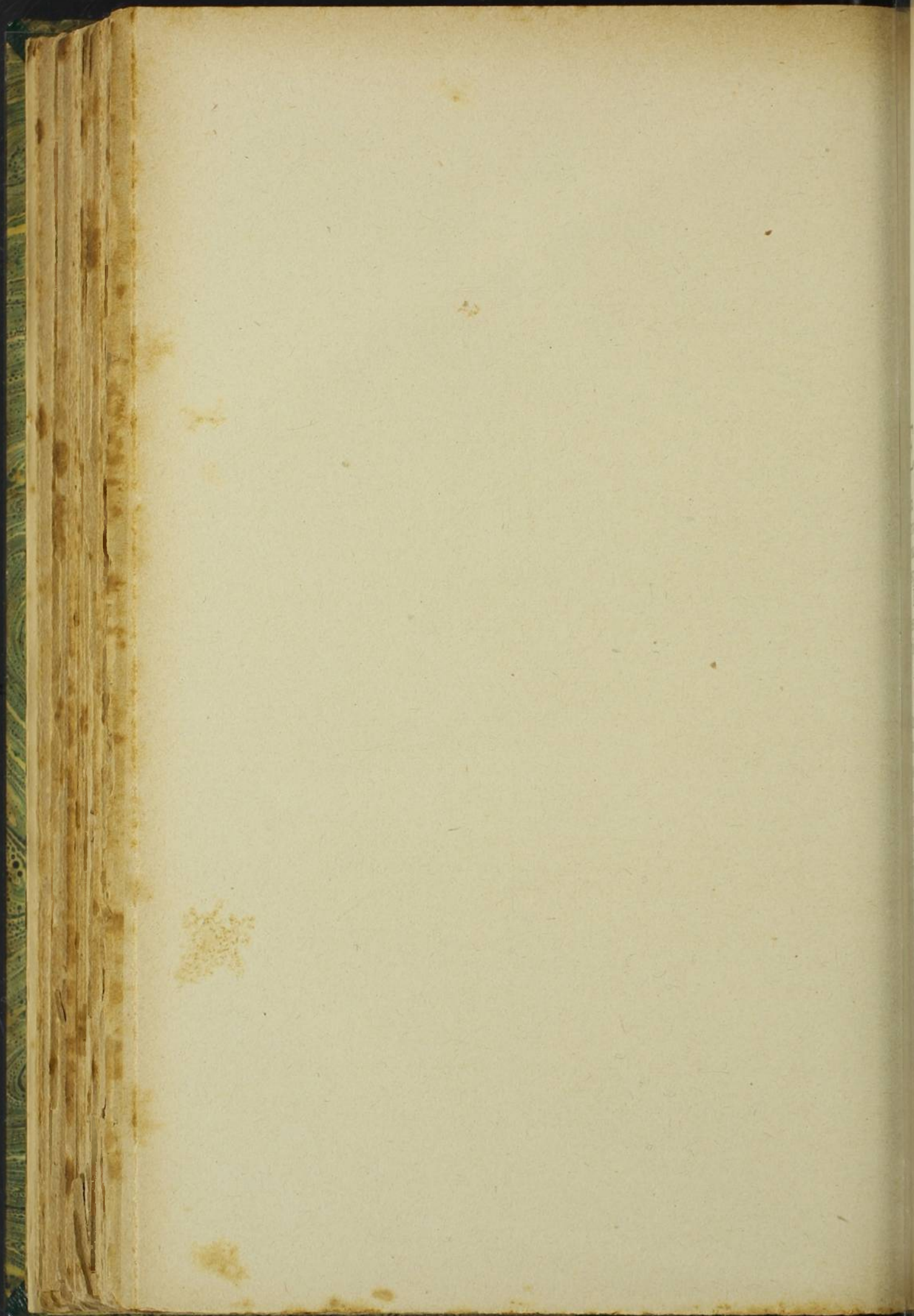
Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

- Mamãe! Mamãe!
- Que é minha filha?
- Nós não somos nada nesta vida.

*Todos os Santos (Rio de Janeiro), dezembro de 1921-  
-janeiro de 1922.*



CONTOS



...a. h. h. h.  
...iger  
...fin  
...Curios  
...omodo  
...ntes, en  
...trahunt  
...m. g. m.  
...sta; m.  
...tis, e  
...Amo e  
...O. Com  
...s, e r.  
...Recit.  
...curios  
...no m.  
...e s. m.  
...a, per  
...andi d.  
...ente d.  
...p. m.  
...a. m.  
...m.  
...m.  
...m.  
...m.

## UM ESPECIALISTA

A BASTOS TIGRE

ERA hábito dos dois, tôdas as tardes, após o jantar, jogar uma partida de bilhar em cinqüenta pontos, finda a qual iam, em pequenos passos, até ao largo da Carioca tomar café e licores, e, na mesa do botequim, trocando confidências, ficarem esperando a hora dos teatros, enquanto o que, dos charutos, fumaças azuladas espiralavam preguiçosamente pelo ar.

Em geral, eram as conquistas amorosas o tema da palestra; mas, às vêzes, incidentalmente, tratavam dos negócios, do estado da praça e da cotação das apólices.

Amor e dinheiro, êles juntavam bem e sãbiamente.

O Comendador era portugûês, tinha seus cinqüenta anos, e viera para o Rio aos 24, tendo estado antes seis no Recife. O seu amigo, o Coronel Carvalho, também era portugûês, viera, porém, aos sete para o Brasil, havendo sido no interior, logo ao chegar, caixeiro de venda, feitor e administrador de fazenda, influência política; e, por fim, por ocasião da bôlsa, especulara com propriedades, ficando daí em diante senhor de uma boa fortuna e da patente de Coronel da Guarda Nacional. Era um plácido burguês, gordo, ventrudo, cheio de brilhantes, empregando a sua mole atividade na gerência de uma fábrica de fósforos. Viúvo, sem filhos, levava a vida de moço rico. Freqüentava *cocottes*; conhecia as escusas casas de *rendez-vous*, onde era assíduo e considerado; o outro, o Comendador, que era casado, deixando, porém, a mulher só no vasto casarão do Engenho Velho a se interessar pelos

namoricos das filhas, tinha a mesma vida solta do seu amigo e compadre.

Gostava das mulheres de côr e as procurava com o afinco e ardor de um amator de raridades.

A noite, pelas praças mal iluminadas, andava catando-as, joeirando-as com olhos chispantes de lubricidade e, por vêzes mesmo, se atrevia a seguir qualquer mais airoso pelas ruas de baixa prostituição.

— A mulata, dizia êle, é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portuguezes, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar.

O Coronel era justamente o contrário: só queria as estrangeiras; as francesas e italianas, bailarinas, cantoras ou simplesmente meretrizes, era o seu fraco.

Entretanto havia já quinze dias, que não se encontravam no lugar aprazado e a faltar era o Comendador, a quem o Coronel sabia bem por informações do seu guarda-livros.

Ao acabar a segunda semana dessa ausência imprevista, o Coronel, maçado e saudoso, foi procurar o amigo na sua loja à rua dos Pescadores. Lá o encontrou amável e de boa saúde. Explicaram-se; e entre êles ficou assentado que se veriam naquele dia, à tarde, na hora e lugar habituais.

Como sempre, jantaram fartamente e règeiamente regaram o repasto com bons vinhos portuguezes. Jogaram a partida de bilhar e depois, como encarrilhados, seguiram para o café de costume no largo da Carioca.

No princípio, conversaram sôbre a questão das minas de Itaóca, vindo então à baila a inépcia e a desonestidade do govêrno; mas, logo depois, o Coronel que *tinha a pulga atrás da orelha*, indagou do companheiro o motivo de tão longa ausência.

— Oh! Não te conto! Foi um *achado*, a coisa, disse o Comendador, depois de chupar fortemente o charuto e soltar uma volumosa baforada; um petisco que encon-

trei... Uma mulata deliciosa, Chico! Só vendo o que é, disse a rematar, estalando os beiços.

— Como foi isso? inquiriu o Coronel pressuroso. Como foi? Conta lá!

— Assim. A última vez que estivemos juntos, não te disse que no dia seguinte iria a bordo de um paquete buscar um amigo que chegava do Norte?

— Disseste-me. E daí?

— Ouve. Espera. C'os diabos isto não vai a matar! Pois bem, fui a bordo. O amigo não veio... Não era bem meu amigo... Relações comerciais... Em troca...

Por essa ocasião rolou um carro no calçamento. Trouvou em frente ao café e por êle adentro entrou uma gorda mulher, cheia de plumas e sêdas, e para vê-la virou-se o Comendador, que estava de costas, interrompendo a narração. Olhou-a e continuou depois:

— Como te dizia: não veio o homem, mas enquanto tomava cerveja com o comissário, vi atravessar a sala uma esplêndida mulata; e tu sabes que eu...

Deixou de fumar e com olhares canalhas sublinhou a frase magnificamente.

— De indagação em indagação, soube que viera com um alferes do Exército; e murmuravam a bordo que a Alice (era seu nome, soube também) aproveitara a companhia, sòmente para melhor mercar aqui os seus encantos. Fazer a vida... Propositalmente, me pareceu, eu me achava ali e não perdia vaza, como tu vais ver.

Dizendo isto, endireitou o corpo, alçou um tanto a cabeça, e seguiu narrando:

— Saltamos juntos, pois viemos juntos na mesma lancha, — a que eu alugara. Compreendes? E, quando embarcamos num carro, no largo do Paço, para a pensão, já éramos conhecidos velhos; assim pois...

— E o alferes?

— Que alferes?

— O alferes que vinha com a tua diva, filho? Já te esqueceste?

— Ah! Sim! Esse saltou na lancha do Ministério da Guerra e nunca mais o vi.

— Está direito. Continua lá a coisa.

— E... e... Onde é que estava? Hein?

— Ficaste: quando ao saltar, foram para a pensão.

— É isto! Fomos para a pensão Baldut, no Catete; e foi, pois, assim que me apossei de um lindo primor — uma maravilha, filho, que tem feito os meus encantos nestes quinze dias — com os raros intervalos em que me aborreço em casa, ou na loja, já se vê bem.

Repousou um pouco e, retomando logo após a palavra, assim foi dizendo:

— É uma coisa extraordinária! Uma maravilha! Nunca vi mulata igual. Como esta, filho, nem a que conheci em Pernambuco há uns 27 anos! Qual! Nem de longe! Calcula que ela é alta, esguia, de bom corpo; cabelos negros corridos, bem corridos: olhos pardos. É bem fornida de carnes, roliça; nariz não muito afilado, mas bom! E que bôca, Chico! Uma bôca breve, pequena, com uns lábios roxos, bem quentes... Só vendo mesmo! Só! Não se descreve.

O Comendador falara com um ardor desusado nêle; acalorara-se e se entusiasmara deveras, a ponto de haver na sua fisionomia estranhas mutações. Por todo êle havia aspecto de um suíno, cheio de lascívia, inebriado de gozo. Os olhos arredondaram-se e diminuíram; os lábios se haviam apertado fortemente e impelidos para diante se juntavam ao jeito de um focinho; o rosto destilava gordura; e, ajudado isto pelo seu físico, tudo nêle era de um colossal suíno.

— O que pretendes fazer dela? Dize lá.

— É boa... Que pergunta! Prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e *lançá-la*. E é pouco?

— Não! Acho até que te excedes. Vê lá, tu!

— Hein? Oh! Não! Tenho gasto pouco. Um conto e pouco... Uma miséria!

Acendeu o charuto e disse súbitamente, ao olhar o relógio:

— Vou buscá-la de carro, porquanto vamos ao Cassino, e tu me esperas lá, pois tenho um camarote.

— Até já.



Saindo o seu amigo, o Coronel considerou um pouco, mandou vir água Apolinaris, bebeu e saiu também.

Eram oito horas da noite.

Defronte ao café, o casarão de uma Ordem Terceira ensombrava a praça parcamente iluminada pelos combustores de gás e por um foco elétrico ao centro. Das ruas que nela terminavam, delgados filetes de gente saíam e entravam constantemente. A praça era como um tanque a se encher e a se esvaziar equitativamente. Os bondes da Jardim semeavam pelos lados a branca luz de seus focos e, de onde em onde, um carro, um tílbur, atravessava célere.

O Coronel estêve algum tempo olhando o largo, preparou um novo charuto, acendeu-o, foi até a porta, mirou um e outro transeunte, olhou o céu recamado de estrêlas, e, finalmente, devagar, partiu em direção à Lapa.

Quando entrou no Cassino, ainda o espetáculo não havia começado.

Sentou-se a um banco no jardim, serviu-se de cerveja e entrou a pensar.

Aos poucos, vinham chegando os espectadores. Naquele instante entrava um. Via-se pelo acanhamento, que era um estranho às usanças da casa. Esmerado no vestir, no calçar, não tinha em troca o desembaraço com que se anuncia o *habitué*. Moço, moreno, seria elegante se não fôsse a estreiteza de seus movimentos. Era um visitante ocasional, recém-chegado, talvez, do interior, que procurava ali uma curiosidade, um prazer da cidade.

Em seguida, entrou um senhor barbado, de maçãs salientes, rosto redondo, acobreado. Trazia cartola, e pelo ar solene, pelo olhar desdenhoso que atirava em volta, descobria-se nêle um legislador da Cadeia Velha, deputado, representante de algum Estado do Norte, que, com certeza, há duas legislaturas influía poderosamente nos destinos do país com o seu resignado apoiado. E assim, um a um, depois aos magotes, foram entrando os espectadores. Ao fim, na cauda, retardados, vieram os frequentadores assíduos — pessoas variegadas de profissão e moral que com freqüência blasonavam saber os nomes

das *cocottes*, a proveniência delas e as suas excentricidades libertinas. Entre os que entravam naquele momento, entrara também o Comendador e o *achado*.

A primeira parte do espetáculo correrá quase friamente.

Todos, homens e mulheres, guardavam as maneiras convencionadas de se estar em público. Era cedo ainda.

Em meio, porém, da segunda, as atitudes mudaram. Na cena, uma delgadinha senhora (*chanteuse á diction* — no cartaz) berrava uma cançoneta francesa. Os espectadores, com batidos das bengalas nas mesas, no assualho, e com a voz mais ou menos comprometida, estribilhavam-na doidamente. O espetáculo ia no auge. Da sala aos camarotes subia um estranho cheiro — um odor azêdo de orgia.

Centenas de charutos e cigarros a fumegar enevoavam todo o ambiente.

Desprendimentos do tabaco, emanações alcoólicas, e, a mais, uma fortíssima exalação de sensualidade e lubricidade, davam à sala o aspecto repugnante de uma vasta bodega.

Mais ou menos embriagado, cada um dos espectadores tinha para com a mulher com quem bebia, gestos livres de alcova. Francesas, italianas, húngaras, espanholas, essas mulheres, de dentro das rendas, surgiam espectrais, apagadas, lívidas como moribundas. Entretanto, ou fôsse o álcool ou o prestígio de peregrinas, tinham sobre aquêles homens um misterioso ascendente. À esquerda, na platéia, o majestoso deputado da entrada coçava despidoradamente a nuca da Dermalet, uma francesa; em frente o dr. Castrioto, lente de uma Escola Superior, babava-se todo a olhar as pernas da cantora em cena, enquanto em um camarote defronte, o Juiz Siqueira apertava-se a Mercedes, uma bailarina espanhola, com o fogo de um recém-casado à noiva.

Um sôpro de deboche percorria homem a homem.

Dessa forma o espetáculo desenvolvia-se no mais fervoroso entusiasmo e o Coronel, no camarote, de soslaio, pusera-se a observar a mulata. Era bonita de fato e

elegante também. Viera com um vestido creme de pintas pretas, que lhe assentava magnificamente.

O seu rosto harmonioso, enquadrado num magnífico chapéu de palha preta, saía firme do pescoço roliço que a blusa decotada deixava ver. Seus olhos curiosos, inquietos, voavam de um lado a outro e a tez de bronze novo cintilava à luz dos focos. Através do vestido se lhe adivinhavam as formas; e, por vêzes, ao arfar, ela tôda trepidava de volúpia...

O Comendador pachorrentamente assistia ao espetáculo e fora do costume, pouco conversou. O amigo, pudicamente não insistiu no exame.

Quando saíram de permeio à multidão, acumulada no corredor da entrada, o Coronel teve ocasião de verificar o efeito que fizera a companheira do amigo. Ficando mais atrás, pôde ir recolhendo os ditos e as observações que a passagem dêles ia sugerindo a cada um.

Um rapazola dissera:

— Que *mulatão*!

Um outro refletiu:

— Êsses portuguezes são os demônios para descobrir boas mulatas. É faro.

Ao passarem os dois, alguém, a quem êle não viu, maliciosamente observou:

— Parecem pai e filha.

E essa reflexão de pequeno alcance na bôca que a proferiu, calou fundo no ânimo do Coronel.

Os queixos eram iguais, as sobrancelhas, arqueadas, também; o ar, um não sei quê de ambos assemelhavam-se... Vagas semelhanças, concluiu o Coronel ao sair à rua, quando uma baforada de brisa marinha lhe acariciou o rosto afogueado.

Já o carro rolava rápido pela rua quieta — quietude agora perturbada pelas vozes esquentadas dos espectadores saídos e pelas falsas risadas de suas companheiras — quando o Comendador, levantando-se no estrado da carruagem, ordenou ao cocheiro que parasse no hotel, antes de tocar para a pensão. A sala sombria e pobre do hotel tinha sempre por aquela hora uma aparência

brilhante. A agitação que ia nela; as sêdas roçagantes e os chapéus vistosos das mulheres; a profusão de luzes, o irisado das plumas, os perfumes requintados que voavam pelo ambiente; transmudavam-na de sua habitual fisionomia pacata e remediada. As pequenas mesas, pejudadas de pratos e garrafas, estavam tôdas elas ocupadas. Em cada, uma ou duas mulheres sentavam-se, seguidas de um ou dois cavalheiros. Sílabas breves do francês, sons guturais do espanhol, dulçorosas terminações italianas, chocavam-se, brigavam.

Do português nada se ouvia, parecia que se escondera de vergonha.

Alice, o Comendador e o Coronel, sentaram-se a uma mesa redonda em frente à entrada. A ceia foi lauta e abundante. À sobremesa, os três convivas repentinamente animados, puseram-se a conversar com calor. A mulata não gostara do Rio; preferia o Recife. Lá sim! O céu era outro; as comidas tinham outro sabor, melhor e mais quente. Quem não se recordaria sempre de uma frigideira de camarões com maturins ou de um bom feijão com leite de côco?

Depois, mesmo a cidade era mais bonita; as pontes, os rios, o teatro, as igrejas.

E os bairros então? A Madalena, Olinda... No Rio, ela concordava, havia mais povo, mais dinheiro; mas Recife era outra coisa, era tudo...

— Você tem razão, disse o Comendador; Recife é mais bonito, e muito mais!

— O senhor já esteve lá?

— Seis anos, filha, seis anos; e levantou a mão esquerda à altura dos olhos, correu-a pela testa, contornou com ela a cabeça, descansou-a afinal na perna e acrescentou: comecei lá minha carreira comercial e tenho muitas saudades. Onde você morava?

— Últimamente à rua da Penha, mas nasci na de João de Barro, perto do Hospital de Santa Agueda...

— Morei lá também, disse êle distraído.

— Criei-me pelas bandas de Olinda, continuou Alice,

e por morte de minha mãe vim para a casa do Dr. Hildebrando, colocada pelo Juiz...

— Há muito que tua mãe morreu? indagou o Coronel.

— Há oito anos quase, respondeu ela.

— Há muito tempo, refletiu o Coronel; e logo perguntou: que idade tens?

— Vinte e seis anos, fez ela. Fiquei órfã aos dezoito. Durante êsses oito anos tenho rolado por êsse mundo de Cristo e comido o pão que o diabo amassou. Passando de mão em mão, ora nesta, ora naquela, a minha vida tem sido um tormento. Até hoje só tenho conhecido três homens que me dessem alguma coisa; os outros Deus me livre dêles! — só querem meu corpo e o meu trabalho. Nada me davam, espancavam-me, maltratavam-me. Uma vez, quando vivia com um sargento do Regimento de Polícia, êle chegou em casa embriagado, tendo jogado e perdido tudo, queria obrigar-me a lhe dar trinta mil réis, fôsse como fôsse.

Quando lhe disse que não tinha e o dinheiro das roupas que eu lavava, só chegava naquele mês para pagar a casa, êle fez um escarcéu. Descompôs-me. Ofendeu-me. Por fim, cheio de fúria agarrou-me pelo pescoço, esbofetou-me, deitou-me em terra, deixando-me sem fala e a tratar-me no hospital. Um outro — um malvado em cujas mãos não sei como fui cair — certa vez, altercamos, e deu-me uma facada do lado esquerdo, da qual ainda tenho sinal.

Ah! Tem sido um tormento... Bem me dizia minha mãe: toma cuidado, minha filha, toma cuidado. Êsses homens só querem nosso corpo por segundos, depois vão-se e nos deixam um filho nos quartos, quando não nos roubam como fez teu pai comigo...

— Como?... Como foi isso? interrogou admirado o Coronel.

— Não sei bem como foi, retrucou ela. Minha mãe me contava que êla era honesta; que vivia na cidade do Cabo com seus pais, de cuja companhia fôra seduzida por um caixeiro português que lá aparecera e com quem veio para o Recife. Nasci dêles e dois meses, ou mais

depois do meu nascimento, meu pai foi ao Cabo liquidar a herança (um sítio, uma vaca, um cavalo) que coubera à minha mãe por morte de seus pais. Vindo de receber a herança, partiu dias depois para aqui e nunca mais ela soube notícias dêle, nem do dinheiro, que, vendido o herdado, lhe ficara dos meus avós.

— Como se chamava teu pai? indagou o Comendador com estranho entono.

— Não me lembra bem; era Mota ou Costa... Não sei... Mas o que é isso? disse ela de repente? olhando o Comendador. Que tem o Sr.?

— Nada... Nada... retrucou o Comendador experimentando um sorriso. Você não se lembra das feições dêsse homem? interrogou êle.

— Não me lembra, não. Que interêsse! Quem sabe que o Sr. não é meu pai? gracejou ela.

O gracejo caiu de chôfre naqueles dois espíritos tensos, como uma ducha frigidíssima. O Coronel olhava o Comendador que tinha as faces em brasa; êste aquêle; por fim segundos o Coronel querendo dar uma saída à situação, simulou rir-se e perguntou:

— Você nunca mais soube alguma coisa... qualquer coisa? Hein?

— Nada... Que me lembre, nada... Ah! Espere... Foi... É. Sim! Seis meses antes da morte de minha mãe, ouvi dizer em casa, não sei por quem, que êle estava no Rio implicado num caso de moeda falsa. É o que me lembra, disse ela.

— O quê? Quando foi isso? indagou pressuroso o Comendador.

A mulata, que ainda não se havia bem apercebido do estado do Comendador, respondeu ingênuamente:

— Mamãe morreu em setembro de 1893, por ocasião da revolta... Ouvi contar essa história em fevereiro. É isso.

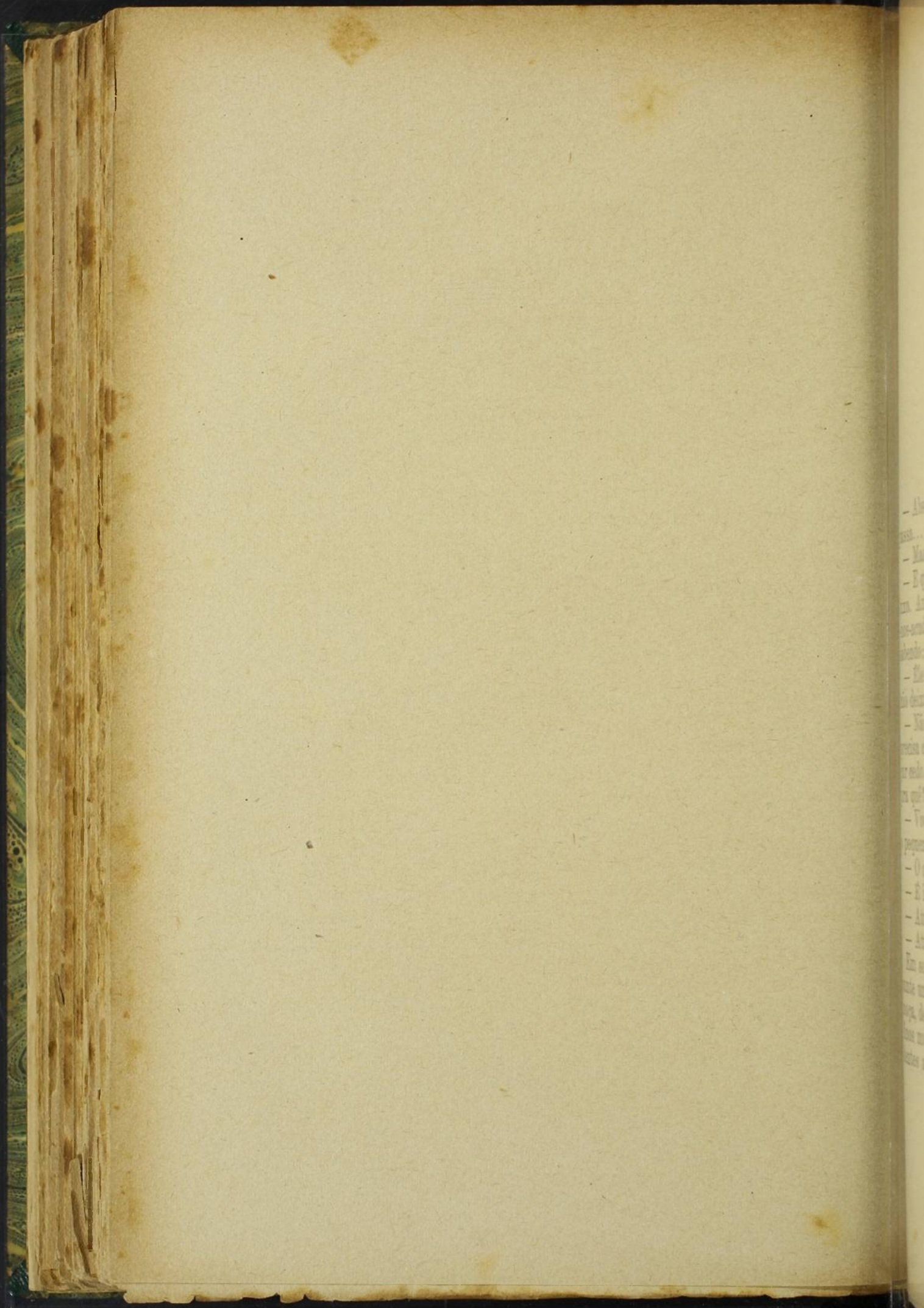
O Comendador não perdera uma sílaba; e, com a bôca meio aberta, parecia querê-las engolir uma a uma; com as faces congestionadas e os olhos esbugalhados, a sua fisionomia estava horrível.

O Coronel e a mulata, extáticos, estuporados, entreolhavam-se.

Durante um segundo nada se lhes antolhava fazer. Ficaram como idiotas; em breve, porém, o Comendador, num supremo esforço, disse com voz sumida:

— Meu Deus! É minha filha!

9-904.





## O FILHO DA GABRIELA

A ANTÔNIO NORONHA SANTOS

*Chaque progrès, au fond, est un avortment  
Mais l'échec même sort.*

GUYAU.

— Absolutamente não pode continuar assim... Já passa... É todo o dia! Arre!

— Mas é meu filho, minh'ama.

— E que tem isso? Os filhos de vocês agora têm tanto luxo. Antigamente, criavam-se à-toa; hoje, é um deus-nos-acuda; exigem cuidados, têm moléstias... Fique sabendo: não pode ir amanhã!

— Ele vai melhorando, d. Laura; e o doutor disse que não deixasse de levá-lo lá, amanhã...

— Não pode, não pode, já lhe disse! O Conselheiro precisa chegar cedo à escola; há exames e tem que almoçar cedo... Não vai, não senhora! A gente tem criados pra quê? Não vai, não!

— Vou, e vou sim!... Que bobagem!... Quer matar o pequeno, não é? Pois sim... Está-se "ninando"...

— O que é que você disse, hein?

— É isso mesmo: vou e vou!

— Atrevida!

— Atrevida é você, sua... Pensa que não sei...

Em seguida as duas mulheres se puseram caladas durante um instante: a patroa — uma alta senhora, ainda moça, de uma beleza suave e marmórea — com os lábios finos muito descorados e entreabertos, deixando ver os dentes aperolados, muito iguais, cerrados de cólera; a

criada, agitada, transformada, com faiscações desusadas nos olhos pardos e tristes. A patroa não se demorou assim muito tempo. Violentamente contraída naquele segundo a sua fisionomia repentinamente se abriu num choro convulsivo.

A injúria da criada, decepções matrimoniais, amarguras do seu ideal amoroso, fatalidades de temperamento, todo aquêlê obscuro drama de sua alma, feito de uma porção de coisas que não chegava bem a colhêr, mas nas malhas das quais se sentia prêsa e sacudida, subiu-lhe de repente à consciência, e ela chorou.

Na sua simplicidade popular, a criada também se pôs a chorar, enternecida pelo sofrimento que ela mesma provocara na ama.

E ambas, pelo fim dessa transfiguração inopinada, entreolharam-se surpreendidas, pensando que se acabavam de conhecer naquele instante, tendo até ali vagas notícias uma da outra, como se vivessem longe, tão longe, que só agora haviam distinguido bem nitidamente o tom de voz próprio a cada uma delas.

No entendimento peculiar de uma e de outra, sentiram-se irmãs na desoladora mesquinhez da nossa natureza e iguais, como frágeis conseqüências de um misterioso encadear de acontecimentos, cuja ligação e fim lhes escapavam completamente, inteiramente...

A dona da casa, à cabeceira da mesa de jantar, manteve-se silenciosa, correndo, de quando em quando, o olhar ainda úmido pelas ramagens do atoalhado, indo, às vêzes, com êle até a bandeira da porta defronte, donde pendia a gaiola do canário, que se sacudia na prisão niquelada.

De pé, a criada avançou algumas palavras. Desculpou-se inábil e despediu-se humilde.

— Deixe-se disso, Gabriela, disse d. Laura. Já passou tudo; eu não guardo rancor; fique! Leve o pequeno amanhã... Que vai você fazer por êsse mundo afora?

— Não senhora... Não posso... É que...

E de um hausto falou com tremuras na voz:

— Não posso, não minh'ama; vou-me embora!

Durante um mês, Gabriela andou de bairro em bairro, à procura de aluguel. Pedia lessem-lhe anúncios, corria, seguindo as indicações, a casas de gente de toda a espécie. Sabe cozinhar? perguntavam. — Sim, senhora, o trivial. — Bem, e lavar? Serve de ama? — Sim, senhora; mas se fizer uma coisa não quero fazer outra. — Então, não me serve, concluía a dona da casa. É um luxo... Depois queixam-se que não têm onde se empreguem...

Procurava outras casas; mas nesta já estavam servidas, naquela o salário era pequeno e naquela outra queriam que dormisse em casa e não trouxesse o filho.

A criança, durante esse mês, viveu relegada a um canto da casa de uma conhecida da mãe. Um pobre quarto de estalagem, úmido que nem uma masmorra. De manhã, via a mãe sair; à tarde, quase à boca da noite, via-a entrar desconfortada. Pelo dia em fora, ficava num abandono de enternecer. A hóspede, de longe em longe, olhava-o cheia de raiva. Se chorava aplicava-lhe palmadas e gritava colérica: "Arre diabo! A vagabunda de tua mãe anda saracoteando... Cala a boca, demônio! Quem te fez, que te ature..."

Aos poucos, a criança tomou-se de medo; nada pedia, sofria fome, sede, calado. Enlanguecia a olhos vistos e sua mãe, na caça de aluguel, não tinha tempo para levá-lo ao doutor do posto médico. Baço, amarelado, tinha as pernas que nem palitos e o ventre como o de um batráquio. A mãe notava-lhe o enfraquecimento, os progressos da moléstia e desesperava, não sabendo que alvitre tomar. Um dia pelos outros, chegava em casa semi-embriagada, escorraçando o filho e trazendo algum dinheiro. Não confessava a ninguém a origem dele; em outros mal entrava, beijava muito o pequeno, abraçava-o. E assim corria a cidade. Numa destas correrias passou pela porta do Conselheiro, que era o marido de d. Laura. Estava no portão, a lavadeira, parou e falou-lhe; nisto, viu aparecer a sua antiga patroa numa janela lateral. "— Bom-dia minh'ama." — "Bom-dia, Gabriela. Entre." Entrou. A esposa do Conselheiro perguntou-lhe se já tinha emprêgo; respondeu-lhe que não. "Pois olha, disse-

-lhe a senhora, eu ainda não arranjei cozinheira, se tu queres..."

Gabriela quis recusar, mas d. Laura insistiu.

Entre elas, parecia que havia agora certo acôrdo íntimo, um quê de mútua proteção e simpatia. Uma tarde em que d. Laura voltava da cidade, o filho da Gabriela, que estava no portão, correu imediatamente para a moça e disse-lhe, estendendo a mão: "a bênção". Havia tanta tristeza no seu gesto, tanta simpatia e sofrimento, que aquela alta senhora não lhe pôde negar a esmola de um afago, de uma carícia sincera. Nesse dia, a cozinheira notou que ela estava triste e, no dia seguinte, não foi sem surprêsa que Gabriela se ouviu chamar.

— Ó Gabriela!

— Minh'ama.

— Vem cá.

Gabriela concertou-se um pouco e correu à sala de jantar, onde estava a ama.

— Já batizaste o teu pequeno? perguntou-lhe ela ao entrar.

— Ainda não.

— Por quê? Com quatro anos!

— Por quê? Porque ainda não houve ocasião...

— Já tens padrinhos?

— Não, senhora.

— Bem; eu e o Conselheiro vamos batizá-lo. Aceitas?

Gabriela não sabia como responder, balbuciou alguns agradecimentos e voltou ao fogão com lágrimas nos olhos.

O Conselheiro condescendeu e cuidadosamente começou a procurar um nome adequado. Pensou em Huáscar, Ataliba, Guatimozim; consultou dicionários, procurou nomes históricos, afinal resolveu-se por "Horácio", sem saber por quê.

Assim se chamou e cresceu. Conquanto tivesse recebido um tratamento médico regular e a sua vida na casa do Conselheiro fôsse relativamente confortável, o pequeno Horácio não perdeu nem a reserva nem o enfezado dos seus primeiros anos de vida. A proporção que cres-

cia, os traços se desenhavam, alguns finos: o corte da testa, límpida e reta; o olhar doce e triste, como o da mãe, onde havia, porém, alguma coisa a mais — um fulgor, certas expressões particulares, principalmente quando calado e concentrado. Não obstante, era feio, embora simpático e bom de ver.

Pelos seis anos, mostrava-se taciturno, reservado e tímido, olhando interrogativamente as pessoas e coisas, sem articular uma pergunta. Lá vinha um dia, porém, que o Horácio rompia numa alegria ruidosa; punha-se a correr, a brincar, a cantarolar, pela casa tôda, indo do quintal para as salas, satisfeito, contente, sem motivo e sem causa.

A madrinha espantava-se com êsses bruscos saltos de humor, queria entendê-los, explicá-los e começou por se interessar pelos seus trejeitos. Um dia, vendo o afilhado a cantar, a brincar, muito contente, depois de uma porção de horas de silêncio e calma, correu ao piano e acompanhou-lhe a cantiga, depois, emendou com uma ária qualquer. O menino calou-se, sentou-se no chão e pôs-se a olhar, com olhos tranqüilos e calmos, a madrinha, inteiramente delido nos sons que saíam dos seus dedos. E quando o piano parou, êle ainda ficou algum tempo esquecido naquela postura, com o olhar perdido numa cisma sem fim. A atitude imaterial do menino tocou a madrinha, que o tomou ao colo, abraçando-o e beijando-o, num afluxo de ternura, a que não eram estranhos os desastres de sua vida sentimental.

Pouco depois a mãe lhe morria. Até então vivia numa semidomesticidade. Daí em diante, porém, entrou completamente na família do conselheiro Calaça. Isso, entretanto, não lhe retirou a taciturnidade e a reserva; ao contrário, fechou-se em si e nunca mais teve crises de alegria.

Com sua mãe ainda tinha abandonos de amizade, efusões de carícias e abraços. Morta que ela foi, não encontrou naquele mundo tão diferente, pessoa a quem se pudesse abandonar completamente, embora pela madrinha continuasse a manter uma respeitosa e distante ami-

zade, raramente aproximada por uma carícia, por um afago.

Ia para o colégio calado, taciturno, quase carrancudo, e, se, pelo recreio, o contágio obrigava-o a entregar-se à alegria e aos folguedos, bem cedo se arrependia, encolhia-se e sentava-se, vexado, a um canto. Voltava do colégio como fôra, sem brincar pelas ruas, sem traquinadas, severo e insensível. Tendo uma vez brigado com um colega, a professôra o repreendeu severamente, mas o Conselheiro, seu padrinho, ao saber do caso, disse com rispidez: "Não continue, hein? O senhor não pode brigar — está ouvindo?"

E era assim sempre o seu padrinho, duro, desdenhoso, severo em demasia com o pequeno, de quem não gostava, suportando-o unicamente em atenção à mulher — malquices da Laura, dizia êle. Por vontade dêle, tinha-o pôsto logo num asilo de menores, ao morrer-lhe a mãe; mas a madrinha não quis e chegou até a conseguir que o marido o colocasse num estabelecimento oficial de instrução secundária, quando acabou com brilho o curso primário.

Não foi sem resistência que êle acedeu, mas os rogos da mulher, que agora juntava à afeição pelo pequeno uma secreta esperança no seu talento, tanto fizeram que o Conselheiro se empenhou e obteve.

Em comêço, aquela adoção fôra um simples capricho de d. Laura; mas, com o tempo, os seus sentimentos pelo menino foram ganhando importância e ficando profundos, embora exteriormente o tratasse com um pouco de cerimônia.

Havia nela mais mêdo da opinião, das sentenças do Conselheiro, do que mesmo necessidade de disfarçar o que realmente sentia, e pensava.

Quem a conheceu solteira, muito bonita, não a julgaria capaz de tal afeição; mas, casada, sem filhos, não encontrando no casamento nada que sonhara, nem mesmo o marido, sentiu o vazio da existência, a inanidade dos seus sonhos, o pouco alcance da nossa vontade; e, por uma reviravolta muito comum, começou a compreender

confusamente tôdas as vidas e almas, a compadecer-se e a amar tudo, sem amar bem coisa alguma. Era uma parada de sentimento e a corrente que se acumulara nela, perdendo-se do seu leito natural, extravasara e inundara tudo.

Tinha um amante e já tivera outros, mas não era bem a parte mística do amor que procurara nêles. Essa, ela tinha certeza que jamais podia encontrar; era a parte dos sentidos tão exuberantes e exaltados depois das suas contrariedades morais.

Pelo tempo em que o seu afilhado entrara para o colégio secundário, o amante rompera com ela; e isto a fazia sofrer, tinha mêdo de não possuir mais beleza suficiente para arranjar um outro como "aquêle"; e a êsse desastre sentimental não foi estranha a energia dos seus rogos junto ao marido para admissão do Horácio no estabelecimento oficial.

O Conselheiro, homem de mais de 60 anos, continuava superiormente frio, egoísta e fechado, sonhando sempre uma posição mais alta ou que julgava mais alta. Casara-se por necessidade decorativa. Um homem de sua posição não podia continuar viúvo; atiraram-lhe aquela menina pelos olhos, ela o aceitou por ambição e êle por conveniência. No mais, lia os jornais, o câmbio especialmente, e, de manhã passava os olhos nas apostilas de sua cadeira — apostilas por êle organizadas, há quase trinta anos, quando dera as suas primeiras lições, moço, de 25 anos, genial nas aprovações e nos prêmios.

Horácio, tôda a manhã, ao sair para o colégio, lá avistava o padrinho atarraxado na cadeira de balanço a ler atentamente o jornal: "A bênção, meu padrinho?" — "Deus te abençoe", dizia êle, sem menear a cabeça do espaldar e no mesmo tom de voz com que pediria os chinelos à criada.

Em geral, a madrinha estava deitada ainda e o menino saía para o ambiente ingrato da escola, sem um adeus, sem dar um beijo, sem ter quem lhe reparasse familiarmente o paletó. Lá ia. A viagem de bonde, êle a fazia humilde, espremido a um canto do veículo, medroso que

seu paletó roçasse as sêdas de uma rechonchuda senhora ou que seus livros tocassem nas calças de um esquelético capitão de uma milícia qualquer. Pelo caminho, arquitetava fantasias; seu espírito divagava sem nexos. À passagem de um oficial a cavalo, imaginava-se na guerra, feito general, voltando vencedor, vitorioso de ingleses, de alemães, de americanos e entrando pela rua do Ouvidor aclamado como nunca se fôra aqui. Na sua cabeça ainda infantil, em que a fraqueza de afetos próximos concentrava o pensamento, a imaginação palpitava, tinha uma grande atividade, criando tôda a espécie de fantasmagorias que lhe apareciam como fatos possíveis, virtuais.

Eram-lhe as horas de aula um bem triste momento. Não que fôsse vadio, estudava o seu bocado, mas o espetáculo do saber, por um lado grandioso e apoteótico, pela bôca dos professôres, chegava-lhe tisonado e um quê desarticulado. Não conseguia ligar bem umas coisas às outras, além do que tudo aquilo lhe aparecia solene, carancudo e feroz. Um teorema tinha o ar autoritário de um régulo selvagem; e aquela gramática cheia de regrinhas, de exceções, uma coisa cabalística, caprichosa e sem aplicação útil.

O mundo parecia-lhe uma coisa dura, cheia de arestas cortantes, governado por uma porção de regrinhas de três linhas, cujo segrêdo e aplicação estavam entregues a uma casta de senhores, tratáveis uns, secos outros, mas todos velhos e indiferentes.

Aos seus exames ninguém assistia, nem por êles alguém se interessava; contudo, foi sempre regularmente aprovado.

Quando voltava do colégio, procurava a madrinha e contava-lhe o que se dera nas aulas. Narrava-lhe pequenas particularidades do dia, as notas que obtivera e as travessuras dos colegas.

Uma tarde, quando isso ia fazer, encontrou d. Laura atendendo a uma visita. Vendo-o entrar e falar à dona da casa, tomando-lhe a bênção, a senhora estranha perguntou: "Quem é êste pequeno?" — "É meu afilhado",



disse-lhe d. Laura. — “Teu afilhado? Ahn! sim! É o filho da Gabriela...”

Horácio ainda estêve um instante calado, estatelado e depois chorou nervosamente.

Quando se retirou observou a visita à madrinha:

— Você está criando mal esta criança. Faz-lhe muitos mimos, está lhe dando nervos...

— Não faz mal. Podem levá-lo longe.

E assim corria a vida do menino em casa do Conseqheiro.

Um domingo ou outro, só ou com um companheiro, vagava pelas praias, pelos bondes ou pelos jardins. O Jardim Botânico era-lhe preferido. Ele e o seu constante amigo Salvador sentavam-se a um banco, conversavam sobre os estudos comuns, maldiziam êste ou aquêl professor. Por fim, a conversa vinha a enfraquecer; os dois se calavam instantes. Horácio deixava-se penetrar pela flutuante poesia das coisas, das árvores, dos céus, das nuvens; acariciava com o olhar as angustiadas colunas das montanhas, simpatizava com o arremêso dos píncaros, depois deixava-se ficar, ao chilreio do passaredo, cismando vazio, sem que a cisma lhe fizesse ver coisa definida, palpável pela inteligência. Ao fim, sentia-se como que liquefeito, vaporizado nas coisas — era como se perdesse o feitio humano e se integrasse naquele verde escuro da mata ou naquela mancha faiscante de prata que a água a correr deixava na encosta da montanha. Com que volúpia, em tais momentos, êle se via dissolvido na natureza, em estado de fragmentos, em átomos, sem sofrimento, sem pensamento, sem dor! Depois de ter ido ao indefinido, apavorava-se com o aniquilamento e voltava a si, aos seus desejos, às suas preocupações com pressa e mêdo. — Salvador, de que gostas mais, do inglês ou do francês? — Eu do francês; e tu? — Do inglês. — Por quê? — Porque pouca gente o sabe.

A confidência saía-lhe a contragosto, era dita sem querer. Temeu que o amigo o supusesse vaidoso. Não era bem êsse sentimento que o animava; era uma vontade de distinção, de reforçar a sua individualidade, que êle sen-

tia muito diminuída pelas circunstâncias ambientes. O amigo não entrava na natureza do seu sentimento e despreocupadamente perguntou: — Horácio, já assististe uma festa de S. João? — Nunca. — Queres assistir uma? — Quero, onde? — Na Ilha, em casa de meu tio.

Pela época, a madrinha consentiu. Era um espetáculo novo; era um outro mundo que se abria aos seus olhos. Aquelas longas curvas das praias, que perspectivas novas não abriam em seu espírito! Êle se ia todo nas cristas brancas das ondas e nos largos horizontes que descortinava.

Em chegando a noite, afastou-se da sala. Não entendia aquêles folguedos, aquêles dançar sôfrego, sem pausa, sem alegria, como se fôsse um castigo. Sentado a um banco do lado de fora, pôs-se a apreciar a noite, isolado, oculto, fugido, solitário, que se sentia ser no ruído da vida. Do seu canto escuro, via tudo mergulhado numa vaga semiluz. No céu negro, a luz pálida das estrêlas; na cidade defronte, o revérbero da iluminação; luz, na fogueira votiva, nos balões ao alto, nos foguetes que espoucavam, nos fogarêus das proximidades e das distâncias — luzes contínuas, instantâneas, pálidas, fortes; e tôdas no conjunto pareciam representar um esforço enorme para espancar as trevas daquela noite de mistérios.

No seio daquela bruma iluminada, as formas das árvores boiavam como espectros; o murmúrio do mar tinha alguma coisa de penalizado diante do esforço dos homens e dos astros para clarear as trevas. Havia naquele instante, em tôdas as almas, um louco desejo de decifrar o mistério que nos cerca; e as fantasias trabalhavam para idear meios que nos fizessem comunicar com o Ignorado, com o Invisível. Pelos cantos sombrios da chácara pessoas deslizavam. Iam ao poço vêr a sombra — sinal de que viveriam o ano; iam disputar galhos de arruda ao diabo; pelas janelas, deixavam copos com ovos partidos para que o sereno, no dia seguinte, trouxesse as mensagens do Futuro.

O menino, sentindo-se arrastado por aquêles frêmito

de angúrio e feitiçaria, percebeu bem como vivia envolvido, mergulhado, no indistinto, no indecifrável; e uma onda de pavor, imensa e aterradora, cobriu-lhe o sentimento.

Dolorosos foram os dias que se seguiram. O espírito sacolejou-lhe o corpo violentamente. Com afinco estudava, lia os compêndios; mas não compreendia, nada retinha. O seu entendimento como que vazava. Voltava, lia, lia e lia e, em seguida, virava as fôlhas sôfregamente, nervosamente, como se quisesse descobrir debaixo delas um outro mundo cheio de bondade e satisfação. Horas havia que êle desejava abandonar aquêles livros, aquela lenta aquisição de noções e idéias, reduzir-se e anular-se; horas havia, porém, que um desejo ardente lhe vinha de saturar-se de saber, de absorver todo o conjunto das ciências e das artes. Ia de um sentimento para outro; e foi vã a agitação. Não encontrava solução, saída; a desordem das idéias e a incoerência das sensações não lhe podiam dar uma e cavavam-lhe a saúde. Tornou-se mais flébil, fatigava-se facilmente. Amanhecia cansado de dormir e dormia cansado de estar em vigília. Vivia irritado, raivoso, não sabia contra quem.

Certa manhã, ao entrar na sala de jantar, deu com o padrinho a ler os jornais, segundo o seu hábito querido.

— Horácio, você passe na casa do Guedes e traga-me a roupa que mandei consertar.

— Mandé outra pessoa buscar.

— O quê?

— Não trago.

— Ingrato! Era de esperar...

E o menino ficou admirado diante de si mesmo, daquela saída de sua habitual timidez.

Não sabia onde tinha ido buscar aquêles desafôros imerecidos, aquela tôla má-criação; saiu-lhe como uma coisa soprada por outro e que êle unicamente pronunciasse.

A madrinha interveio, aplainou as dificuldades; e, com a agilidade de espírito peculiar ao sexo, compreendeu o estado da alma do rapaz. Reconstituiu-o com os gestos, com os olhares, com as meias palavras, que percebera

em tempos diversos e cuja significação lhe escapara no momento, mas que aquêlê ato, desusadamente brusco e violento, aclarava por completo. Viu-lhe o sofrimento de viver à parte, a transplantação violenta, a falta de simpatia, o princípio de ruptura que existia em sua alma, e que o fazia passar aos extremos das sensações e dos atos.

Disse-lhe coisas doces, ralhou-o, aconselhou-o, acenou-lhe com a fortuna, a glória e o nome.

Foi Horácio para o colégio abatido, prêso de um estranho sentimento de repulsa, de nojo por si mesmo. Fôra ingrato, de fato; era um monstro. Os padrinhos lhe tinham dado tudo, educado, instruído. Fôra sem querer, fôra sem pensar; e sentia bem que a sua reflexão não entrara em nada naquela resposta que dera ao padrinho. Em todo o caso, as palavras foram suas, foram ditas com sua voz e a sua bôca, e se lhe nasceram do íntimo sem a colaboração da inteligência, devia acusar-se de ser fundamentalmente mau...

Pela segunda aula, pediu licença. Sentia-se doente, doía-lhe a cabeça e parecia que lhe passavam um archote fumegante pelo rosto.

— Já, Horácio? perguntou-lhe a madrinha, vendo-o entrar.

— Estou doente.

E dirigiu-se para o quarto. A madrinha seguiu-o. Chegado que foi, atirou-se à cama, ainda meio-vestido.

— Que é que você tem, meu filho?

— Dores de cabeça... um calor...

A madrinha tomou-lhe o pulso, assentou as costas da mão na testa e disse-lhe ainda algumas palavras de consolação: que aquilo não era nada; que o padrinho não lhe tinha rancor; que sossegasse.

O rapaz, deitado, com os olhos semicerrados, parecia não ouvir; voltava-se de um lado para outro; passava a mão pelo rosto, arquejava e debatia-se. Um instante pareceu sossegar; ergueu-se sôbre o travesseiro e chegou a mão aos olhos, no gesto de quem quer avistar alguma

coisa ao longe. A estranheza do gesto assustou a madrinha.

— Horácio!... Horácio!...

— Estou dividido... Não sei sangue...

— Horácio, Horácio, meu filho!

— Faz sol... Que sol!... Queima... Árvores enormes... Elefantes...

— Horácio, que é isso? Olha; é tua madrinha!

— Homens negros... fogueiras... Um se estorce...

Chi! Que coisa!... O meu pedaço dança...

— Horácio! Genoveva, traga água de flor... Depressa, um médico... Vá chamar, Genoveva!

— Já não é o mesmo... é outro... lugar, mudou... uma casinha branca... carros de bois... nozes... figos, lenços...

— Acalma-te, meu filho!

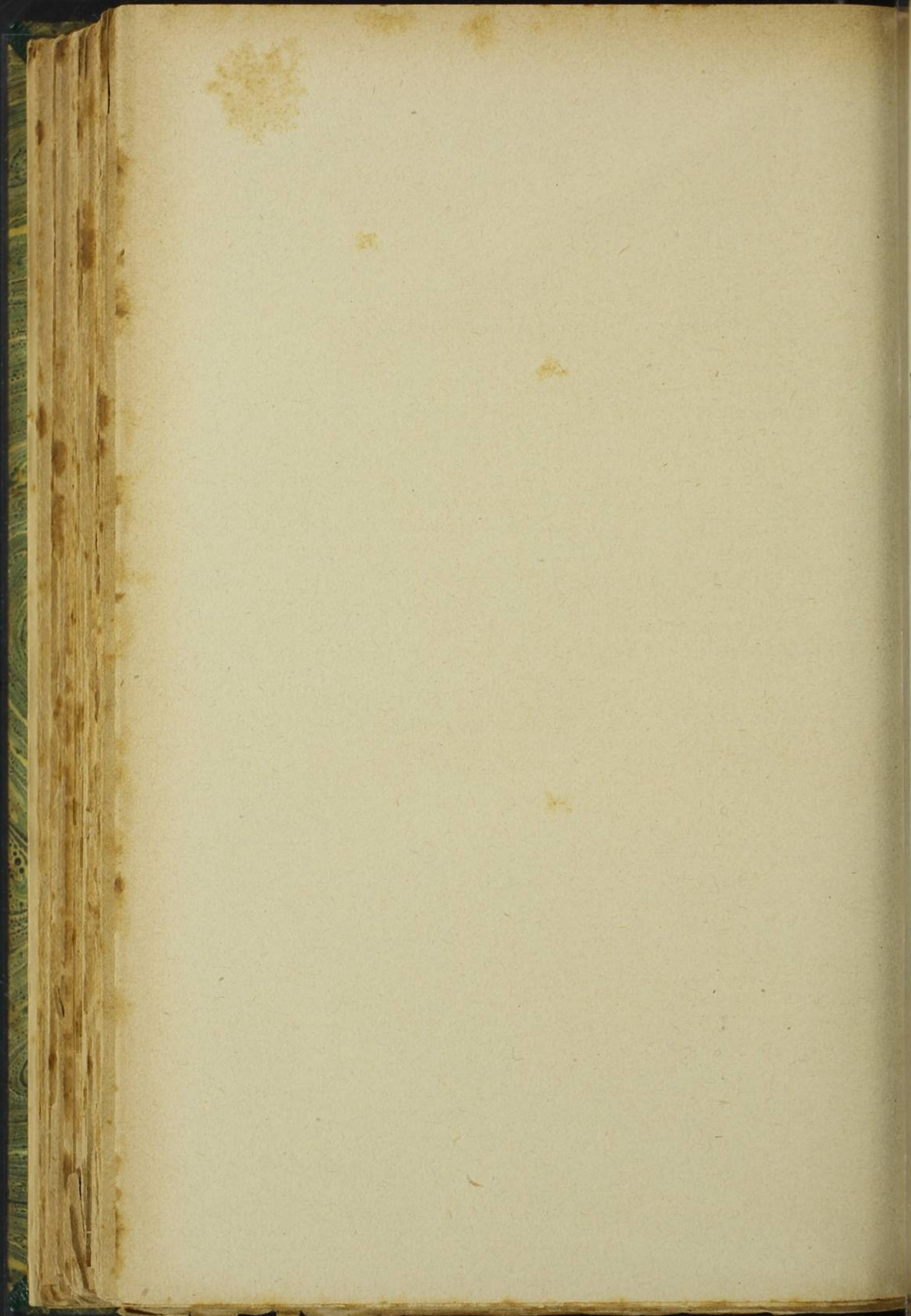
— Ué! Chi! Os dois brigam...

Daí em diante a prostração tomou-o inteiramente. As últimas palavras não saíam perfeitamente articuladas. Pareceu sossegar. O médico entrou, tomou a temperatura, examinou-o e disse com a máxima segurança:

— Não se assuste, minha senhora. É delírio febril, simplesmente. Dê-lhe o purgante, depois as cápsulas, que, em breve, estará bom.

1906.

\* \* \*



## A NOVA CALIFÓRNIA

**N**INGUÉM sabia donde viera aquêlê homem. O agente do Correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diàriamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevezadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

— Vou fazer um forno, disse o prêto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia — um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

O alarme se fêz na vila. Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os cren-tes e simples, um tipo que tinha parte com o tihoso.

Chico da Tirana, o carreiro, quando passava em frente da casa do homem misterioso, ao lado do carro a chiar, e olhava a chaminé da sala de jantar a fumegar, não deixava de persignar-se e rezar um “credo” em voz baixa; e, não fôra a intervenção do farmacêutico, o sub-

delegado teria ido dar um cerco à casa daquele indivíduo suspeito, que inquietava a imaginação de toda uma população.

Tomando em consideração as informações de Fabrício, o boticário Bastos concluía que o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos.

Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também, porque o Dr. Jerônimo não gostava de receitar e se fizera sócio da farmácia para mais em paz viver, a opinião de Bastos levou tranqüilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração a pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade.

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às "boas-noites" acrescentassem "doutor". E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que êle tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer.

Na verdade, era de ver-se, sob a doçura suave da tarde, a bondade de Messias com que êle afagava aquelas crianças pretas, tão lisas de pele e tão tristes de modos, mergulhadas no seu cativeiro moral, e também as brancas, de pele baça, gretada e áspera, vivendo amparadas na necessária caquexia dos trópicos.

Por vêzes, vinha-lhe vontade de pensar qual a razão de ter Bernardin de Saint-Pierre gasto toda a sua ternura com Paulo e Virgínia e esquecer-se dos escravos que os cercavam...

Em poucos dias a admiração pelo sábio era quase geral, e, não o era, unicamente porque havia alguém que não tinha em grande conta os méritos do novo habitante.

Capitão Pelino, mestre-escola e redator da *Gazeta de*



*Tubiacanga*, órgão local e filiado ao partido situacionista, embirrava com o sábio. “Vocês hão de ver, dizia êle, quem é êsse tipo... Um caloteiro, um aventureiro ou talvez um ladrão fugido do Rio.”

A sua opinião em nada se baseava, ou antes, baseava-se no seu oculto despeito vendo na terra um rival para a fama de sábio de que gozava. Não que Pelino fôsse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em *Tubiacanga* que não levasse bordoadada do Capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá do Rio, êle não deixava de dizer: “Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: *um outro, de resto...*” E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma coisa amarga.

Tôda a vila de *Tubiacanga* acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Cândido de Figueiredo ou o Castro Lopes e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dois dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. “Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que...” Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica “Não diga *asseguro*, Sr. Bernardes; em português é *garanto*.”

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo. A chegada do sábio veio distraí-lo um pouco da sua missão. Todo o seu esforço voltava-se agora para combater aquêle rival, que surgia tão inopinadamente.

Foram vãs as suas palavras e a sua eloqüência: não só Raimundo Flamel pagava em dia as suas contas, como era generoso — pai da pobreza — e o farmacêutico vira numa revista de específicos seu nome citado como químico de valor.

## II

Havia já anos que o químico vivia em Tubiacanga, quando, uma bela manhã, Bastos o viu entrar pela botica adentro. O prazer do farmacêutico foi imenso. O sábio não se dignara até aí visitar fôsse quem fôsse, e, certo dia, quando o sacristão Orestes ousou penetrar em sua casa, pedindo-lhe uma esmola para a futura festa de Nossa Senhora da Conceição, foi com visível enfado que êle o recebeu e atendeu.

Vendo-o, Bastos saiu de detrás do balcão, correu a recebê-lo com a mais perfeita demonstração de quem sabia com quem tratava e foi quase em uma exclamação que disse:

— Doutor, seja bem vindo.

O sábio pareceu não se surpreender nem com a demonstração de respeito do farmacêutico, nem com o tratamento universitário. Docemente olhou um instante a armação cheia de medicamentos e respondeu:

— Desejava falar-lhe em particular, Sr. Bastos.

O espanto do farmacêutico foi grande. Em que poderia êle ser útil ao homem, cujo nome corria mundo e de quem os jornais falavam com tão acendrado respeito. Seria dinheiro? Talvez... Um atraso no pagamento das rendas, quem sabe? E foi conduzindo o químico para o interior da casa, sob o olhar espantado do aprendiz, que, por um momento, deixou a *mão* descansar no gral, onde macerava uma tisana qualquer.

Por fim, achou aos fundos, bem no fundo, o quartinho que lhe servia para exames médicos mais detidos ou para as pequenas operações, porque Bastos também operava. Sentaram-se e Flamel não tardou a expor:

— Como o senhor deve saber, dedico-me à química, tenho mesmo um nome respeitado no mundo sábio...

— Sei perfeitamente, doutor, mesmo tenho disso informado, aqui, aos meus amigos.

— Obrigado. Pois bem: fiz uma grande descoberta, extraordinária...

Envergonhado com o seu entusiasmo, o sábio fêz uma pausa e depois continuou:

— Uma descoberta... Mas não me convém, por ora, comunicar ao mundo sábio, compreende?

— Perfeitamente.

— Por isso precisava de três pessoas conceituadas que fôsem testemunhas de uma experiência dela e me dessem um atestado em forma, para resguardar a prioridade da minha invenção... O senhor sabe: há acontecimentos imprevistos e...

— Certamente! Não há dúvida!

— Imagine o senhor que se trata de fazer ouro...

— Como? O quê? fêz Bastos arregalando os olhos.

— Sim! ouro! disse com firmeza Flamel.

— Como?

— O senhor saberá, disse o químico sêcamente. A questão do momento são as pessoas que devem assistir à experiência, não acha?

— Com certeza, é preciso que os seus direitos fiquem resguardados, porquanto...

— Uma delas, interrompeu o sábio, é o senhor; as outras duas o Sr. Bastos fará o favor de indicar-me.

O boticário estêve um instante a pensar, passando em revista os seus conhecimentos e, ao fim de uns três minutos, perguntou:

— O Coronel Bentes lhe serve? Conhece?

— Não. O senhor sabe que não me dou com ninguém aqui.

— Posso garantir-lhe que é homem sério, rico e muito discreto.

— É religioso? Faça-lhe esta pergunta, acrescentou Flamel logo, porque temos que lidar com ossos de defunto e só êstes servem...

— Qual! É quase ateu...

— Bem! aceito. E o outro?

Bastos voltou a pensar e dessa vez demorou-se um pouco mais consultando a sua memória... Por fim falou:

— Será o Tenente Carvalhais, o coletor, conhece?

— Como já lhe disse...

— É verdade. É homem de confiança, sério, mas...

— Que é que tem?

— É maçom.

— Melhor.

— E quando é?

— Domingo. Domingo, os três irão lá em casa assistir à experiência e espero que não me recusarão as suas firmas para autenticar a minha descoberta.

— Está tratado.

Domingo, conforme prometeram, as três pessoas respeitáveis de Tubiacanga foram à casa de Flamel, e, dias depois, misteriosamente, êle desaparecia sem deixar vestígio ou explicação para o seu desaparecimento.

Tubiacaanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.

O último crime notado em seu pobre cadastro fôra um assassinato por ocasião das eleições municipais; mas, atendendo que o assassino era do partido do govêrno, e a vítima da opposição, o acontecimento em nada alterou os hábitos da cidade, continuando ela a exportar o seu café e a mirar as suas casas baixas e acanhadas nas escassas águas do pequeno rio que a batizara.

Mas, qual não foi a surprêsa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos mais repugnantes crimes de que se têm memória! Não se tratava de um esartejamento ou parricídio; não era o assassinato de uma família inteira ou um assalto à Coletoria; era coisa pior, sacrílega aos olhos de tôdas as religiões e consciên-

cias: violavam-se as sepulturas do "Sossêgo", do seu cemitério, do seu Campo Santo.

Em comêço, o coveiro julgou que fôsem cães, mas, revistando bem o muro, não encontrou senão pequenos buracos. Fechou-os; foi inútil. No dia seguinte, um jazigo perpétuo arrombado e os ossos saqueados; no outro, um carneiro e uma sepultura rasa. Era gente ou demônio. O coveiro não quis mais continuar as pesquisas por sua conta, foi ao subdelegado e a notícia espalhou-se pela cidade.

A indignação na cidade tomou tôdas as feições e tôdas as vontades. A religião da morte precede tôdas e certamente será a última a morrer nas consciências. Contra a profanação, clamaram os seis presbiterianos do lugar — os bíblias, como lhes chama o povo; clamava o agrimensor Nicolau, antigo cadete, e positivista do rito Teixeira Mendes; clamava o major Camanho, presidente da Loja Nova Esperança; clamavam o turco Miguel Abdala, negociante de armarinho, e o cético Belmiro, antigo estudante, que vivia ao Deus-dará, bebericando parati nas tavernas. A própria filha do engenheiro presidente da Estrada de Ferro, que vivia desdenhando aquêlê lugarejo, sem notar sequer os suspiros dos apaixonados locais, sempre esperando que o expresso trouxesse um príncipe a desposá-la, — a linda e desdenhosa Cora não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto dêles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua bôca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

De certo, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de quem ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. Aí Cora queria os seus ossos sossegados, quietos e cômodamente descansando num

caixão bem feito e num túmulo seguro, depois de ter sido a sua carne encanto e prazer dos vermes...

O mais indignado, porém, era Pelino. O professor deitara artigo de fundo, imprecando, bramindo, gritando: "Na história do crime, dizia êle, já bastante rica de fatos repugnantes, como sejam: o esquartejamento de Maria de Macedo, o estrangulamento dos irmãos Fuoco, não se registra um que o seja tanto como o saque às sepulturas do "Sossêgo".

E a vila vivia em sobressalto. Nas faces não se lia mais paz; os negócios estavam paralisados; os namoros suspensos. Dias e dias por sôbre as casas pairavam núvens negras e, à noite, todos ouviam ruídos, gemidos, barulhos sobrenaturais... Parecia que os mortos pediam vingança...

O saque, porém, continuava. Tôda noite eram duas, três sepulturas abertas e esvaziadas de seu fúnebre conteúdo. Tôda a população resolveu ir em massa guardar os ossos dos seus maiores. Foram cedo, mas, em breve, cedendo à fadiga e ao sono, retirou-se um depois outro e, pela madrugada, já não havia nenhum vigilante. Ainda nesse dia o coveiro verificou que duas sepulturas tinham sido abertas e os ossos levados para destino misterioso.

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um dêles julgou lobrigar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dois dos vampiros. A raiva e a indignação até aí sopitadas no ânimo dêles, não se contiveram mais e deram tanta bordoadada nos macabros ladrões, que os deixaram estendidos como mortos.

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã se tratou de estabelecer a identidade dos dois malfeitores, foi diante da população inteira que foram nêles reconhecidos o Coletor Carvalhais e o Coronel

Bentes, rico fazendeiro e Presidente da Câmara. Este último ainda vivia e, a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquêles homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a coisa não fôsse verdade!

Se fôsse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos êles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que o ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, passou logo o prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam fôrças...

As necessidades de cada um, aquêles ossos que eram ouro, viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aquêles dois ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fôsem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

A custo, o subdelegado pôde impedir que varejassem a botica e conseguir que ficassem na praça à espera do homem, que tinha o segrêdo de todo um Potosi. Êle não tardou a aparecer. Trepado a uma cadeira, tendo na mão uma pequena barra de ouro que reluzia ao forte sol da manhã, Bastos pediu graça, prometendo que ensinaria o segrêdo, se lhe poupassem a vida. — “Queremos já sabê-lo”, gritaram. Êle então explicou que era preciso redigir a receita, indicar a marcha do processo, os reativos — trabalho longo que só poderia ser entregue impresso no dia seguinte. Houve um murmúrio, alguns chegaram a gritar, mas o subdelegado falou e responsabilizou-se pelo resultado.

Dòcilmente, com aquela doçura particular às multi-



dões furiosas, cada qual se encaminhou para casa, tendo na cabeça um único pensamento: arranjar imediatamente a maior porção de ossos de defunto que pudesse.

O sucesso chegou à casa do engenheiro presidente da Estrada de Ferro. Ao jantar, não se falou em outra coisa. O doutor concatenou o que ainda sabia do seu curso, e afirmou que era impossível. Isto era alquimia, coisa morta: ouro é ouro, corpo simples, e osso é osso, um composto, fosfato de cal. Pensar que se podia fazer de uma coisa outra era *besteira*. Cora aproveitou o caso para rir-se petropolimente da crueldade daqueles botocudos; mas sua mãe, D. Emília, tinha fé que a coisa era possível.

A noite, porém, o doutor percebendo que a mulher dormia, saltou a janela e correu em direitura ao cemitério; Cora, de pés nus, com as chinelas nas mãos, procurou a criada para irem juntas à colheita de ossos. Não a encontrou, foi sòzinha; e D. Emília, vendo-se só, adivinhou o passeio e lá foi também. E assim aconteceu na cidade inteira. O pai, sem dizer nada ao filho, saía; a mulher, julgando enganar o marido, saía; os filhos, as filhas, os criados — tôda a população, sob a luz das estrelas assombradas, correu ao satânico *rendez-vous* no "Sossêgo". E ninguém faltou. O mais rico e o mais pobre lá estavam. Era o turco Miguel, era o professor Pelino, o Dr. Jerônimo, o major Camanho, Cora, a linda e a deslumbrante Cora, com os seus lindos dedos de alabastro, revolvía a sanie das sepulturas, arrancava as carnes ainda podres agarradas tenazmente aos ossos e dêles enchia o seu regaço até ali inútil. Era o dote que colhia e as suas narinas que se abriam em asas rosadas e quase transparentes, não sentiam o fétido dos tecidos apodrecidos em lama fedorenta...

A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre as famílias questões surgiram. Únicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acôrdo e houve uma vez

que o pequeno, uma esperta criança de onze anos, até aconselhou ao pai: "Papai, vamos onde está mamãe; ela era tão gorda..."

De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aquêles que recebera em trinta anos de existência. Uma única pessoa lá não estivera, não matara nem profanara sepulturas: fôra o bêbedo Belmiro.

Entrando numa venda, meio aberta, e nela não encontrando ninguém, enchera uma garrafa de parati e se deixara ficar a beber sentado na margem do Tubiacanga, vendo escorrer mansamente as suas águas sôbre o áspero leito de granito — ambos, êle e o rio, indiferentes ao que já viram, ao que viam, mesmo à fuga do farmacêutico, com o seu Potosi e o seu segrêdo, sob o dossel eterno das estrêlas.

(10-11-910)

\* \* \*

## O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS

**E**m uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil-Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a êsmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

— Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado!

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

— Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

— Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

— Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava lite-

ralmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Comércio* o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.”

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os *cadáveres*. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopedie*, letra J., a fim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maléo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A *Encyclopedie* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um dêles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieroglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia êstes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

A noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu *a b c* malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

— Sr. Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

— Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

— Que diabo vem a ser isso, Sr. Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

— É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquêlê falar forte dos portugueses:

— Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, Sr. Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava êle. Resolvi animosamente propôr-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo *Jornal* e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao Dr. Manoel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacuecanga, à rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entretimentos continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder — *como está o senhor?* — e duas ou três regras de gramática, lastrado todo êsse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil — podes ficar certo — aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as

anosas mangueiras, que se perfilavam em alamêda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em tôda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei por que me veio pensar que nêsse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crotons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de côres morticças. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo prêto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à ba-lão; mas, daquelas velhas coisas, sôbre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquêle seu fôsko brilho de luar, diziam-me a mim que aquêle objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fôsse êle o discípulo, era sempre um crime mistificar aquêle ancião, cuja velhice trazia à

tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

— Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

— Não, sou de Canavieiras.

— Como? fêz êle. Fale um pouco alto, que sou surdo.

— Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.

— Onde fêz os seus estudos?

— Em Salvador.

— Em onde aprendeu o javanês? indagou êle, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fôra com êle que aprendi javanês.

— E êle acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele *basané* podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

— Bem, fêz o meu amigo, continua.

— O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

— Então está disposto a ensinar-me javanês?

— A resposta saiu-me sem querer: — Pois não.

— O senhor há de ficar admirado, aduziu o barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

— Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

— O que eu quero, meu caro senhor...?

— Castelo, adiantei eu.

— O que eu quero, meu caro Sr. Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do conselheiro Albernaz, aquêlê que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fôra um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho êste livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que êle evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faz com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz.”

— Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. As portas da morte, êle mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em comêço, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dêle; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sôbre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a fôlha



do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que êle lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Sr. barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa única! Êle não se cansava de repetir: "É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!"

O marido de D. Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me êle; nada se opunha que outrem o traduzisse e êle ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tôlas e impingi-as ao velhote

como sendo do *crônicon*. Como êle ouvia aquelas bobagens!...

Ficava estático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fêz-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuiu muito para isso o fato de vir êle a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a coisa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive mêdo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E êsse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe tôdas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. — “Qual! retrucava êle. Vá, menino; Você sabe javanês!” Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de seção: “Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!”

Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um dêstes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O Sr. sabe?” Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?” Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o Sr. não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceânia. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu

ministério e quero que, para o ano, parta para Bale, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fêz-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maléo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English, Oceanic Association*, *Archivo glottologico italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que sabe javanês.” Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sôbre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio*, um artigo de quatro colunas sôbre a literatura javanesa antiga e moderna...

— Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O ho-

mem já estava sôlto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem êle se fêz compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês — uf!

Chegou, enfim, a época do Congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na seção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bale* o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela seção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano-brasileiro, me estava naturalmente indicada a seção do Tupi-Guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sôbre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o Congresso, fiz publicar extratos do artigo do *Mensageiro de Bale*, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo senador Gorot. Custou-me tôda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase tôda a herança do crédulo e bom barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de tôdas as classes sociais e o presidente da República, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

— É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

— Olha: se não fôsse estar contente, sabes que ia ser?

— Quê?

— Bacteriologista eminente. Vamos?

— Vamos.

• • •

## UM E OUTRO

A DEODORO LEUCHT

Não havia motivo para que ela procurasse aquela ligação, não havia razão para que a mantivesse. O Freitas a enfarava um pouco, é verdade. Os seus hábitos quase conjugais; o modo de tratá-la como sua mulher; os rodeios de que se servia para aludir à vida das outras raparigas; as precauções que tomava para enganá-la; a sua linguagem sempre escoimada de termos de calão ou duvidosos; enfim, aquêlê ar burguês da vida que levava, aquela regularidade, aquêlê equilíbrio davam-lhe a impressão de estar cumprindo pena.

Isto era bem verdade, mas não a absolvía perante ella mesma de estar enganando o homem que lhe dava tudo, que educava sua filha, que a mantinha como senhora, com o *chauffeur* do automóvel em que passeava duas vezes ou mais por semana. Por que não procurara *outro* mais decente? A sua razão desejava bem isso; mas o seu instinto a tinha levado.

A bem dizer, ella não gostava de homem, mas de homens; as exigências de sua imaginação, mais do que as de sua carne, eram para a poliandria. A vida a fizera assim e não havia de ser agora, ao roçar os cinqüenta, que havia de corrigir-se. Ao lembrar-se de sua idade, olhou-se um pouco no espelho e viu que uma ruga teimosa começava a surgir no canto de um dos olhos. Era preciso a massagem... Examinou-se melhor. Estava de corpinho. O colo era ainda opulento, unido; o pescoço repousava bem sôbre êle e ambos, colo e pescoço, se ajustavam sem saliências nem depressões.

Teve satisfação de sua carne; teve orgulho mesmo. Há quanto tempo ela resistia aos estragos do tempo e ao desejo dos homens? Não estava moça, mas se sentia ainda apetitosa. Quantos a provaram? Ela não podia sequer avaliar o número aproximado. Passavam por sua lembrança numerosas fisionomias. Muitas ela não fixara bem na memória e surgiam-lhe na recordação como coisas vagas, sombras, pareciam espíritos. Lembrava-se às vezes de um gesto, às vezes de uma frase dêste ou daquele sem se lembrar dos seus traços; recordava-se às vezes da roupa sem se recordar da pessoa. Era curioso que de certos que a conheceram uma única noite e se foram para sempre, ela se lembrasse bem; e de outros que se demoraram, tivesse uma imagem apagada.

Os vestígios da sua primitiva educação religiosa e os moldes da honestidade comum subiram à sua consciência. Seria pecado aquela sua vida? Iria para o inferno? Viu um instante o seu inferno de estampa popular: as labaredas muito rubras, as almas mergulhadas nelas e os diabos, com uns garfos enormes, a obrigar os penitentes a sofrerem o suplício.

Haveria isso mesmo ou a morte seria...? A sombra da morte ofuscou-lhe o pensamento. Já não era tanto o inferno que lhe vinha aos olhos; era a morte só, o aniquilamento do seu corpo, da sua pessoa, o horror horrível da sepultura fria.

Isto lhe pareceu uma injustiça. Que as vagabundas comuns morressem, vá! Que as criadas morressem, vá! Ela, porém, ela que tivera tantos amantes ricos; ela que causara rixas, suicídios e assassinatos, morrer, era uma iniquidade sem nome! Não era uma mulher comum, ela, a Lola, a Lola desejada por tantos homens; a Lola, amante do Freitas, que gastava mais de um conto de réis por mês nas coisas triviais da casa, não podia nem devia morrer. Houve então nela um assomo íntimo de revolta contra o destino implacável.

Agarrou a blusa, ia vesti-la, mas reparou que faltava um botão. Lembrou-se de pregá-lo, mas imediatamente lhe veio a invencível repugnância que sempre tivera pelo

trabalho manual. Quis chamar a criada: mas seria demorar. Lançou mão de alfinêtes.

Acabou de vestir-se, pôs o chapéu, e olhou um pouco os móveis. Eram caros, eram bons. Restava-lhe êsse consôlo: morreria, mas morreria no luxo, tendo nascido em uma cabana. Como eram diferentes os dois momentos! Ao nascer, até aos vinte e tantos anos, mal tinha onde descansar após as labutas domésticas. Quando casada, o marido vinha suado dos trabalhos do campo e, mal lavados, deitavam-se. Como era diferente agora... Qual! Não seria capaz de suportá-lo mais... Como é que pôde?

Seguiu-se a emigração... Como foi que veio até ali, até aquela cumiada de que se orgulhava? Não apanhava bem o encadeamento. Apanhava alguns têrmos da série; como porém se ligaram, como se ajustaram para fazê-la subir de criada a amante opulenta do Freitas, não compreendia bem. Houve oscilações, houve desvios. Uma vez mesmo quase se viu embrulhada numa questão de furto; mas, após tantos anos, a ascensão parecia-lhe gloriosa e retilínea. Deu os últimos toques no chapéu, concertou o cabelo na nuca, abriu o quarto e foi à sala de jantar.

— Maria, onde está a Mercedes? perguntou

Mercedes era a sua filha, filha de sua união legal, que orçava pelos vinte e poucos anos. Nascera no Brasil, dois anos após a sua chegada, um antes de abandonar o marido. A criada correu logo a atender a patroa:

— Está no quintal conversando com a Aída, patroa.

Maria era a sua copeira e Aída, a lavadeira; no trem de sua casa, havia três criadas e ela, a antiga criada, gostava de lembrar-se do número das que tinha agora, para avaliar o progresso que fizera na vida.

Não insistiu mais em perguntar pela filha e recomendou:

— Vou sair. Fecha bem a porta da rua... Toma cuidado com os ladrões.

Abotoou as luvas, concertou a fisionomia e pisou a

calçada com um imponente ar de grande dama sob o seu caro chapéu de plumas brancas.

A rua dava-lhe mais fôrça de fisionomia, mais consciência dela. Como se sentia estar no seu reino, na região em que era rainha e imperatriz. O olhar cobiçoso dos homens e o de inveja das mulheres acabavam o sentimento de sua personalidade, exaltavam-no até. Dirigiu-se para a rua do Catete com o seu passo miúdo e sólido. Era manhã e, embora andássemos pelo meado do ano, o sol era forte como se já verão fôsse. No caminho trocou cumprimentos com as raparigas pobres de uma casa de cômodos da vizinhança.

— Bom-dia, *madama*.

— Bom-dia.

E debaixo dos olhares maravilhados das pobres raparigas, ela continuou o seu caminho, arrepanhando a saia, satisfeita que nem uma duquesa atravessando os seus domínios.

O *rendez-vous* era para a uma hora; tinha tempo, portanto, de dar umas voltas à cidade. Precisava mesmo que o Freitas lhe desse uma quantia maior. Já lhe falara a respeito pela manhã, quando êle saiu e tinha que buscá-la ao escritório dêle.

Tencionava comprar um mimo e oferecê-lo ao *chauffeur* do “seu” Pope, o seu último amor, o ente sobre-humano que ela via coado através da beleza daquele “carro” negro, arrogante, insolente cortando a multidão das ruas orgulhoso como um deus.

Na imaginação, ambos, *chauffeur* e “carro”, não os podia separar um do outro; e a imagem dos dois era uma única de suprema beleza, tendo a seu dispor a fôrça e a velocidade do vento.

Tomou o bonde. Não reparou nos companheiros de viagem; em nenhum ela sentiu uma alma; em nenhum ela sentiu um semelhante. Todo o seu pensamento era para o *chauffeur*, e o “carro”. O automóvel, aquela magnífica máquina, que passava pelas ruas que nem um triunfador, era bem a beleza do homem que o guiava; e, quando ela o tinha nos braços, não era bem êle quem



a abraçava, era a beleza daquela máquina que punha nela ebriedade, sonho e a alegria singular da velocidade. Não havia como aos sábados em que ela, recostada às almofadas amplas, percorria as ruas da cidade, concentrava os olhares e todos invejavam mais o carro que ela, a fôrça que se continha nêle e o arrôjo que o *chauffeur* moderava. A vida de centenas de miseráveis, de tristes e mendicantes sujeitos que andavam a pé, estava ao dispor de uma simples e imperceptível volta no guidão; e o motorista, aquêle motorista que ela beijava, que ela acariciava, era como uma divindade que dispusesse de humildes sêres dêste triste e desgraçado planêta.

Em tal instante, ela se sentia vingada do desdém com que a cobriam, e orgulhosa de sua vida.

Entre ambos, "carro" e *chauffeur*, ela estabelecia um laço necessário, não só entre as imagens respectivas como entre os objetos. O "carro" era como os membros do outro e os dois completavam-se numa representação interna, maravilhosa de elegância, de beleza, de vida, de insolência, de orgulho e fôrça.

O bonde continuava a andar. Vinha jogando pelas ruas em fora, tilintando, parando aqui e ali. Passavam carroças, passavam carros, passavam automóveis. O dêle não passaria certamente. Era de "garage" e saía unicamente para certos e determinados fregueses que só passeavam à tarde ou escolhiam-no para a volta dos clubes, alta noite. O bonde chegou à praça da Glória. Aquêle trecho da cidade tem um ar de fotografia, como que houve nêle uma preocupação de vista, dé efeito de perspectiva; e agradava-lhe. O bonde corria agora ao lado do mar. A baía estava calma, os horizontes eram límpidos e os barcos a vapor quebravam a harmonia da paisagem.

A marinha pede sempre o barco a vela; êle como que nasceu do mar, é sua criação; o barco a vapor é um grosseiro engenho demasiado humano, sem relação com ela. A sua brutalidade a violenta.

Lola, porém, não se demorou em olhar o mar, nem o horizonte; a natureza lhe era completamente indiferente

e não fêz nenhuma reflexão sôbre o trecho que a via passar. Considerou dessa vez os vizinhos. Todos lhe pareciam detestáveis. Tinham um ar de pouco dinheiro e regularidade sexual abominável. Que gente!

O bonde passou pela frente do Passeio Público e o seu pensamento fixou-se um instante no chapéu que tencionava comprar. Ficar-lhe-ia bem? Seria mais belo que o da Lúcia, amante do Adão "Turco"? Saltava de uma probabilidade para outra, quando lhe veio desviar da preocupação a passagem de um automóvel. Pareceu ser êle, o *chauffeur*. Qual! Num *taxi*? Não era possível. Afugentou o pensamento e o bonde continuou. Enfrentou o Teatro Municipal. Olhou-lhe as colunas, os dourados; achou-o bonito, bonito como uma mulher cheia de atavios. Na Avenida, ajustou o passo, concertou a fisionomia, arrepanhou a saia com a mão esquerda e partiu ruas em fora com um ar de grande dama sob o enorme chapéu de plumas brancas.

Nas ocasiões em que precisava falar ao Freitas no escritório, ela tinha por hábito ficar num restaurante próximo e mandar chamá-lo por um caixeiro. Assim êle lhe recomendava e assim ela fazia, convencida como estava de que as razões com que o Freitas lhe justificava êsse procedimento eram sólidas e procedentes. Não ficava bem ao alto comércio de comissões e consignações que as damas fôssem procurar os representantes dêle nos respectivos escritórios; e, se bem que o Freitas fôsse um simples caixa da casa Antunes, Costa & Cia., uma visita como a dela poderia tirar de tão poderosa firma a fama de solidez e abalar-lhe o crédito na clientela.

A espanhola ficou, portanto, próximo e, enquanto esperava o amante, pediu uma limonada e olhou a rua. Naquela hora, a rua 1.º de Março tinha o seu pesado trânsito habitual de grandes carroções pejados de mercadorias. O movimento quase se cingia a homens; e se, de quando em quando, passava uma mulher, vinha num bando de estrangeiros recentemente desembarcados.

Se passava um dêstes, Lola tinha um imperceptível sorriso de môfa. Que gente! Que magras! Onde é que

foram descobrir aquela magreza de mulher? Tinha como certo que, na Inglaterra, não havia mulheres bonitas nem homens elegantes.

Num dado momento, alguém passou que lhe fêz crisar a fisionomia. Era a Rita. Onde ia àquela hora? Não lhe foi dado ver bem o vestuário dela, mas viu o chapéu, cuja "pleueuse" lhe pareceu mais cara que a do seu. Como é que arranjara aquilo? Como é que havia homens que dessem tal luxo a uma mulher daquelas? Uma mulata...

O seu desgosto sossegou com essa verificação e ficou possuída de um contentamento de vitória. A sociedade regular dera-lhe a arma infalível...

Freitas chegou afinal e, como convinha à sua posição e à majestade do alto comércio, veio em colête e sem chapéu. Os dois se encontraram muito casualmente, sem nenhum movimento, palavra, gesto ou olhar de ternura.

— Não trouxeste Mercedes? perguntou êle.

— Não... Fazia muito sol...

O amante sentou-se e ela o examinou um momento. Não era bonito, muito menos simpático. Desde muito verificara isso; agora, porém, descobrira o máximo defeito da sua fisionomia. Estava no olhar, um olhar sempre o mesmo, fixo, esbugalhado, sem mutações e variações de luz. Êle pediu cerveja, ela perguntou:

— Arranjaste?

Tratava-se de dinheiro e o seu orgulho de homem do comércio, que sempre se julga rico ou às portas da riqueza, ficou um pouco ferido com a pergunta da amante.

— Não havia dificuldade... Era só vir ao escritório... Mais que fôsse...

Lola suspeitava que não lhe fôsse tão fácil, assim, mas nada disse. Explorava habilmente aquela sua ostentação de dinheiro, farejava "qualquer coisa" e já tomara as suas precauções.

Veio a cerveja e ambos, na mesa do restaurante, fizeram um numeroso esforço para conversar. O amante fazia-lhe perguntas: *vais à modista? sais hoje à tarde?*

— ela respondia: *sim, não*. Passou de novo a Rita. Lola aproveitou o momento e disse:

— Lá vai aquela “negra”.

— Quem?

— A Rita.

— A Ritinha!... Está agora com o “Louro”, *croupier*, do “Emporium”.

E em seguida acrescentou:

— Está muito bem.

— Pudera! Há homens muito porcos.

— Pois olha: acho-a bem bonita.

— Não precisavas dizer-me. És como os outros...

Ainda há quem se sacrifique por vocês.

Era seu hábito sempre procurar na conversa caminho para mostrar-se arrufada e dar a entender ao amante que ela se sacrificava vivendo com êle. Freitas não acreditava muito nêsse sacrifício, mas não queria romper com ela, porque a sua ligação causava nas rodas de confeitarias, de pensões *chics* e jôgo muito sucesso. Muito célebre e conhecida, com quase vinte anos de “vida ativa”, o seu “collage” com a Lola que se não fôra bela, fôra sempre tentadora e provocante, punha a sua pessoa em foco e garantia-lhe um certo prestígio sôbre as outras mulheres.

Vendo-a arrufada, o amante fingiu-se arrependido do que dissera, e vieram a despedir-se com palavras ternas.

Ela saiu contente com o dinheiro na carteira. Havia dito ao Freitas que o destinava a uma filha que estava na Espanha; mas a verdade era que mais de metade seria empregada na compra de um presente para o seu motorista amado. Subiu a rua do Ouvidor, parando pelas montras das casas de jóias. Que havia de ser? Um anel? Já lhe havia dado. Uma corrente? Também já lhe dera uma. Parou numa *vitrine* e viu uma cigarreira. Simpatizou com o objeto. Parecia caro e era ofuscante: ouro e pedrarias — uma coisa de mau gôsto evidente. Achou-a maravilhosa, entrou e comprou-a sem discutir.

Encaminhou-se para o bonde cheia de satisfação. Aquêles presentes como que o prendiam mais a ela; como

que o ligavam eternamente à sua carne e o faziam entrar no seu sangue.

A sua paixão pelo *chauffeur* durava havia seis meses e encontravam-se pelas bandas da Candelária, em uma casa discreta e limpa, bem freqüentada, cheia de precauções para que os freqüentadores não se vissem.

Faltava pouco para o encontro e ela aborrecia-se esperando o bonde conveniente. Havia mais impaciência nela que atraso no horário. O veículo chegou em boa hora e Lola tomou-o cheia de ardor e de desejo. Havia uma semana que ela não se encontrava com o motorista. A última vez em que se avistaram, nada de mais íntimo lhe pudera dizer. Freitas, ao contrário do costume, passeava com ela; e só lhe fôra dado vê-lo soberbo, todo de branco, *casquete*, sentado à almofada, com o busto erecto, a guiar maravilhosamente o carro lustroso, impávido, brilhante, cuja niquelagem areada faiscava como prata nova.

Marcara-lhe aquêlê *rendez-vous* com muita saudade e vontade de vê-lo e agradecer-lhe a imaterial satisfação que a máquina lhe dava. Dentro daquele bonde vulgar, um instante, ela teve novamente diante dos olhos o automóvel orgulhoso, sentiu a sua trepidação, indício de sua fôrça, e o viu deslizar, silencioso, severo, resoluto e insolente, pelas ruas em fora, dominado pela mão destra do *chauffeur* que ela amava.

Logo ao chegar, perguntou à dona da casa se o José estava. Soube que chegara mais cedo e já fôra para o quarto. Não se demorou muito conversando com a patroa e correu ao aposento.

De fato, José lá estava. Fôsse calor, fôsse vontade de ganhar tempo, o certo é que já havia tirado de cima de si o principal vestuário. Assim que a viu entrar, sem se erguer da cama, disse:

— Pensei que não viesses.

— O bonde custou muito a chegar, meu amor.

Descansou a bolsa, tirou o chapéu com ambas as mãos e foi direita à cama. Sentou-se na borda, cravou o olhar no rosto grosseiro e vulgar do motorista; e, após um

instante de contemplação, debruçou-se e beijou-o, com volúpia, demoradamente.

O *chauffeur* não retribuiu a carícia; êle as julgava desnecessárias naquele instante. Nêle, o amor não tinha prefácios, nem epílogos; o assunto ataca-se logo. Ela não o concebia assim: resíduos da profissão e o sincero desejo daquele homem faziam-na carinhosa.

\*Sem beijá-lo, sentada à borda da cama, estêve um momento a olhar enternecida a má e forte catadura do *chauffeur*. José começava a impacientar-se com aquelas filigranas. Não compreendia tais rodeios que lhe pareciam ridículos.

— Despe-te!

Aquela impaciência agradava-lhe e ela quis saboreá-la mais. Levantou-se sem pressa, começou a desabotoar-se devagar, parou e disse com meiguice:

— Trago-te uma coisa.

— Que é? fêz êle logo.

— Adivinha!

— Dize lá de uma vez.

Lola procurou a bôlsa, abriu-a devagar e de lá retirou a cigarreira. Foi até o leito e entregou-a ao *chauffeur*. Os olhos do homem incendiaram-se de cupidez; e os da mulher, ao vê-lo satisfeito, ficaram úmidos de contentamento.

Continuou a despir-se e, enquanto isto, êle não deixava de apalpar, de abrir e fechar a cigarreira que recebera. Descalçava os sapatos quando o José lhe perguntou com a sua voz dura e imperiosa:

— Tens passeio muito no “Pope”?

— Deves saber que não. Não o tenho mandado buscar, e tu sabes que só saio no “teu”.

— Não estou mais nêle.

— Como?

— Saí da casa... Ando agora num *taxi*.

Quando o *chauffeur* lhe disse isso, Lola quase desmaiou; a sensação que teve foi de receber uma pancada na cabeça.

Pois então, aquêle deus, aquêle dominador, aquêle su-

premo indivíduo descera a guiar um *taxi* sujo, chocalhante, mal pintado, dêsses que parecem feitos de fôlha de Flandres! Então êle? Então... E aquela abundante beleza do automóvel de luxo que tão alta ela via nêle, em um instante, em um segundo, de todo se esvaiu. Havia internamente, entre as duas imagens, um nexo que lhe parecia indissolúvel, e o brusco rompimento perturbou-lhe completamente a representação mental e emocional daquele homem.

Não era o mesmo, não era o semideus, êle que estava ali presente; era outro ou antes era êle degradado, mutilado, horrendamente mutilado. Guiando um *taxi*... Meu Deus!

O seu desejo era ir-se, mas, ao lhe vir êsse pensamento, o José perguntou:

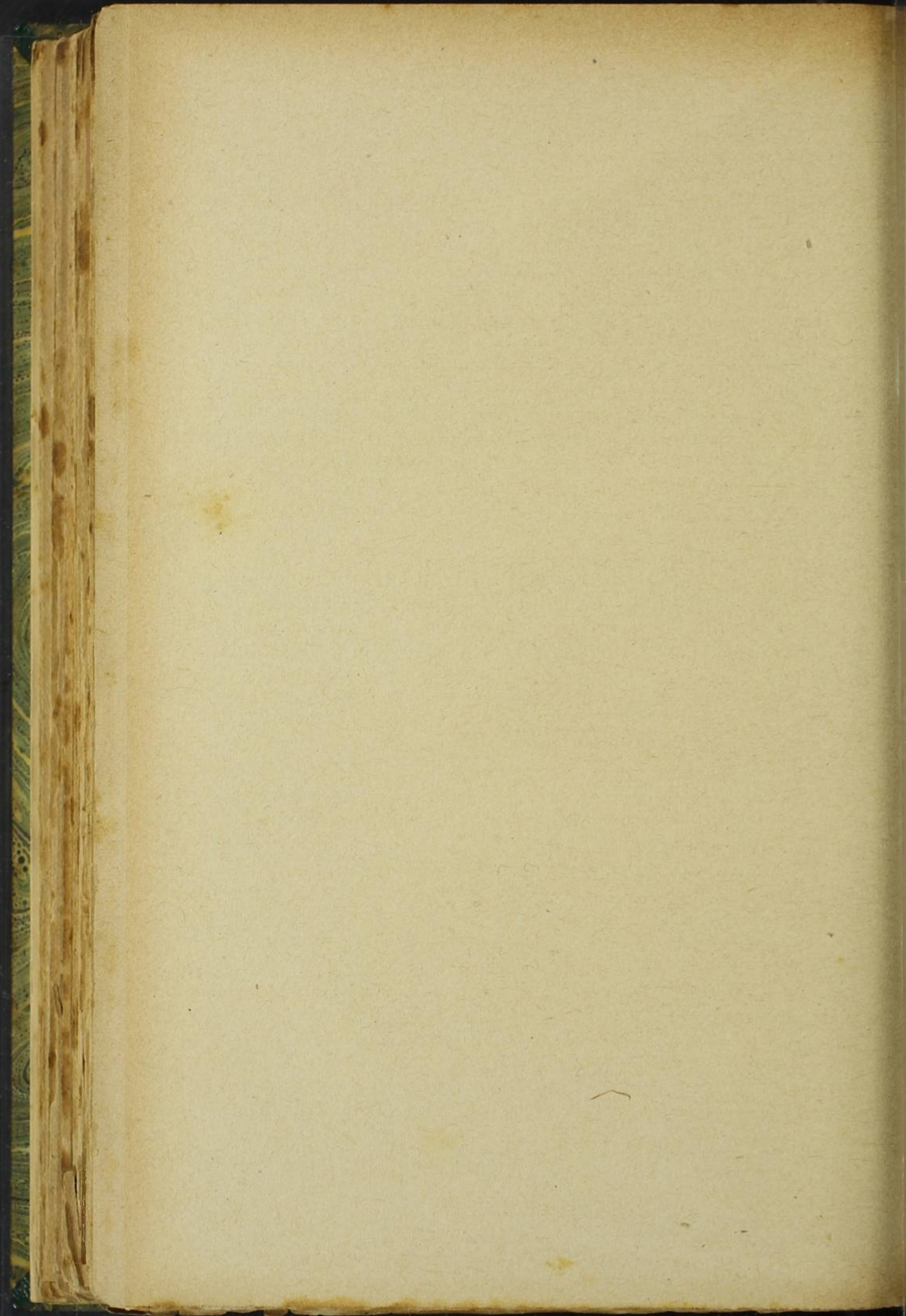
— Vens ou não vens?

Quis pretextar qualquer coisa para sair; teve mêdo, porém, do seu orgulho masculino, do despeito de seu desejo ofendido.

Deitou-se a seu lado com muita repugnância, e pela última vez.

*Todos os Santos (Rio de Janeiro), março de 1913.*

\* \* \*





## MISS EDITH E SEU TIO

A PENSÃO familiar “Boa Vista” ocupava uma grande casa da praia do Flamengo, muito feia de fachada, com dois pavimentos, possuindo bons quartos, uns nascidos com o prédio e outros que a adaptação ao seu novo destino fizera surgir com a divisão de antigas salas e a amputação de outros aposentos.

Tinha boas paredes de sólida alvenaria de tijolos e pequenas janelas de portadas de granito e linha reta, que olhavam para o mar e para uma rua lateral, à esquerda.

A construção devia datar de cêrca de sessenta anos atrás e, nos seus bons tempos, certamente possuiria, como complemento, uma chácara que se estendia para o lado direito e para os fundos, chácara desaparecida, em cujos chãos se erguem atualmente prédios modernos, muito pelintras e enfezados, ao lado da velha, forte e pesadona edificação dos outros tempos.

Os aposentos e corredores da obsoleta moradia tinham uma luz especial, uma quase penumbra, êsse toque de sombra do interior das velhas casas, no seio da qual flutuam sugestões e lembranças.

O prédio sofrera acréscimos e mutilações. Da antiga chácara, das mangueiras que a “viração” tôdas as tardes penteava a alta cabeleira verde, das jaqueiras, de ramos desorientados, das jabuticabeiras, dos sapatizeiros tristes, só restava um tamarineiro no fundo do exíguo quintal, para abrigar nos pósmerídios de canícula, sob os ramos que caíam lentamente como lágrimas, algum hóspede sedentário e amoroso da sombra maternal das grandes árvores.

O grande salão da frente — a sala de honra das recepções e bailes, — estava dividido em fatias de quartos e dêle só ficara para lembrar o seu antigo e nobre mister, um corredor acanhado, onde os hóspedes se reuniam, após o jantar, conversando sentados em cadeiras de vime, ignôbilmente mercenárias.

Dirigia a pensão Mme. Barbosa, uma respeitável viúva de seus cinqüenta anos, um tanto gorda e atochada, amável como tôdas as donas de casas de hóspedes e ainda bem conservada, se bem que houvesse sido mãe muitas vêzes, tendo até em sua companhia uma filha solteira, de vinte e poucos anos por aí, Mlle. Irene, que teimava em ficar noiva, de onde em onde, de um dos hóspedes de sua progenitora.

Mlle. Irene, ou melhor: D. Irene, escolhia com muito cuidado os noivos. Procurava-os sempre entre os estudantes que residiam na pensão, e, entre êstes, aquêles que estivessem nos últimos anos do curso, para que o noivado não se prolongasse e o noivo não deixasse de pagar a mensalidade à sua mãe.

Isto não impedia, entretanto, que o insucesso viesse coroar os seus esforços. Já fôra noiva de um estudante de direito, de um outro de medicina, de um de engenharia e descera até um de dentista, sem contudo, ser levada à presença do pretor por qualquer dêles.

Voltara-se agora para os empregados públicos e tôda a gente na pensão esperava o seu próximo enlace com o Sr. Magalhães, escriturário da Alfândega, hóspede também da “Boa Vista”, moço muito estimado pelos chefes, não só pela assiduidade ao emprêgo como pela competência em coisas de sua burocracia aduaneira e outras mais distantes.

Irene caíra do seu ideal de doutor até aceitar um burocrata, sem saltos, suavemente; e consolava-se interiormente com essa degradação do seu sonho matrimonial, sentindo que o seu namorado era tão ilustrado como muitos doutôres e tinha razoáveis vencimentos.

Na mesa, quando a conversa se generalizava, ela via com orgulho Magalhães discutir gramática com o Dr.

Benevente, um moço formado que escrevia nos jornais, levá-lo à parede e explicar-lhe tropos de Camões.

E não era só nesse ponto que o seu próximo noivo demonstrava ser forte; êle o era também em matemática, como provava questionando com um estudante da Politécnica sôbre geometria e com o doutorando Alves altercava sôbre a eficácia da vacina, dando a entender que conhecia alguma coisa de medicina.

Não era, pois, por êsse lado do saber que lhe vinha a ponta de descontentamento. De resto, em que pode interessar a uma noiva o saber do noivo?

Aborrecia-lhe um pouco a pequenez do Magalhães, verdadeiramente ridícula e, ainda por cima, o seu canhesticismo de maneiras e vestuário.

Não que ela fôsse muito alta, como se pode supor; porém, algo mais do que êle, era Irene fina de talhe, longa de pescoço, ao contrário do futuro noivo que, grosso de corpo e curto de pescoço, ainda parecia mais baixo.

Naquela manhã, quando já se ia em meio dos preparativos do almôço, o tímpano elétrico anunciou estrepitosamente um visitante.

Mme. Barbosa, que superintendia na cozinha o preparo da primeira refeição dos seus hóspedes, àquele apêlo da campainha elétrica, de lá mesmo gritou a Angélica:

— Vá ver quem está, Angélica!

Essa Angélica era o braço direito da patroa. Cozinheira, copeira, arrumadeira, e lavadeira, exercia alternativamente cada um dos seus ofícios, quando não dois e mais a um só tempo.

Muito nova, viera para a casa de Mme. Barbosa, ao tempo em que esta não era ainda dona de pensão; e, em companhia dela, ia envelhecendo sem revoltas, nem desgostos ou maiores desejos.

Confidente da patroa e, tendo visto crianças todos os seus filhos, partilhando as alegrias e agruras da casa, recebendo por isso festas e palavras doces de todos, não se julgava bem uma criada, mas uma parenta pobre, a

quem as mais ricas haviam recolhido e pôsto a coberto dos azares da vida inexorável.

Cultivava por Mme. Barbosa uma gratidão ilimitada e procurava com o seu auxílio humilde minorar as dificuldades da protetora.

Tinha guardado uma ingenuidade e uma simplicidade de criança que, de modo algum, diminuían a atividade pouco metódica e interesseira dos seus quarenta e tantos anos.

Se faltava a cozinheira, lá estava ela na cozinha; se bruscamente se despedia a lavadeira, lá ia para o tanque; se não havia cozinheira e copeiro, Angélica fazia o serviço de uma e de outro; e sempre alegre, sempre agradecida a Mme. Barbosa, D. Sinhá, como ela chamava e gostava de chamar, não sei por que irreprimível manifestação de ternura e intimidade.

A preta andava lá pelo primeiro andar na faina de arrumar os quartos dos hóspedes mais madrugadores e não ouviu nem o tinir do tímpano, nem a ordem da patroa. Não tardou que a campainha soasse outra vez e desta, imperiosa e autoritária, forte e rude, dando a entender que falava por ela a própria alma impaciente e voluntariosa da pessoa que a tocava.

Sentiu a dona da pensão que o estúpido aparelho lhe queria dizer qualquer coisa importante e não mais esperou a mansa Angélica. Foi em pessoa ver quem batia. Quando atravessou o "salão", reparou um instante na arrumação e ainda ajeitou a palmeirita que, no seu pote de faiança, se esforçava por embelezar a mesa do centro e fazer gracioso todo o aposento.

Prontificou-se em abrir a porta envidraçada e logo encontrou um casal de aparência estrangeira. Sem mais preâmbulos, o cavalheiro foi dizendo com voz breve e de comando:

— Mim quer quarto.

Percebeu Mme. Barbosa que lidava com inglêses e, com essa descoberta muito se alegrou, porque, como todos nós, ela tinha também a imprecisa e parva admiração que os inglêses, com a sua arrogância e língua pouco

compreendida, souberam nos inspirar. De resto, os ingleses têm fama de dispor de muito dinheiro e ganhem duzentos, trezentos, quinhentos mil réis por mês, todos nós logo os supomos dispendo dos milhões dos Rothschilds.

Mme. Barbosa alegrou-se, portanto, com a distinção social de tais hóspedes e com a perspectiva dos extraordinários lucros, que certamente lhe daria a riqueza deles. Apressou-se em ir pessoalmente mostrar a tão nobres personagens os cômodos que havia vagos.

Subiram ao primeiro andar e a dona da pensão apresentou com os maiores gabos um amplo quarto com vista para a entrada da baía — um rasgão na tela mutável do oceano infinito.

— Creio que servirá êste. Aqui morou o Dr. Elesbão, deputado por Sergipe. Conhecem?

— Oh! não, fêz o inglês sêcamente.

— Mando pôr uma cama de casal...

Ia continuando Mme. Barbosa, quando o cidadão britânico interrompeu-a, como se estivesse zangado:

— Oh! Mim não é casada. Miss aqui, meu sobrinha.

A *miss* por aí baixou os olhos cheios de candura e inocência: Mme. Barbosa, arrependeu-se da culpa que não tinha, e desculpou-se:

— Perdoe-me... Não sabia...

E ajuntou logo:

— Então querem dois quartos?

A companheira do inglês, até aí muda, respondeu com calor pouco britânico:

— Oh! sim, senhorra!

Mme. Barbosa prontificou-se:

— Tenho, além dêste quarto, um outro.

— *Where?* perguntou o inglês.

— Como? fêz a proprietária.

— Onde? traduziu *miss*.

— Ali.

E Mme. Barbosa indicou uma porta quase fronteira à do aposento que mostrara em primeiro lugar. Os olhos do inglês fuzilaram bruscamente de alegria e, nos de

*miss*, houve um relâmpago de satisfação. A um tempo, exclamaram:

— Muito bom!

— *All-right!*

Examinaram com pressa os aposentos e já se dispunham a descer, quando, no patamar da escada, se encontraram com a Angélica. A preta olhou-os demorada e fixamente, com espanto e respeito: parou estática, como em face de uma visão radiante. À luz mortiça da clarabóia empoeirada, ela viu, naqueles rostos muito alvos, naqueles cabelos louros, naqueles olhos azuis, de um azul tão doce e imaterial, santos, gênios, alguma coisa de oratório, de igreja, da mitologia de suas crenças híbridas e ainda selvagens.

Ao fim de instantes de muda contemplação, continuou o seu caminho, carregando baldes, jarros, moringues, inebriada na visão, enquanto a sua patroa e os ingleses iniciaram a descida, durante a qual não se cansou Mme. Barbosa de elogiar o sossêgo e o respeito que havia na sua casa. *Mister* dizia — *yes*; e *miss* também — *yes*.

Prometeram mandar as malas no dia seguinte e a dona da pensão, tão comovida e honrada estava com a futura presença de tão soberbos hóspedes, que nem lhes falou no pagamento adiantado ou fiança.

Na porta da rua, ainda madame se deixou ficar embevecida contemplando os ingleses. Viu-os entrar no bonde; admirou-lhes o império verdadeiramente britânico com que ordenaram a parada do veículo e a segurança com que se colocaram nêles; e só depois de perdê-los de vista foi que leu o cartão que o cavalheiro lhe dera: — *George T. Mac-Nabs — C. E.*

Radiante, certa da prosperidade de sua pensão, ante-vido a sua futura riqueza e descanso dos seus velhos dias, D. Sinhá, no carinhoso tratamento da Angélica, penetrou pelo interior do casarão adentro com um demorado sorriso nos lábios e uma grande satisfação no olhar.

Quando chegou a hora do almoço, logo que os hóspedes se reuniram na sala de jantar, Mme. Barbosa procurou um pretexto para anunciar aos seus comensais a boa

nova, a notícia maravilhosamente feliz da vinda de dois ingleses para a sua casa de pensão.

Olhando a sala, escolhera a mesa que destinaria ao tio e sobrinha. Ficaria a um canto, bem junto à última janela, que dava para a rua, ao lado, e à primeira que se voltava para o quintal. Era o lugar mais fresco da sala e também o mais cômodo, por ficar bem distante das outras mesas. E, pensando nessa homenagem aos seus novos fregueses, de pé na sala, encostada ao imenso *étagère*, foi que Mme. Barbosa recomendou ao copeiro em voz alta:

— Pedro, amanhã reserve a “mesa das janelas” para os novos hóspedes.

A sala de jantar da pensão “Boa Vista” tinha a clássica mesa de centro e outras pequenas ao redor. Forrada de papel côr-de-rosa com ramagens, era decorada com umas velhas e empoeiradas óleogravuras, representando peças de caça, mortas, entre as quais um coelho que teimava em voltar o ventre encardido para fora do quadro, dando aos fregueses de Mme. Barbosa sugestões de festins luculescos. Havia também algumas de frutas e um espelho oval. Era dos poucos compartimentos da casa que não sofrera alteração e o mais bem iluminado. Tinha três janelas que davam para a rua, à esquerda, e duas outras, com uma porta ao centro, que miravam o quintal, além das comunicações interiores.

Ouvindo tão imprevista recomendação, os hóspedes todos dirigiram o olhar para ela, cheios de estranheza, como querendo perguntar quem eram os hóspedes merecedores de tão excessiva homenagem; mas a pergunta que estava em todos os olhos, só foi feita por D. Sofia. Sendo a mais antiga hóspede e possuindo uma razoável renda em prédios e apólices, gozava esta última senhora de uma tal ou qual intimidade com a proprietária. Dessa forma, sem rodeios, suspendendo um instante a refeição já começada, perguntou:

— Quem são êsses príncipes, madame?

Mme. Barbosa retrucou bem alto e com certo orgulho:

— Uns ingleses ricos — tio e sobrinha.

D. Sofia, que farejara desconfiada o contentamento da viúva Barbosa com os novos inquilinos, não pôde evitar um movimento de mau humor: arrebitou mais o nariz, já de si arrebitado, deu um muxôxo e observou:

— Não gosto dêsses estrangeiros.

D. Sofia havia sido casada com um negociante português que a deixara viúva rica; por isso, e muito naturalmente, não gostava dêsses estrangeiros; mas, teve logo para contrariá-la a opinião do Dr. Benevente.

— Não diga tal, D. Sofia. O que nós precisamos, é de estrangeiros... Que venham... Demais, os ingleses são, por todos os títulos, credores de nossa admiração.

De há muito, o doutor procurava captar a simpatia da rica viúva, cuja abastança, famosa na pensão, atraía-o, embora a vulgaridade dela devesse repeli-lo.

D. Sofia não respondeu à contestação do bacharel e continuou a almoçar cheia do mais absoluto desdém.

Magalhães, no entanto, julgou-se obrigado a dizer qualquer coisa, e o fêz nestes têrmos:

— O doutor gosta dos ingleses; pois olhe: não simpatizo com êles... Um povo frio, egoísta.

— É um engano, veio com pressa Benevente. A Inglaterra está cheia de grandes estabelecimentos de caridade, de instrução, criados e mantidos pela iniciativa particular... Os ingleses não são êsses egoístas que dizem. O que êles não são é êsses sentimentais piegas que nós somos, choringas e incapazes. São fortes e...

— Fortes! Uns ladrões! Uns usurpadores! exclamou o major Melo.

Melo era um empregado público, promovido, guindado pela República, que impressionava à primeira vista pelo seu aspecto de candidato à apoplexia. Quem lhe visse o rosto sanguíneo, o pescoço taurino, não lhe podia vaticinar outro fim. Morava com a mulher na pensão, desde que casara as filhas; e, tendo sido auxiliar, ou coisa que valha do Marechal Floriano, guardava no espírito aquêle jacobinismo do 93, jacobinismo de exclamações e objurgatórias, que era o seu modo habitual de falar.



Benevente, muito calmo, sorrindo com ironia superior, como se estivesse a discutir numa Academia, com outro confrade, foi ao encontro do adversário furioso:

— Meu caro senhor; é lei do mundo: os fortes devem vencer os fracos. Estamos condenados...

O bacharel usava e abusava dêsse fácil darwinismo de segunda mão; era o seu sistema favorito, com o qual se dava ares de erudição superior. A bem dizer, nunca lera Darwin e confundia o que o próprio sábio inglês chama de metáforas, com realidades, existências, verdades inconcussas. Do que a crítica tem oposto aos exageros dos discípulos de Darwin, dos seus amplificadores literários ou sociais, do que, enfim, se vem chamando as limitações do darwinismo, êle nada sabia, mas falava com a segurança de inovador de há quarenta anos passados e ênfase de bacharel recente, sem as hesitações e dúvidas de verdadeiro estudioso, como se tivesse entre as mãos a explicação cabal do mistério da vida e das sociedades. Essa segurança, certamente inferior, dava-lhe fôrça e o impunha aos tolos e néscios; e, só uma inteligência mais fina, mais apta a desmontar máquinas de embuste, seria capaz de fazer reservas discretas aos méritos de Benevente. Na pensão, porém, onde as não havia, todos recebiam aquelas afirmações como ousadas inteligentes, sábias e ultramodernas.

Melo, ouvindo a afirmação do doutor, não se conteve, exaltou-se e exclamou:

— É por isso que não progredimos... Homens há, como o senhor, que dizem tais coisas... Nós precisávamos de Floriano... Aquêle sim...

O nome de Floriano era para Melo uma espécie de amuleto patriótico, de égide da nacionalidade. O seu gênio político seria capaz de fazer todos os milagres, de realizar todos os progressos e modificações na índole do país.

Benevente não lhe deixou muito tempo e objetou, pondo de lado a parte de Floriano:

— É um fato, meu caro senhor. O nosso amor à ver-

dade leva-nos a tal convicção. Que se há de fazer? A ciência prova.

A palavra altissonante de Ciência, pronunciada naquela sala mediocrementemente espiritual, ressoou com estridências de clarim a anunciar vitória. D. Sofia virou-se e olhou com espanto o bacharel; Magalhães abaixou afirmativamente a cabeça; Irene arregalou os olhos; e Mme. Barbosa deixou de arrumar as xícaras de chá no *étagère*.

Melo não discutiu mais e Benevente continuou a exaltar as virtudes dos ingleses. Todos concordaram com êle sôbre os grandes méritos do povo britânico: a sua capacidade de iniciativa, a sua audácia comercial, industrial e financeira, a sua honestidade, a sua lealdade e, sobretudo, rematou Florentino: a sua moralidade.

— Na Inglaterra, afirmou êste último, os rapazes se casam tão puros como as raparigas.

Irene enrubesceu ligeiramente e D. Sofia levantou-se estrepitosamente, arrastando a cadeira em que estava sentada.

Florentino, hóspede quase sempre mudo, era um velho juiz de direito aposentado, espirítista convencido, que vagava no mundo com o olhar perdido de quem perscruta o invisível.

Não percebeu que a sua afirmação havia escandalizado as senhoras e continuou serenamente:

— Lá não há êsse nosso desregramento, essa falta de respeito, essa impudicícia de costumes... Há moral... O senhor quer ver uma coisa: outro dia fui ao teatro. Quer saber o que me aconteceu? Não pude ficar lá... Era tal a imoralidade que...

— Que peça era, doutor? — indagou Mme. Barbosa.

— Não sei bem... Era *Iaiá me deixe*.

— Ainda não vi, disse cândidamente Irene.

— Pois não vá, menina! fêz com indignação o Dr. Florentino. Não se esqueça do que Marcos diz: "Qualquer que fizer a vontade de Deus, êsse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe, isto é, de Jesus."

Florentino gostava dos Evangelhos e os citava a cada passo, com ou sem propósito.

Alguns hóspedes levantaram-se, muitos já se tinham retirado. A sala esvaziava-se e não tardou que o jovem Benevente se erguesse também e saísse. Antes passeou pela sala o seu olhar de pequeno símio, cheio de pequeninas espertezas, e rematou sentenciosamente:

— Todos os povos fortes, como os homens, são morais, isto é, são castos, Dr. Florentino. Concorde com o senhor.

Conforme tinham prometido, no dia seguinte, vieram as malas dos ingleses; mas não apareceram nesse dia na sala de jantar, nem em outras partes da pensão se mostraram aos hóspedes. Só ao outro dia imediato, pela manhã, à hora do almoço, foram vistos. Entraram sem descansar o olhar sobre ninguém; cumprimentaram entre os dentes e foram sentar-se no lugar que Mme. Barbosa lhes indicou.

Como parecessem não gostar dos pratos que lhe foram apresentados, D. Sinhá apressou-se em ir receber as suas ordens e logo se pôs a par de suas exigências e correu à cozinha para as providências necessárias.

Miss Edith, como se soube mais tarde chamar-se a moça inglesa, e o tio comiam calados, lendo cada um para o seu lado, desinteressados de toda a sala.

Vendo D. Sofia os rapapés que a dona da pensão fazia ao par albiônico, não pôde deixar de dar um muxôxo, que era o seu modo costumeiro de criticar e desprezar.

Todos, porém, olhavam de soslaio para os dois, sem ânimo de dirigir-lhes a palavra ou fixá-los mais demoradamente. Assim foi no primeiro e nos dias que se seguiram. A sala fêz-se silenciosa; as conversas bulhentas cessaram; e, se alguém queria pedir qualquer coisa ao copeiro, falava baixo. Era como se de todos se tivesse apossado a emoção que a presença dos ingleses trouxera ao débil e infantil espírito da preta Angélica.

Os hóspedes acharam nêles não sei o que de superior, de superterrestre; deslumbraram-se e encheram-se de um respeito religioso diante daquelas banalíssimas criaturas nascidas numa ilha da Europa ocidental.

A moça, mais que o homem, inspirava êsse respeito.

Ela não tinha a fealdade habitual das inglesas de exportação. Era até bem gentil de rosto, com uma boca leve e uns lindos cabelos louros, a puxar para o veneziano de fogo. As suas atitudes eram graves e os seus movimentos lentos, sem preguiça ou indolência. Vestia-se com simplicidade e discreta elegância.

O inglês era outra coisa: brutal de modos e fisionomia. Posara sempre de *lord* Nelson ou Duque de Wellington; olhava todos com desdém e superioridade esmagadora e realçava essa sua superioridade não usando ceroulas, ou vestindo blusas de jogadores de *golf* ou bebendo cerveja com rum.

Não se ligaram a ninguém na pensão e todos suportavam aquêle desprêzo como justo e digno de entes tão superiores.

Nem mesmo à tarde, quando, após o jantar, vinham todos, ou quase, para a sala da frente, êles se dignavam trocar palavras com os companheiros de casa. Afastavam-se e iam para a porta da rua, onde se mantinham geralmente calados: o inglês fumando, com os olhos semicerrados, como se incubasse pensamentos transcendentales; e *miss* Edith, com o cotovêlo direito apoiado no braço da cadeira e a mão na face, olhando as nuvens, o céu, as montanhas, o mar, todos êsses mistérios fundidos na hora misteriosa do crepúsculo, como se o quisesse absorver, decifrá-lo e tirar dêle o segrêdo das coisas futuras. Os poetas que passassem no bonde, certamente, veriam nela uma casta druideza, uma veleda, descobrindo naquele instante imperecível o que havia de ser pelos dias vindouros em fora.

Eram assim na pensão, onde faziam trabalhar as imaginações no imenso campo do sonho. Benevente julgava-os nobres, um duque e sobrinha; tinham o ar de raça, maneiras de comando, depósito da hereditariedade secular dos seus ancestrais, começando por algum vagabundo companheiro de Guilherme da Normândia; Magalhães pensava-os parentes dos Rotschilts; Mme. Barbosa supunha Mr. Mac-Nabs gerente de um banco, metendo todos os dias as mãos em tesouros da gruta de

IA Ali-Babá; Irene admitia que êle fôsse um almirante, viajado por todos os mares da terra, a bordo de poderoso couraçado; Florindo, que consultara os espaços, sabia-os protegidos por um espírito superior; e o próprio Melo calara a sua indignação jacobina, para admirar as fortes botas do inglês, que pareciam durar a eternidade.

Todo o tempo em que estiveram na pensão, o sentimento que a respeito dêles dominava os seus companheiros de casa, não se modificou. Até em alguns cresceu, solidificou-se, cristalizou-se em uma admiração beata e a própria D. Sofia, vendo que a sua consideração na casa não diminuía, partilhou a admiração geral.

Em Angélica, a coisa tomara feição intensamente religiosa. Pela manhã, quando levava chocolate ao quarto da *miss*, a pobre preta entrava medrosa, tímida, sem saber como tratar a moça, se de dona, se de moça, se de patroa, se de minha Nossa Senhora.

Muitas vêzes temia interromper-lhe o sono, quebrar-lhe o sereno encanto do rosto adormecido na moldura dos cabelos louros. Deixava o chocolate sôbre a mesa de cabeceira; a infusão esfriava e a pobre negra era, mais tarde, repreendida em uma algaravia ininteligível, pela deusa que ela adorava. Não se emendava, porém; e, se encontrava a inglesa dormindo, a emoção do momento apagava a lembrança da repreensão. Angélica deixava o chocolate a esfriar, não despertava a moça e era de novo repreendida.

Em uma dessas manhãs, em que a preta foi levar o chocolate à sobrinha de Mr. George, com grande surpresa sua, não a encontrou no quarto. Em comêço pensou que estivesse no banheiro; mas havia passado por êle e o vira aberto. Onde estaria? Farejou um milagre, uma ascensão aos céus, por entre nuvens douradas; e a *miss* bem o merecia, com o seu rosto tão puramente oval e aquêles olhos de céu sem nuvens...

Premida pelo serviço, Angélica saiu do aposento da inglesa: e foi nesse instante que viu a santa sair do quarto do tio, em trajes de dormir. O espanto foi imenso,

a sua ingenuidade dissipou-se e a verdade queimou-lhe os olhos. Deixou-a entrar no quarto e, cá no corredor, mal equilibrando a bandeja nas mãos, a deslumbrada criada murmurou entre os dentes:

— Que pouca vergonha! Vá a gente fiar-se nesses estrangeiros... Eles são como nós...

E continuou pelos quartos no seu humilde e desprezado mister.

*Todos os Santos (Rio de Janeiro), março de 1914.*

\* \* \*

## COMO O "HOMEM" CHEGOU

*Deus está morto; a sua piedade pelos  
homens matou-o.*

NIETZSCHE.

### I

A POLÍCIA da República, como tôda a gente sabe, é paternal e compassiva no tratamento das pessoas humildes que dela necessitam; e, sempre, quer se trate de humildes, quer de poderosos, a velha instituição cumpre religiosamente a lei. Vem-lhe daí o respeito que aos políticos os seus empregados tributam e a procura que ela merece dêsses homens, quase sempre interessados no cumprimento das leis que discutem e votam.

O caso que vamos narrar não chegou ao conhecimento do público, certamente devido à pouca atenção que lhe deram os repórteres e é pena, pois, se assim não fôsse, teriam nêle encontrado pretexto para *clichés* bem macabramente mortuários que alegrassem as páginas de suas fôlhas volantes.

O delegado que funcionou na questão talvez não tivesse notado o grande alcance de sua obra; e tanto isso é de admirar quanto as conseqüências do fato concordam com luxuriante sorites de um filosofo sempre capaz de sugerir, do pé para a mão, novíssimas estéticas aos necessitados de apresentá-las ao público bem informado.

Sabedores de acontecimento de tal monta, não nos era possível deixar de narrá-lo com alguma minudência, para edificação dos delegados passados, presentes e futuros.

Naquela manhã, tinha a delegacia um movimento desusado. Passavam-se semanas, sem que houvesse uma simples prisão, uma pequena admoestação. A circunscrição era pacata e ordeira. Pobre, não havia furtos; sem comércio, não havia gatunos; sem indústria, não havia vagabundos, graças à sua extensão e aos capoeirões que lá havia; os que não tinham domicílio arranjavam-no fàcilmente em choças ligeiras sôbre chãos de outros donos mal conhecidos.

Os regulamentos policiais não encontravam emprêgo; os funcionários do Distrito viviam descansados e, sem desconfiança, olhavam a população do lugarejo. Compunha-se o destacamento de um cabo e três soldados; todos os quatro, gente simples, esquecida de sua condição de sustentáculos do Estado.

O comandante, um cabo gordo que falava arrastando a voz, com a cantante preguiça de um carro de bois a chiar, habitava com a família um rancho próximo e plantava ao redor melancias, colhendo-as de polpa bem rosada e doce, pelo verão inflexível da nossa terra. Um dos soldados tecia rêdes de pescaria, chumbava-as com cuidado para dar cêrco às tainhas; e era de vê-las saltar por cima do fruto de sua indústria com a agilidade de acrobatas, agilidade surpreendente naqueles entes sem mãos e pernas diferenciadas. Um outro camarada matava o ócio pescando de caniço e quase nunca pescava crocorocas, pois diante do mar, da sua infinita grandeza, distraía-se, lembrando-se das quadrinhas que vinha compondo em louvor de uma beleza local.

Tinham também os inspetores de polícia essa concepção idílica, e não se aborreciam no môrno vilarejo. Conceição, um dêles, fabricava carvão e os plantões os fazia junto às caieiras, bem protegidas por cruces tôscas para que o tinhoso não entrasse nelas e fabricasse cinza em vez do combustível das engomadeiras. Um seu colega, de nome Nunes, aborrecido com o ar elísico daquela delegacia, imaginou quebrá-lo e lançou o jôgo do bicho. Era uma coisa inocente: o mínimo da pule, um vintém; o máximo, duzentos réis; mas, ao chegar a riqueza do lu-



gar, aí pelo tempo do caju, quando o sol saudoso da tarde dourava as areias e os frutos amarelos e vermelhos mais se entumeciam nos cajueiros frágeis, jogavam-se pules de dez tostões.

Vivia tudo em paz; o delegado não aparecia. Se o fazia de mês em mês, de semestre em semestre, de ano em ano, logo perguntava: houve alguma prisão? Respondiam alvissareiros: não, doutor; e a frente do doutor se anuviava, como se sentisse naquele desuso do xadrez a morte próxima do Estado, da Civilização e do Progresso.

De onde em onde, porém, havia um caso de defloração e êste era o delicto, o crime, a infração do lugar — um crime, uma infração, um delicto muito próprio do Paraíso, que o tempo, porém, levou a ser julgado pelos polícias, quando, nas primeiras eras das nossas origens bíblicas, o fôra pelo próprio Deus.

Em geral, os inspetores por êles mesmos resolviam o caso; davam paternos conselhos suasórios e a lei sagrava o que já havia sido abençoado pelas prateadas fôlhas das imbaúbas, nos capoeirões cerrados.

Não quis, porém, o delegado deixar que os seus subordinados liquidassem aquêle caso. A paciente era filha do Sambabaia, chefe político do partido do senador Melação; e o agente era eleitor do partido contrário a Melação. O programa do partido de Melação era não fazer coisa alguma e o do contrário tinha o mesmo ideal; ambos, porém, se diziam adversários de morte e essa oposição, refletindo-se no caso, embaraçava sobremodo o subdelegado.

Interrogado, confessara-se o agente pronto a reparar o mal; e, desde há muito, a paciente dera a tal respeito a sua indispensável opinião.

A autoridade, entretanto, hesitava, por causa da incompatibilidade política do casal. As audiências se sucediam e aquela era já a quarta. Estavam os soldados atônitos com tanta demora, provinda de não saber bem o delegado se, unindo mais uma vez o par, não iria o caso desgostar Melação e mesmo o seu adversário Jati — am-

bos senadores poderosos, aquêles do govêrno e êste da opposição; e, desgostar qualquer dêles, punha em perigo o seu emprêgo, porque, quase sempre entre nós, a opposição passa a ser govêrno e o govêrno opposição instantaneamente. O consentimento dos rapazes não bastava ao caso; era preciso, além, uma reconciliação ou uma simples adesão política.

Naquela manhã, o delegado tomava mais uma vez o depoimento do agente, inquirindo-o desta forma:

— Já se resolveu?

— Pois não, doutor. Estou inteiramente a seu dispor...

— Não é bem ao meu. Quero saber se o senhor tem tenção?

— De que, doutor? Decasar? Pois não, doutor.

— Não é de casar... Isto já sei... É...

— Mas, de que deve ser, então, doutor?

— De entrar para o partido do dr. Melaço.

— Eu sempre, doutor, fui pelo dr. Jati. Não posso...

— Que tem uma coisa com a outra? O senhor divide o seu voto: a metade dá para um e a outra metade para outro. Está aí!

— Mas como?

— Ora! O senhor saberá arranjar as coisas da melhor forma; e, se o fizer com habilidade, ficarei contente e o senhor será feliz, porquanto pode arranjar tanto com um como com outro, conforme andar a política no próximo quadriênio, um lugar de guarda dos mangues.

— Não há vaga, doutor.

— Qual! Há sempre vaga, meu caro. O Felizardo não se tem querido alistar, não nasceu aqui, é de fora, é "estrangeiro"; e, dessa maneira, não pode continuar a fiscalizar os mangues. É vaga certa. O senhor adere ou antes: divide a votação?

— Divido, doutor.

— Pois então...

Por aí, um dos inspetores veio avisar de que o guarda civil de nome Hane lhe queria falar. O doutor Cunsono estremeceu. Era coisa do chefe, do Geral lá de baixo; e,

de relance, viu o seu hábil trabalho de harmonizar Jati e Melaço perdido inteiramente, talvez por causa de não ter, naquele ano, efetuado sequer uma prisão. Estava na rua, suspendeu o interrogatório e veio receber o visitador com muita angústia no coração. Que seria?

— Doutor, foi logo dizendo o guarda, temos um louco.

Diante daquele caso novo, o delegado quis refletir, mas logo o guarda emendou:

— O dr. Sili...

Era assim o nome do ajudante do Geral inacessível; e dêle, os delegados tem mais mêdo do que do chefe supremo todo poderoso.

Hane continuou:

— O doutor Sili mandou dizer que o senhor o prendesse e o enviasse à Central.

Cunsono pensou bem que êsse negócio de reclusão de loucos é por demais grave e delicado e não era pròpria-mente da sua competência fazê-lo, a menos que fòssem sem eira nem beira ou ameaçassem a segurança pública. Pediu a Hane que o esperasse e foi consultar o escrivão. Êste serventuário vivia ali de mau humor. O sossêgo da delegacia o aborrecia, não porque gostasse da agitação pela agitação, mas pelo simples fato de não perceber emolumentos ou quer que seja, tendo que viver de seus vencimentos. Aconselhou-se com êle o delegado e ficou perfeitamente informado do que dispunham a lei e a praxe. Mas Sili...

Voltando à sala, o guarda reiterou as ordens do auxiliar, contando também que o louco estava em Manaus. Se o próprio Sili não o mandava buscar, elucidou o guarda, era porque competia a Cunsono deter o "homem", porquanto a sua delegacia tinha costas do oceano e de Manaus se vinha por mar.

— É muito longe, objetou o delegado.

O guarda teve o cuidado de explicar que Sili já vira a distância no mapa e era bem reduzida: obra de palmo e meio. Cunsono perguntou ainda:

— Qual a profissão do "homem"?

— É empregado da Delegacia Fiscal.

— Tem pai?

— Tem.

Pensou o delegado que competia ao pai o pedido de internação, mas o guarda adivinhou-lhe o pensamento e afirmou:

— Eu o conheço muito e meu primo é concunhado dêle.

Estava já Cunsono irritado com as objeções do escrivão e desejava servir a Sili, tanto mais que o caso desafiava a sua competência policial. A lei era êle; e mandou fazer o expediente.

Após o que tratou Cunsono de ultimar o enlace de Melaço e Jati, por intermédio do casamento da filha do Sambabaia. Tudo ficou assentado da melhor forma; e, em pequena hora, voltava o delegado para as ruas onde não policiava, satisfeito consigo mesmo e com a sua tríplice obra, pois não convém esquecer a sua caridosa intervenção no caso do louco de Manaus.

Tomava a condução que o devia trazer à cidade, quando a lembrança do meio de transporte do dementado lhe foi presente. Ao guarda-civil, ao representante de Sili na zona, perguntou por êsse instante:

— Como há de vir o “sujeito”?

O guarda, sem atender diretamente à pergunta, disse:

— É... É, doutor; êle está muito furioso.

Cunsono pensou um instante, lembrou-se dos seus estudos e acudiu.

— Talvez um couraçado... O “Minas Gerais” não serve? Vou requisitá-lo.

Hane, que tinha prática do serviço e conhecimento dos compassivos processos policiais, refletiu:

— Doutor: não é preciso tanto. O “carro forte” basta para trazer o “homem”.

Concordou Cunsono e olhou as alturas um instante sem notar as nuvens que vogavam sem rumo certo, entre o céu e a terra.

\* \* \*

## II

Sili, o doutor Sili, bem como Cunsono, graças à prática que tinha do ofício, dispunham da liberdade dos seus pares com a maior facilidade. Tinham substituído os graves exames íntimos provocados pelos deveres de seus cargos, as perigosas responsabilidades que lhes são próprias, pelo automático ato de uma assinatura rápida. Era um contínuo trazer um ofício, logo, sem bem pensar no que faziam, sem lê-lo até, assinavam e ia com essa assinatura um sujeito para a cadeia, onde ficava aguardando que se lembrasse de retirá-lo de lá a sua mão distraída e ligeira.

Assim era; e foi sem dificuldade que atendeu ao pedido de Cunsono no que toca ao carro forte. Prontamente deu as ordens para que fôsse fornecida a seu colega a masmorra ambulante, pior do que masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma coisa ainda de meiguice, meiguice de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, há a inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados — uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela levado aos trancos e barrancos de seu respeitável pêso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se lhe quer poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão. Um requinte de potentado asiático.

Essa prisão de Calistenes, blindada, chapeada, couraçada, foi posta em movimento; e saiu, abalando o calçamento, a chocalhar ferragens, a trovejar pelas ruas afora em busca de um inofensivo.

O "homem", como diziam êles, era um ente pacato, lá dos confins de Manaus, que tinha a mania da Astronomia e abandonara, não de todo, mas quase totalmente, a terra pelo céu inacessível. Vivia com o pai velho nos arrabaldes da cidade e construira na chácara de sua residência um pequeno observatório, onde montou lunetas que lhe davam pasto à inocente mania. Julgando insufficientes o olhar e as lentes, para chegar ao perfeito conhecimento da Aldebaran longínqua, atirou-se ao cálculo, à inteligência pura, à matemática e a estudar com afino e fúria de um doido ou de um gênio.

Em uma terra inteiramente entregue à chatinagem e à veniaga, Fernando foi tomando a fama de louco, e não era ela sem algum motivo. Certos gestos, certas preocupações e mesmo outras manifestações mais palpáveis, pareciam justificar o julgamento comum; entretanto, êle vivia bem com o pai e cumpria os seus deveres razoavelmente. Porém, parentes officiosos e outros longínquos aderentes entenderam curá-lo, como se se curassem assomos dalma e anseios de pensamento.

Não lhes vinha tal propósito de perversidade inata, mas de estultice congênita juntamente com a comiseração explicável em parentes. Julgavam que o ser descompassado envergonhava a família e êsse julgamento era reforçado pelos cochichos que ouviam de alguns homens esforçados por parecerem inteligentes.

O mais célebre dêles era o Dr. Barrado, um catita do lugar, cheiroso e apurado no corte das calças. Possuía êsse doutor a obsessão das coisas extraordinárias, transcendentas, sem par, originais; e, como sabia Fernando simples e desdenhoso pelos mandões, supôs que êle, com êsse procedimento, censurava Barrado por demais measureiro com os magnatas. Começou, então, Barrado a dizer que Fernando não sabia Astronomia; ora, êste último não afirmava semelhante coisa. Lia, estudava e contava o que lia, mais ou menos o que aquêle fazia nas salas, com os ditos e opiniões dos outros.

Houve quem o desmentisse; teimava, no entanto, Barrado no propósito. Entendeu também de estudar uma

Astronomia e bem oposta à de Fernando: a Astronomia do centro da terra. O seu compêndio favorito era *A Morgadinha de Val-Flor* e os livros auxiliares: *A Dama de Monsoreau* e *O Rei dos Grilhetas*, numa biblioteca de Herschell.

Com isto, e cantando, e espalhando que Fernando vivia nas tascas com vagabundos, auxiliado pelo poeta Machino, o jornalista Cosmético e o antropologista Tucolas, que fazia sábias mensurações nos crânios das formigas, conseguiu demover os simplórios parentes de Fernando, e foi bastante que, de parente para conhecido, de conhecido para Hane, de Hane para Sili e Cunsono, as coisas se encadeassem e fôsse obtida a ordem de partida daquela fortaleza couraçada, roncando pelas ruas, chocalhando ferragens, abalando calçadas, para ponto tão longínquo.

Quando, porém, o carro chegou à praça mais próxima, foi que o cocheiro lembrou-se de que não lhe tinham ensinado onde ficava Manaus. Voltou e Sili, com a energia de sua origem britânica, determinou que fretassem uma falua e fôssem a reboque do primeiro paquête.

Sabedor do caso e como tivesse conhecimento de que Fernando era desafeto do poderoso chefe político Sofônias, Barrado que, desde muito, lhe queria ser agradável, calou o seu despeito, apresentou-se pronto para auxiliar a diligência. Esse chefe político dispunha de um prestígio imenso e nada entendia de Astronomia; mas, naquele tempo, era a ciência da moda e tinham em grande consideração os membros da Sociedade Astronômica, da qual Barrado queria fazer parte.

Sofônias influía nas eleições da Sociedade, como em tôdas as outras, e podia determinar que Barrado fôsse escolhido. Andava, portanto, o doutor captando a boa vontade da potente influêcia eleitoral, esperando obter, depois de eleito, o lugar de Diretor Geral das Estrêlas de Segunda Grandeza.

Não é de estranhar, pois, que accitasse tão árdua incumbência, e, com Hane e carrião, veio até a praia; mas não havia canoa, caïque, bote, jangada, catraia, chalana,

falua, lancha, calunga, poveiro, peru, macacuano, pontão, alvarenga, saveiro, que os quisesse levar a tais alturas.

Hane desesperava, mas o companheiro, lembrando-se dos seus conhecimentos de Astronomia, indicou um alvitre:

— O carro pode ir boiando.

— Como, doutor? É de ferro... muito pesado, doutor!

— Qual o quê! O “Minas”, o “Aragon”, o “S. Paulo” não boiam? Ele vai, sim!

— E os burros?

— Irão a nadar, rebocando o carro.

Curvou-se o guarda diante do saber do doutor e deixou-lhe a missão confiada, conforme as ordens terminantes que recebera.

A calistênica entrou pela água adentro, consoante as ordens promanadas do saber de Barrado, e, logo que achou água suficiente, foi ao fundo com grande desprezo pela hidrostática do doutor. Os burros, que tinham sempre protestado contra a física do jovem sábio, partiram os arreios e salvaram-se; e graças a uma poderosa cábreia, pôde a almanjarra ser salva também.

Havia poucos paquêtes para Manaus e o tempourgia. Barrado tinha ordem franca de fazer o que quisesse. Não hesitou e, enèrgicamente, fêz reparar as avarias e tratou de embarcar num paquête todo o trem, fôsse como fôsse.

Ao embarcá-lo, porém, surgiu uma dúvida entre êle e o pessoal de bordo. Teimava Barrado que o carro merecia ir para um camarote de primeira classe, teimavam os marítimos que isso não era próprio, tanto mais que êle não indicava o lugar dos burros.

Era difícil essa questão da colocação dos burros. Os homens de bordo queriam que fôsem para o interior do navio; mas, objetava o doutor:

— Morrem asfixiados, tanto mais que são burros e mesmo por isso.

De comum acôrdo, resolveram telegrafar a Sili para resolver a curiosa contenda. Não tardou viesse a res-



posta, que foi clara e precisa: "Burros sempre em cima. Sili."

Opinião como esta, tão sábia e tão verdadeira, tão cheia de filosofia e sagacidade da vida, aliviou todos os corações e abraços fraternais foram trocados entre conhecidos e inimigos, entre amigos e desconhecidos.

A sentença era de Salomão e houve mesmo quem quisesse aproveitar o apótema para construir uma nova ordem social.

Restava a pequena dificuldade de fazer entrar o carro para o camarote do dr. Barrado. O convés foi aberto convenientemente, teve a sala de jantar mesas arrancadas e o bendegó ficou no centro dela, em exposição, feio e brutal, estúpido e inútil, como um monstro de museu.

O paquête moveu-se lentamente em demanda da barra. Antes fêz uma doce curva, longa, muito suave, lentamente, ao como se, despedir-se, cumprimentasse reverente a beleza da Guanabara. As gaiotas voavam tranqüilas, cansavam-se, pousavam nágua — não precisavam da terra...

A cidade sumia-se vagarosamente e o carro foi atraindo a atenção de bordo.

— O que vem a ser isto?

Diante da almanjarra, muitos viajantes murmuravam protestos contra a presença daquele estafermo ali; outras pessoas diziam que se destinava a encarcerar um bandoleiro da Paraíba; outras que era um salva-vidas; mas, quando alguém disse que aquilo ia acompanhando um recomendado de Sofônias, a admiração foi geral e imprecisa.

Um oficial disse:

— Que construção engenhosa!

Um médico afirmou:

— Que linhas elegantes!

Um advogado refletiu:

— Que soberba criação mental!

Um literato sustentou:

— Parece um mármore de Fídias!

Um sicofantá berrou:

— É obra mesmo de Sofônias! Que republicano!

Uma moça adiantou:

— Deve ter sons magníficos!

Houve mesmo escala para dar ração aos burros, pois os mais graduados se disputavam a honraria. Um criado, porém, por ter passado junto ao monstro e o olhado com desdém, quase foi duramente castigado pelos passageiros. O ergástulo ambulante vingou-se do serviçal; durante todo o trajeto perturbou-lhe o serviço.

Apesar de ir correndo a viagem sem mais incidentes, quis ao meio dela Barrado desembarcar e continuá-la por terra. Consultou nestes têrmos Sili: “Melhor carro ir terra faltam três dedos mar longa caminho”; e a resposta veio depois de alguns dias: “Não convém desembarque embora mais curto carro chega sujo. Siga.”

Obedeceu e o meteorite, durante duas semanas, foi objeto da adoração do paquete. Nos últimos dias, quando um qualquer dos passageiros dêle se acercava, passava-lhe pelo dorso negro a mão espalmada com a contrição religiosa de um maometano ao tocar na pedra negra da Kaaba.

Sofônias, que nada tinha com o caso, não teve nunca notícia dessa tocante adoração.

• • •

### III

Muito rica é Manaus, mas, como em todo o Amazonas, nela é vulgar a moeda de cobre. É um singular traço de riqueza que muito impressiona o viajante, tanto mais que não se quer outra e as rendas do Estado são avultadas. O El-Dorado não conhece o ouro, nem no estima.

Outro traço de sua riqueza é o jôgo. Lá, não é divertimento nem vício: é para quase todos profissão. O valor dos noivos, segundo dizem, é avaliado pela média das paradas felizes que fazem, e o das noivas pelo mesmo processo no tocante aos pais.

Chegou o navio a tão curiosa cidade quinze dias após fazendo uma plácida viagem, com o fetiche a bordo. Desembarcá-lo foi motivo de absorvente cogitação para o dr. Barrado. Temia que fôsse de novo ao fundo, não porque quisesse encaminhá-lo por sôbre as águas do Rio Negro; mas, pelo simples motivo de que, sendo o cais flutuante, o pêso do carrião talvez trouxesse desastrosas conseqüências para ambos, cais e carro.

O capataz não encontrava perigo algum, pois desembarcavam e embarcavam pelos flutuantes volumes pesadíssimos, toneladas até.

Barrado, porém, que era observador, lembrava-se da aventura do rio, e objetou:

— Mas não são de ferro.

— Que tem isso? fêz o capataz.

Barrado, que era observador e inteligente, afinal compreendeu que um quilo de ferro pesa tanto quanto um de algodão; e só se convenceu inteiramente disso, como observador que era, quando viu o ergástulo em salvamento, rolando pelas ruas da cidade.

Continuou a ser ídolo e o doutor agastou-se deveras porque o governador visitou a caranguejola, antes que a êle o fizesse.

Como não as tivesse completas para detenção de Fernando, pediu instruções a Sili. A resposta veio num lônco telegrama minucioso e elucidativo. Devia requisitar fôrça ao governador, arregimentar capangas e não desprezar as balas de altéia. Assim fêz o comissário. Pediu uma companhia de soldados, foi às alfurjas da cidade catar bravos e adquirir uma confeitaria de altéia. Partiu em demanda do "homem" com êsse trem de guerra; e, pondo-se cautelosamente em observação, lobrigou os óculos do observatório, donde concluiu que a sua fôrça era insuficiente. Normas para o seu procedimento requereu a Sili. Vieram sêcas e peremptórias: "Empregue também artilharia."

De novo pôs-se em marcha com um parque do Krupp. Desgraçadamente não encontrou o homem perigoso. Recolheu a expedição a quartéis; e, certo dia, quando de passeio, por acaso, foi parar a um café do centro comercial. Tôdas as mesas estavam ocupadas; e só em uma delas havia um único consumidor. A esta, êle sentou-se. Travou por qualquer motivo conversa com o mazombo; e, durante alguns minutos, aprendeu com o solitário alguma coisa.

Ao despedirem-se, foi que ligou o nome à pessoa, e ficou atarantado sem saber como proceder no momento. A ação, porém, lhe veio prontamente; e, sem dificuldade, falando em nome da lei e da autoridade, deteve o pacífico ferrabrás em um dos dois bailéus do cárcere ambulante.

Não havia paquête naquele dia e Sili havia recomendado que o trouxessem imediatamente. Venha por terra, disse êle; e Barrado, lembrado do conselho, tratou de segui-lo. Procurou quem o guiasse até o Rio, embora lhe parecesse curta e fácil a viagem. Examinou bem o mapa e, vendo que a distância era de palmo e meio, considerou que dentro dela não lhe cabia o carro. Por êste e aquêle, soube que os fabricantes de mapas não têm critério se-

guro: ora fazem uns muito grandes, ou muito pequenos, conforme são para enfeitar livros ou adornar paredes. Sendo assim, a tal distância de 12 polegadas bem podia esconder viagem de um dia e mais.

Aconselhado pelo cocheiro, tomou um guia e encontrou-o no seu antigo conhecido Tucolas, sabedor como ninguém do interior do Brasil, pois o palmilhara à cata de formigas para bem firmar documentos às suas investigações antropológicas.

Aceitou a incumbência o curioso antropologista de himenópteros, aconselhando, entretanto, a modificação do itinerário.

— Não me parece, senhor Barrado, que devamos atravessar o Amazonas. Melhor seria, senhor Barrado, irmos até a Venezuela, alcançar as Guianas e descermos, senhor Barrado.

— Não teremos rios a atravessar, Tucolas?

— Homem! meu caro senhor, eu não sei bem; mas, senhor Barrado, me parece que não, e sabe por quê?

— Por quê?

— Por quê? Porque êste Amazonas, senhor Barrado, não pode ir até lá, no Norte, pois só corre de oeste para leste...

Discutiram assim sãbiamente o caminho; e, à proporção que manifestava o seu profundo trato com a geografia da América do Sul, mais Tucolas passava a mão pela cabeleira de inspirado.

Achou que os conselhos do doutor eram justos, mas temia as surpresas do carrião. Ora, ia ao fundo, por ser pesado; ora, sendo pesado, não fazia ir ao fundo frágeis flutuantes. Não fôsse êle estranhar o chão estrangeiro e pregar-lhe alguma peça? O cocheiro não queria também ir pela Venezuela, temia pisar em terra de gringos e encarregou-se da travessia do Amazonas — o que foi feito em paz e salvamento, com a máxima simplicidade.

Logo que foi ultimada, Tucolas tratou de guiar a caravana. Prometeu que o faria com muito acêrto e contentamento geral, pois aproveitá-la-ia, dilatando as suas pesquisas antropológicas aos moluscos dos nossos rios.

Era sábio naturalista, e antropologista, e etnografista da novíssima escola do conde de Gobineau, novidade de uns sessenta anos atrás; e, desde muito, desejava fazer uma viagem daquelas para completar os seus estudos antropológicos nas formigas e nas ostras dos nossos rios.

A viagem correu maravilhosamente durante as primeiras horas. Sob um sol de fogo, o carro solavancava pelos maus caminhos; e o doente, a míngua de não ter onde se agarrar, ia ao encontro de uma e outra parede de sua prisão couraçada. Os burros, impelidos pelas violentas oscilações dos varais, encontravam-se e repeliavam-se, ainda mais aumentando os ásperos solavancos da traquitana; e o cocheiro, na boléia, oscilava de lá para cá, de cá para lá marcando o compasso da música chocalhante daquela marcha vagarosa.

Na primeira venda que passaram, uma dessas vendas perdidas, quase isoladas, dos caminhos desertos, onde o viajante se abastece e os vagabundos descansam de sua errância pelos descampados e montanhas, o encarcerado foi saudado com uma vaia: ó maluco! ó maluco!

Andava Tucolas distraído a fossar e cavoucar, catando formigas; e, mal encontrava uma mais assim, logo examinava bem o crânio do inseto, procurava-lhe os ossos componentes, enquanto não fazia uma mensuração cuidadosa do ângulo de Camper ou mesmo de Cloquet. Barrado, cuja preocupação era ser êmulo do Padre Vieira, aproveitara o tempo para firmar bem as regras de colocação de pronomes, sobretudo a que manda que o "que" atraia o pronome complemento.

E assim andando foi o carro, após dias de viagem, encontrar uma aldeia pobre, à margem de um rio, onde chalanas e naviecos a vapor tocavam de quando em quando.

Cuidaram imediatamente de obter hospedagem e alimentação no lugarejo. O cocheiro lembrou o "homem" que traziam. Barrado, a respeito, não tinha com segurança uma norma de proceder. Não sabia mesmo se essa espécie de doentes comia e consultou Sili, por telegrama. Respondeu-lhe a autoridade, com a energia britânica que

tinha no sangue, que não era do regulamento retirar aquela espécie de enfermos do carro, o *ar* sempre lhes fazia mal. De resto, era curta a viagem e tão sábia recomendação foi cegamente obedecida.

Em pequena hora, Barrado e o guia sentavam-se à mesa do professor público, que lhes oferecera de jantar. O ágape ia fraternal e alegre, quando houve a visita da Discórdia, a visita da Gramática.

O ingênuo professor não tinha conhecimento do pichoso saber gramatical do dr. Barrado e expunha candidamente os usos e costumes do lugar com a sua linguagem roceira:

— Há aqui entre nós muito pouco caso pelo estudo, doutor. Meus filhos mesmo e todos quase não querem saber de livros. Tirante êste defeito, doutor, a gente quer mesmo o progresso.

Barrado implicou com o *tirante* e o *a gente*, e tentou ironizar. Sorriu e observou:

— Fala-se mal, estou vendo.

O matuto percebeu que o doutor se referia a êle. Indagou mansamente:

— Por que o doutor diz isso?

— Por nada, professor. Por nada!

— Creio, aduziu o sertanejo, que, tirante eu, o doutor, aqui, não falou com mais ninguém.

Barrado notou ainda o *tirante* e olhou com inteligência para Tucolas que se distraía com um naco de tartaruga.

Observou o caipira momentâneamente o afã de comer do antropologista e disse meigamente:

— Aqui, a gente come muito isso. Tirante a caça e a pesca, nós raramente temos carne fresca.

A insistência do professor sertanejo irritava sobremaneira o doutor inigualável. Sempre aquêle *tirante*, sempre o tal *a gente, a gente, a gente* — um falar de prêto mina! O professor, porém, continuou a informar calmamente.

— A gente aqui planta pouco, mesmo não vale a pena.

Felizardo do Catolé plantou uns leirões de horta, há anos, e quando veio o calor e a enchente...

— É demais! É demais! exclamou Barrado.

Docemente, o pedagogo indagou:

— Por quê? Por que, doutor?

Estava o doutor sinistramente raivoso e explicou-se a custo.

— Então, não sabe? Não sabe?

— Não, doutor. Eu não sei, fêz o professor com segurança e mansuetude.

Tucolas tinha parado de saborear a tartaruga, a fim de atinar com a origem da disputa.

— Não sabe, então, rematou Barrado; não sabe que até agora o senhor não tem feito outra coisa senão errar em português?

— Como, doutor?

— É *tirante*, é a gente, a gente, a gente; e, por cima de tudo, um solecismo!

— Onde, doutor?

— Veio o calor e a chuva — é português?

— É, doutor, é, doutor! Veja o doutor João Ribeiro! Tudo isso está lá. Quer ver?

O professor levantou-se, apanhou sobre a mesa próxima uma velha gramática ensebada e mostrou a respeitável autoridade ao sábio dr. Barrado. Sem saber como sair-se, escondendo o despeito com uma fúria e um desdém simulados, ordenou:

— Tucolas, vamo-nos embora.

— E a tartaruga? diz o outro.

O hóspede ofereceu-a, o original antropologista embrulhou-a e saiu com o companheiro. Cá fora, tudo era silêncio e o céu estava negro. As estrêlas pequeninas piscavam sem cessar o seu olhar eterno para a terra muito grande. O doutor foi ao encontro da curiosidade recalçada de Tucolas:

— Vê, Tucolas, como anda o nosso ensino? Os professôres não sabem os elementos de gramática, e falam como negros de senzala.



— Senhor Barrado, julgo que o senhor deve a êsse respeito chamar a atenção do ministro competente, pois me parece que o país, atualmente, possui um dos mais autorizados na matéria.

— Vou tratar disso, Tucolas, tanto mais que o Semicas é amigo do Sofônias.

— Senhor Barrado, uma coisa...

— Que é?

— Já falou, senhor Barrado, a meu respeito com o senhor Sofônias?

— Desde muito, meu caro Tucolas. Está à espera da reforma do Museu e tu vais para lá direitinho. É o teu lugar.

— Obrigado, senhor Barrado. Obrigado.

A viagem continuou monòtonamente. Transmontaram serras, vadearam rios e, num dêles, houve um ataque de jacarés, dos quais se salvou Barrado graças à sua pele muito dura. Entretanto, um dos animais de tiro perdeu uma das patas dianteiras e mesmo assim conseguiu pôr-se a salvo na margem oposta.

Sarou-lhe a ferida não se sabe como e o animal não deixou de acompanhar a caravana. Às vêzes, distanciava-se; às vêzes, aproximava-se; e sempre a pobre alimária olhava longamente, demoradamente, aquêles forno ambulante, manquejando sempre, impotente para a carreira, e como se se lastimasse de não poder auxiliar eficazmente o lento reboque daquela almanjarra pesadona.

Em dado momento, o cocheiro avisa Barrado de que o "homem" parecia estar morto; havia até um mau cheiro indicador. O regulamento não permitia a abertura da prisão e o doutor não quis verificar o que havia de verdade no caso. Comia aqui, dormia ali, Tucolas também e os burros também — que mais era preciso para ser agradável a Sofônias? Nada, ou antes: trazer o "homem" até o Rio de Janeiro. As doze polegadas da sua cartografia desdobravam-se em um infinito número de quilômetros. Tucolas que conhecia o caminho, dizia

sempre: estamos a chegar, senhor Barrado! Estamos a chegar! Assim levaram meses andando, com o burro aleijado a manquejar atrás do ergástulo ambulante, olhando-o docemente, cheio de piedade impotente.

Os urubus crocitavam por sôbre a caravana, estreitavam o vôo, desciam mais, mais, mais, até quase debicar no carro forte. Barrado punha-se furioso a enxotá-los a pedradas; Tucolas imaginava aparelhos para examinar a caixa craniana das ostras de que andava à caça; o cocheiro obedecia.

Mais ou menos assim, levaram dois anos e foram chegar à aldeia dos Serradores, margem do Tocantins.

Quando aportaram, havia na praça principal uma grande disputa, tendo por motivo o preenchimento de uma vaga na Academia dos Lambrequins.

Logo que Barrado soube do que se tratava, meteu-se na disputa e foi gritando lá a seu jeito e sacudindo as perninhas:

— Eu também sou candidato! Eu também sou candidato!

Um dos circunstantes perguntou-lhe a tempo, com tôda a paciência:

— Moço: o senhor sabe fazer lambrequins?

— Não sei, não sei, mas aprendo na Academia e é para isso que quero entrar.

A eleição teve lugar e a escolha recaiu sôbre um outro mais hábil no uso da serra que o doutor recém-chegado.

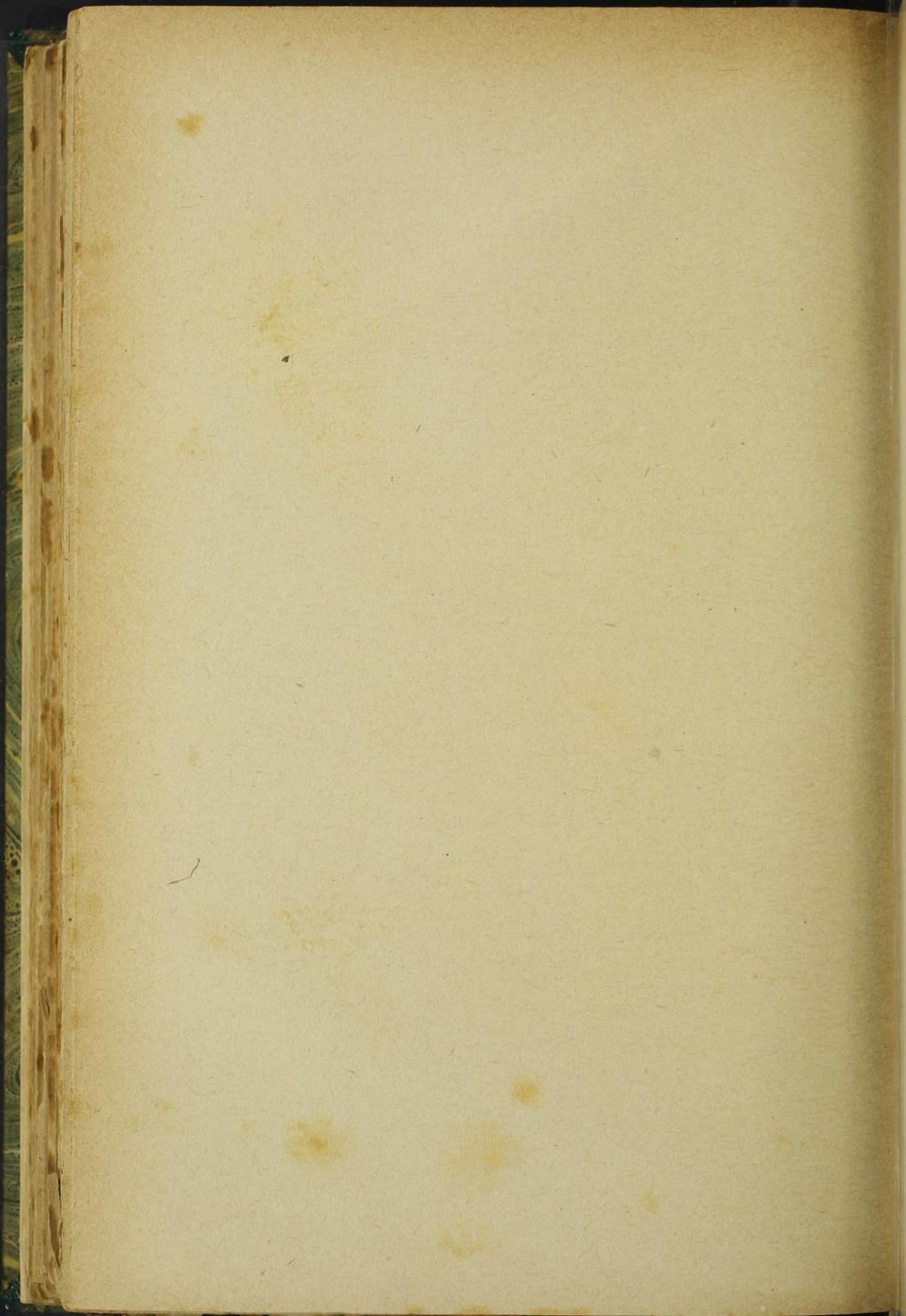
Precipitou-se por isso a partida e o carro continuou a sua odisséia, com o acompanhamento do burro, sempre a olhá-lo longamente, infinitamente, demoradamente, cheio de piedade impotente. Aos poucos os urubus se despediram; e, no fim de quatro anos, o carrião entrou pelo Rio adentro, a roncar pelas calçadas, chocalhando duramente as ferragens, com o seu manco e compassivo burro a manquejar-lhe à sirga.

Logo que foi chegado, um hábil serralheiro veio abrí-lo, pois a fechadura desarranjara-se devido aos trancos e às intempéries da viagem, e desobedecia à chave com-

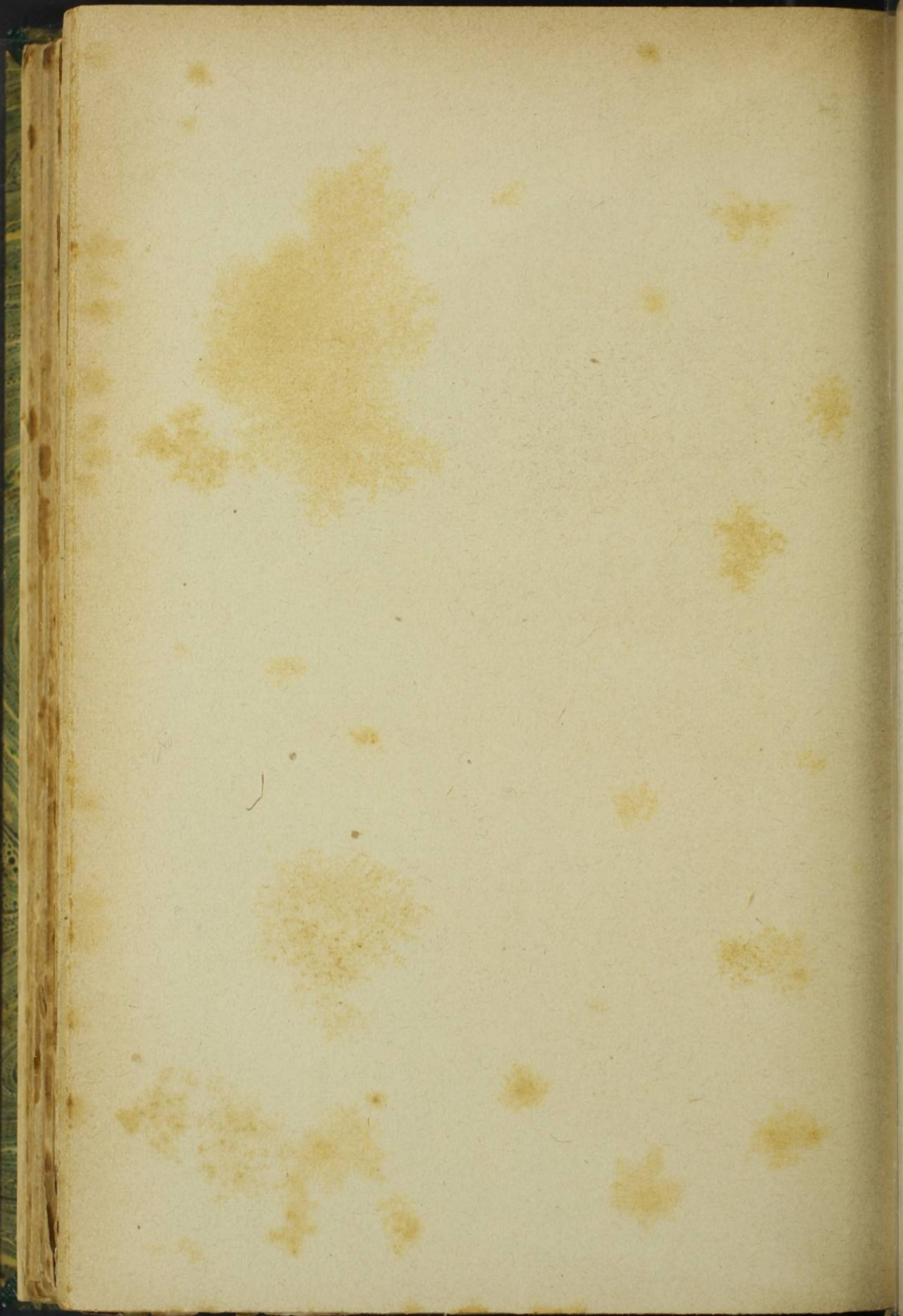
petente. Sili determinou que os médicos examinassem o doente, exame que, mergulhados numa atmosfera de desinfetantes, foi feito no necrotério público.

Foi êste o destino do enfêrmo pelo qual o delegado Cunsono se interessou com tanta solicitude.

*Rio de Janeiro, 18-10-14.*



Índice



NOTA DO EDITOR .....	7
LIMA BARRETO (dados biográficos) .....	9
PREFÁCIO DE LÚCIA MIGUEL PEREIRA .....	13
CLARA DOS ANJOS (romance) .....	27

CONTOS:

<i>Um especialista</i> .....	205
<i>O filho da Gabriela</i> .....	217
<i>A nova Califórnia</i> .....	231
<i>O homem que sabia javanês</i> .....	243
<i>Um e outro</i> .....	253
<i>Miss Edith e seu tio</i> .....	265
<i>Como o "homem" chegou</i> .....	279

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da "Gráfica Editôra Brasileira Ltda.", à rua Luís Gama, 185, em São Paulo, para a "Editôra Mérito S. A.", em outubro de 1948.



## LIMA BARRETO

### na opinião dos romancistas

“O romancista Lima Barreto é uma espécie de Gogol brasileiro, o homem que toca nos pequenos para fazê-los grandes, e nos grandes para reduzi-los a nada.” “Cada dia que se passa, todos nós vamos verificando que a sua maneira de ver e sentir a vida que o atormentava fôra capaz de deixar, para a nossa literatura, páginas que serão eternas.”

JOSÉ LINS DO RÉGO

“Romancista dos maiores que o Brasil tem tido — observando com o poder e a precisão de uma lente, escrevendo com segurança magistral, descrevendo o meio popular como nenhum outro, Lima Barreto, assim como se descuidava de si, da própria vida, descuidou-se da obra que construiu, não procurando corrigi-la de vícios de linguagem, dando-a como lhe saía da pena fácil, sem a revisão necessária, o apuro indispensável, o toque definitivo de remate que queria a obra de arte. Apesar de tudo o que de tal homem nos ficou vale tanto como observação da vida e pintura de caracteres, que as asperezas não conseguem destruir a beleza; comprometem-na por vêzes, aqui, ali, como escaras e frinchas em parede podem prejudicar a harmonia de um *fresco* mural sem, todavia, tirarlhe a grandiosidade.”

COELHO NETO

“Homem do povo, foi sempre um escritor do povo. O maior de todos os nossos romancistas se voltou para a vida dos pobres funcionários públicos, de tôdas as classes desfavorecidas.”

JORGE AMADO



# Obras Completas de Machado de Assis

Cr\$ 25,00 por volume

- |  |  |
|--|--|
| 1 — RESSURREIÇÃO                       | 17 — PÁGINAS RECOLHIDAS                    |
| 2 — A MÃO E A LUVA                     | 18 — RELÍQUIAS DA CASA VELHA -<br>1.º vol. |
| 3 — HELENA                             | 19 — RELÍQUIAS DA CASA VELHA -<br>2.º vol. |
| 4 — YAYÁ GARCIA                        | 20 — CRÔNICAS - 1.º vol.                   |
| 5 — MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAZ<br>CUBAS | 21 — CRÔNICAS - 2.º vol.                   |
| 6 — QUINCAS BORBA                      | 22 — CRÔNICAS - 3.º vol.                   |
| 7 — DOM CASMURRO                       | 23 — CRÔNICAS - 4.º vol.                   |
| 8 — ESAÚ E JACÓ                        | 24 — A SEMANA - 1.º vol.                   |
| 9 — MEMORIAL DE AYRES                  | 25 — A SEMANA - 2.º vol.                   |
| 10 — CONTOS FLUMINENSES - 1.º vol.     | 26 — A SEMANA - 3.º vol.                   |
| 11 — CONTOS FLUMINENSES - 2.º vol.     | 27 — POESIAS COMPLETAS                     |
| 12 — HISTÓRIAS DA MEIA-NOITE           | 28 — TEATRO                                |
| 13 — HISTÓRIAS ROMÂNTICAS              | 29 — CRÍTICA LITERÁRIA                     |
| 14 — PAPÉIS AVULSOS                    | 30 — CRÍTICA TEATRAL                       |
| 15 — HISTÓRIAS SEM DATA                | 31 — CORRESPONDÊNCIA                       |
| 16 — VÁRIAS HISTÓRIAS                  |  |

EDITORA MÉRITO S. A.

MATRIZ: Rua Miguel Couto, 35 - 6.º andar — Rio de Janeiro

FILIAL: Rua Sete de Abril, 34 - 4.º andar — São Paulo

LIMA  
BARRETO

CLARA  
DOS  
ANJOS

EDITORA  
MÉRITO S.A.

40.



# Obras Completas de Machado de Assis

Cr\$ 25,00 por

- |  |                                    |
|--|------------------------------------|
| 1 — RESSURREIÇÃO                       | 17 — PÁGINAS RECOLHIDAS            |
| 2 — A MÃO E A LUVA                     | 18 — RELÍQUIAS DA VIDA<br>1.º vol. |
| 3 — HELENA                             | 19 — RELÍQUIAS DA VIDA<br>2.º vol. |
| 4 — YAYÁ GARCIA                        | 20 — CRÔNICAS - 1.ª                |
| 5 — MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAZ<br>CUBAS | 21 — CRÔNICAS - 2.ª                |
| 6 — QUINCAS BORBA                      | 22 — CRÔNICAS - 3.ª                |
| 7 — DOM CASMURRO                       | 23 — CRÔNICAS - 4.ª                |
| 8 — ESAÚ E JACÓ                        | 24 — A SEMANA - 1.ª                |
| 9 — MEMORIAL DE AYRES                  | 25 — A SEMANA - 2.ª                |
| 10 — CONTOS FLUMINENSES - 1.º vol.     | 26 — A SEMANA - 3.ª                |
| 11 — CONTOS FLUMINENSES - 2.º vol.     | 27 — POESIAS COMPLETAS             |
| 12 — HISTÓRIAS DA MEIA-NOITE           | 28 — TEATRO                        |
| 13 — HISTÓRIAS ROMÂNTICAS              | 29 — CRÍTICA LITERÁRIA             |
| 14 — PAPÉIS AVULSOS                    | 30 — CRÍTICA TEATRAL               |
| 15 — HISTÓRIAS SEM DATA                | 31 — CORRESPONDÊNCIA               |
| 16 — VÁRIAS HISTÓRIAS                  |                                    |

## EDITORA MÉRITO S.

MATRIZ: Rua Miguel Couto, 35-6.º andar — Rio de Janeiro

FILIAL: Rua Sete de Abril, 34-4.º andar — São Paulo



19937







